

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

LUÍS CARLOS DE CARVALHO SILVA

A Empatia e o Diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein

Juiz de Fora

2013

LUIS CARLOS DE CARVALHO SILVA

A Empatia e o Diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, área de concentração de Religiões Comparadas e Perspectiva de Diálogo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio H. Campolina Martins

Juiz de Fora

2013

CARVALHO SILVA, Luís Carlos de.

A Empatia e o Diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein. Luís Carlos de Carvalho Silva

– Rio de Janeiro: Universidade Federal de Juiz de Fora/Instituto de Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2012.

203 f: 30cm.

Orientador: Prof. Dr. Antônio H. Campolina Martins

Dissertação (mestrado) – UFJF/ Instituto de Ciências Humanas/ Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2012.

Referências Bibliográficas: f. 190-194

1- Edith Stein. 2- Empatia. 3- Diálogo judaico-cristão. 4- fenomenologia. 5- religião. 6- Intersubjetividade. I. Martins, Antonio H. Campolina. II. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. III. A Empatia e o Diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

LUÍS CARLOS DE CARVALHO SILVA

A Empatia e o Diálogo Judaico-Cristão em Edith Stein

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Religiões Comparadas e Perspectiva de Diálogo, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Antônio H. Campolina Martins

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Henrique Campolina Martins (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Prof. Dr. Volney José Berkenbrock
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Francisco Morás
Instituto Teológico Franciscano

Juiz de Fora
2013

AGRADECIMENTOS

Cordialmente, reverencio e agradeço ao meu mestre e orientador, Prof. Dr. Antônio Henrique Campolina Martins, por seu acolhedor acompanhamento e dadivosa presença me instruindo na elaboração desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Faustino Teixeira, que me apresentou o pluralismo religioso, alargando o meu horizonte de reflexão e me inspirando a verificar na vida e obra de Edith Stein o diálogo judaico-cristão.

Ao Prof. Dr. Joel Neves por sua prestimosa colaboração no aprofundamento da fenomenologia Husserliana, que deu base para a compreensão do método fenomenológico aplicado por Edith Stein em sua Tese Doutoral.

Ao Prof. Dr. Paulo Sérgio Carrara por me oferecer as Obras Completas de Edith Stein, nas quais encontrei a matéria prima para redigir esta dissertação.

Ao doutorando em Ciência da Religião e Provincial Redentorista, Vicente de Paula Ferreira, que me incentivou a empreender os meus estudos no Departamento de Ciência da Religião.

A todas as pessoas que me auxiliaram nesta etapa de minha vida: confrades, familiares, amigos, e, sobretudo, Teresa Benedita da Cruz, que junto do Eterno me fez apreender o elo entre judeus e cristãos: a empatia.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é perscrutar a vida de Edith Stein, com o intuito de incluí-la no rol dos precursores do Diálogo Judaico-Cristão. A base para essa hipótese está em sua obra “Sobre o problema da Empatia”, enquanto método fenomenológico que descreve a estruturação humana, donde brota o ímpeto dialogal e relacional. A tese de Stein inspira a apreensão espiritual do universo do outro, o que confirma a empatia como caminho de união entre Judeus e cristãos. A manifestação desse processo se verifica na biografia da autora, cujo itinerário demonstra que ela encarnou a empatia, relacionando-se com pessoas de diversas crenças em profundo respeito e harmonia, inclusive com o próprio Deus.

Em Edith Stein se contempla a síntese da pessoa humana, inserida no conflito político-religioso do século XX. Apesar de rejeitada e humilhada pelo fato de ser mulher, judia, monja, e ter sua vida exterminada em Auschwitz, ela triunfa. O seu legado polissêmico e principalmente a sua contribuição antropológica estão refletidos nos documentos e declarações oficiais da Igreja Romana e das autoridades religiosas do judaísmo.

Palavras Chaves: Empatia, Diálogo judaico-cristão, fenomenologia, religião, intersubjetividade.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to explore the life of Edith Stein, with the intention of including her on the list of precursors of the Jewish-Christian Dialog. The basis of the hypothesis is in her book "The problem of empathy", while the phenomenological method that describes the human organization, where come the dialogic and relational momentum. The thesis of Stein inspires the spiritual apprehension of the universe of other, that confirms the empathy as a way of union between Jews and Christians. The manifestation of this process is found in the biography of the author whose itinerary shows that she incarnated the empathy, relating with people of several beliefs in a deep respect and harmony, even with God himself.

In Edith Stein contemplates the synthesis of the human person, inserted in the political-religious of the XX century. Besides rejected and humiliated by the fact that she was a woman, Jew, nun, and have your life exterminated in Auschwitz, she triumphs. Her legacy polysemic and especially your anthropological contribution are reflected in documents and official declaration of the Roman Church and religious authorities of Judaism.

Key words: empathy, Dialog Judeo-Christian, phenomenology, religion, intersubjectivity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A EMPATIA COMO ATO CONSTITUTIVO DA INTERSUBJETIVIDADE: ENFOQUE FILOSÓFICO	13
1.1. A BUSCA PELA VERDADE E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO	14
1.1.1. A pesquisa fenomenológica “Sobre o problema da Empatia”	21
1.1.2. A proposta fenomenológica da empatia	26
1.2 A EMPATIA COMO BASE PARA A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO	30
1.2.1. A noção fenomenológica do “Outro”	33
1.2.2. A intersubjetividade dialogal	36
1.3. A DIMENSÃO ÉTICA E ESPIRITUAL DA ALTERIDADE	39
1.3.1. Do “Non Liquef” à “Ascensão ao sentido do Ser”	42
1.3.2. A empatia, como pressuposto ético, para a humanização	47
1.3.3. Empatia, vocação humana ao bem-estar	55
2. A EMPATIA NO CONTEXTO DA VIDA JUDAICO-CRISTÃ DE EDITH STEIN: ENFOQUE PSICOSSOCIOLÓGICO	62
2.1. A VIDA DA FAMÍLIA STEIN NO JUDAÍSMO	62
2.1.1. Trajetória pessoal judaica de Edith Stein até sua adesão à fé cristã	69
2.1.2. Empatia e pertencimento político-religioso na vida de Edith Stein	76
2.2. O ENCONTRO COM A VERDADE EM TERESA DE ÁVILA	84
2.2.1. A empatia com Jesus de Nazaré, o Cristo	89
2.2.2. Edith Stein e João da Cruz	91
2.3. MARTÍRIO ESPIRITUAL DE EDITH STEIN	93
2.3.1. A imolação de Stein no Holocausto	97
2.3.2. Morte e Ressurreição	99
3. A EMPATIA E O DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO EM EDITH STEIN: ENFOQUE TEOLÓGICO	103
3.1. A ABERTURA EMPÁTICA ENTRE JUDAÍSMO E CATOLICISMO	105
3.1.1. Diálogo judaico-cristão: perspectivas teológicas e sociais	114
3.1.2. Dab`Ru Êmet: existe um patrimônio em comum	125

3.2.	EDITH STEIN, PRECURSORA DO DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO ...	132
3.2.1.	Reflexão e metáfora acerca da Aliança judaica e cristã	140
3.2.2.	“Sede santos, porque eu sou santo, eu o Eterno Vosso Deus”(Lv 19,2)	154
3.3.	A EMPATIA DE EDITH STEIN COM O JUDAÍSMO	162
3.3.1.	A empatia de Edith Stein com Encíclicas Papais	168
3.3.2.	A empatia no diálogo Inter-religioso	177
4.	CONCLUSÃO	187
5.	REFERÊNCIAS	190
	ANEXOS	195

INTRODUÇÃO

Através dos séculos, segundo a concepção judaico-cristã, o Eterno, em sua benignidade, entra em contato com a humanidade propondo uma Aliança de amor. O convite se dá pelo fenômeno dialogal, que transcende fronteiras, culturas e religiões. No início do século XXI, constata-se que Ele continua a interpelar o ser humano para a vivência da Aliança e a confirmação desse desejo divino, se dá pela empatia. Deus apreende o que se passa na vida dos homens, sentindo com eles o encanto pela existência e, também, padecendo de suas dores e desilusões.

O Eterno ao criar o homem à sua imagem e semelhança lhe autocomunica a empatia, a fim de que as pessoas encontrem a felicidade e a convivência fraterna. Infelizmente, porém, o solipsismo atravancou a alma humana e muitos na sociedade acabaram se divorciando, pondo fim à Aliança com o Divino e com as suas criaturas. No decorrer da história o resultado tem sido lastimável, porque as pessoas, culturas e religiões vêm se estranhando de forma destruidora.

No início do século XX, quando o Diálogo Inter-religioso ainda não era tema das reflexões teológicas, o Eterno, a fim de recuperar a humanidade padecente, suscitou a judaico-cristã, Edith Stein, para uma missão delicada e magistral. A cultura ocidental foi plasmada a partir da influência judaico-cristã, que prima pela liberdade individual. Essa brota da lição bíblica, em que Deus deixa o homem livre para aderir, ou não, à construção de seu Reino na terra. O povo judeu é o guardião da Aliança e o povo cristão recebeu o dom de levar as pessoas a aderirem à Aliança através do amor. Na época em que viveu Stein, muitas pessoas haviam dito não à proposta divina, rompendo qualquer vinculação com um Ser Superior e, conseqüentemente, negligenciando o relacionamento interpessoal. A formação familiar da futura filósofa lhe deu base para se manter vinculada aos valores sociais e humanitários.

Entretanto, a religião foi se diluindo em sua adolescência a ponto de ela assumir o ateísmo, que perdurou até o fim de seu doutorado.

Imbuída da ética judaica, mas longe da espiritualidade bíblica, a “filha de Israel” inicia a sua trajetória universitária em busca de uma Verdade que viesse responder aos seus anseios mais profundos. O atual contexto pós-moderno e relativista tem gerado um indiferentismo religioso muito grande na sociedade. Todavia, a busca por um sentido pela vida traz muitos questionamentos entre as pessoas que, a semelhança de Edith Stein, se sentem interpeladas a procurar desvendar o mistério que sonda a humanidade e a transcende. O paradoxo entre o racionalismo e os diversos fenômenos que brotam do ser humano, entre o relativismo e uma base para a vida, encontram na filósofa de Breslau uma reflexão profunda, a partir de sua obra: “Sobre o Problema da Empatia”. O objetivo desta dissertação é verificar como Stein encontrou no método fenomenológico o caminho da convivência fraterna entre as pessoas e, ao mesmo tempo, o vivenciando em seu relacionamento empático com judeus e cristãos; e, ainda, descortinando as bases para a empatia do ser humano com um Espírito Superior. Para se averiguar essa percepção este trabalho está estruturado em três capítulos, cada um com suas subdivisões proporcionando uma visão delineada de cada enfoque.

O primeiro enfoque é o filosófico, e apresenta a jovem de Breslau se encontrando com a filosofia fenomenológica de Edmund Husserl. O grande filósofo utiliza como principal método científico a observação, para explicar os mitos, os símbolos e os rituais. Segundo Husserl, a existência é contingente e nela não só encontramos os fenômenos; mas nos fenômenos é dada a própria essência daquilo que se é. O método da fenomenologia utilizado por Edith Stein possibilitou-lhe situar-se objetivamente, diante dos “fenômenos” da realidade, inclusive do fenômeno religioso. Stein era uma fenomenóloga de nascimento. Seu espírito era sóbrio, claro e objetivo. Seu olhar era franco e, em sua vida, se percebia uma submissão absoluta ao real¹. Ela demonstra que a empatia é um fenômeno constitutivo da subjetividade humana. A base sobre a qual fundamenta suas pesquisas não era a experiência natural, mas a vivência da experiência do outro, ou seja, a vivência da empatia, que, segundo a autora, permite perceber, imediatamente, a presença do outro, reconhecendo-o por meio da intuição, como um alter-ego.

A “filha de Israel”, ao escrever o tratado “Sobre o Problema da Empatia”, quis afirmar a importância da concepção realista e cristã da pessoa. Argumentou, também, que o “eu” não se apresenta nunca na forma abstrata do *cogito* cartesiano e kantiano, mas como um ato de

¹ CONRAD-MARTIUS, Hedwig. *Edith Stein*. Archives de philosophie. Tome XXII, Cahier II. Paris: Beauchesne et ses Fils. 1959. p. 163-174.

presença em qualquer lugar onde se encontra². Em 1922, ela adere à fé cristã e percebe que a fenomenologia religiosa é uma reflexão e argumentação sobre a fé e sobre a religião. A partir da empatia, concebe que a fenomenologia religiosa significa, antes de tudo, fixar o olhar sobre o encontro entre o ser humano e o ser divino. Trata-se do encontro que Edith define como “de pessoa a pessoa”, com o intuito de delinear a forma e o caráter desse encontro pessoal. O homem que vive de modo autêntico o encontro com Deus é aquele que em sua história, consciente de ser imagem de Deus, estabelece com Ele uma relação de filiação e de fidelidade, e, para Edith, o ápice desse encontro e amor recíproco se dá na *ciência da cruz*³.

O segundo enfoque a ser exposto é o psicossociológico, que apresenta a “filha da Igreja Romana” vivendo o fenômeno religioso de forma singular, pela experiência mística que tem, e pela vivência empática da fé, com o judaísmo e o cristianismo. À medida que foi despertada para a presença do Ser Superior em contato empático com as criaturas, a filósofa buscou desvendar a influência da religião na vida do indivíduo e da comunidade⁴, sob diversos ângulos: em sua história pessoal junto aos seus familiares, no contexto cultural e político em que a tradição religiosa judaica e cristã estavam imersas e diante do regime idolátrico ao nazismo. O capítulo prossegue narrando a descoberta da Verdade e a empatia estabelecida entre Edith, Teresa de Ávila, Jesus de Nazaré e João da Cruz e, se conclui narrando o martírio espiritual e real da “filha de Israel e da Igreja Romana” na Shoá.

O terceiro enfoque é o teológico, e retrata a “filha da Igreja Romana”, após sua adesão ao catolicismo, iniciar um processo de perscrutar o mistério de Israel na história da salvação. Percebe que a sua intuição no *Einfühlung* está em comunhão com a proposta da Aliança, realizada entre o Eterno e o povo de Israel e estendida a toda a humanidade em Jesus Cristo. A Aliança exige que o ser humano se solidarize com o seu próximo e, assim, santifique o Nome de Deus. A reflexão acerca da Aliança é o segundo tópico e centro desse terceiro enfoque, que traz no primeiro as raízes históricas e teológicas, bem como, os documentos e declarações oficiais das autoridades judaicas e da Igreja Romana sobre a aproximação e o novo relacionamento estabelecido entre as duas tradições religiosas. Já o terceiro tópico

² GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. São Paulo: Loyola. p.18. Irmã Jacinta, em seu livro, comenta que o Primeiro Teólogo Censor da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos considerou muito relevante o fato de que Edith Stein tratou deste tema, num momento de transição das pesquisas psicológicas de tipo positivístico kantiano à nova fenomenologia numa linha espiritualista.

³ MARGARINO, Annalisa. *In Statu Viae: a fenomenologia religiosa in Edith Stein*. Roma: Edizioni OCD, 2002. p. 9-11. O livro *A Ciência da Cruz* é o último trabalho de Edith Stein; nele ela trata da pessoa e da liberdade humana; nele a fenomenóloga e a mística, ao tratar da alma, do eu, da liberdade, atinge o ponto máximo de sua concepção personalista.

⁴ A Sociologia da Religião tem como principais nomes Emile Durkheim, Karl Marx, Ernst Troeltsch, Max Weber e Peter Berger.

apresenta a profunda empatia de Edith Stein com o Povo de Israel; a influência da teóloga de Breslau nas encíclicas dos Papa Pio XI e João Paulo II. Por fim, a reflexão aponta, na obra steiniana, uma grande abertura das tradições religiosas a partir da empatia, pois a relação intersubjetiva entre os fiéis demanda uma convivência fraterna e ética.

Os enfoques filosófico, psicossociológico e teológico se unificam e encontram harmonia na vida empática e complexa da fenomenóloga de Breslau. Como seus contemporâneos, Stein vive a perplexidade de um tempo conflituoso; imersa no turbilhão de agitações que avassalou a Europa de 1900 até 1942, ela dá testemunho com sua vida e obra da necessidade de se suspender (*epoché*) os preconceitos sociais e religiosos, a fim de que o diálogo prevaleça e promova o ser humano, devolvendo-lhe a dignidade de “Filho de Deus”. A perspectiva trabalhada apresenta, de forma clara e precisa, o diálogo judaico-cristão recebendo na empatia uma base filosófica, verificada na coerência de vida e nas obras da judia e cristã: Edith Stein. Por fim, de forma coesa a todo o conjunto da dissertação, a reflexão teológica ressalta a influência de Stein na aproximação entre o judaísmo e o catolicismo, em consonância com a proposta do Concílio Vaticano II acerca do Diálogo Inter-Religioso.

1. A EMPATIA COMO ATO CONSTITUTIVO DA INTERSUBJETIVIDADE: ENFOQUE FILOSÓFICO

A fenomenologia despontou, no início do século XX, como ciência capaz de atingir as verdades essenciais da vida. Edith Stein usa do método fenomenológico para entender a essência da alma e o sentido da existência. Ela investiga as relações humanas e centraliza o seu interesse na forma como o homem, em sua singularidade, entra em contato com o mundo do outro. Na medida em que avança em suas pesquisas, Stein passa a utilizar o termo empatia, para tratar do ato constitutivo da intersubjetividade.

No segundo tópico, desse capítulo, encontram-se as bases para a constituição da pessoa humana e, conseqüentemente, a sua vinculação a uma comunidade. Local onde o “eu” se depara com o “outro”. Momento privilegiado de apreensão e vivência da alteridade. Nesse encontro brota o diálogo, fundamentado na empatia, expressa no conhecimento, acolhida e vivência das pessoas.

Em seguida, ao tratar da dimensão espiritual da alteridade, a intenção é demonstrar que o ser humano é sustentado por uma espiritualidade. Essa é uma experiência do sujeito, que a vive em sua singularidade. Entretanto, o fenômeno do sobrenatural atrai as pessoas, impulsionando-as a partilharem suas experiências religiosas, através de ritos culturais.

O capítulo se conclui, com a reflexão steiniana de que é possível ao homem se empatizar com o mistério divino. A comunhão, alteridade por excelência entre o homem e Deus, impulsiona a pessoa a cuidar e valorizar a vida do ser humano e de todo o universo que o envolve.

1.1. A BUSCA PELA VERDADE E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A Filósofa, Edith Stein, terminou o seu bacharelado em 1911 e iniciou a sua vida universitária em Breslau, matriculando-se em Filologia Germânica e História. Entretanto, há outra coisa que desperta o interesse da jovem atea, trata-se de sua busca pela verdade. Ela não admitia nenhuma verdade que não pudesse ser demonstrada, por isso prosseguiu sua busca no domínio da Psicologia. O seu intuito era estudar a fundo os fundamentos e o sentido da existência humana. A alma, como eixo da pessoa, constitui o problema básico em torno da qual giram todos os pensamentos da precoce filósofa⁵. O resultado das suas investigações é frustrante, pois Edith, que pretende averiguar a essência da alma humana, se depara com um método naturalista e puramente mecânico⁶. O relativismo⁷, o empirismo⁸ e o psicologismo⁹, bem como o ceticismo¹⁰ apresentam a alma como algo irracional e mitológico.

Entretanto, durante um seminário de estudos, Stein teve contato com a obra: “Logische Untersuchungen” (Estudos sobre Lógica), do fenomenólogo Edmund Husserl¹¹. Nesse livro, encontrou pela primeira vez as respostas às suas questões sobre conceitos básicos, como a

⁵ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Madre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) España: Verbo Divino, 1969. p. 33. Edith Stein acreditava que a psicologia experimental a auxiliaria em sua busca pela verdade. A sua intuição inicial fracassa, porém foi fundamental para os passos que ela dará posteriormente na Universidade de Göttingen.

⁶ *Idem, Edith Stein: vita e testimonianze*. Roma: Città Nuova. 5. ed. 2000. p. 23. Edith tomou repugnância da psicologia experimental de sua época, pois esta tinha um fundamento puramente racional e não proporcionava nenhum horizonte para revelar o sentido da existência.

⁷ JAPIASSÙ, H. e MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2008. p. 238. O relativismo científico é a atitude daquele que considera que, nas ciências, não existe verdade definitiva, pois deve constituir uma apropriação progressiva, uma construção inteligível do mundo sempre aproximativa.

⁸ *Ibidem*, p. 84. Doutrina ou teoria do conhecimento segundo a qual todo conhecimento deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna.

⁹ *Ibidem*, p. 230. Concepção filosófica que atribui à psicologia um lugar central, colocando-a como base de todas as ciências, já que estas se constituem através de processos cognitivos que são em última análise explicáveis pela psicologia. O psicologismo é um reducionismo na medida em que busca explicar todos os elementos da experiência humana a partir da dimensão psicológica dessa experiência.

¹⁰ *Ibidem*, p. 42. Concepção segundo a qual o conhecimento do real é impossível à razão humana. De tal forma, que o homem deve renunciar à certeza, suspender seu juízo sobre as coisas e submeter toda afirmação a uma dúvida constante.

¹¹ Filósofo alemão, Edmund Husserl é o grande propagador da Fenomenologia, termo criado para designar uma concepção da filosofia como essencialmente descritiva. Oriundo de uma família judaica, estudou física, matemática, astronomia e filosofia nas universidades de Leipzig, Berlim, e Viena. Um dos principais objetivos de Husserl era o de tornar a filosofia uma ciência rigorosa, princípio que defendeu numa das suas obras mais importantes, *Lógica Formal e Transcendental* publicada em 1929. A obra de Husserl é impressionante quer pela sua profundidade, quer pela sua extensão. Quando morreu deixou cerca de 45.000 páginas manuscritas que foram salvas pelo padre belga Van Breda: *Sobre o Conceito de Número* (1887); *Filosofia da Aritmética* (1891); *Investigações Lógicas*; *A Filosofia como Ciência de Rigor* (1910); *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Uma Filosofia Fenomenológica* (1913); *Meditações Cartesianas* (1931), *Crise das Ciências Europeias* e a *Fenomenologia Transcendental* (1939). Entretanto muito se perdeu na perseguição nazista.

essência da alma e o sentido da existência. Desde então, ela deseja abandonar Breslau e seguir seus estudos em Göttingen junto a Husserl¹².

O método fenomenológico, partindo de teses filosóficas muito diferentes e tendo em mira intuitos diversos, contribuiu para romper com as correntes filosóficas do século XIX e construir a filosofia contemporânea¹³. Em rigor de expressão, o termo "fenomenologia" convém ao método e à doutrina de Edmund Husserl, mas aplica-se igualmente a todo um grupo de pensadores que representam tendência análoga¹⁴. Este método consiste principalmente na análise da essência do dado, do fenômeno e passou a ser, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, o método filosófico mais espalhado, a par do método lógico-matemático. A diferença capital entre a fenomenologia e a lógica matemática consiste em que a primeira renuncia completamente à dedução, ocupa-se pouco com a linguagem (malgrado o exemplo do próprio Husserl) e não analisa os fatos empíricos, mas só as essências. Vale a pena lembrar que a obra capital de Meinong, "Ueber die Annahmen", apareceu em 1902, ao passo que as "Logische Untersuchungen" de Husserl, uma das obras mais influentes da primeira metade do século, vieram a lume em 1900-1901¹⁵.

O universo da filosofia se caracteriza, nas primeiras décadas do século XX, em primeiro lugar, como um período de intensa atividade filosófica, com um número considerável de eminentes pensadores entrando em cena e começando a exercer influência na sociedade. Sob este aspecto, pode computar-se este período entre os mais fecundos da história moderna. Em seguida, é um período de transição. Ao lado de correntes novas, continuam atuando tendências de velho estilo, mantidas sempre em crédito. As principais escolas são: os empiristas e os idealistas que, todavia, alimentam-se com as ideias do século XIX, os

¹² STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 331. Em sua autobiografia, Edith expõe sua visão da psicologia de sua época, que necessitava da fundamentação de conceitos básicos. Já a fenomenologia, por sua vez, é uma ciência que consiste com toda propriedade em uma busca de esclarecimento, para os seus próprios propósitos intelectuais.

¹³ O fundador deste movimento é Franz Brentano (1838-1917), antigo frade dominicano, que abandonou a Ordem e, mais tarde, a Igreja. Ele foi influenciado, em mais de um aspecto pelo pensamento aristotélico-tomista, como é fácil verificar pelo seu objetivismo, alto apreço da análise pormenorizada e lógica. Numerosos foram seus discípulos, dos quais três assumiram relevante importância: Kazimierz Twardowski, Alois Meinong e Edmund Husserl. Kazimierz Twardowski (1866-1938), embora não sendo lógico, foi o fundador da escola lógica polonesa, destinada a desempenhar importante papel no desenvolvimento da lógica matemática. Alois Meinong (1853-1921) fundou a chamada "teoria do objeto", que foi uma escola pequena, mas muito influente.

¹⁴ O mais eminente dos discípulos de Brentano, Edmund Husserl (1859-1938), foi quem elaborou o método fenomenológico propriamente dito.

¹⁵ Bastante aparentado ao método fenomenológico é o método chamado "análise" de G. E. Moore (1873), que em Husserl se converteu na análise lógico-matemática. Em Moore manteve sempre caráter distinto. Em sua obra *Principia Ethica*, vinda a lume em 1903, Moore aproxima-se muito do método de Meinong e parece ter sido influenciado por ele até certo ponto. A influência de Meinong fez-se sentir também sob vários aspectos na obra de Husserl.

filósofos da vida, os fenomenólogos e os neorrealistas, que são os partidários das ideias novas.

Edith viu em seus estudos filosóficos uma forma de buscar a verdade¹⁶. Afastou-se da psicologia, porque lhe parecia "sem alma" e começou a desbravar o caminho da filosofia. Inicialmente se deparou com a forte influência do pensamento de René Descartes, que procurando encontrar a origem de todo conhecimento e sua estruturação, conseguiu elaborar um dos maiores conceitos filosóficos o *Cogito Cartesiano* e, ao mesmo tempo, instituir o "sujeito" como patente dominante. Nesse contexto, Stein acaba se submetendo ao imperialismo do subjetivismo e a centralidade do eu. Daí entendermos que num primeiro momento o estudo da filosofia a conduz a descoberta da liberdade com toda a independência. Viver sem sentir-se a serviço de ninguém. Numa carta de 1918 escreve: "*No fundo, não consigo suportar a ideia de estar à disposição de alguém. Sou capaz de colocar-me a serviço de uma coisa e por amor de uma pessoa, sei fazer tudo, mas estar à disposição de uma pessoa, numa palavra, obediência, isto não sei fazê-lo.*"¹⁷ Sobre seu encontro com a

¹⁶ MAIMÔNIDES, Môses. *O Guia dos Perplexos*: parte 1. São Paulo: Landy, 2004. 334 p. A certeza de uma única verdade, independente do modo como a ela se aceda, será a marca deixada por Maimônides, o Rambam, na baixa Idade Média, não só na tradição judaica e muçulmana, mas, sobretudo na cristã. Em 1148 o sul da Espanha foi conquistado pelos Almohads, uma seita fanática do Corão. Os judeus e cristãos foram obrigados a emigrar para não perderem a vida, a menos que adotassem a fé muçulmana. A família de Rambam seguiu para Almería, sul da Espanha, em 1151, e depois para Fez, no Marrocos, em 1159, onde o disfarce muçulmano seria mais facilmente praticado. Porém, um professor do jovem Maimônides foi descoberto praticando o judaísmo e por isso foi executado em 1165. A família de Maimon deixou Fez, dirigindo-se desta vez para a Palestina, e de lá retornando ao Egito, onde havia tolerância ao judaísmo. O exílio aumentou sua determinação de conhecimento e desde então inicia suas primeiras obras: um trabalho sobre os termos da lógica, um comentário ao Talmude babilônico em árabe e um manual em hebreu para o Talmude hierosolimitano intitulado "Leis de Jerusalém", e um tratado sobre o ajuste do calendário lunar ao calendário solar. Maimônides se sente chamado a viver neste cruzamento de caminhos que, através dum espírito crítico-reflexivo, conduz em direção à combinação de ortodoxia e heterodoxia, de fidelidade e transgressão. Como judeu andaluz, estava em contato com as três tradições teológicas monoteístas, a judaica, a siríaca e a cristã, e atento à complexidade histórica das suas relações com a filosofia grega, siríaca e árabe. Suas indagações médicas, teológicas, filosóficas, suas leituras dos poetas árabes confluíram numa obra que atravessou tempo e tradições. Ele soube compor, com singular sabedoria, um único tecido com a escritura aristotélica lida nas traduções árabes e a interpretação da Torá e do Talmude vigentes no seu tempo. Das sutilezas da sua erudição, que foi forjada na leitura dos manuscritos guardados na fantástica biblioteca de Córdoba, Maimônides extraiu argumentos que tramaram fé e razão, as narrações do Gênesis com a Física de Aristóteles. A maior obra filosófica escrita por Rabi Moses ben Maimon, é o *Guia dos Perplexos*. Esta obra foi feita para conciliar algumas diferenças entre revelação e filosofia e para ser uma espécie de guia àqueles que têm dúvidas sobre a filosofia ou a religião devido à aparente contradição entre ambas. Maimônides não considera que uma seja contrária à outra. Filosofia é o meio através do qual o indivíduo compreende a Revelação. A fé religiosa é uma forma de sabedoria. A filosofia é um elemento central dentro da própria religião. Desta forma, aprender a filosofia é uma tarefa religiosa e a filosofia pavimenta o caminho para Deus. Enquanto o *Guia* continha a instrução principal da posição de Maimonides, seu ponto de vista filosófico e teológico já havia aparecido em uma variedade de outros escritos, entre os quais o mais importante são os três longos ensaios: *Comentário para a Mishná*, a *Mishneh Torah*, *Sefer ha-madda*.

¹⁷ SCIADINI, Patrício. *Uma excelsa filha de Sião*: beata Edith Stein, carmelita descalça. Grande Sinal, Petrópolis, Vozes. 1989. v.43 .n.3, p. 302. Após a conversão, Edith Stein tomará outra posição em relação ao serviço fraterno e sua vida monástica retrata como ela assimilou os ensinamentos cristãos, a ponto de se submeter aos votos de pobreza, castidade e obediência.

fenomenologia de Husserl, ela escreve: "*Tudo o que eu aprendi me encantou, porque consistia precisamente na tarefa de esclarecimento, onde, desde o início, se encontra a base necessária intelectual, para as pesquisas.*" Edith ainda comenta que o que mais gostou acerca do método fenomenológico foi a sua meticulosidade, a atenção precisa aos detalhes de objetos apresentados pelos sentidos, além da abstenção de todos os preconceitos e todas as hipóteses anteriores filosóficas e modelos, especialmente as teorias do conhecimento de David Hume e Immanuel Kant. O que Stein e alguns de seus outros colegas jovens especialmente valorizavam, sobre os pontos de vista iniciais de Husserl, era o seu realismo com as vivências humanas. Ele afirmava que um mundo objetivo exterior só poderia ser experimentado intersubjetivamente, ou seja, através de uma pluralidade de indivíduos percebendo que se relacionam em uma troca mútua de informações. Husserl ainda ensinava que para conhecer o ser humano é preciso perceber organismos existentes em tempo real e no espaço¹⁸. Esse postulado de Husserl modifica o modo subjetivista de pensar de Edith Stein, possibilitando-lhe incluir o outro em suas reflexões. Desde então, busca uma compreensão profunda da intersubjetividade, que culminará com a sua tese de mestrado: *Sobre o Problema da Empatia*.

O sensato espírito de Edith busca a verdade objetiva e ela encontra nos "Estudos sobre Lógica" de Husserl a seguinte afirmação: "*A ciência se dirige, como o indica seu nome, ao saber... E no saber coloquemos a verdade*". Por verdade, Husserl entende "*a luminosa certeza*" daquilo que é ou não é, e assim distingue o essencial entre ciência e simples opinião¹⁹, que é a atitude natural do homem no cotidiano em sua relação com as coisas²⁰. A partir dessa diferenciação, ele busca com a fenomenologia o conhecimento estrito dos fenômenos.

O fenomenalismo ou aparência, do grego "phainomenon", propaga que o conhecimento apenas pode estar baseado sobre causalidades momentâneas e efêmeras da realidade. Para a fenomenologia um objeto é como o sujeito o percebe, e tudo tem que ser estudado tal como é para o sujeito e sem interferência de qualquer regra de observação. Para chegar a essa conclusão, Husserl analisa três vertentes que apresentavam as suas teorias sobre

¹⁸ RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia: análises e problemas em Ideen II de Husserl*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 107-108.

¹⁹ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: Em busca de Deus*. Estela (Navarra) Espanha: Verbo Divino, 1969. p. 41-42.

²⁰ MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2001. p. 43-45. Para Husserl a verdade é necessária; ela se impõe a toda inteligência. Concebê-la de outro modo seria cair no relativismo e o relativismo equivale ao ceticismo. Husserl tinha o propósito de ultrapassar o naturalismo e evitar os perigos do psicologismo. "A verdade, declarava com firmeza, é um absoluto. Não é o que dizem os psicólogos que querem colocá-la sob a dependência daquele que pensa. Assim, a lei da gravidade universal só seria uma verdade a partir do momento em que foi descoberta por Newton. Mas a verdade não procede daquele que a conhece".

o conhecimento na relação entre sujeito e objeto: a primeira é a realista, que sustenta o primado do objeto em si mesmo, o qual é apreendido pelo intelecto, ou seja, o ser humano tem sensações, e estas são a base da certeza do conhecimento. Defendem essa teoria os empiristas John Locke e David Hume²¹. A segunda é o idealismo, que dá primazia ao sujeito, afirmando que há uma correspondência que se fez das ideias e das coisas. Nesta vertente se destaca René Descartes, que muito influenciou Husserl²². A terceira, trata-se da reflexão do filósofo Emanuel Kant, que procurou superar o impasse redistribuindo as funções do conhecimento, deixando de privilegiar um ou outro. Essa vertente configura o conhecimento como um trabalho conjunto entre apreensão sensível das coisas e o intelecto, que fornece uma estrutura formal para essa apreensão, resultando uma síntese dessas duas instâncias que seria o conhecimento. O resultado mais importante vinculado a esta concepção do conhecimento, enquanto síntese desses elementos objetivos e subjetivos, é a concepção da relatividade do conhecimento. Sendo o conhecimento algo que ao menos estrutura-se por vias do sujeito, mecanismos lógicos presentes na mente, é claro que o conhecimento se estrutura de forma relativa ao sujeito, a isto Kant chamou de “fenômeno”. Essas estruturas subjetivas, descritas como funções lógicas do conhecimento, que Kant chama também de elementos transcendentais do conhecimento, são aqueles elementos que estando antes da experiência do homem no mundo condicionam e dão os seus fatores de organização²³. A importância dessa noção de fenômeno é incalculável, pois, através dela, pode-se reconstruir a relação sujeito-objeto através de uma correlação. Não existe objeto que não esteja comprometido com o sujeito que o conhece, ou que o representa. Tem-se de um lado, o sujeito do conhecimento, que é uma consciência que apreende o fenômeno, a realidade como ela se constitui formalmente. De outro lado, temos o objeto, que é o fenômeno apreendido pela consciência.

Husserl, além das influências de Kant e Descartes, recebeu também a influência do psicólogo Franz Brentano, que afirmava a existência da dimensão humana da psique, que não é mensurável segundo as medidas da psicofísica²⁴. O pensamento de Brentano fez com que Husserl desse conta da existência intencional do objeto na consciência. O objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência. Ele é sempre um objeto para um sujeito; não é objeto em si, mas objeto percebido, ou objeto pensado, rememorado. Esses dados deram clareza a Husserl, acerca do conhecimento. Daí que a fenomenologia, para ele, tem a missão

²¹ BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciências humanas*. Bauru: Edusc, 2004. p. 35.

²² *Ibidem*. p. 30-35. A verdade para Descartes é apreendida pela razão e a alma coincide com a atividade do pensamento, pois ela é uma substância racional.

²³ RICOEUR, P. op. cit., p. 253-291.

²⁴ BELLO, Angela Ales, op. cit., p. 59-60.

de buscar a consciência do sujeito através da expressão das suas experiências internas. Assim, percebe-se que o tema de investigação mais característico da fenomenologia é a consciência. Essa se caracteriza pela intencionalidade, que se refere ao fato de que toda consciência é consciência de algo; todo ato de consciência é sempre único em relação com outra coisa, um referir-se a algo. A percepção, a recordação, a imaginação, o pensamento, o amor, o ódio, o desejo, o querer, são distintas formas de dar-se o viver da consciência. Uma importante tarefa da fenomenologia é a descrição dos tipos distintos de vivências, de seus gêneros e espécies, e das relações essenciais que entre elas se estabelecem.

A intuição de Husserl, a partir das teorias de Kant, Descartes e Brentano, o leva a conceber a análise intencional como uma relação entre a consciência e o objeto, a partir de uma correlação que lhes é de alguma maneira co-original. A fenomenologia se dispõe a elucidar a essência dessa correlação. Husserl batizará com o nome de “noese” a atividade da consciência e com o nome de “noema” o objeto constituído por essa atividade. Entretanto, se a correlação sujeito-objeto só se dá na intuição originária da vivência de consciência, o estudo dessa correlação consistirá numa análise descritiva do campo da consciência, o que conduzirá Husserl a definir a fenomenologia como “a ciência descritiva das essências da consciência e de seus atos”²⁵. Dessa forma, a fenomenologia vai auxiliando na superação do impasse entre interioridade (mente, ideias) e exterioridade (objetos, coisas). O conhecimento da exterioridade não exige que o sujeito abdique de sua interioridade. Essa relação entre sujeito e objeto constitui o conhecimento, portanto, nem a consciência constitui sozinha o conhecimento e nem as coisas do mundo constituem o conhecimento, mas é o encontro simultâneo do sujeito e do objeto, que promovem o conhecimento verdadeiro. A reflexão fenomenológica não renuncia a objetividade científica, mas reintegra o mundo da ciência ao mundo da vida. A metodologia fenomenológica pode-se definir como subjetiva, pois depende das experiências e reações de cada indivíduo. Cada pessoa tem experiências e percepções diferentes de acordo com suas recordações, vivências, sentimentos e desejos²⁶.

A originalidade de Husserl consiste em “colocar entre parênteses” todos os sistemas vigentes, possibilitando-se assim a “volta para as coisas mesmas” (*die Sache selbst*) a serem interrogadas sem preconceitos ou pressupostos. Isso ele faz através da noção central de

²⁵ DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado. 1973. p.13-24. Aqui não se trata da psicologia descritiva de Brentano, pois a consciência contém muito mais que a si própria. Nela se percebe a essência daquilo que ela não é, o sentido mesmo do mundo em direção ao qual ela não cessa de se expandir.

²⁶ CARMO, Raymundo E. *Fenomenologia existencial: estudos introdutórios*. Belo Horizonte: O Lutador, 1974. p. 82-84. O ponto de surgimento da verdade é a experiência vivida, “esta vida atual da consciência pela qual estes objetos e este mundo estão agora diante de mim sem que eu possa recusar sua presença.”

redução ou *epoche*²⁷, que é o processo intelectual que consiste em colocar fora de consideração ou suspender certos juízos ou certos conhecimentos²⁸. Para a fenomenologia, os fenômenos são simplesmente as coisas, a realidade, condicionadas por certas estruturas lógicas da nossa mente, como se mostram e como se oferecem à consciência. O método fenomenológico não admite o sentido comum, nem natural, nem as proposições científicas, nem as experiências psicológicas. De maneira que a fenomenologia pode compreender-se como um método e um “modo de ver”, que consiste em: examinar todos os conteúdos da consciência; determinar se tais conteúdos são reais, ideais, imaginários etc.; suspender a consciência desses fenômenos, de maneira tal, que resulta possível descrever a sua pureza, ou seja, adotar uma atitude radical, que é a suspensão ou pausa do mundo natural.

Do ponto de vista da estrutura do conhecimento, o pensamento de Husserl toma como ponto de partida a percepção, e evolui até chegar a toda uma série de operações que são ligadas ao pensamento e à lógica. A primeira etapa de seu pensamento, a partir da percepção, consiste em descrever o mundo dos fenômenos, conforme já foi demonstrado, e a segunda etapa é a da atitude reflexiva. Por mais que a verdade seja universal e eterna, o homem que a procura é indivíduo situado no tempo e no espaço. Esta apropriação da verdade é, pois, eterna, por este homem temporal, que consiste para Husserl a segunda fase do problema total da verdade. A fenomenologia vai recorrer à redução transcendental²⁹ para encontrar o caráter específico da realidade humana, que através da percepção conhece o mundo externo a si. Essa estrutura percepção/percebido é inerente à estrutura transcendental do homem. A percepção que se define por estrutura transcendental tem o sentido de que o ser humano já possui estas estruturas e, portanto, elas transcendem o objeto físico. O transcendental é aquilo que faz parte da subjetividade, é próprio do sujeito, não deriva de fora. Para Husserl, a estrutura transcendental é a estrutura dos atos entendidos como vivências, às quais o homem tem

²⁷ *Ibidem*, p. 12-22. *Epochè* é um termo que Husserl buscou entre os antigos cétricos, de modo especial, os pirrônicos.

²⁸ *Ibidem*, p. 15-16. As principais reduções são: a filosófica, a fenomenológica e a eidética. A *redução filosófica*, em seu momento negativo, coloca entre parênteses todos os sistemas filosóficos vigentes; e, em seu momento positivo, procura voltar-se para as coisas mesmas; a *redução fenomenológica*, em seu momento negativo, suspende a crença na existência do mundo real ou do mundo transcendente; em seu momento positivo, ela procura colocar a mente em presença do puro fenômeno, como correlato da consciência. Por fim, a *redução eidética* que, em seu momento negativo, coloca entre parênteses os fatos singulares ou os fenômenos naquilo que têm de singular, bem como o Eu empírico individual e, em seu momento positivo, revela ao espírito a essência – eidos – necessária desses fenômenos.

²⁹ Embora tenha trabalhado até o final de sua vida na definição do que chamou *Redução Transcendental*, Husserl não chegou a uma conclusão clara. Basicamente seria a redução fenomenológica aplicada ao próprio sujeito, que então se vê não como um ser real, empírico, mas como consciência pura, transcendental, geradora de todo significado.

consciência³⁰. Dessa posição em diante, Husserl dirige-se abertamente para o idealismo, para a descoberta de um *eu transcendental*, para uma revelação última, a partir da qual *se constituem* os atos e o que lhes corresponde de objetivo, em diversos graus, até o mundo das coisas³¹.

Pode-se, assim, distinguir duas fases na fenomenologia. Na primeira parece prevalecer a tendência realista e na segunda, a idealista. Desta forma, se conclui que não há ponto de chegada da fenomenologia, que não seja também ponto de partida, em direção a horizontes imprevisíveis. Assim, o que parecia ser apenas descrições, tornou-se por fidelidade ao dado, busca de fundamentos; o que se orientava em direção a uma filosofia das essências converte-se em filosofia da existência; o que se propunha como ciência e filosofia das ciências manifesta preocupações éticas³². Os discípulos de Husserl escolheram aspectos específicos da fenomenologia, para continuarem as suas investigações. Edith Stein focaliza os seus estudos na antropologia, e utiliza a análise transcendental para tratar da questão das vivências³³.

1.1.1. A PESQUISA FENOMENOLÓGICA “SOBRE O PROBLEMA DA EMPATIA”

Em 1913, após o término do curso “Natureza e Espírito”, ministrado por Edmund Husserl, a filósofa Stein, decide fazer o seu doutorado, tendo como orientador o próprio Husserl, que a questiona acerca do tema a ser trabalhado. Ela propôs pesquisar sobre o “*Einfühlung*”³⁴, pois se interessou pelo ensinamento de seu mestre ao afirmar que só uma experiência intersubjetiva autoriza o conhecimento verdadeiro de um mundo considerado como exterior. Entretanto, como Husserl não precisou em que consistia esse conhecimento³⁵,

³⁰ BELLO, op. cit., p. 49-50.

³¹ MIRIBEL, op. cit., p. 45. Na jornada de estudos de Juvizy, Stein declarou: “a busca de um ponto de partida absoluto para a reflexão filosófica levou Husserl a uma nova espécie de dúvida cartesiana, a ideia da redução transcendental... e a consciência transcendental como um vasto campo de pesquisas. Sua tendência idealista se fez sentir pela primeira vez nas *Ideias*. Esta foi uma grande surpresa para os alunos de Husserl e objeto de controvérsia que ainda persiste...”

³² DARTIGUES, op. cit., p.157.

³³ BELLO, op. cit., p. 79-80. Na antropologia de Husserl estão os temas da historicidade, da cultura, das ciências e do espírito. No âmbito do tema da percepção, está o estudo dos tópicos da temporalidade, do tempo e também do espaço. Além destes ainda há o tema das ciências matemáticas, da Física e da Psicologia.

³⁴ *Einfühlung* palavra alemã cuja raiz *fihl*, é como no inglês, *feel* = sentir. É um sentir, no sentido de ter a capacidade de colher algo, de captar, de perceber. *Ein* quer dizer que de verdade se consegue entrar. *Ung* é sufixo para compor um substantivo. Essa palavra pode ser traduzida por dois termos: *entropatia* ou *empatia*, os quais derivam de uma palavra grega, *patia*, cuja raiz é *pathos*, que significa sentir ou sofrer. O termo *entro* significa que de alguma forma se consegue “entrar”. Esse sentir dentro permite captar o que os outros estão vivendo.

³⁵ Marianne Sawiki, autora americana e intérprete da filosofia de Edith Stein, informa que em 1913 Husserl ainda não tinha percebido o problema da constituição do “nós”, que consistia num conjunto de indivíduos fazendo algo em comum. Edith coloca a pergunta: “fazemos tudo em conjunto, ou individualmente? Se em conjunto, então, o “nós” se constitui de alguma forma. Se, individualmente, como faço para constituir outro

Edith viu aí uma lacuna a ser preenchida³⁶. De fato, até a ocasião do curso “Natureza e Espírito”, Husserl estava apenas seguindo os trabalhos de Theodor Lipps³⁷, que nomeou esta peculiar experiência de empatia. Todavia, ele irá continuar trabalhando o tema por algumas décadas e só publicará a sua obra *Meditações Cartesianas* em 1931, quando explicitará melhor a sua reflexão sobre o *Einfühlung*. A grande dificuldade de Husserl era fazer a passagem do conhecimento do “eu” para o conhecimento do “outro”. Daí o fato de ele projetar o conhecimento do “eu” de forma análoga no “outro”. Essa relação se mostrou “egológica”, porque nela se percebe a multiplicação associativa do “ego”, o que não gera a reciprocidade e o conhecimento real da experiência do “outro”. Dessa forma, o conhecimento do “outro” continuava sendo derivado da experiência do “eu”. Esse problema Husserl procurou clarear na *V Meditação Cartesiana*, quando tentou ser fiel a exigência idealista de querer que o “outro”, como as coisas, sejam unidades de modo de aparição, um sentido ideal pressuposto. Ao buscar conciliar o ideal com o real, o filósofo quer ver o “outro” ultrapassar a esfera própria de experiência do “eu”, para fazer surgir, nos limites do vivido do “ego” um acréscimo de presença. Aquilo que o fenomenólogo quer que se acrescente sobre a experiência do “ego” torna mais plausível o jogo da “semelhança”, mas não resolve o problema do estranho, pois o “eu” equipara o “outro” não somente a sua experiência atual, mas também à sua experiência potencial. O problema do “outro” mostra com clareza a separação latente entre as duas tendências da fenomenologia husserliana: a tendência descritiva e o que se pode chamar de tendência metafísica³⁸.

Inicialmente, em sua dissertação, Edith Stein retoma a teoria da fusão afetiva projetiva de Theodor Lipps e procura complementar o pensamento de Husserl acerca da empatia, acrescentando-lhe a sua intuição fenomenológica do outro. Ela segue o método de seu mestre Edmund Husserl em sua abordagem fenomenológica da empatia e a sua orientação em pesquisar o tema além de Lipps, também em Max Scheler e Wilhem Dilthey. Em seus estudos com Husserl, ela aprofunda o método fenomenológico e a forma de examinar as coisas, os fenômenos, os fatos, as questões, as temáticas culturais e os problemas humanos. Percebe na abordagem fenomenológica um método que lhe permite conhecer e descrever os fenômenos

*"eu" sem uma parceria"? Tecnicamente, em termos lógicos, Husserl "escamoteou a questão". Isso significa que os seus argumentos para mostrar como é possível conhecer outras pessoas já confirmam aqui a sua existência desde o início". É esse o problema que Edith Stein detectou em seus estudos e a motivou para elaborar a sua tese sobre o *Einfühlung*.*

³⁶ STEIN, Edith. *Obras Completas: escritos autobiográficos y cartas*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 374.

³⁷ T. Lipps (1851-1914), filósofo alemão, desenvolveu seu conceito de *Einfühlung* interessado na descrição dos processos psicológicos, para se compreender estudos de mente do “Outro”. Para Lipps isso se daria por uma fusão entre o observador e seu objeto, processo inconsciente baseado na imitação interna.

³⁸ RICOEUR, P. op. cit., p. 236, 309-313.

na sua mais pura objetividade. Edith descobre que o fenômeno, o objeto de estudo sobre o qual deve empenhar seus esforços, é a “coisa do outro, da outra pessoa, de seu conhecimento, da relação e da comunicação com ele, cujo tema é a interpersonalidade, ou seja, a intersubjetividade³⁹”.

Graças à influência do filósofo Max Scheler, Stein incluiu em seus estudos as relações humanas, com seu aspecto afetivo⁴⁰. Em sua obra *Natureza e formas da simpatia*, Scheler trabalha os fenômenos da simpatia e as diversas manifestações do amor a partir da visão psicológica e descritiva. O seu enfoque está nos fenômenos da simpatia voltados para a sociologia e a psicologia social. De seu livro nos interessa particularmente a terceira parte que trata da questão do “outro”⁴¹. Scheler atraiu a atenção de Stein pela sua reflexão acerca da esfera afetiva, valorativa e religiosa de forma explícita. A filósofa de Breslau compreende, assim, que o método fenomenológico permite a análise da atividade cognitiva e em geral da vida reflexiva e afetiva. Seu interesse se volta, assim, sobre o modo pelo qual o “eu” se coloca em relação com os outros e os conhece. Desde então, adota uma fenomenologia existencial, que lhe possibilitava adentrar na consciência individual e coletiva, descobrindo a fonte das várias modalidades de refletir a vida dos povos e de suas culturas. Em sua tese doutoral, vai demonstrar que os seres humanos têm as mesmas estruturas relativas ao conhecimento e à afetividade. Acrescenta que a sociabilidade é inerente ao ser humano, o qual para viver prescinde do outro. Recorre à empatia porque, graças a esta, a pessoa humana se abre aos outros para estreitar laços de amizade, compor uma família, construindo uma comunidade popular, social, estadual e mundial.

A fenomenologia, para E. Stein, auxilia ainda para individualizar com criticidade os limites e os valores das ciências do espírito restringidas pelo positivismo nas primeiras décadas do século XX, em esclarecimentos fisicalistas⁴². Tais contribuições dão margem para

³⁹ HOEGEN, M. *Edith Stein e il problema dell'empatia*. Roma: Studium. 1986. p. 102

⁴⁰ RICOEUR, P. op. cit., p. 315. Em 1913, o filósofo alemão Max Scheler publica a sua obra “Phénoménologie et théorie des sentiments de sympathie, de l’amour et de la haine” e após dez anos de muita reflexão sobre o tema lança uma segunda edição bastante modificada em relação a primeira, de tal forma que ele prefere reeditá-la com o nome de “Nature et formes de la sympathie”. Nessa obra o filósofo quis distinguir a simpatia do contágio afetivo e da fusão afetiva. A simpatia é uma forma de tomar parte ou compartilhar o sentimento do “outro” sem o repetir, sem experimentá-lo por duplicação como um vivido semelhante. O contágio afetivo seria antes um fenômeno de contaminação psicológica cega e quase automática, portanto, involuntária e inconsciente, capaz de se amplificar por uma espécie de ressonância afetiva. Assim, a simpatia distinguiria os seres, o contágio e a fusão afetiva os misturariam.

⁴¹ SCHELER, Max. *Nature et formes de la sympathie*. Paris: Payot. 2003, p. 439-474.

⁴² As Ciências do espírito eram: psicologia, antropologia, sociologia, história etc. Elas se contrapõem, principalmente desde Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão, às ciências da natureza. Ambas em conjunto formam o domínio total das ciências da experiência. Como o seu nome indica, diferenciam-se consoante os domínios de realidade pesquisados, bem

reconsiderar a pessoa humana em seu caráter essencial. Partindo da ideia de que o homem intui o sentido das coisas, insiste na necessidade de adotar uma metodologia que possibilite evidenciar a experiência original e ajude a compreender a pessoa humana como um ser espiritual, social, histórico, comunitário e cultural. "O mundo do ser humano é um mundo espiritual pluriforme feito de pessoas individuais e de comunidades, de formas sociais e de obras espirituais. Ele está nesse mundo, olha dentro dele, e é nele que se dá sua existência e sua humanidade"⁴³.

Em sua obra: *Sobre o problema da empatia*, Edith Stein trabalha plenamente a alteridade abordando a essência dos atos da empatia, a constituição do indivíduo psicofísico e a empatia como compreensão de pessoas espirituais⁴⁴. Ela confere a Husserl o mérito de

como segundo os modos de os considerar ou os métodos nelas implicados. A ciência natural prescinde da peculiaridade individual e ocupa-se com o universal, isto é, com as enunciações e leis aplicáveis de modo igualmente válido a muitos indivíduos e processos particulares. Seu modo de proceder baseia-se em que a coisa natural singular não possui qualquer marca peculiar individual, mas representa unicamente sua espécie em constante repetição do mesmo. Sendo reiterável e substituível à descrição, é objeto de investigação só enquanto sujeito de sua espécie (não enquanto este indivíduo). Como os indivíduos se parecem exatamente, a série deles não constitui propriamente um devir histórico, mas apenas uma simples reiteração indiferenciada e a-histórica na coexistência e sucessão espacial e temporal. Por detrás encontra-se a necessidade natural que tudo fixa, de modo unívoco e invariável, segundo a lei que diz: causas iguais produzem sempre efeitos iguais; por isso a ciência natural tem em mira a explicação causal. No polo oposto, delinea-se a ciência do espírito em sua essência. Ocupa-se dos vários aspectos da vida espiritual e de suas objetivações; pelo que, apresenta-se, por exemplo, como ciência da linguagem, da arte ou da religião. Fala-se também de ciências da cultura ou ciências culturais, porque o homem com sua atividade criadora espiritual vai necessariamente aperfeiçoando o que é dado na natureza; seu ato criativo é já em si cultura e produz bens objetivos culturais. Por tal forma se rompe o quadro do naturalmente necessário, obtendo-se um verdadeiro devir histórico; a vida do espírito, a atividade espiritual criadora da cultura desenvolve-se numa forma essencialmente histórica. Assim as ciências do espírito movem-se no âmbito da história, podendo afirmar-se que se empenham na tarefa de compreender a história bem como o que nesta se tem realizado. A reflexão aplica-se, portanto, imediatamente ao concreto, ao singular, considerando-o justamente em sua peculiaridade única, irrepetível. Encontra-se já aqui o princípio seletivo, segundo o qual a atenção fixa-se naqueles homens, grupos, acontecimentos e feitura, que realmente representam algo de novo, que contribuem de maneira essencial para o desenvolvimento da humanidade global e que, desse modo, exercem profunda influência sobre os contemporâneos e a posteridade. Tal seleção é possível, porque neste caso os indivíduos, a despeito de sua natureza humana comum, não são inteiramente iguais uns aos outros, senão que, mercê da força criadora e da liberdade do espírito, são capazes de elaborar e de imprimir um cunho próprio. Como este não se fixa de modo unívoco e causal, não basta, neste domínio, a explicação pelas causas, mas surge como único método adequado a compreensão. A diferença entre ciências do espírito e ciências da natureza é poderoso testemunho em abono da peculiaridade do espírito em frente de tudo o que pertence à ordem natural. Todavia a orientação para o individual e concreto conduzia já em Dilthey, e também noutros autores posteriores, a um certo relativismo. Disponível em <http://www.filoinfo.bem-vindo.net/filosofia/modules/lexico/entry.php?entryID=864>. Acessado em 24 de abril de 2012.

⁴³ PERETTI Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. Rev. abordagem gestalt. vol.16 no.2 Goiânia. dez. 2010. Disponível em: <http://gtedithstein.blogspot.com>. Acessado em 27 de outubro de 2011.

⁴⁴ STEIN, Edith. *Obras Completas II*, etapa fenomenológica: contribuciones a la fundamentacion filosófica de la psicologia y de las ciencias del espíritu: causalidad psíquica, individuo y comunidad. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 64. A tese doutoral de Edith Stein: *Zum Problem der Einfühlung* foi publicada em Halle em 1917. Esta foi impressa depois que Edith começou a trabalhar como assistente de E. Husserl. Edith não quis incorporar a sua tese nenhuma ideia, que poderia ser fruto de seu trabalho com Husserl, que na época já se debruçava sobre a questão intersubjetiva que viria a luz em sua obra *Meditações Cartesianas*. Então, ela imprimiu somente a segunda, terceira e a quarta parte de sua exposição doutoral. Assim, o seu tratado era maior do que aquele que fora publicado: a primeira parte que se perdeu compreendia uma exposição da literatura existente sobre a empatia. As

conduzi-la a utilizar o conceito de empatia para a compreensão dos sujeitos, a “nós” estranhos, ou seja, da alteridade. Para isso se serve das teorias de Edmund Husserl acerca dos elementos constitutivos da pessoa: Körper (corpo material), Leib (corpo animado), Seele (alma), Geist (espírito)⁴⁵.

O merecimento maior do trabalho de Edith, segundo Husserl⁴⁶, está na elaboração fenomenológica das ideias de corpo próprio, alma, indivíduo, personalidade espiritual, comunidade social e estrutura comunitária, bem como o significado de empatia na esfera ética e estética⁴⁷. No dinamismo e na experiência da empatia está toda a sabedoria da comunicação humana, que implica a consciência e aceitação da própria identidade, bem como a consciência e aceitação da identidade do outro, a capacidade de sair de si mesmo para ir ao encontro do outro.

A primeira parte de sua obra é um estudo da essência dos atos da empatia seguindo o método fenomenológico e a “redução transcendental⁴⁸”, para se chegar com clareza à base última de todo conhecimento⁴⁹. Uma das finalidades de Edith Stein, em seu trabalho, é precisamente “perceber e descrever estes atos em uma grande percepção da essência⁵⁰.” Ela conclui essa primeira parte com uma confrontação crítica das teorias da apreensão alheias formuladas por T. Lipps⁵¹ e Max Scheler⁵². A segunda parte se refere à análise da empatia como problema de constituição do sujeito psicofísico. O indivíduo “psicofísico” é um “composto” de vários estratos: o *Eu puro*, como sujeito de experiência e unidade de consciência; a *alma* como parte essencial do indivíduo, sua unidade essencial; o *corpo* o qual está unido à alma, vivida como “experiência”, como “meu corpo” e, portanto, como algo vivo “Leib e não Körper”. Para Edith Stein a corporeidade é a linha de demarcação que separa o mundo interior do mundo exterior. O corpo vivente é o templo precioso do espírito. A existência da corporeidade, da psique e do espírito no ser humano é confirmada pelo

outras partes perdidas, segundo relata a própria Edith Stein em sua Autobiografia, eram os “capítulos sobre a empatia a partir do ponto de vista social, ético e estético”.

⁴⁵ RICOEUR, op. cit., p. 106-134.

⁴⁶ URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Edith Stein: escritos autobiográficos y cartas. Obras completas* vol. I: Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002. p. 1657-1658.

⁴⁷ MIRIBEL, op. cit, p. 57. Max Scheler acolhe as conclusões do estudo de Edith Stein sobre a empatia e as considera em seu tratado sobre o assunto: *Wesen und Forme der Sympathie – Natureza e formas da Simpatia*.

⁴⁸ O conceito Husserliano de estrutura transcendental é o ponto fundamentalmente novo da fenomenologia. Husserl chama de “redução transcendental” aos detalhes da sua apreensão como fenômeno próprio e específico da consciência; significava retirá-la de uma visão teórica, transcendente, para tomar conhecimento dela de modo preciso e objetivo, analítico, como simples experiência de consciência.

⁴⁹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: editorial Trotta. 2004. p. 19.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 20.

⁵¹ *Ibidem*, p 28-34.

⁵² *Ibidem*, p. 44-52.

"conhecimento do outro" que, por sua vez, passa pela sensibilidade originada pelas conexões psíquicas e pelas motivações espirituais⁵³. Edith ainda reflete o tema das relações intersubjetivas, a capacidade de comunicação com o outro, a possibilidade de empatizar. Dessa forma, conclui que a empatia se manifesta como uma forma de experiência intersubjetiva que possibilita a constituição de um mundo objetivo. A terceira parte trata o problema da pessoa em relação com a empatia. O ponto de partida para a interpretação da existência da pessoa parece ser o naturalístico, porém, sua visão é de um caráter totalmente personalístico. Isso porque, para a filósofa, a estrutura ôntica da pessoa se constitui de psique e espírito. A personalidade de uma pessoa se realiza inteiramente na individualidade da alma, mas a alma não é a pessoa. Realmente, o acento está na consciência da pessoa, da sua percepção subjetiva e intencional, enquanto constitutiva do objeto. Dessa forma, sua visão da consciência é entendida como espírito e não como algo de ordem natural. Assim, a empatia se movimenta nesse campo espiritual, já que a alma é a forma vivificante do corpo e mecanismo de comunicação com o seu mundo interior e exterior.

A partir dessas reflexões de Edith Stein pode se concluir: Primeiramente, o ser humano se compreende como um ser espiritual, capaz de sair de si mesmo, de transcender-se, sendo tudo isso algo fundamental para o desenvolvimento do seu ser. Seja para conhecer o mundo, o outro, seja para se conhecer. Em segundo lugar, o aprendizado e a prática da empatia são essenciais, para que o ser humano reconheça os outros como “sujeitos” de experiência, e não como meros objetos. Em resumo: o problema com que Edith se preocupa em solucionar é o da pessoa como sujeito espiritual. Problema que será a base de todas as suas investigações posteriores sobre as quais o interesse antropológico centra sua preocupação primordial.

1.1.2. A PROPOSTA FENOMENOLÓGICA DA EMPATIA

A teóloga⁵⁴ em sua obra analisou o ato da empatia como um ato peculiar do conhecimento humano. A partir dessa perspectiva pode-se afirmar que conhecer a essência do homem concreto em suas vivências é fator determinante para Edith Stein desenvolver o seu trabalho, especialmente o aspecto antropológico, como se verá em seus próximos escritos

⁵³ PERETTI, Clélia. *L'empatia nel rapporto interpersonale*. Dissertatio ad gradum Magisterii. Institutum Superius Scientiarum Religiosarum "Redemptor Hominis". Pontificium Athenaeum Antonianum, Roma, Itália. 1997.

⁵⁴ Edith Stein é uma filósofa que se tornou teóloga por causa de suas reflexões depois de se converter ao cristianismo.

fenomenológicos⁵⁵. Para ela, é serviço da antropologia fenomenológica pesquisar a humanidade sensível e a composição constitutiva do homem, tal como essa humanidade se apresenta na realidade existencial. Demonstra que a empatia é a condição prévia de qualquer possibilidade de constituição do homem, da sociedade e do mundo. Ainda esclarece que quando o homem sai de si, em direção ao outro, ele retorna mais pleno, sem nada perder. O relacionamento empático possibilita uma partilha de experiências, aumentando a interioridade das pessoas em diálogo, através da presentificação da cosmovisão do “outro” ao proporcionar a descoberta de valores que podem ser reconhecidos numa ação interativa. Na relação empática sente-se a existência de outro ser humano em sua singularidade, como “eu”. Stein aprofunda a questão afirmando que há uma apreensão de semelhança e não de identidade, pois o “eu” compreende o “outro” como seu semelhante, tendo suas convicções próprias em razão das suas motivações interiores, fruto de sua formação pessoal. Nessa relação, reconheço que o “outro” é “outro” como “eu”⁵⁶. Procuo entender o que há dentro desse outro, por ser uma necessidade humana a aproximação. Nesse momento surge a indagação sobre quem é o homem e como ele se dá conta de que está lidando com outro ser humano e não como um objeto. Aqui a contribuição da filósofa de Breslau é preciosa, pois ela se fundamenta teórica e existencialmente, para afirmar a necessidade de uma posição espiritual e ética diante do “outro”. É preciso reconhecer realmente, desejar ser correto e se conscientizar de que se está diante de outro ser humano, ainda que ele seja de qualquer religião, cor, etnia, língua e cultura.

Stein, através do fenômeno hilético⁵⁷, informa que há um sentido imanente nos entes, ou seja, nas coisas do mundo. Ela enfatiza que a partir da fenomenologia se desvela para a consciência humana, como experiência de sentido, um significado para as coisas que existem no mundo, isto é, há uma apreensão de sentido dos elementos do mundo que surgem na experiência humana de modo original. As coisas em si surgem tendo um sentido que é desvelado ao homem. Trata-se de um processo originário que é fundante. Isso se estende para

⁵⁵ STEIN, Edith. *Obras Completas II*, etapa fenomenológica: contribuciones a la fundamentacion filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu: causalidad psíquica, Individuo y comunidad. Burgos: Monte Carmelo, 2005.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 106-107.

⁵⁷ ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 499. Para Husserl, a hylé seria a “matéria subjetiva” que compõe uma percepção qualquer. A consciência de um objeto qualquer se daria sobre “dados constituídos pelos conteúdos sensíveis, que compreendem, além das sensações denominadas externas, também os sentimentos, impulsos, etc.”. Embora Husserl estabeleça que toda consciência é consciência de alguma coisa, ou seja, que *toda consciência é intencional*, ele não considera os dados hiléticos como sendo intencionais. Os dados hiléticos seriam apenas a “matéria” sobre a qual a consciência se dá. A noção husserliana de hylé não pode ser aqui associada ao empirismo. Husserl não reduz os objetos percebidos a sensações. A hylé husserliana é considerada apenas como uma matéria que assume um papel importante na intuição de um objeto.

a pessoa humana pelo fato do modo mesmo de ser de alguém atravessar a sua corporeidade, ou seja, o modo de ser de alguém está de alguma maneira no modo como o seu corpo está organizado e no modo que ele se desvela. A concepção do mundo e da existência que o ser humano possui tem a ver com o modo com que seu corpo se coloca no tempo e no espaço. Quando o homem está frente a outro homem, o modo de ser do outro, as suas concepções presentificadas na sua corporeidade afetam o primeiro de maneira originária.

A vida espiritual de outrem afeta de uma maneira originária o homem, porque a sua corporeidade é afetada pela presença espiritual desta outra pessoa. Assim, também o corpo frente a essa pessoa desvela o modo de ser, o sentido da vida dessa pessoa. Isso constitui o fenômeno originário da empatia, que não é resultado de operações psíquicas ou mentais, mas fato originário. O ser humano não precisa pensar, nem projetar para ser afetado pelo modo de ser de alguém. Acontece, nesse processo empático, um desvelamento originário de sentido das coisas e dos seres humanos e que se dá por experiência com qualidades estéticas. O fenômeno estético originado é cheio de significados, por exemplo: originário é o fenômeno da pessoa frente à paisagem que o afeta de modo imediato, enquanto que o fenômeno estético produzido é aquele elaborado pelo homem como um quadro de uma pintura da natureza, que é um fenômeno estético produzido.

A autora atrai a atenção para o fato de que o ser humano, ao se colocar frente aos entes do mundo ou frente aos seres humanos, afeta e é afetado, em virtude da apreensão de sentido e não por suas próprias reflexões. Essa apreensão se relaciona ao registro do espírito, que acontece na relação entre o homem e as coisas, e o homem e as pessoas. Essa possibilidade que o homem tem de ser afetado, pelo sentido das coisas e pela presença do outro, acontece ao homem porque a pessoa humana está ontologicamente, de modo originário, aberta às experiências do espírito. O homem é um ser de compreensão porque compreende originariamente e se afeta pelo sentido inerente aos entes e aos outros.

O homem alimenta-se, por ser um corpo anímico-espiritual, para suprir a sua corporeidade, mas também se alimenta da cultura, isto é, uma refeição tem significados afetivos e culturais. O ser humano se alimenta espiritualmente, o que faz com que o seu ser se expanda. O modo de ser do outro me afeta, porque, desde sempre, frente ao outro eu reconheço o ser humano que o outro é. O ser humano afeta e é afetado pela comunidade. Nessa reciprocidade ele se enriquece espiritualmente com a presença do outro, com os valores encarnados na cultura, como por exemplo, a apreciação da obra de arte. Para Edith Stein existem experiências egóticas não personalizadas, de propriedade do sujeito. Em espetáculos

de vários tipos; vivemos de forma indireta através das experiências de outros. Existem também sentimentos expressos em uma canção ou um poema feliz ou na dor que sentimos quando alguém está de luto. Como em qualquer sentimento a felicidade, a tristeza, a excitação têm o seu próprio sentido de conteúdo específico.

A estrutura do ser humano é relacionada ao outro, mas cada pessoa, ao lado das experiências pessoais que vai tendo, participa de experiências suprapessoais, ou seja, os valores pessoais são atravessados pela comunidade. Uma pessoa pode sentir algo como membro de uma família, assim, embora o conteúdo afetivo seja a tristeza, ela participa da tristeza coletiva. Um membro de uma família, ao tomar consciência de uma situação existencial, pode mudar a consciência comunitária, através de sua postura. Isso porque o modo como se lida com a pessoa afeta todo o grupo. O homem cria realidades espirituais (comunidade, estado, filosofia, religião etc.) que são fenômenos suprapessoais.

Através do método fenomenológico, Edith Stein analisa a comunidade e a sociedade. Ela procura ver como as pessoas participam das formas sociais; para isso, ela leva em consideração a questão da intencionalidade de cada eu. Conclui, que existe uma sociedade quando as pessoas procuram se entender o que implica que cada sujeito considere o outro a partir de seu “alter ego”. Quando o sujeito reconhece no outro uma pessoa de igual dignidade relacional, tem-se a comunidade; trata-se da vida pública⁵⁸. Por outro lado, quando se lida com preconceitos e não há liberdade de expressão a base da vida comunitária é esfacelada. A filósofa busca constantemente compreender o homem, situando-o, em todas as suas obras como ser de liberdade. Para ela a razão e a liberdade são constitutivas da pessoa. Assim, a razão deverá agregar-se à liberdade. O ser humano nasce em liberdade; o que o prende é a sua própria natureza humana tão complexa e a sua submissão aos condicionamentos culturais. A pessoa, segundo Stein, possui potencial para alcançar a plenitude, através de sua liberdade. O ser humano deve desenvolver o seu potencial enquanto trabalha em meio às realidades nas quais está imerso, superando a sua própria natureza. Nesse sentido, Edith frisa a importância da subjetividade estar aberta a um constante “devir” da existência humana.

⁵⁸ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 477-478. Como já foi anunciada, a Tese doutoral de Edith Stein não foi toda impressa e as partes finais, assim como o primeiro capítulo, se perderam. Em sua autobiografia Edith Stein informa que dedicou alguns capítulos sobre a empatia do ponto de vista social, ético e estético. Na obra *Contribuições à Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito* ela retomará o assunto acerca do indivíduo e da comunidade.

1.2. A EMPATIA COMO BASE PARA A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

O tema central do pensamento de Edith Stein pode ser sintetizado pela expressão: antropo-onto-logia⁵⁹. Em cada escrito de Edith parece emergir a pergunta central sobre a essência e a estrutura da pessoa humana. Eis alguns exemplos: na dissertação sobre o *Einfühlung* se fala de uma abertura própria da pessoa humana em direção ao outro. Na obra *Ser Finito e Ser Eterno*⁶⁰ se diz que para se aproximar a compreensão do Ser Eterno (Deus) necessita-se partir do ser finito, que por excelência é o homem. Em *A estrutura da pessoa humana* aparece de modo evidente que para fundar uma reflexão pedagógica, necessita-se iniciar a partir da “doutrina sobre o homem”. No livro: *Indivíduo e comunidade* a descrição fenomenológica da constituição interna de uma comunidade é possível só a partir da compreensão do ser humano como ser de relação.

O modo de proceder de Edith Stein se diferencia de seu mestre, E. Husserl, na refutação da redução fenomenológica que coloca entre parênteses a existência, e no reconhecimento da importância da “pessoa humana concreta”. Para ela, não se pode reduzir a pessoa humana a um “Eu puro”, abstrato e idealizado⁶¹. Edith vê no “eu” um “eu” real que se move em um mundo espacial. O “eu” tem consciência, motivação, experimenta e é dotado de força vital: é um “eu” que vive⁶². Dessa forma, Edith Stein afirma que a experiência empática é originária, ou seja, o ser humano acontece com o mundo. Na *dimensão psíquica* estão os impulsos, os instintos e as reações humanas. O *espírito*, por sua vez, controla o *corpo* e a *psique*. O *corpo* desempenha a função de “mediador” entre a *pessoa* e o *mundo espacial*⁶³. Através de seu organismo, o *corpo* transmite para a *pessoa* as sensações externas⁶⁴. As qualidades psíquicas se dividem em vários níveis: das qualidades sensoriais, das qualidades do intelecto, que se denomina “caráter” da pessoa. A vida psíquica é própria da condição humana, pois existe uma força vital que caracteriza a psique, que anima a corporeidade⁶⁵.

⁵⁹ Esta expressão é tomada do título de um volume de Johannes Baptist Lottz.

⁶⁰ Edith Stein considera este “livro escrito por uma principiante para principiantes”. Nele ela se ocupa do significado do ser e procura aproximar a filosofia moderna às melhores formas da tradição filosófica.

⁶¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004. p. 56.

⁶² MARGARINO, op. cit., p. 19-21.

⁶³ MARGARINO, op.cit., p. 25. O corpo para Edith Stein é o primeiro dado de fato do próprio ser e, por isso é fundamental a sua análise, visto que pertence ao âmbito do sensível, que é indispensável para cada caminho do conhecimento, e, ainda faz o intercâmbio com o espaço espiritual e religioso.

⁶⁴ MARGARINO, op. cit., p. 26-31. Sem a mediação corpórea não se poderia compreender o ser humano. O corpo é o primeiro lugar do conhecimento, encontro e abertura em direção ao outro, espaço em que se vive o sentimento e a esperança de alegria e de dor, tornando-se “casa da alma” que, com seu movimento, “segue a lei da sua forma inteior”.

⁶⁵ GYRÃO, Maria L. S. *Justiça a Edith Stein*. Rio de Janeiro: o autor. 2010. p. 51-53.

O “*eu*”, segundo a autora, designa o interior da pessoa e a sua vida anímica ou espiritual, e designa o exterior da pessoa, como corpo ou organismo físico. Ela é precisa na busca de alicerçar a sua reflexão em sólidos fundamentos filosóficos, partindo de Descartes para garantir ao “*eu*”⁶⁶ o seu próprio ato reflexivo e sua certeza de existência, num mundo já existente. Assim, a realidade humana é considerada uma realidade composta, uma unidade de *corpo* e *alma*. A palavra *alma* era empregada para indicar tudo o que não fosse *corpo*. Portanto, como discípula de Husserl, analisa a *alma* em duas partes: a primeira é formada pelo *impulso psíquico*, que são atos não queridos, não controlados e nem originados na pessoa, mas que acontecem como reações a determinadas situações; a segunda que é chamada de *espírito*, é a parte que reflete, decide, avalia e está ligada aos atos da compreensão, da decisão e da reflexão.

A partir da fenomenologia, Stein descreve os fenômenos presentes na situação humana e os teoriza de forma rigorosa e sensível. Aborda o registro da corporeidade humana, o psicológico como questão da alma e a questão do espírito do ser humano relacionado à condição humana, que está em si e fora de si⁶⁷. Essa condição procura compreender o ser humano como um microcosmo, pois nele se apresentam diversas facetas do universo: mundo das coisas, mundo vegetal, mundo animal e mundo espiritual⁶⁸. A materialidade do ser humano procede dos minerais que estão presentes em seu corpo⁶⁹. Como os vegetais, o homem tem vitalidade, verticalidade e aparece como organismo completo; por sua vez, ele compartilha com os animais o fato de ser animado e ter mobilidade, contudo o que o diferencia dos animais é que os seus movimentos partem de sua vontade e não de seus instintos⁷⁰. Por fim, o ser humano pode olhar as experiências vividas e ter uma posição reflexiva sobre elas. Esse é o centro de onde surge a noção do “*eu*”⁷¹. A capacidade reflexiva do ser humano de fazer experiências e refletir sobre elas, faz dele um ser aberto para a transcendência, isto é, pode sair de si, ir em direção da exterioridade ou da interioridade. Esse movimento funda a espiritualidade do homem, configurada em sua busca de sentido; para ele,

⁶⁶ RICOEUR, op. cit., p. 110. Husserl em seu pensamento busca distinguir o eu puro, proveniente da redução fenomenológica, do eu homem, realidade deste mundo.

⁶⁷ A partir do método fenomenológico Edith Stein descreve o ser humano com os seus registros: corpo visto pela sua materialidade (olhar o corpo como coisa, reduzido a sua materialidade), pela sua funcionalidade (corpo visto como instrumento para transformar o mundo), corpo psíquico (corpo vivo) e objetificado (compreendido por meio de conceitos e não por experiência viva).

⁶⁸ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal.2005. p. 410. Edith Stein compartilha da mentalidade dos filósofos do Renascimento que chamavam o ser humano de “microcosmos”, pois no ser humano estão presentes todos os níveis do ser. Ele pertence aos âmbitos físico, biológico e psicológico.

⁶⁹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: editorial Trotta. 2004, p.59-61.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 87.

⁷¹ *Ibidem*, p. 116.

o significado das coisas e do outro o afeta tanto pela imagem, quanto pelo discurso que apresenta. Os fenômenos o sensibilizam porque tocam a sua dimensão existencial e o remetem a uma posição relacional frente ao outro ou às coisas que aparecem. Aquilo que existe, chega ao ser humano através de imagens, que são captadas por ele através do fenômeno da empatia, que “presentifica” as vivências, atualizando-as na consciência humana⁷².

Quando o homem se encontra diante de alguém; quando se está diante do homem que aparece em sua materialidade, ele não é um simples corpo material, mas uma materialidade viva e sensível⁷³. A alma humana⁷⁴ é o liame que vincula o corpo ao espírito⁷⁵, participando tanto da vida sensível, quanto da vida espiritual. Assim, o ser humano se apresenta como um ser que tem interioridade e que tem um centro a partir de onde age a sua alma⁷⁶. Edith Stein toma a noção bíblica do corpo, alma e espírito para melhor retratar a verdadeira dimensão do homem na natureza. Na pessoa, o corpo, a alma, e o espírito vão se compenetrando num processo dinâmico.

O ser humano se movimenta a partir de sua motivação, que brota de seu espírito. A forma expressiva de o espírito se manifestar se dá na corporeidade. O corpo se configura a partir do seu espírito; o corpo se move em meio a significados e sentidos. Os sentimentos humanos adquirem forma na corporeidade expressando alegria, tristeza e outras dinâmicas próprias do espírito que se externalizam na forma corporal⁷⁷, vivendo um contínuo processo entre atualidade e potencialidade. Parte da potencialidade se atualiza subordinando-se à vontade. As ações na vida são determinadas pela vontade. O espírito humano se coloca em abertura para o outro através de sua vontade, que aspira para um bem, o desejo, o amor.

⁷² *Ibidem*, p. 82.

⁷³ *Ibidem*, p. 61. A reflexão de Edith Stein esclarece a sua concepção de “*corpo vivo*”. Este se constitui de duas maneiras: como corpo vivo e sensível, percebido corporalmente, e como corpo físico percebido externamente.

⁷⁴ RICOEUR, op. cit., p. 109. A alma segundo Husserl deve ser entendida como um nível de realidade, ou seja, a ordem do psíquico.

⁷⁵ RICOEUR, op. cit., p. 133. O espírito é o princípio do pensamento e da reflexão do homem. Husserl informa que é característico da alma que “a pessoa se acha no centro de um meio ambiente qualificado por suas propriedades percebidas, afetivas, práticas, enriquecido pela cultura, pela ciência e pela arte e, consequentemente, sempre em devir”.

⁷⁶ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 67. Edith Stein pontua que a alma está consolidada no corpo vivo e constitui com ele o individuo psicofísico.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 114. Assim, define Edith Stein: o ser humano é um eu, que através de sua vontade e de seus atos, cria coisas que constituem um mundo. Os atos espirituais têm uma inter-relação, ou seja, um motiva o outro. Os sentimentos também seguem esta lógica, da seguinte forma: um sentimento motiva uma expressão de acordo com o sentido, e, este sentido delimita um domínio de possibilidades de expressão. Entretanto, os atos espirituais, sejam através de pensamentos ou de sentimentos, se submetem a lógica racional, com seus valores, sua ética e sua prática.

Quando se deseja algo, este algo tem um sentido para além dele. O espírito humano pode se colocar aberto ao outro, ao mundo, por meio da vontade de se abrir⁷⁸.

O homem é ontologicamente reflexivo, aberto para si mesmo e capaz de refletir sobre tudo o que se lhe acontece em suas diferentes dimensões vitais. Frente ao outro ele sempre age empaticamente por ser afetado pelo que o outro lhe apresenta. Em virtude desse fenômeno próprio da espécie humana, o ser humano tem experiências singulares, integrando o que o outro fala com o que ele sente. O homem faz experiência do que o outro vive, uma vez que o outro o habita continuamente. A interioridade humana é comunitária e a experiência do outro passa a nuclear a vida da pessoa. O ser humano é açambarcado e mantido pelo comunitário. Assim, o caminho espiritual e psíquico do homem depende da comunidade que o sustenta⁷⁹.

A comunidade humana é composta de pessoas, cuja singularidade propicia um encontro com a realidade espiritual do outro. É aqui precisamente, em relação à vida espiritual do outro, que a empatia se torna propriamente um ato constitutivo do “eu”. Na medida em que a pessoa é capaz de acolher esta dimensão do humano é que pode alcançar o propriamente humano em si. Por isso, para Edith a constituição do homem se compreende em seus atos cognitivos e também como um ato com implicações metafísicas, que é capaz de efetuar uma transformação real no sujeito, através da participação na vida do outro, vivida a partir de sua interioridade.

1.2.1. A NOÇÃO FENOMENOLÓGICA DO “OUTRO”

A teoria da *Einfühlung* pertence à fenomenologia descritiva unida à fenomenologia da percepção; com a percepção do “outro” se incorporando à significação do mundo que se é percebido. Ela está implícita na constituição dos objetos culturais, da linguagem, das instituições. Husserl em seus ensaios fenomenológicos⁸⁰ se propôs descrever como o “outro” aparece, em quais modos perceptivos, afetivos, práticos. Na *V Meditação cartesiana*, Husserl segue a tendência idealista buscando constituir o “outro” em “mim”. Pretende respeitar o próprio sentido que se liga à presença do “outro”, como um “outro”, que não sou “eu”; que tem seu mundo, que me percebe, que se dirige a mim e trava comigo relações de

⁷⁸ SAFRA, Gilberto. *O ser humano: corpo, psique e espírito*. Estudo de Edith Stein, Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost. Aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 12 de agosto e 2 de setembro de 2006. “1 DVD”.

⁷⁹ STEIN, Edith. *Obras Completas II*, escritos filosóficos. Etapa fenomenológica: contribuciones a la fundamentacion filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu: causalidad psíquica, individuo y comunidad. Burgos: Monte Carmelo, 2005. p. 407.

⁸⁰ Em especial Husserl trabalha a questão da *Einfühlung* em suas obras: *Problemas fundamentais da fenomenologia e Meditações Cartesianas*.

intersubjetividades, de onde surgem um único mundo da ciência e múltiplos mundos da cultura. Husserl, em *Ideen II* (III parte), opõe radicalmente a constituição das pessoas à da natureza⁸¹. A pessoa seria um surgimento absoluto de presença, enquanto as coisas que aparecem são uma forma de oposição que a descrição impõe.

A tese “Sobre o problema da empatia” de Edith Stein, no movimento fenomenológico, vai coincidir com as contribuições sobre o mundo intersubjetivo, que é uma questão básica para superar o problema do solipsismo⁸². Essa tese tem como núcleo a aplicação da redução fenomenológica, no momento em que dois sujeitos são capazes de aproximar-se tanto, que a experiência de um é integrada na vivência do outro. Edith Stein busca uma resposta ao problema relativo ao “eu”, centro da pessoa humana, e ao problema relativo ao significado do ser em geral. Investiga, ao mesmo tempo, a verdadeira essência da empatia e qual seja o momento empático que caracteriza a relação intersubjetiva. Ela trata, portanto, do fenômeno filosófico da empatia, muito além do simples acordo em sintonia com as criaturas; esse é o nível da simpatia, enquanto a empatia afeta o centro da pessoa, seu querer e sentir⁸³. Essa capacidade de compreensão da experiência alheia é a base da sociabilidade humana. Podemos compreender, conviver e estabelecer relações intrapessoais⁸⁴.

Na aplicação do método fenomenológico sobre o relacionamento humano, a filósofa intui que a subjetividade é de fundamental importância para a convivência com o “outro” e o mundo onde se desenrolam as relações. O ser humano recebe impressões do mundo e das outras pessoas e o resultado disso é que terá sua própria vivência, elaborada e reelaborada em seu próprio ser, no seu “eu”.

Há um conjunto de experiências que o “outro” revela, que se pode acompanhar à medida em que ele se expressa. Não há como não ouvir o “outro”. Quando eu ouço o “outro”,

⁸¹ RICOEUR, op. cit., p. 88-89. Husserl tentou reunir em uma obra de conjunto a interpretação filosófica de seu método e os exercícios metodológicos que deveriam ao mesmo tempo dar-lhe desenvolvimento e justificá-la. Entretanto, o seu projeto não foi à frente, o que fez com que os seus leitores só conhecessem a exposição sistemática que deveria servir de introdução ao conjunto das *Ideen*, sob o título *Ideen I*. Introdução a uma fenomenologia e uma filosofia fenomenológicas puras. Quanto às *Ideen II* e *III*, embora inteiramente redigidas, permaneceram inéditas até 1950, quando os Archives-Husserl de Louvain publicaram a primeira vez em *Revue de Métaphysique et de Morale*, 57.1952, que por sua vez foi reproduzido em *Phénoménologie, Existence*. Paris: Vrin, 1984, p. 23-76.

⁸² RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia: Edmund Husserl: a V meditação cartesiana*. Petrópolis: Vozes. 2009. p. 216-219. Trata-se do isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação a outras consciências.

⁸³ BELLO, op. Cit. p. 53. Nos idiomas neolatinos existe a palavra *simpatia* que significa *sentir com*: “eu sinto com, estou perto de.” Também existe a palavra *antipatia* que significa “eu estou contra”.

⁸⁴ A Fenomenologia de Edmund Husserl, Por Francisco Renaldo Costa. Extraído: <http://blogfilosofiaevinda.com>. Acessado em 20 de abril de 2011.

o meu corpo e minha alma se movem por aquilo que ele expressa⁸⁵. O “outro” é uma ação comunitária. Posso escutar o “outro” e acompanhá-lo no circuito de suas experiências. De modo tal que essas experiências se reproduzam em mim, na minha alma, no meu corpo porque toda escuta é empática. Corpo e alma se afetam pelo relato do “outro”. Isso leva a um fenômeno de repertório de experiência que vivemos em nossa biografia e o repertório de experiência que acontece em nós pela presença do “outro”. Tudo se dá pela relação empática. Existem em nós espaços de experiências que eu nunca vivi, mas que o “outro” viveu e que pela relação empática existe em mim. Eventualmente, articulam-se algumas dessas experiências que existem entre si no “eu”.

As investigações fenomenológicas das teorias genético-psicológicas da empatia conduzem Stein a verificar a serventia das mesmas para a apreensão da natureza do ato empático, do desenvolvimento do seu processo de atuação, da sua consumação, e como é vivido na sua máxima plenitude. Afirma, que apesar da individualidade de cada ser humano, é possível compreender a consciência do “outro” e acolher o fenômeno "da experiência vivida" na sua essência. Em sua tese doutoral, Edith Stein discute e lança as bases para uma compreensão humana fundada na empatia, que é muito mais do que perceber o sentir do “outro” como próprio; é reviver as ações e os sentimentos do “outro”, é sentir com ele, é ter a capacidade de compreendê-lo, de saber partilhar com ele pensamentos e emoções em diferentes situações. A empatia⁸⁶ pode ser considerada, ainda, como a capacidade de penetração afetiva, e de saber se colocar no lugar do “outro” sem perder a própria individualidade. É uma especial percepção do “eu” em relação ao “tu” e um saber sobre o “outro”⁸⁷.

O problema do “outro” traz às claras a tendência descritiva da fenomenologia, em respeitar a alteridade do “outro”, e a tendência dogmática de fundar o “outro” na esfera primordial de pertença do *ego*. A preocupação descritiva e a preocupação dogmática encontram o seu equilíbrio na ideia de uma apreensão empática do “outro”. Dessa forma, o “outro” está lá; é ele mesmo. No entanto, eu não vivo o seu vivido. O “outro” é apenas

⁸⁵ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p.96-103. Neste longo trecho, Edith Stein apresenta a questão do Corpo vivo alheio como portador de fenômenos de expressão. Ela discorre acerca da postura de T.Lipps sobre o assunto e passa a elucidar a sua concepção do fenômeno da expressão.

⁸⁶ PERETTI Clélia. *Pedagogia da empatia e o diálogo com as Ciências Humanas em Edith Stein*. Rev. abordagem gestalt. vol.16 no.2 Goiânia. dez. 2010. Disponível em: <http://gtedithstein.blogspot.com>. Acessado em 18 de abril de 2011. Edith Stein salienta que para entender a empatia é necessário considerar "qual o mecanismo psicológico que se coloca em ação no âmbito da vivência da empatia e, em que modo o indivíduo, nas várias fases do seu desenvolvimento, conhece este mecanismo". Peretti assinala que esta distinção esta presente somente em nota, porque provavelmente Edith Stein não a insere no conceito para não se distrair na elaboração do seu pensamento.

⁸⁷ PERETTI, op. cit.

“presentificado”, mas tendo por fundamento o seu corpo e seus sentimentos, que são “apresentados” com evidência originária na esfera de minha experiência vivida, co-originada. “Em mim” é apresentado um corpo que presentifica um “outro” vivido diverso do meu. Esse vivido é uma vivência como a minha, em virtude da equiparação entre meu corpo aqui e o outro corpo lá adiante. Essa configuração, em dupla, funda a constituição empatizante entre o vivido do outro e o meu⁸⁸.

1.2.2. A INTERSUBJETIVIDADE DIALOGAL

A empatia se identifica com o processo da intersubjetividade, a partir da concepção Steiniana de que só se compreende o outro profundamente, quando se pode compreender qual é o fim de sua realização. Isso, por sua vez, coincide com o “telos” pessoal de todo ser humano: “o ato de amar”⁸⁹. A relação empática permite superar os limites da aparência e, também, colocar em destaque as forças interiores direcionando emoções e sentimentos, a fim de que a pessoa possa descobrir seu espaço pessoal, social e profissional, tornando-se um cidadão responsável, produtivo e solidário. Edith Stein, mesmo não sendo cristã, quando escreve sua Tese, através dos ensinamentos judaicos acerca da importância do ser humano, pronuncia algo que é próprio dos valores cristãos, cujas raízes estão nos ensinamentos da Torá⁹⁰, os quais, por sua vez, nos lábios de Jesus de Nazaré, ganharam novo relevo⁹¹. Edith afirma que não se ama o outro porque ele faz o bem, mas porque é valioso, por si mesmo. Desta concepção se pode concluir, que mesmo não escrevendo nada sobre a questão do diálogo Inter-religioso, Stein já deixa margem para toda uma dissertação sobre o assunto. Quando abre sua reflexão para a ação divina sobre possíveis mudanças no interior da pessoa⁹², acena para algo que fundamenta a existência do ser humano dialógico. Isso se pode ver na reflexão sobre o espírito da pessoa humana.

A autora aborda a dimensão espiritual do homem, como transcendência. Com isso quer focalizar a abertura do homem para o mundo e para algo além de si mesmo. O espírito humano é aberto para fora e também para a própria interioridade. A abertura externa do

⁸⁸ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 52.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 116-120.

⁹⁰ Em particular no Êxodo e Deuteronômio se encontram as leis de valoração da pessoa, para uma reta convivência social. Êxodo 20 narra a constituição do povo de Deus e em Deuteronômio há um esmiuçar desta constituição. Os outros livros (Genesis, Levítico e Números) de diversas maneiras literárias também fazem alusões diretas e indiretas ao processo da fraternidade dialogal.

⁹¹ No evangelho segundo Mateus, no quinto capítulo, encontra-se um longo discurso de Jesus acerca das relações humanas e se conclui com a proposta inalienável do amor que plenifica toda a vida social.

⁹² STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 135.

espírito humano o coloca numa condição de necessidade do “outro”. A visão Steiniana do homem como alma é retomada, na medida em que a filósofa, para falar da alteridade, informa que a alma humana é comunitária. Cada ser humano está vinculado ao “outro” por meio da alma. Quando o homem toma consciência de si mesmo, ele percebe a sua precariedade, porque dá conta de que na sua consciência tudo é fluxo, não há perenidade. O ser humano percebe que a sua vontade se afunila a cada momento. As suas atitudes o fazem se sentir vivo, pois faz parte da constituição de si aquilo que se transformou em algo concreto frente ao “outro”. Por outro lado, aquilo que existe em potencialidade é a alma; só se transforma em espírito aquilo que se realizou⁹³.

O momento presente, que se esvai na fração do tempo, dá a compreensão para o ser humano do que seria ter vida plena, onde todas as potencialidades podem se manifestar no agora. É nessa experiência de si que o homem concebe o divino, como algo que é plena realização no agora. A consciência do divino está sempre presente na mente humana como referência, pois o espírito humano tem esta abertura para a transcendência, isto é, o homem concebe um ser que é potência de ser, como matriz do movimento da religiosidade⁹⁴. A natureza espiritual do homem exige que ele se conheça e se coloque em disponibilidade em relação ao “outro”.

Na obra *“Uma pesquisa sobre o Estado”*, Edith Stein afirma que a comunidade é caracterizada pelo fato de que os indivíduos devem viver, num sentido rigoroso, “uns com os outros”, pois é natural a disposição do espírito de estar aberto à relação interpessoal. Isso possibilita a interpretação de que cada pessoa deve possuir a consciência de sua singular posição social e religiosa e, conseqüentemente, o respeito pela função dos “outros”. A filósofa, a partir da empatia, vislumbra uma sociedade harmonizada e equilibrada, graças à vontade íntegra do ser humano de edificar o mundo como extensão de seu próprio ser. Entretanto, a visão Steiniana contrasta com a realidade que ela vive, de entre guerras, pobreza, militarização da Alemanha, crescimento do antissemitismo, desqualificação da mulher e frustração das expectativas do século XIX, acerca do progresso nas áreas das Ciências em geral, que daria mais qualidade de vida para a humanidade.

A intuição de Stein, acerca do papel fundamental da empatia, certamente, conforta, reanima seus contemporâneos, pois se adéqua à realidade de sua época, mas também a

⁹³ SAFRA, Gilberto. *Conhecimento, Espírito e Amor: os eixos principais da condição humana. Estudo sobre Edith Stein*. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 06 de agosto de 2005. “2 DVD”.

⁹⁴ STEIN, Edith. *Obras Completas IV, escritos antropológicos y pedagógicos*. Burgos: Monte Carmelo, 2003. p. 572.

extrapola, porque a compreensão da pessoa no que concerne a sua dimensão espiritual coloca o ser humano em contato com o mundo da cultura. O “homo faber” cria tudo aquilo, que se estende de seu ser ou o que lhe falta. Produziu todos os objetos para seu uso, assim como, todas as obras que exprimem as nuances correlatas do seu espírito, as quais se tornou realidade. O compartilhar as obras criadas e a sintonia em comungar os mesmos sentimentos denotam a alteridade presente em cada ser humano. A empatia é intersubjetividade, cuja essência, para Edith, está na base da compreensão e percepção do “outro”. Logo, toda forma dialogal se faz intrínseca ao humano. Esta visão Steiniana possibilita – mesmo que ela não toque explicitamente no assunto – estabelecer uma base para acolher e dialogar com o “outro”. A característica da percepção dialogal está no sentido de que o ser humano possa estabelecer relações de forma originária. É próprio do homem ter as mesmas semelhanças estruturais, através do ato empático, ou seja, o “eu” capta o mistério do “outro” não manifestado de forma explícita, mas comunicado pela intersubjetividade. O fenômeno da religião se apresenta com suas características próprias, o seu conteúdo está presente no homem e o interpela a uma vivência em comunidade e a uma experiência do *Totalmente Outro*. Empaticamente, o ser humano experimenta originariamente o apelo para o diálogo, em virtude de sua constituição, que o desestabiliza de sua solidão e o incita à busca de outrem.

Nesse sentido, é imprescindível reconhecer na subjetividade do “outro” a sua abertura e o seu chamado ao transcendente. Isso se dá por meio do ato empático, que coloca o indivíduo em condições de estar com o “outro”. A empatia fecunda a possibilidade de um viver genuinamente humano numa sociedade dialogal. Entretanto, pessoas que foram desrespeitadas por suas convicções criam barreiras, verdadeiras fortalezas, como o fundamentalismo, que impossibilitam o diálogo. Elas temem o encontro com o “outro”. Nessas situações o ato da empatia, enquanto ato concreto e originário, tem a missão de facilitar a redescoberta do “outro”, enquanto um ser que tem em sua interioridade um apelo para a comunhão. O encontro se dará se o indivíduo se colocar frente ao “outro” em disponibilidade, por amor. Edith Stein pontua que “só o olhar de amor, consciente de sua responsabilidade, que não perde de vista a pessoa humana, terminará descobrindo uma brecha pela qual entrará e derrubará os muros da fortaleza”. Ela prossegue a sua reflexão ponderando que “Só o amor e o respeito pela sacralidade do outro pode possibilitar o encontro”⁹⁵. Isso implica o conhecimento da pessoa e a compreensão de sua orientação na vida, ou seja, o sentido último que esta pessoa escolheu para si que, por sua vez, denota as suas marcas, as

⁹⁵ *Ibidem*, p. 575.

suas feridas e aquilo que originou o seu modo de ser. A partir desse conhecimento, compreensão e acolhida é possível se estabelecer um vínculo fraterno. O processo dialogal se fundamenta na empatia, que encontra na percepção o modo próprio de atuar junto ao “outro”, através do acolhimento, do conhecimento e também da partilha experiencial vivida pelo “outro”. Dessa forma, a postura empática torna-se intersubjetividade dialogal, relevante para humanizar as relações e promover a fraternidade entre as pessoas de uma sociedade.

O ser humano é um ser comunitário e produz fenômenos sociais. Um fenômeno é que o homem está aberto aos sentidos e está acompanhado pelos outros seres humanos. Cada homem é um centro de acontecimentos por ser um ser de liberdade e ter uma criatividade originária. O homem, diferentemente dos entes, promove acontecimentos e cria sentidos. Assim, como o ser humano frente aos entes da natureza está aberto aos sentidos, frente às pessoas ele se encontra e se reconhece, pois o “outro” é também um centro de acontecimentos. A vivência entre os seres humanos implica que as pessoas estejam abertas umas para as outras ontologicamente. Isso constitui um contexto de compreensão porque buscam um sentido comum. Essa abertura momentânea coloca as pessoas mais próximas da verdade. Esse sentido faz do ser humano um ser comunitário. Conviver é reviver a experiência do “outro” em si mesmo. A experiência do “nós”, apesar da singularidade individual, permite que a pessoa tenha um acréscimo de força de vontade de decidir, repudiar, escolher ou assumir uma determinada postura na vida. A força de uma pessoa aparece de forma singular. Essa força é composta da faceta corpórea (física), pela força anímica e também do espírito. O momento de uma explosão emocional é anímica. A luta por um ideal é espiritual. A força aparece como uma unidade, mas são várias as fontes de força⁹⁶. As diferentes fontes ou registros de força variam pela constituição da pessoa; um exemplo disso é a própria Edith Stein, que tinha uma estrutura corporal frágil, mas uma vida espiritual fortíssima.

1.3. A DIMENSÃO ÉTICA E ESPIRITUAL DA ALTERIDADE

O homem, na sua espiritualidade, cria novos sentidos e sabe de si, porque está sempre defronte a si mesmo e a sua existência. O sentimento no homem é também um sentir. Com essas características o homem pode projetar o futuro. O sentimento afeta a pessoa por meio da

⁹⁶ SAFRA, Gilberto. *A dimensão do espírito no ser humano*: apreensão do sentido originário inerente às coisas e ao outro. Estudo de Edith Stein. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 11 de novembro de 2006. “1 e 2 DVD”. Nestes DVDs se encontram as reflexões e os estudos de Gilberto Safra sobre Edith Stein, de forma mais abrangente que o assinalado nesta reflexão.

compreensão, pois todo ser humano acontece ao lado de “outro”. O homem tem a característica de estar em si e para além de si, sem perder nada de si mesmo: isso é a vida espiritual. A pessoa espiritual tem a peculiaridade de ser vida consciente, sempre dirigida ao sentido último. O comportamento não pode ser compreendido a partir de instintos, mas de motivações. No homem o que determina o seu comportamento é o motivo que está diante de si, que é um sentido. Entretanto, o que acontece é que muitas vezes o homem supõe encontrar numa necessidade instintiva o sentido que ele busca.

A resposta humana às suas demandas interiores implica uma responsabilidade, de cunho ontológico. O homem é responsável porque tem que se decidir em direção a possíveis fins. Os fins que o ser humano escolhe acontecem em três registros fundamentais: primeiramente, conhecendo o sentido da vida espiritual do mundo, aspirando à verdade, que é uma necessidade ontológica⁹⁷. Em seguida, o movimento de conhecimento deve levar o homem a querer se transcender, sempre aspirando um bem. A terceira possibilidade de abertura do ser humano é dada pelo sentir. A transcendência no homem acontece pelo conhecer, querer e sentir. Conhecer, aspira à verdade; querer, aspira ao bem e o sentir, aspira à beleza. A singularidade no ser humano será dada pela maneira como a pessoa tece a sua existência, tentando compor um projeto de vida, que contemple a verdade, o bem e a beleza.

A interioridade do homem tem mobilidade e acontece através dos pensamentos, imaginação, sentimentos, linguagem e projeção. Essa abertura coloca o ser humano em liberdade para o infinito e faz dele um ser transcendente, por isso ele é um ser espiritual.⁹⁸ A dimensão espiritual se revela pela experiência da liberdade humana. Stein desenvolveu através da fenomenologia da expressão o modo originário como essa experiência de liberdade acontece na realidade. Toda atitude expressiva reflete a realidade que em seu gesto transcende as determinações espaços-temporais da causalidade. É reflexo de um sujeito que dá sentido aos gestos e palavras utilizadas para transmitir uma mensagem. A liberdade do “eu” se verifica na capacidade de expressão e no voltar-se significativamente para o mundo. A expressão se mantém no âmbito da iniciativa e da liberdade individual e, por isso, vai além da

⁹⁷ A verdade é uma necessidade ontológica porque é a possibilidade que o homem tem de captar como espírito o ente tal como ele é. Para esta apreensão o critério de verdade é desvelar o sentido originário de um ente tal como ele se apresenta. Cada pessoa está aberta aos sentidos de forma originária. Por outro lado, o modo não originário é a recordação, presentificação do que foi sentido por outrem e captado pelo eu no momento em que este toma conhecimento do episódio ocorrido.

⁹⁸ SAFRA, G. *O ser humano: corpo, psique e espírito*. Estudo de Edith Stein. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 12 de agosto e 2 de setembro de 2006. “2 DVD”.

capacidade humana de representação. Por trás de toda expressão, encontra-se a vontade do “eu” chamado a voltar-se significativamente para a sua própria exterioridade⁹⁹.

A filósofa vive um drama existencial no momento de composição de sua tese doutoral¹⁰⁰. Ela se depara com a frustração dos intelectuais europeus, que acreditavam na prosperidade social, graças aos avanços e descobertas do século XIX. Para ela, falar de liberdade é fundamental, pois a experiência da Primeira Guerra Mundial trouxe à tona a realidade decepcionante da escravidão humana às ideologias e aos bens materiais. A partir da liberdade espiritual afirma que o determinante para o homem ser livre é o defrontar-se com seu próprio interior, pois é no mais profundo do ser humano que está à liberdade para existir. A pessoa em contato com seu eu mais íntimo pode ter atitudes que efetuam o progresso evolutivo da humanidade. Dessa forma, é possível superar a busca do poder que oprime e a superação das limitações destrutivas presentes no interior do homem. Edith acredita que o homem possui potencial para alcançar a plenitude. Isso se dará na medida em que a pessoa fizer a “travessia pela caverna dos sentidos, onde o cautério, as chagas, são abrandadas pelo toque suave da descoberta do místico, da arte, da liberdade no mais profundo do homem¹⁰¹”.

Tudo o que compõe o mundo do homem está alterado pelo seu “eu”, tem as marcas do seu espírito, a ponto do “eu” reconhecer no mundo do “outro” o seu modo próprio e individual de ser. A experiência de Edith Stein de servir na Primeira Guerra Mundial como enfermeira da Cruz Vermelha a fez se deparar com o que ela discute em sua obra sobre a Empatia¹⁰². A liberdade humana fraquejando diante dos poderes temporais, e o ser humano enquanto materialidade, sendo ferido e morto, como alma, perdendo a sua sensibilidade, causando e sofrendo os horrores da guerra e, por fim, vendo o espírito humano, em sua singularidade, perdendo a sua interioridade, ou seja, a sua capacidade de refletir e apostar a

⁹⁹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 69-74. Nestas páginas a autora descreve minuciosamente sobre os fenômenos da expressão, que procedem da vivência e se ajustam ao material expresso através da linguagem e significado. A liberdade surge no contexto das vivências da vontade, que tem um valioso significado para a constituição da unidade psicofísica. A vontade se serve do mecanismo psicofísico para realizar a sua expressão.

¹⁰⁰ STEIN, Edith. *Da vida de uma família judia*. A Vida de Edith Stein: infância e juventude. Herder: Friburgo-en-Brisgau, vol. VII. 1991. p. 246. O trecho abaixo descreve o estado de espírito de Edith Stein no período de redação de sua tese doutoral: “Pouco a pouco eu mergulhava numa verdadeira confusão. Era a primeira vez na minha vida que me confrontava com alguma coisa que resistia à minha vontade. Muitas vezes tinha me gabado de ter uma cabeça mais dura que as mais grossas muralhas, e eis que agora eu batia a frente num muro inflexível, que recusava ceder. Isso levava-me tão longe que eu achava a vida intolerável. Não podia mais atravessar a rua sem desejar que um carro me atropelasse. E, quando fazia uma excursão, esperava ter uma queda e dela não escapar. Falando sério, ninguém suspeitava do que se passava em mim.”

¹⁰¹ JESUS, Elisângela Maria. *Edith Stein: a liberdade no mais profundo do homem*. Disponível em: http://www.paralerepensar.com.br/elisangela_edithstein.htm. Acessado em 03 abr. 2011.

¹⁰² HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Éditions du Signe. 1997 p. 12. Edith Stein considerou seu dever servir na Primeira Guerra como voluntária e foi enviada ao Hospital de moléstias contagiosas em Mährisch-Weiskirchen em 1915.

sua vida em valores que norteiam a sociedade em vista do bem comum¹⁰³, constituem, por assim dizer, o “Sitz in Leben” de seu tratado.

A autora insiste na possibilidade humana de alcançar o equilíbrio psíquico e superar as suas contradições. Isso ela concebe a partir de sua visão do homem, enquanto uma existência inacabada, como um projeto em constante aperfeiçoamento pertencente ao próprio ser humano. A liberdade do homem tem a potencialidade de atingir o indivíduo em sua singularidade pessoal. A liberdade, portanto, está no nível do autodomínio, e para essa liberdade ocorrer o ser humano necessita estar no seu “lugar”. Esse espaço não supõe uma subjetividade estéril, mas situa-se no invariável “dever” da vida humana¹⁰⁴.

1.3.1. DO “NON LIQUET” À “ASCENSÃO AO SENTIDO DO SER”

Edith Stein termina o seu livro “Sobre a problema da Empatia” com a frase “*non liquet*”, isto é, “*não está claro*”. Para ela, neste momento, ainda falta clareza acerca da possibilidade de se empatizar ou não com um “Espírito Protetor” ou com a “Graça Divina”. Ao término de sua tese doutoral, Stein se deparou com a questão do fenômeno religioso e viu aí algo que se deve respeitar e levar em consideração. É isso que a sua vivência demonstrou, assim como, os seus escritos posteriores. Num crescendo teórico, as obras steinianas terão uma base antropocêntrica, um eixo intersubjetivo e culminarão com a confirmação da possibilidade de que o ser humano pode se empatizar com o ser divino, que de diversas formas, segundo as tradições religiosas, busca também a pessoa humana para essa comunhão¹⁰⁵. Isso é fundamental para o diálogo Inter-religioso, pois o *Ser Absoluto*, que recebe tantos nomes e, ao mesmo tempo, no judaísmo é inominável, se apresenta, segundo Edith Stein, extremamente misericordioso. Isso ela deixa claro quando escreve para uma amiga, por ocasião da morte de seu mestre Edmund Husserl:

Não tenho preocupação alguma pelo meu querido professor (Edmund Husserl).
Estive sempre muito longe de pensar que a misericórdia de Deus se reduzisse às

¹⁰³ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 115. Edith Stein resume dizendo que “*o sujeito espiritual está submetido por essência a leis racionais e que suas vivências estão em um conjunto de idéias, sentimentos e opiniões compreensíveis*”. Isso leva a crer que a complexidade humana, com suas rupturas, levou o homem a mergulhar-se nas trevas da falta de diplomacia e ao totalitarismo, que avassalaram a Europa nas primeiras décadas do século XX.

¹⁰⁴ JESUS, op. cit., disponível em: http://www.paralerepensar.com.br/elisangela_edithstein.htm. Acessado em 03 abr. 2011.

¹⁰⁵ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser*. Mexico: Fondo de cultura económica. 2002. p. 533. “Se toda a criação estava prefigurada no Logos, a humanidade então estava figurada também, de forma particular. Aí está de fato o sentido do ser humano: nele o céu e a terra, Deus e a criação devem unir-se”.

fronteiras da Igreja. Deus é a verdade. Quem busca a verdade, busca Deus, seja ou não consciente disso.¹⁰⁶

A busca pela verdade, que dá sentido à vida humana, faz com que Edith Stein transmita em suas obras a necessidade de se buscar o essencial, para que o ser humano não se perca em trivialidades. No *Einfühlung* Edith Stein apresenta os elementos que compõem o ser humano e sinaliza a necessidade do equilíbrio entre corpo, psique e espírito, para que a pessoa humana viva em harmonia consigo e com os sujeitos a ela estranhos¹⁰⁷. Esse processo empático do eu faz com que se retome o que já foi frisado acerca da existência de um núcleo central no ser humano, de onde emana a verdade de si mesmo, um centro a ser escutado, conhecido, acolhido como fonte de autenticidade, que, por fim, deve ser respeitado, em primeiro lugar, pela própria pessoa.

Edith Stein é uma grande pedagoga. Com uma visão panorâmica de suas obras e um aprofundamento na sua Tese doutoral, o *Einfühlung*, que é o tema desta dissertação, pode ser apreciado um ensinamento crescente da ascensão dialogal e comunhão do homem, ser finito, com o mistério inefável do Absoluto, Ser Eterno. Isso para a realidade do século XXI é de um poder inenarrável. Em meio a tanta falta de sentido, experimentada pelo ser humano, a proposta formativa de Edith Stein é que ao ser humano¹⁰⁸, independente de sua faixa etária, lhe seja apresentada a sua condição limite e finita. Todavia, ao mesmo tempo, lhe seja indicada uma via de acesso às virtudes, que lhe possibilitarão uma vivência satisfatória ainda nesta terra e, para os que têm uma convicção religiosa, a plenitude na comunhão com o Ser Eterno. Assim, diante da realidade precária, da condição humana, existe a possibilidade de uma vivência honesta entre as diversas culturas e tradições religiosas, através da tolerância, acolhida, simpatia, proporcionadas pela vivência da empatia. Conforme a leitura steiniana do ser humano, surge o respeito ao “outro” e ao mesmo tempo a consideração de que este “outro” é meu semelhante, em virtude da estrutura que existe em comum entre todos os humanos.

Entretanto, o percurso proposto por Stein é bastante exigente, pois pede do ser humano um contínuo autoconhecimento e uma responsabilização por seus atos, porém, mais do que isso; também responsabilidade por sua existência¹⁰⁹. Aqui está uma contribuição humanista e

¹⁰⁶ HERBSTRITH, op. cit., p. 243.

¹⁰⁷ Em sua obra *Ser Finito e Ser Eterno*, Edith Stein retoma a estrutura do ser humano: corpo, alma e espírito e apresenta toda uma evolução de sua forma de refletir a pessoa humana, mas agora a partir da conciliação entre fé e razão.

¹⁰⁸ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed. São Paulo: Loyola. 1987, p. 55-60.

¹⁰⁹ Este autoconhecimento, para Edith Stein, se dá pela busca da essência da pessoa, evidenciada em sua vivência. Como fenomenóloga e profundamente antropocêntrica, ela almeja que o ser humano se descubra em

social de Edith para a sociedade massificada, ou seja, ela convida a pessoa a se deparar com o seu próprio ser e a buscar a sua verdade primeira, a qual é, justamente, a resposta para seus anseios: Deus¹¹⁰. Ao escrever a partir do pensamento de uma judia-católica romana não se tem como escapar da força das Escrituras Hebraicas e Cristãs, que aponta para Deus como referencial de sentido para a existência humana. Ele também se torna critério para a convivência equilibrada das pessoas na sociedade e jamais se pode usar seu nome para dividir povos e desarmonizar culturas e famílias¹¹¹. Àquele a quem Edith Stein tinha insegurança, acerca da possibilidade da empatia no término de sua Tese doutoral, tornou-se para ela o caminho de salvação para a humanidade, pela busca empática do mistério divino para se aproximar do coração humano. Nas Sagradas Escrituras se encontram, de modo original, o fenômeno da empatia acontecendo e unificando o Ser Divino com o ser humano. Essa parceria, do homem com o mistério de Deus, lhe concede uma originalidade que deve arrancá-lo de toda forma de massificação, corrupção e degradação do mundo criado¹¹².

Edith Stein, ao centrar o seu olhar sobre o fenômeno humano de sua época, ilumina o nosso tempo, clamando para que os povos da terra assumam uma postura empática com tudo o que é criado. O parentesco existente, em nível espiritual, com o ser divino faz do homem co-criador, ou seja, toda a sua criatividade deve servir para o bem da humanidade, respeitando os limites, a ética e a cultura de cada povo. A vocação do homem, de viver com os seus semelhantes, independente de sua tradição religiosa, preferência sexual, cor, nacionalidade, etc., é de uma preciosidade divina. Por isso o esforço de Edith, em seus escritos e em sua vida, para que o ser humano se conscientize de sua responsabilidade pelo seu próximo. A vida psíquica do homem é uma construção; em outras palavras, a sociedade precisa dar formação humanista para os seus membros, pondo fim ao analfabetismo e rechaçar toda forma de discriminação social. O fato é que se torna difícil criar uma vivência pacífica e harmoniosa entre os povos, quando o que proporciona a empatia em nível psíquico, ainda está

seu valor, enquanto obra da criação e, posteriormente em sua evolução, ela afirmará enquanto digno da filiação divina.

¹¹⁰ GARCIA, op. cit., p. 65-78. Edith Stein, como pedagoga, toma o homem pela mão e vai ensinando-o a se conhecer. Ela lhe apresenta a sua estrutura psicofísica e quando abraça a fé lhe propõe buscar a verdade íntima de seu ser, onde encontrará Aquele que lhe remeterá ao encontro com o “outro”, seu semelhante.

¹¹¹ KNITTER, Paul F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo; Paulinas. p. 25-26. Nesse sentido aconteceu em 1993, em Chicago, nos Estados Unidos, o Parlamento Mundial das Religiões. A imagem ideal de comunhão, entre as igrejas, sinagogas, templos e mesquitas, virou tarefa de realização, concretização, a partir do diálogo em escala internacional dos membros destas religiões, para o bem da humanidade.

¹¹² Nas Escrituras Hebraicas e Cristãs encontra-se, em várias passagens, o próprio Deus chamando pessoas concretas para uma parceria com ele, por exemplo: Moisés e Jesus. Através de seus escolhidos, o Senhor Deus deseja também fazer aliança com todo o povo, conforme Jeremias 31,31-34. Entretanto, a cada pessoa em particular Ele fala ao coração, conforme o livro Cântico dos Cânticos 8,4, e a cada pessoa ele dá a liberdade e pede satisfação por seus atos nesta terra, conforme o livro de Ezequiel 18,2.

desniveado, por fatores sociais e humanitários. Daí a ênfase de Edith na responsabilidade do ser humano por seu semelhante: um tem a missão de promover o “outro”, para que ambos atinjam um patamar de parceria dialogal e respeito mútuo, que os leve a um enriquecimento, para se atingir o nível espiritual da empatia.

Enquanto, não se chega a este horizonte de convivência harmoniosa, a sociedade continuará a viver situações de barbárie, como na época de Edith Stein. Uma sociedade massificada despersonaliza o homem, que perdendo os seus valores, deixa vir à tona os seus instintos primitivos, os quais Stein vai tratar no *Einfühlung* como fenômeno da expressão, que aproxima as ações humanas das dos animais¹¹³. De forma lúdica, a empatia com os animais de estimação faz muito bem ao ser humano, inclusive, é terapêutico, conforme várias pesquisas, oficinas e laboratórios já confirmaram¹¹⁴. Entretanto, a apreensão do aspecto agressivo do animal ainda está muito presente no homem. Edith faz um alerta acerca dessa questão e lança uma luz, para edificar o ser humano e retirá-lo da corrupção a que se submete ou é mergulhado pelo stress hodierno, pelas tragédias promovidas pelo homem no decorrer da história. Em vários níveis sociais, tem se constatado que as pessoas corromperam ou foram corrompidas no que elas têm de mais sagrado: a sua própria humanidade. Infelizmente, os homens continuam perdendo a racionalidade, tendo atitudes brutais em relação a desconhecidos e, também, em relação a seus próprios familiares. O agravamento dessas situações de explosões de agressividades ganha maior proporção, quando grupos passam a fomentar a crueldade, com requintes de perversidade, observado nos “neonazistas”, nos narcotraficantes, nos *badboys* e outros grupos, como também em indivíduos isolados¹¹⁵.

Esse quadro de decadência do ser humano se deu de forma cruenta nas primeiras décadas do século XX, na Europa, custando muito para Edith Stein. Diante da realidade da sua época, ela aponta para a sociedade futura a importância do homem em resgatar a sua inteireza e responsabilidade, diante da vida ameaçada. O exemplo de edificação e promoção do humano é visível nas obras e na vida de Stein. É como se ela dissesse para os intelectuais que não é possível refletir sobre a vida, se não se empatizar com as pessoas em suas diversas

¹¹³ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 70-72. Por parentesco deve se entender aqui as expressões corporais inadequadas para a convivência social, mas que brotam de dentro do homem e são reprimidas.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 87. Nos animais se encontram vigor, debilidade, instintos, sensações e mobilidade o que gera um certo “parentesco” com o homem.

¹¹⁵ SUPER INTERESSANTE. *Os maiores erros da humanidade*. Edição especial n. 18. São Paulo: Abril. Nov/2011. P. 66. Esta revista aponta os desastrosos erros cometidos pelo homem contra si mesmo e o universo por ele habitado. No âmbito religioso, nos últimos três mil anos, o erro em interpretar textos sagrados ao pé da letra gerou fundamentalistas fanáticos em muitas religiões, e, como consequência, tivemos muitas guerras e atualmente temos: discriminação, intolerância e violência que, muitas vezes, assumem a forma de atentado terrorista.

questões, apreendendo as suas dores e refletindo possibilidades de tirá-las daquilo que as desumaniza. Talvez se possa afirmar que a Edith Stein, militante e defensora de um Estado democrático, acredita que a ascensão do Estado só seja possível, quando ele possibilitar o crescimento de seus cidadãos, na esfera econômica e cultural. Na verdade, em sua obra: *Vida de uma família judaica*, ela narra justamente o labor de um povo, lutando por sua sobrevivência de forma honesta, possibilitando aos filhos acesso à educação civil e religiosa. Edith esforça-se em suas muitas conferências, para que o cidadão se valorize por aquilo que ele é e produz. Neste ser e fazer, Stein reabilita o humano ao *status* de ser racional e, nesse interim, eleva a dignidade da mulher, colocando-a em grau de igualdade do homem, em seu valor como pessoa humana:

Nenhuma mulher é somente mulher. Assim como o homem, cada mulher tem sua particularidade e sua inclinação individual e, nesta inclinação, o talento para tal ou qual atividade artística, científica ou técnica. Em princípio, a inclinação individual pode manifestar-se em qualquer domínio, mesmo naqueles que nada têm a ver com a especificidade feminina.¹¹⁶

Edith Stein ainda acrescenta:

Porque se pensava, há alguns decênios, que a mulher tinha seu lugar no lar e que não servia para mais nada, foram precisos longos e difíceis combates para alargar um campo de ação tornado muito estreito. Contra esse sistema, insurgiu-se um bom número de mulheres corajosas e decididas.¹¹⁷

A humanista e propagadora da conciliação, através da empatia, adentra no mundo da violência, miséria e morte, mas não se deixa entorpecer. Edith conquistou ou foi agraciada pelo dom da serenidade¹¹⁸. Dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, ela transmite aos condenados de todos os tempos a fortaleza e a serenidade, para abraçar a morte, como o encontro com Aquele, que faz justiça e sente profundamente a morte de seus justos, conforme narra o Salmo 115 (116):

É sentida por demais pelo Senhor a morte de seus santos, seus amigos. Eis que sou o vosso servo, ó Senhor, mas me quebraste os grilhões da escravidão! Por isso oferto um sacrifício de louvor, invocando o nome santo do Senhor. Vou cumprir minhas promessas ao Senhor na presença de seu povo reunido. O cálice por nós abençoado é a nossa comunhão com o sangue do Senhor.

Edith Stein escreve:

¹¹⁶ Stein, Edith. *Escritos antropológicos y pedagógicos: a mulher. Seu dever segundo a natureza e a graça. Apud* (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras completas vol. IV*: Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2003, p. 1172.

¹¹⁷ HERBSTTRITH, op. cit., p. 22.

¹¹⁸ GARCIA, J. T. e SCIADINI, P. *Edith Stein: holocausto para seu povo*. São Paulo: Loyola. 1987. p. 68. Conforme o testemunho das alunas, do colégio das dominicanas, em Speyer, Edith era calma, delicada, silenciosa. Tinha uma visão avançada da sociedade e era tida como a professora mais amada, justa e inteligente do colégio, *apud* MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2001. p. 187. Aqui se encontra outro testemunho da postura pacífica de Edith num momento caótico do campo de concentração.

Não há um coração humano que compreenda o que reservas para os que te amam. Agora eu te possuo e não te deixarei jamais. Por onde quer que me conduza o caminho da vida, Tu estás ao meu lado, nada poderá separar-me do teu amor.¹¹⁹

A Edith Stein da fé contempla o mistério amoroso de Deus pela humanidade e age profeticamente, diante das atrocidades de seu tempo. O seu testemunho para os crentes da época e para os de hoje é forte e exigente, pois incita o fiel a se desacomodar de uma religião sentimentalista, fundamentalista e alienada, para abraçar com amor e ardor um compromisso real pelas pessoas, em especial pelas mais vulneráveis e excluídas. A sua solidariedade com os desamparados desestabiliza o crente, que diz ser fiel às Escrituras, mas, no entanto, é omissos em seu papel político-social. Não tem como professar uma fé no Deus de Israel e se esquecer, de que este mesmo Deus, exige que seu povo viva em justiça e fraternidade (Salmo 85). Ela pôde vivenciar de perto as contradições dos “crentes” de seu tempo. Conhece as fragilidades humanas e é, por isso, que convidou e ainda hoje convida, através de suas obras, o homem de fé a uma elevação espiritual, para que possa atingir o sentido absoluto do Ser Eterno. Entretanto, para que isto se dê, é preciso que o homem se encontre e descubra o seu real valor, a sua dignidade pessoal, a fim de viver plenamente. O homem é chamado a viver no seu íntimo, tomando em suas mãos o governo de todo seu ser; somente partindo desse ponto, o homem poderá encontrar, no mundo, o lugar a ele destinado. Aí sim, a sua vocação para a eternidade se cumprirá conforme nos afirma Edith em *Ser Finito e Ser Eterno*: “Todo ente finito é uma plenitude limitada e informe, mas não está inteiramente informe até sua perfeição definitiva.”¹²⁰

1.3.2. A EMPATIA, COMO PRESSUPOSTO ÉTICO, PARA A HUMANIZAÇÃO

As circunstâncias históricas e a condição existencial de Edith Stein, com certeza, influenciaram na escolha do tema a ser desenvolvido, em sua Tese doutoral. Em seu terceiro capítulo, ela trabalha a empatia como tarefa humana, para o problema da constituição do indivíduo psicofísico, ou seja, a sua abordagem da empatia pretende ser um estudo do problema e uma busca de solução, acerca dos encontros e desencontros das vivências humanas ao longo da história. Visa possibilitar um conhecimento profundo da estrutura

¹¹⁹ HERBSTTRITH, op. cit., p. 33.

¹²⁰ STEIN, Edith. *Ser Finito y Ser Eterno*: ensayo de una ascensión al sentido del ser. México: Fondo de Cultura Económica. 2002, p. 482. Edith explica que o homem, justamente por sua dependência da matéria é limitado e precário. Entretanto, ele tem um estreito laço de união com Aquele que descendo até a profundidade do ser terrestre, como Verbo feito carne, é chamado a trilhar o caminho do Verbo Encarnado até a plenitude definitiva do Ser Eterno.

humana, para elevar o homem a um grau de maturidade existencial e relacional, que lhe possibilite viver em harmonia¹²¹.

A busca da vivência pacífica entre os povos parte do ser humano concreto e situado. Este, reduzido pelo processo fenomenológico, à sua essência, evidencia um ser com vivências múltiplas¹²², condicionamentos culturais¹²³ e relacionamentos incompletos¹²⁴. Esta realidade complexa do homem lhe gera uma fenda em sua alma. Quando o ser humano tem consciência de si e constata as suas imperfeições sente muita dor no seu ser e os seus sentimentos se entrecrocaram, isso ocorre porque o caos e o cosmos do qual faz parte estão em interação. A ferida em sua alma fica exposta, e conseqüentemente, a pessoa fica vulnerável. Dessa interação o homem pode sair mais maduro ou não, dependendo de sua capacidade de se posicionar diante da vida. A estrutura do homem, enquanto corpo, psique e espírito, apreende a realidade de forma multifacetada. São vários os fatores que insinuarão imperfeições no homem e lhe trarão dificuldade em lidar com a sua própria condição existencial, que conforme a inspiração Steiniana, é chamada a se desenvolver e atingir o equilíbrio harmonioso com os seres pertencentes a este mundo e ao mundo espiritual.

A insatisfação interna, no que se refere à estrutura do ser humano, gera a insatisfação externalizada na convivência social. A proximidade dos instintos humanos ao aspecto animal, primitivo de nossos ancestrais, é despertada em contextos limites, em nível existencial ou social. Isso equivale dizer que a pessoa, possuidora de uma agressividade, fora educada e formada ao longo da história de nossa civilização, para uma convivência pacífica. Entretanto, mediante o mal estar que afeta o homem, em contextos complexos, surge de dentro dele, este lado *agressivo* e, em alguns casos, destruidor. Essa hostilidade faz com que se rompam os

¹²¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 55-56. 114-134. Edith comenta que “em virtude de uma disposição inexplicável de nosso espírito ou de um instinto natural pensamos em uma vida consciente ligada a certos corpos físicos”. Em seguida, ela critica a ciência positivista, que através das investigações científicas, não conseguiram respostas às questões subjetivas do homem. Em seu trabalho, ela irá apontando situações, que possibilitarão ao homem equilibrar o seu instinto natural, com as realidades sociais e as aspirações espirituais, presentes na subjetividade humana.

¹²² *Ibidem*, p. 75.80. Estas vivências se darão a partir do momento em que a pessoa se compreende como corpo vivo, sensível e se distingue frente a outros corpos físicos, porém, graças a sua capacidade de se empatizar e se relacionar ela é capaz de se colocar no lugar do outro, obtendo por apreensão uma nova imagem do mundo, o que a levará a um enriquecimento cultural e humanístico.

¹²³ *Ibidem*, p. 94. Edith chamará de conexão simbólica o fenômeno, apreendido através da expressão corporal, chamado de anímico. Através deste fenômeno a pessoa capta as manifestações culturais e vitais do outro e se apropria empaticamente destas manifestações de forma co-original, o que pode ser positivo, mas também negativo dependendo da forma com que se estabeleça a relação social entre as pessoas.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 104-106. A experiência humana esboça a incompletude do homem, que através da empatia tem suas qualidades se confirmando e seus erros se corrigindo. Edith exemplifica: “se me contam uma conduta desonrosa de uma pessoa, que conheço e sei de sua retidão, então não darei crédito algum ao que me foi contado.” Assim, os elementos valorativos do homem em ato estão incompletos, mas podem ser apreendido pelos atos empáticos, que darão a completude ao ser humano.

limites de respeito às pessoas e às sociedades, violando os direitos civilizatórios dos povos em várias partes do mundo, no decorrer da história. Como forma de paralisar estas situações desumanizadoras, em 1789, na França, foi proclamada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A proposta não se vinculava apenas ao povo francês, mas a toda humanidade¹²⁵. Edith Stein, que vivia na pacífica Göttingen, rodeada de humanistas intelectuais, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, deixa transparecer o seu estado de espírito, desabafando:

A paz, a tranquila posse dos bens, a estabilidade das relações cotidianas constituem para nós, como que o inabalável alicerce da vida. Quando, enfim, percebemos que se aproximava inexoravelmente a tempestade, todos procuramos compreender claramente o processo e o desenlace. Uma coisa era certa: tratava-se de uma guerra diferente das anteriores. Uma destruição tão horrorosa não poderia durar muito tempo.¹²⁶

De fato, o horror que se abatera sobre a Europa, em suas primeiras décadas, demonstra uma força irracional e agressiva do homem, que expunha a insatisfação das lideranças

¹²⁵ Os direitos humanos foram debatidos ao longo dos séculos por filósofos e juristas. O início desta caminhada, remete-nos para a área da religião, quando o Cristianismo, durante a Idade Média, é a afirmação da defesa da igualdade de todos os homens numa mesma dignidade, foi também durante esta época que os matemáticos cristãos recolheram e desenvolveram a teoria do direito natural, em que o indivíduo está no centro de uma ordem social e jurídica justa, mas a lei divina tem prevalência sobre o direito laico tal como é definido pelo imperador, o rei ou o príncipe. Com a Idade Moderna, os racionalistas dos séculos XVII e XVIII, reformulam as teorias do direito natural, deixando de estar submetido a uma ordem divina. Para os racionalistas todos os homens são por natureza livres e têm certos direitos inatos de que não podem ser despojados quando entram em sociedade. Foi esta corrente de pensamento que acabou por inspirar o atual sistema internacional de proteção dos direitos do homem. A evolução destas correntes veio a dar frutos pela primeira vez na Inglaterra, e depois nos Estados Unidos. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamada na França, em 1789, alargou o campo dos direitos humanos e definiu os direitos econômicos e sociais. Entretanto, as duas Grandes Guerras do início do século vieram demonstrar as falhas na vivência destes direitos. A Segunda Guerra Mundial engendrou uma multidão de refugiados, em toda a Europa, o Estado nazista aplicou, sistematicamente, a política de supressão da nacionalidade alemã judaica. Logo após a guerra, a filósofa Hannah Arendt chamou a atenção para a novidade perversa desse abuso, mostrando como a privação de nacionalidade fazia vítimas pessoais excluídas de toda proteção jurídica no mundo. Ao contrário do que se supunha no século XVIII, mostrou ela, que os direitos humanos não são protegidos independentemente da nacionalidade ou cidadania. O asilado político deixa um quadro de proteção nacional para encontrar outro. Mas aquele que foi despojado de sua nacionalidade, sem ser opositor político, pode não encontrar nenhum Estado disposto a recebê-lo: ele simplesmente deixa de ser considerado uma pessoa humana. Numa fórmula tornada célebre, Hannah Arendt concluiu que a essência dos direitos humanos é o direito a ter direitos. Em 1945, os Estados tomam consciência das tragédias e atrocidades vividas durante a 2ª Guerra Mundial, o que os levou a criar a Organização das Nações Unidas (ONU) em prol de estabelecer e manter a paz no mundo. Foi através da Carta das Nações Unidas, assinada a 20 de Junho de 1945, que os povos exprimiram a sua determinação « em preservar as gerações futuras do flagelo da guerra; proclamar a fé nos direitos fundamentais do Homem, na dignidade e valor da pessoa humana, na igualdade de direitos entre homens e mulheres, assim como das nações, grande e pequenas; em promover o progresso social e instaurar melhores condições de vida numa maior liberdade.». A criação das Nações Unidas simboliza a necessidade de um mundo de tolerância, de paz, de solidariedade entre as nações, que faça avançar o progresso social e econômico de todos os povos. Os principais objetivos das Nações Unidas passam por manter a paz, a segurança internacional, desenvolver relações amigáveis entre as nações, realizar a cooperação internacional resolvendo problemas internacionais de caráter econômico, social, intelectual e humanitário, desenvolver e encorajar o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais sem qualquer tipo de distinção. Assim, a 10 de Dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos. Acessado em 26 de março de 2012.

¹²⁶ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 394.

governamentais e das massas populacionais, em relação à prosperidade idealizada pelo cientificismo no século XIX e que não chegara ao século XX. Ao contrário, o início do século foi bastante conturbado pela pobreza das massas populacionais, crises políticas e econômicas dos Estados europeus, além das interrogações pessoais acerca do sentido da vida. O heroísmo de servir como patriota fez o europeu se dar conta de que a ferocidade estúpida e brutalmente assassina, que redesenhou o mapa da Europa, não trouxe benefícios para os povos¹²⁷. Ao contrário, a convivência, de certa forma, pacífica entre as diferenças étnicas, na sociedade, deu lugar à discriminação e ao preconceito. A fraqueza humana cedeu espaço aos instintos violentos e a insatisfação do homem, com sua precariedade, o fez buscar um “bode expiatório” para suprir a sua incompletude¹²⁸, já que a religião deixou de dar sentido a vida pessoal e social, por causa do crescente ateísmo que avançava sobre a Europa. Esse ateísmo foi se tornando militante e, posteriormente, instalou-se politicamente, estrangulando as nações europeias, quer sob a forma de nazismo, quer sob a forma de comunismo. Sob o formato da indiferença religiosa, o ateísmo, nos nossos dias, encharca as diversas sociedades, num divórcio instalado, “politicamente correto”, ou seja, um laicismo que abre mão dos valores conquistados pela sociedade ocidental, graças a tradição judaico-cristã, para um relativismo generalizado.

Diante desse lamentável quadro, que ainda se repete em vários níveis na sociedade globalizada, Edith Stein perscruta a raiz do mal, o mistério da iniquidade que gera esta nefasta

¹²⁷ O espírito patriótico e o ideal de heroísmo também tocou Edith Stein, que como sabemos interrompeu os seus estudos, para servir como enfermeira num hospital militar, durante dois anos. A sua língua era a alemã, a sua cultura era a alemã, a sua pátria era a Alemanha. Por ela estava disposta a correr riscos e a fazer sacrifícios.

¹²⁸ A expressão bode expiatório tem a sua origem no ritual judaico do Livro dos Levíticos, em que Aarão ao pôr as mãos sobre a cabeça de um bode transmite para este animal todos os pecados do povo de Israel. As palavras “bode expiatório” fazem hoje parte da nossa linguagem comum e são aplicadas em qualquer situação em que um inocente é responsabilizado por uma culpa que não tem. Nas relações entre etnias dominantes e dominadas este processo ocorre frequentemente, especialmente em épocas de crise, em que uma sociedade transfere para uma minoria frágil e facilmente identificável os seus medos e infortúnios. Nas sociedades ocidentais atuais, na Europa e EUA, são os africanos, asiáticos ou latinos que ciclicamente são responsabilizados pelo desemprego, pela crise económica ou pela criminalidade; na História mais recente foram os judeus e os negros a sofrerem a perseguição pelos mesmos motivos. Mas os alvos da transferência são muitas vezes também grupos sexuais, políticos ou religiosos, como os católicos na Irlanda do Norte, que são e foram usados ao longo dos tempos como bodes expiatórios. Uma das características principais dos bodes expiatórios, quer sejam grupos de pessoas ou um indivíduo, é a falta de poder, ou seja, a sua incapacidade de lutar por meios legais com àqueles que os oprimem e de, paralelamente, já sofrerem alguma forma de marginalização pela sociedade onde estão inseridos. Uma outra característica é a incapacidade de o grupo dominante compreender as razões reais e profundas do seu descontentamento, sendo mais fácil e simples canalizar as suas frustrações para os outros, só porque estes são diferentes. Estes bodes expiatórios evitam análises mais profundas, e eventualmente dolorosas sobre os fundamentos e as verdadeiras razões dos problemas, não os resolvendo e adiando-os indefinidamente. Porque não são nunca resolvidos, eles voltam ciclicamente a afetar as sociedades que escolhem os mesmos ou novos bodes expiatórios, já que sempre que há uma pessoa, grupo ou etnia diferente, é caracterizado por um estereótipo que normalmente se torna o “gatilho” que despoleta a canalização da agressão. Disponível em: <http://www.infopedia.pt/bode-expiatorio>. Acessado em 28 de março de 2012.

situação no seio familiar e social. Em sua pesquisa, ela constata que o grande perigo ao qual o ser humano está constantemente submetido, é o de cair em uma vida puramente instintiva¹²⁹. Sempre que acontece essa queda, o homem é arrastado ao mal¹³⁰. Ela afirma no *Einführung*: “*nós, pessoas civilizadas, temos que nos dominar, reprimir a expressão corporal de nossos sentimentos; somos limitados em nossas ações e, conseqüentemente, em nossos atos de vontade*”.¹³¹ O ser humano é diferente do animal, simplesmente porque na maioria das vezes, o animal ataca para se proteger, enquanto que o homem não. Logo, o aspecto animal do homem, que vem sendo “adestrado” ao longo dos séculos, não pode ser o único responsável pela sementeira do mal na sociedade.

Em nosso mundo globalizado, cresce cada vez mais o número de indivíduos com identificações fortes em determinados grupos, que em uma esfera menor, podemos chamar de ilhas, para não utilizar o termo “gueto”, em uma esfera maior denominamos nacionalismos. O objetivo desses grupos é muito claro: sobrevivência! Grupos afins buscam respaldar seus direitos, bem como defender os seus interesses em meio à pluralidade social, para obter seus intentos se utilizam dos recursos, que lhes estão disponíveis, mesmo que esses não sejam éticos¹³². É válida aqui uma discussão ética, acerca desses interesses, pois sendo o foco central de averiguação, o grau de sanidade destes grupos, que são compostos de indivíduos, vamos nos deter na retidão da vontade e da liberdade dessas pessoas¹³³. A autora vai defender o

¹²⁹ GRANDE SINAL. *Edith Stein: filósofa judia e mestra espiritual*. Petrópolis: Vozes. 1987. v.41 .n.2, p. 172.

¹³⁰ STEIN, Edith. *Obras Completas IV*. Escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos: Monte Carmelo, 2003, p. 309-310. Neste trabalho pedagógico de 1931, Edith Stein concilia a natureza, a liberdade e a graça, como princípios para compor a forma harmoniosa de vida, e, ao mesmo tempo, para contrapor o impulso da natureza humana, que se deixando levar pelo ritmo de suas paixões, não conseguirá jamais desenvolver uma personalidade profunda e equilibrada. Em um trabalho posterior: “Que é o homem? A antropologia da doutrina católica da fé” (p. 811-833) Stein parte da reflexão agostiniana sobre o mal, para expor a compreensão sobre a liberdade humana e a vontade para se fazer escolhas e, em meio a estas opções, o equívoco humano em se deixar corromper, escolhendo o que é mal. Aqui novamente nos deparamos com o que E. Stein trabalha, em sua primeira obra, quando trata do problema da Constituição do indivíduo psicofísico, no parágrafo quarto, letra d: O fenômeno da expressão. Ela afirma que o mesmo sentimento que motiva um ato de vontade, positivo ou negativo, pode também motivar um fenômeno expressivo, ou seja, o vandalismo é uma expressão da insatisfação de determinado grupo em relação ao quadro social, no qual está inserido, ou pior ainda, é uma forma de deixar extravasar a sua agressividade contra o contexto que o circunda, não enxergando e destruindo o humano, os bens sociais e a ecologia. Trata-se de uma verdadeira selvageria. O tema das más opções, realizadas pelo ser humano, porém, vai sendo ampliado, conforme a própria evolução reflexiva de nossa filósofa.

¹³¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: editorial Trotta, 2004, p. 70.

¹³² O nacionalismos exacerbado não desapareceu com o fim da Primeira Guerra, antes desencadeou a Segunda. No fim do século XX ainda perdurava as questões acerca dos Balcãs, do País Basco, da Irlanda do Norte, da Tchecquia. Atualmente ainda temos realidades complexas como, por exemplo, a da China em relação a Taiwan e o Tibete. O militarismo patriótico de ontem, chame-se agora terrorismo, é a linha de violência que atravessou a Europa e agora fere a sociedade mundial.

¹³³ MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo*. 2.ed. Aparecida: Santuário, 2001, p. 56-57. Edith Stein vai ser muito influenciada por Max Scheler em sua concepção ética, através de seus livros, suas conferências, conversas e discussões sobre o mundo dos Valores. O próprio Scheler cita Stein como uma das

diálogo, para se conciliar os diversos interesses desses grupos. O problema está justamente na capacidade ou incapacidade do ser humano dialogar. A construção de uma relação intersubjetiva requer pessoas equilibradas psicologicamente. Nesse ponto, a nossa filósofa nos arranca do aspecto humano corporal, animal e nos remete para o aspecto da psique e do espírito¹³⁴. A psique se compõe de conteúdos como desejos, tensão, reações ao mundo do corpo exterior, sendo a parte espiritual aquela com a qual tomamos ou não posições culturalmente adequadas. Este é o campo da liberdade, que pode ser tomado como a grande riqueza da aventura humana sobre a terra, mas quando essa riqueza não é bem administrada, impossibilitada e tolhida se torna uma desgraça, pelo fato do aspecto irracional do homem, dotado de forças destruidoras, desestabilizar o seio familiar e a sociedade, com tudo o que nelas existe: como a religião, política, economia, etc.

Edith Stein nos auxilia a perceber que o homem constrói o mundo ao seu redor de acordo com a sua vontade e necessidade. As suas motivações brotam no íntimo humano de forma criativa e correlativa. Dessa forma, ela se expressa: *“Todo nosso mundo cultural, tudo aquilo que modelou a mão do homem, todos os objetos de uso, todas as obras de artesanato, da técnica, da arte, são correlato feito realidade do espírito”*¹³⁵. A partir da sua convicção da possibilidade da construção intersubjetiva através da empatia, tem uma visão muito positiva da vida. A sua reflexão tende a ver no ser humano um ser em constante progresso, que usa a liberdade para apreender a vivência do outro, seu semelhante, e com este se enriquecer, aumentando o seu horizonte espiritual. Em seus escritos, vemos que nossa filósofa se entusiasma por quem acredita em sua própria capacidade em transformar as coisas, fazer dar certo os seus projetos e que acredita em si e nos outros. Ela crê na força potencial que as pessoas têm de transformar o mundo e a própria realidade. Compreende que as atitudes humanas, ou, de acordo com a sua linguagem original, que os atos espirituais estão unidos numa relação semelhante a um feixe de raios de luz, que brotam do ser humano, como ponto de intercessão, e iluminam tudo ao seu redor. A experiência vivencial de cada um é passada para o outro; a este fenômeno ela chama de motivação¹³⁶; ainda prossegue dizendo que um sentimento motiva uma expressão, que pode vir a se tornar real ou não, conforme a natureza

continuadoras da sua teoria dos valores, referindo-se à tese sobre a Empatia, que toma e desenvolve a doutrina do valor da pessoa.

¹³⁴ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 109. A filósofa recapitula o fato de que o “eu” é constituído como membro da natureza, e que a alma está fundada no corpo. Entretanto, sinaliza que esta concepção da alma não se sustenta e amplia o leque de reflexão, acrescentando o elemento espiritual. Já foi tratado no início deste trabalho, a concepção existente na época de Edith, de que o ser humano era composto de corpo e alma.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 110.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 114.

do que é desejado. Isso, porque há um domínio de possibilidades de expressões, provenientes de atos espirituais, que devem se submeter à legalidade racional, conforme a ética e a axiologia sociocultural, para um convívio fraterno entre as pessoas.

Entretanto, Edith Stein é, também, muita realista. Conforme já foi mencionado, a sua tese provavelmente tinha o intuito de desvendar as razões de tantos desentendimentos humanos e desrespeitos à dignidade da vida. Em sua pesquisa, ela aponta para a alienação mental, os casos patológicos de pessoas que contradizem as leis convencionais da boa convivência, querendo estabelecer os seus próprios interesses. Em seguida, fala da diferença radical entre as anomalias espirituais e as psíquicas. Por fim, dos casos patológicos que se apresentam como modificações na vida da pessoa, pela aparição de uma enfermidade, como a depressão, que lhe retira do ritmo racional da vida¹³⁷. Este quadro de patologias se mesclam na estrutura humana, abarcando, portanto, a estrutura corpórea, psíquica e espiritual do homem, afetando a ética relacional da vida na sociedade. O resultado desse quadro doentio é constatado por Edith, em sua vida¹³⁸, mas, também, é cruamente percebido em nossos dias.

Numa tentativa de explicitar ou analisar o adoentamento humano e as possibilidades de equilíbrio psíquico, temos o autoritarismo versus a autoridade. No autoritarismo, seja de Hitler, ou de uma pessoa em relação à outra, encontra-se no cotidiano um ser adoecido, talvez com um complexo de inferioridade, lutando para se impor no poder ou para obter poder sobre a outra pessoa. Essa disputa, às vezes, é cega, pois menospreza os valores sociais e o respeito à vida humana, trazendo grandes estragos para o relacionamento interpessoal e para a sociedade. Por outro lado, de forma simples, os grupos humanos precisam se organizar, e a forma mais saudável é através do bom senso, o qual delega autoridade para uma pessoa, a princípio equilibrada; porém se apresentar sinais de desequilíbrio, os mesmos grupos têm o dever de desautorizá-la em seu governo e passar para outra pessoa essa missão, a fim de que o grupo viva conforme a sua constituição.

Ao prosseguir nesta reflexão, sobre os fatores que impedem a convivência fraterna, temos o homem afetado por várias demandas, desde a sua genética até a estafa do contexto sociofamiliar. As pesquisas epistemológicas avançam e trazem respostas e propostas, para que o homem tenha mais qualidade de vida. Como pedagoga, nossa pesquisadora, vai insistir na

¹³⁷ *Ibidem*, p. 115.

¹³⁸ Edith Stein era judia-prussiana. Hoje sabemos como estas duas identidades, assim juntas, foram sinônimo lúgubre de perseguição, de tortura, de tragédia e de extermínio. Uma das grandes dores da Europa do séc. XX atinge em cheio Edith Stein e será causa da sua morte. Esta linha de força, tão tristemente típica da Europa do seu tempo, irá trespassá-la.

necessidade da formação humana, que faz o sujeito aprender a viver a liberdade com seus limites, impostos pela ética. Não se trata de uma imposição, mas de valores que norteiam a sociedade, para que ela possibilite ao ser humano um espaço para a sua plenificação. Infelizmente, o homem do século XX e início do século XXI, por ter sido tão bombardeado por conflitos de toda espécie, não conseguiu desenvolver uma formação pedagógica humanizadora num crescente em todos os sentidos. Tanto o ambiente familiar como o escolar padecem, refletindo o que se deu no sistema social. Esses ambientes saíram de regimes estritamente fechados, com punições vexaminosas e caíram em situações de libertinagem, por exemplo: na escola, para se disciplinar o aluno se utilizavam vários recursos, entre eles o uso da palmatória. Atualmente, a situação é outra. Em alguns casos a escola é campo de guerra e professores são ameaçados e, até, assassinados, por seus alunos. No ambiente familiar, o cenário de morte se repete por situações que vinculam o filho ao uso de tóxicos. O vício ao deteriorar o sistema nervoso do indivíduo, o faz perder seus valores humanitários e este é capaz de atos trágicos. Esse cenário, evidencia a dificuldade humana de lidar com sua autonomia, disciplina e liberdade e, ao mesmo tempo, passar esses valores para as novas gerações. Por outro lado, felizmente, esse mesmo ser humano tem aprendido a lidar com seu semelhante de forma altruísta. Quando nos deparamos com os escritos steinianos, nos admiramos por ver como Edith já acenava para um sistema educacional, que visava proporcionar ao indivíduo um real conhecimento de seu potencial e, ao mesmo tempo, uma sensibilidade para com o mundo ao seu redor. É isso que temos presenciado em várias partes do mundo, através de pedagogias que visam promover a cultura e a ética entre as pessoas.

O imenso trabalho de Edith Stein, juntamente com a contribuição de vários filósofos, psicólogos, teólogos e pedagogos, que viveram em regimes totalitários, democráticos, teocráticos e outros, tem um mérito enorme para a construção de um mundo mais humano. Não se pode separar a ética do humano. Àquele que se crê humano, mas não respeita os princípios éticos cai nas situações descritas neste tópico, como: desajustes psíquicos, desajustamento à cultura civilizacional e outras patologias. A empatia entre os humanos faz de cada um deles um ser social, corresponsável pelo desenvolvimento do seu semelhante, isto é, um ser ético, que reflete em suas atitudes os valores que geram uma sociedade justa. A vivência da ética implica como tarefa humana buscar compreender, apreender, ou seja, empatizar-se com o outro. Nesse sentido, temos experiências belíssimas de processos empáticos, que proporcionaram a cura de muitas patologias. Como o processo é sempre progressivo se faz necessário não só analisar o contexto familiar e social das pessoas, mas a

necessidade de promover esses indivíduos através de metodologias pedagógicas humanitárias. Em alguns casos, é fundamental a interferência do Estado – através da assistencial social – para se retirar o indivíduo de situações de risco.

1.3.3. EMPATIA, VOCAÇÃO HUMANA AO BEM ESTAR

Edith Stein, numa carta ao sobrinho do cônego Schwind, seu primeiro diretor espiritual, escreveu:

[...] você me faz sorrir quando pergunta como pude acostumar-me com a solidão. Estive muito mais só na maior parte dos anos passados no mundo do que estou aqui. Nada do que deixei lá fora me faz falta e aqui encontrei o que me faltava lá. Só posso agradecer a Deus pela graça imensa e gratuita de minha vocação.¹³⁹

Na obra, “Sobre o problema da empatia”, pode-se captar um itinerário feito por Edith Stein, para que o ser humano possa atingir à sua vocação e chegar à plena integração do seu ser na vivência altruísta. A análise da empatia quer responder à pergunta: o que significa tomar conhecimento da experiência vivencial alheia? Para se responder a essa pergunta, Stein trata de demonstrar que não se chega ao conhecimento do outro, se não houver um conhecimento de si mesmo, partindo do universo fenomenológico do problema do “eu” que se constitui em relação com outros “eus”. A riqueza deste processo intersubjetivo possibilita que os indivíduos se descubram, como sujeitos de uma história pessoal que conflui para a comunhão e realização individual, social e espiritual do grupo. A pedagoga percorreu esse caminho e na citação acima, demonstra a sua satisfação pelas experiências que possui e pelas conquistas obtidas no campo pessoal¹⁴⁰.

Husserl, conforme foi introduzido no tópico anterior, aponta o “eu” como um polo egológico, ou seja, um lugar central onde tudo converge; a sua teoria sobre o “eu puro” afirma que todos os homens têm uma função estrutural, essencial, que pode ser examinada, sem se referir a um específico “homem real”. Isto, para ele, é evidenciado pela reflexão acerca das vivências do homem, que se dá segundo a intencionalidade reflexiva de cada um. Assim, o “eu” é aquela capacidade que o ser humano tem de ir a todas as vivências e de ver como essas vivências correspondem ao corpo, à psique e ao espírito. Husserl prossegue em suas reflexões, admitindo que se deteve muito no subjetivismo. Na *V Meditação Cartesiana*, para sair do

¹³⁹ MIRIBEL, op. cit., p. 160.

¹⁴⁰ Edith escreveu estas linhas, ao sobrinho do cônego Schwind, em 1935. Neste período já havia percorrido um longo caminho de amadurecimento em sua vida: experimentou a angústia da Primeira Guerra, a solidão e o abandono de seus familiares por ter abraçado a religião cristã, a recusa de seu magistério em várias universidades por ser mulher e também por ser judia; vivenciou o itinerário da fé, o processo doloroso da conversão, a entrega à vocação à vida religiosa e a comunhão mística com o mistério do Absoluto.

solipsismo, ou seja, do isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo como em relação a outras consciências, ele recorre à intersubjetividade transcendental. Ele supõe que as essências e as significações de um sujeito podem, por analogia, ter aspecto parecido com as dos demais. O pensamento fenomenológico, com a intenção de manter-se como ciência rigorosa, põe-se em movimento autocrítico em relação ao solipsismo metodológico moderno. Na busca de fundamentação da existência transcendental do “eu” alheio: o “outro” é para si próprio um “Eu”; sua unidade não se encontra na *minha* percepção, mas nele próprio. O “outro” é experimentado por mim como estranho porque é ele mesmo, tanto quanto “eu”, fonte de sentido e de intencionalidade. Assim, no 29º parágrafo de *Ideias I*, Husserl narra o mundo circunstante natural, feito pelos “outros”¹⁴¹, e introduz o tema da empatia ou *Einfühlung*, literalmente, “sentir em”; o sujeito sente-se em “outro”¹⁴².

Edith se identifica com o processo da empatia, pois nele vê a possibilidade do ser humano evoluir em suas relações e alcançar um bem estar social. Ela assimila a intuição de Husserl acerca das vivências humanas na alma psíquica, no corpo e no espírito. Entretanto, nas abstrações de Husserl, não encontrou a preocupação com as relações não intelectuais, como o amor, o ódio, ou seja, os sentimentos em geral, que, também, levam ao conhecimento do “outro”. Nesse sentido, a influência de Max Scheler foi fundamental para que o pensamento da jovem filósofa se abrisse para campos ainda não explorados, como o valor, a ética e o amor. É por isso que a noção de empatia dada por ela assume um caráter específico. Então, afirma que por empatia, entenderemos uma participação das vivências interiores que se tem em relação à outra pessoa; à consciência que se tem de que o “outro” está a viver e que requer um transferir-me à sua interioridade. O “outro” se apresenta como alguém vivo, que pela sua corporeidade, se distingue de um mero corpo físico; pela sua vivência se constata o elemento emotivo em suas funções. Nesse sentido, pode-se realmente dizer que Edith Stein faz um retorno ao homem, em sua essência, ou seja, naquilo que ele manifesta de si. A empatia, no método fenomenológico, possibilita ao homem se expressar e apreender a expressão do “outro”. Por isso que ela declara, para o sobrinho do cónego Schwind, que no Carmelo ela não se sente só, ao contrário, participa ativamente da vivência das pessoas, com

¹⁴¹ BELLO, op. cit., p.180-184.

¹⁴² Esse termo que se origina provavelmente em Herder na obra *Vom Erkennen und Empfinden (Sobre o conhecimento e a percepção)* tornou-se consagrado pelo psicologismo de Lipps, na obra *Ästhetik*. Foi eleito como uma possibilidade hermenêutica para a compreensão das relações entre “eus” diversos na fenomenologia, sendo-lhe conferido pelos fenomenólogos sentido mais amplo do que o do significado psicológico lippiano. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/10796/10796_7.PDF. Acessado em 01 de abril de 2012.

quem convive fisicamente, seja com as carmelitas, seja com as pessoas que a procuram para colóquios espirituais na portaria do Carmelo, mas também com quem convive de forma espiritual, apreendendo e se solidarizando com a realidade pessoal de cada um.

As expressões do ser humano correspondem aos seus anseios mais profundos, que vão de suas necessidades fundamentais, para sobreviver, até suas transcendentais especulações. Isso está claro na vida de Edith Stein, que parte de suas reflexões filosóficas acerca do “eu” em relação ao “outro” e chega à relação empática espiritual do “eu” em comum união com o Transcendente. Dessa forma, em tudo, se poderia afirmar: há a existência de um ininterrupto chamamento para o homem voltar-se continuamente a si, e, ao mesmo tempo, se expandir globalmente. Esse processo seria facilitado se a pedagogia da empatia steiniana fosse aplicada. Nela, Stein toma o homem pela mão e o auxilia, para que ele compreenda que é o sujeito da sua história, e, ao mesmo tempo, o faz assimilar a sua estrutura, como pessoa. Nesse processo o homem vai aprendendo, através da convivência, a contemplar no outro “eu” os mesmos anseios que os “seus”. Entende também que a constituição da alteridade se dá de forma pacífica, pois o movimento de compreensão e de reconhecimento não tem uma direção unívoca, mas é recíproca. A filósofa, através desse processo já indica que o estar no mundo das pessoas é ser pessoa também e participar de suas venturas e desventuras¹⁴³.

Essa reflexão faz vislumbrar o potencial do homem para a convivência intersubjetiva, pois ele não existe num mundo ideal, mas num mundo real, como nos informa Edith: “O mundo no qual eu vivo não é só o mundo de corpo físico, é também um mundo de sujeitos estranhos, além de mim, e eu só conheço esta vivência”¹⁴⁴. A empatia convoca o homem a apreender o viver do outro, para uma parceria na caminhada pela existência, já que a estrutura humana, tão bem delineada pela autora, é comum a todo gênero humano. Esta estrutura, constituída de corpo, psique e espírito, merece cuidado e atenção por parte dos vários formadores de opinião na sociedade. São eles que auxiliarão na formação das futuras gerações. Como pedagoga, ela deixou um legado cultural, para beneficiar a educação das pessoas e formá-las, a fim de que se sentissem também, a exemplo dela, realizadas por abraçar o seu ideal.

Na atualidade, cresce em vários segmentos sociais a importância do zelo para com o mundo, na esperança de que o homem se conscientize que o universo criado só continuará a existir se for poupado de atitudes humanas mesquinhas e egoístas. Na medida em que se protege o meio ambiente, o bem estar do homem com a natureza, no que depender dele, está

¹⁴³ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 89-90.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 21.

de certa forma garantido¹⁴⁵. A empatia com o cosmos é abordada por Stein, de forma especial, quando ela fala do vigor e da debilidade constatada no homem, nos animais e também nos vegetais. É claro, para nossa filósofa, que a constatação, dessas realidades, parte da percepção que o ser humano tem em si parcelas de tudo o que é criado. É do homem a capacidade reflexiva sobre as criaturas e, ao mesmo tempo, a responsabilidade pela preservação delas, pois somente ele tem a habilidade de penetrar de forma empatizante no mundo animal e vegetal¹⁴⁶. Quando o homem se distancia da natureza, se empobrece, pois está se esquecendo de que ele também faz parte dela, conforme Edith Stein já informara, quando dizia que nele está presente todo o cosmos, através de sua constituição mineral, vegetal, animal e espiritual. A relevância de se garantir um ecos comum, para o ser humano, incide na urgência de se estabelecer o respeito do homem para com a natureza, mas principalmente de respeitar o seu semelhante. Em outras palavras, os homens estão imersos em um mundo que envolve a todos; com o termo mundo entendem-se não só as coisas, ou outros sujeitos humanos e a natureza, mas também os valores, os bens e a cultura. As destruições do ecossistema têm se dado por fatores gananciosos ao longo da história da humanidade, porém, foi no século XX que ficou evidenciado os estragos produzidos no planeta, por causa dos desentendimentos entre os seres humanos, como por exemplo, as guerras e as armas tóxicas. Nos fatídicos casos de bombas atômicas ou vazamento de usinas nucleares é toda a natureza que padece: morrem homens, animais e plantas; os solos terrestres, os lençóis freáticos e os oceanos ficam contaminados. É necessário reverter esse processo, pois o caos, no percurso do tempo se constituiu harmoniosamente num belo cosmos. A missão humana é salvaguardar essa harmonia, para que o bem existente seja preservado, e se ainda não existe, seja conquistado.

A função do processo empático se manifesta na compreensão entre as pessoas quando estas atingem o nível psicoespiritual. Nesse nível se manifesta, em toda a sua amplitude, o

¹⁴⁵ Existem fenômenos próprios da natureza que extrapolam os atos humanos na terra. Estes se dão pela própria constituição do universo, como por exemplo, em nosso planeta, as placas tectônicas. Entretanto, a presença do homem e a sua atuação na esfera terrestre vem modificando o meio ambiente. Assim, os fenômenos próprios da natureza em contato com as ações do homem tem produzido um efeito devastador. De forma negativa, o aquecimento global está ocorrendo em função do aumento da emissão de gases poluentes, principalmente, derivados da queima de combustíveis fósseis (gasolina, diesel, etc), na atmosfera. Estes gases (ozônio, dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e monóxido de carbono) formam uma camada de poluentes, de difícil dispersão, causando o famoso efeito estufa. Pesquisadores do clima mundial afirmam que este fenômeno ocorre, porque estes gases absorvem grande parte da radiação infra-vermelha emitida pela Terra, dificultando a dispersão do calor. O desmatamento e a queimada de florestas e matas também colaboram para este processo. Os raios do Sol atingem o solo e irradiam calor na atmosfera. Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global. Embora este fenômeno ocorra de forma mais evidente nas grandes cidades, já se verifica suas consequências em nível global. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_estufa. Acessado em 15 de agosto de 2011.

¹⁴⁶ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 87.

âmbito da vontade. É a vontade humana, fruto do desejo espiritual das pessoas, que possibilita se construir um mundo seguro e saudável para o homem viver. Edith prossegue as suas reflexões dizendo: “...notamos também um efeito do indivíduo, sobre o mundo externo, em cada ação que produz uma mudança da natureza física, seja na ação instintiva ou na voluntária...”¹⁴⁷. Ela dá um exemplo interessante acerca da atuação de uma pessoa em sua relação com o mundo e que é captada por outra pessoa, utilizando os termos da ação e reação. A discussão se amplia e ganha respaldo quando essa teoria se confirma no âmbito da natureza global, trazendo insegurança para a vida humana. Essa confirmação é verificável, por exemplo, na ação de indivíduos que em nome de determinada religião explode uma mesquita, sinagoga ou igreja. A reação imediata é constatada em ondas de violência pelo mundo. Edith insiste na necessidade empática do homem fazer parceria com seu semelhante, a fim de que, através de boa vontade, eles consigam promover a paz e a concórdia entre os povos. Para isso se vale da linguagem fenomenológica: “Se vejo como alguém procede motivado por uma resolução da vontade, por exemplo, levanta e carrega uma pesada carga por uma aposta, apreendendo o proceder da ação a partir do ato da vontade que aqui aparece como *primum movens* do processo causal, não como membro intermediário na série das causas físicas. Temos dado fenomenalmente o efeito do psíquico sobre o físico e também do psíquico, sobre o psíquico, sem mediação de um membro físico intermediário”¹⁴⁸.

De forma hermenêutica, mas não instrumentalizando o argumento steiniano, verifica-se uma correspondência de sua concepção de vontade com os trabalhos realizados no campo do diálogo Inter-religioso. Edith Stein em suas investigações e em sua vida sempre tratou de ir ao essencial dos problemas e das soluções no que afeta o homem; sua dignidade, sua formação, seu caminhar para Deus, seu encher-se de plenitude. Na busca do diálogo muito já se pensou e se discutiu acerca das motivações, para um intercâmbio entre as tradições religiosas, que favorecessem a vontade dos grupos religiosos de se unirem. Algumas pessoas de religiões diferentes se empatizaram e decidiram caminhar juntas na compreensão do universo religioso do outro, sem confundir e nem misturar as suas convicções religiosas, mas com o intuito de se enriquecerem com a convivência. Esse ser que até então lhe era estranho, porém contemporâneo compartilha com ele a vida no planeta numa mesma faixa de tempo¹⁴⁹.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 90.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 90-91.

¹⁴⁹ Na introdução de seu trabalho: *Diálogo inter-religioso e fé Cristã*, Mario de França Miranda comenta que a transformação do mundo numa “aldeia global” aproximou não só raças e línguas, povos e culturas, mas também crenças religiosas. Nunca em toda a história da humanidade as religiões se viram tão vizinhas umas às outras, devendo mutuamente se reconhecer e se respeitar. Consequentemente a cada religião é imposta a inevitável tarefa de integrar em sua respectiva autocompreensão as demais manifestações religiosas. Fechar-se num

Dentre às várias motivações, desses interlocutores, o *primum movens* é a preocupação ética com a preservação da vida. Na Mensagem do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, de 30 de agosto de 2011, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) saúda os mulçumanos pela data, término do Ramadã, e os convida, juntamente com os cristãos, a promoverem a dimensão espiritual da pessoa humana. Este enfoque espiritual é profundamente steiniano e a argumentação segue o mesmo raciocínio de nossa filósofa, afirmando:

[...] a transmissão de valores humanos e morais às jovens gerações é uma preocupação comum a cristãos e mulçumanos. Toca a nós fazer-lhes descobrir que existe o bem e o mal, que a consciência é um santuário que se deve respeitar, que cultivar a dimensão espiritual os torna mais responsáveis, mais solidários, mais disponíveis para o bem comum¹⁵⁰”.

A tese de doutorado de Edith Stein termina, justamente focalizando a dimensão espiritual, como a ponte que integra o homem a si mesmo e ao universo do qual é chamado a fazer parte. Stein em sua primeira obra lançou as bases para a vivência empática do ser humano com o mundo. No decorrer de sua carreira filosófica, irá fundamentando, pedagogicamente, cada argumento, a favor da empatia, para que o homem se capacite e tome consciência de seu valor e do valor de seu semelhante, a fim que se possa constituir uma sociedade justa, conforme se percebe em seus trabalhos: *Indivíduo e Comunidade e Uma investigação sobre o Estado*. Já em seus escritos filosóficos, como cristã, se percebe a continuidade de seu realismo crítico e ao mesmo tempo uma postura espiritual que dá base para a vivência comunitária, a partir da religião: “*Edith Stein procura compreender todo ser*

fundamentalismo fideísta não só enfraquece a própria religião, como nos mostra a história, mas também impede o respeito e o reconhecimento das outras tradições religiosas. Deste modo, em nossos dias, faz-se mister todo um esforço de pensamento para refletir a entrada deste “corpo estranho” numa visão religiosa já coerente e acabada, sem o sacrifício de sua identidade. De fato o problema não é novo na história das religiões, e mesmo no interior do cristianismo podemos encontrar pensadores argutos que, no passado, captaram a questão e tentaram resolvê-la. Mas foram exemplos episódicos a refletirem temas considerados periféricos para a fé cristã. Hoje, contudo, esta problemática tornou-se central e afeta, em graus diversos, a consciência religiosa da totalidade dos cristãos. Daí a urgência de uma elaboração teológica pertinente. Além disso, nosso tema encontra-se como que pressionado por outro fator não propriamente religioso. Vivemos numa sociedade profundamente marcada pela racionalidade funcional, que cultua a produtividade e o lucro e que dispõe, como nunca antes dela, de enorme quantidade de bens a serem adquiridos e consumidos. Esses traços culturais levam nossos contemporâneos a viverem voltados para este mundo, procurando usufruí-lo ao máximo. Daí as chocantes injustiças sociais, presentes na sociedade ou entre as nações. Daí também a explosão da violência no interior dos países e mesmo entre povos. Nesta hora surgem as religiões como instâncias singulares, a apontar para uma realidade situada para além do mundo e da história, portadora de sentido e de felicidade para o ser humano. Deste modo, conseguem elas relativizar a mentalidade imanentista atual aparecendo como entidades indispensáveis, para a promoção da justiça e da paz no mundo. Como o passado, contudo nos demonstra terem sido, muitas vezes, as próprias religiões fatores de divisões e de guerras, devem as mesmas se comportar diferentemente daqui para o futuro, enquanto responsáveis pela realização da paz e da justiça no mundo. Disponível em www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/. Acessado em 05 de abril de 2012.

¹⁵⁰ Disponível em <http://www.cnbb.org.br/site/comissoes-episcopais/ecumenismo/7488-mensagem-do-pontificio-conselho-para-o-dialogo-inter-religioso-pelo-fim-do-ramada>. Acessado em 05 de abril de 2012.

*criado, partindo da imagem do Criador. É a partir do homem, que é a imagem da Trindade, que ela descobrirá os vestígios da Trindade escondidos nas coisas”*¹⁵¹.

Assim, através da constatação steiniana da necessidade de se valorizar os bens terrenos, como dádiva divina, percorrendo o caminho da solidariedade e respeito entre os povos e suas tradições religiosas, se chega à parceria entre as pessoas, que são constituídas de semelhantes traços, conforme a estrutura humana. Cada ser humano traz em si a capacidade espiritual de se empatizar com o seu ser mais profundo e, em sintonia com a sua estrutura corpórea, encontrar equilíbrio para a sua existência¹⁵². Quanto mais consciente de si, mais próximo estará de um autêntico bem-estar, com tudo o que é criado. Inclusive esta é a grande profecia de Isaías 11,6-8, compartilhada e almejada por cristãos e judeus:

Nesse dia o lobo e o cordeiro deitar-se-ão juntos, o leopardo e o cabrito viverão em paz; bezeros e gordas ovelhas estarão em segurança no meio de leões, e uma criança os guiará.

Os bois pastarão juntamente com os ursos, enquanto os respectivos filhotes ficarão deitados uns com os outros. Também o leão comerá erva como os bois.

Haverá bebes gatinhando sem perigo por entre serpentes venenosas, e crianças que põem despreocupadamente a mão dentro dum ninho de víboras, retirando-a depois sem a mínima mordedura.

¹⁵¹ MIRIBEL, op. cit., p. 203

¹⁵² STEIN, Edith. *Obras Selectas*. 2. ed. Burgos: Monte Carmelo, 1998, p. 88-91.

2. A EMPATIA NO CONTEXTO JUDAICO-CRISTÃO DE EDITH STEIN: ENFOQUE PSICOSSOCIOLÓGICO

Esta dissertação contempla, em seu segundo capítulo, o contexto sociocultural de Edith Stein. Inicialmente narra-se a imersão da família Stein no judaísmo, passando, em seguida, para a demonstração do caminho intelectual e religioso da filósofa até sua entrada na Igreja Católica Apostólica Romana. Denota-se nesse percurso o senso de comunhão de Edith com suas raízes judaicas, sua pátria e a sua confissão religiosa.

A parte central do capítulo focaliza o encontro com a verdade, que foi a grande motivação de Stein, quando optou pela fenomenologia. No processo empático com Jesus de Nazaré, Teresa de Ávila e João da Cruz, a teóloga encontra o sentido para a sua vida.

Por fim, no terceiro tópico, o texto explana sobre a profunda empatia de Teresa Benedita da Cruz com o seu povo judeu, vivendo um verdadeiro martírio espiritual, antecipando o que viria a seguir. A cruza da política nazista de extermínio arranca a monja do Carmelo e a conduz, como cordeiro, ao campo de concentração, onde a doutora Edith Stein é imolada juntamente com seus irmãos de sangue e de fé, para a Santificação do Nome (Lv 22,32).

2.1. A VIDA DA FAMÍLIA STEIN NO JUDAÍSMO

Em 1933, Adolf Hitler (1889-1945) e seu Partido Nazista chegaram ao poder na Alemanha¹⁵³. Nessa época ataques contra os judeus estavam se tornando cada vez mais

¹⁵³ C. E. POETA MÁRIO QUINTANA 3º FASE E.J.A. PROFESSOR: Carlos Teles Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de agosto de 2011. *Período entre-guerras*: a crise do Liberalismo e os novos modelos ideológicos. Com o final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a ideologia liberal entra em franco declínio na Europa, e nos Estados Unidos (em 1929) , levando esses países a caírem em graves crises econômicas e sociais. Com a deteriorização dos conceitos liberais, novos modelos ideológicos ganharam força e foram normatizados, em especial os que defendiam total controle do Estado sobre a economia e o indivíduo. Os

frequentes. Com a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha as pessoas de origem hebraica foram demitidas de seus empregos nos órgãos públicos e em cargos universitários¹⁵⁴. Edith Stein sentiu que tinha uma oportunidade única e de responsabilidade, como católica e judia, para preencher a lacuna de compreensão entre cristãos e judeus, a fim de que juntos se opusessem à política do Führer. Para conseguir isso, ela escreveu o livro *Aus dem Leben einer Jüdischen Familie*, "A vida em uma família judaica", que mostra as experiências semelhantes de judeus e cristãos em suas vidas diárias. Ela toma a personagem de sua mãe, Augusta Courante Stein, como modelo de mulher zelosa e trabalhadora, para demonstrar que os membros do povo judeu são cidadãos de pleno direito, integrados totalmente na construção da nação alemã¹⁵⁵. Dessa forma, qualquer discriminação ao povo judeu carece de fundamento e viola um dos princípios sobre os quais se sustenta a nação alemã: a defesa e proteção de seus integrantes.

A história do relacionamento dos judeus com seus compatriotas alemães era salutar no início do século XX. O grande inimigo era a Rússia czarista, que o exército alemão combateu e derrotou. Nos assentamentos judaicos na Palestina, o alemão, em vez do hebraico, era a língua adotada na educação escolar. O alemão foi aceito como a língua oficial dos congressos sionistas. O escritório do movimento, em Berlim, acabou se vendo na condição de quartel general do movimento, em nível mundial¹⁵⁶. Os judeus mais qualificados adotavam a Alemanha para trabalhar. Assim, possibilitaram que ela se tornasse uma potência em todos os sentidos. Inclusive, a moderna cultura judaica tem uma estrutura essencialmente germânica¹⁵⁷.

Quando escreve essa obra, Edith Stein é uma personalidade conhecida e de prestígio em âmbito filosófico nacional e internacional. A intenção da autora é aparentemente insignificante, mas tem um cunho bastante eficaz, pois o período da narração da obra se dá com a chegada ao poder, na Alemanha, do partido Nacional Socialista e a consequente

principais modelos político-ideológicos que foram aplicados em substituição ao liberalismo foram: Socialismo; Comunismo; Totalitarismo; New Deal (Novo Acordo).

¹⁵⁴ Em termos de programa político, o nazismo pregava que o povo alemão tinha o direito de expandir-se militarmente, ampliando seu espaço vital. Afirmava, ainda, ser indispensável acabar com a humilhação nacional imposta à Alemanha pelo Tratado de Versalhes. Por fim, considerava como principais inimigos externos do país os russos, os franceses e os ingleses e, como inimigos internos, os judeus, os socialistas e os defensores da democracia parlamentar. Com esse programa, o nazismo conseguiu a simpatia de numerosa massa de descontentes, que sofria com a intolerável situação econômica que abalava o país. Era um programa que atraía especialmente a classe média: pequenos comerciantes, pequenos industriais e profissionais liberais, pessoas endividadas, desempregadas e ex-combatentes.

¹⁵⁵ Edith Stein, em sua autobiografia, descreve por um tempo considerável e em detalhe a pré-história da família de seu pai (Stein) e sua mãe (Courant) na Silésia Prussiana. Em seguida passa a narrar os fatos de sua própria vida até 25 anos de idade, e, sobretudo, de sua paixão "*para encontrar a verdade.*"

¹⁵⁶ JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago. 2.ed. 1995. p. 440.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 492.

marginalização, perseguição e eliminação do povo judeu. Caracterizado pelo totalitarismo¹⁵⁸, monopartidarismo, anticomunismo, antiliberalismo¹⁵⁹ e um nacionalismo histórico, o nazismo alemão também apresentou uma ideologia¹⁶⁰ com forte componente racista antisemita, que defendia o "direito das raças superiores" dominarem "as raças inferiores". Identificado com o movimento comunista internacional ou com o liberalismo responsável pela grande depressão de 1929, o judeu passou a ser considerado o grande mal que assolava a Alemanha. Cruelmente perseguidos e excluídos de várias atividades públicas, a partir de 1935, com as Leis de Nuremberg¹⁶¹, os judeus passavam à condição de cidadãos de segunda categoria, perdendo direitos civis, como o direito de casarem-se com "arianos puros"¹⁶². Em 1938, as

¹⁵⁸ C. E. POETA MÁRIO QUINTANA 3º FASE E.J.A. PROFESSOR: Carlos Teles Fonte: <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de agosto de 2011. Totalitarismo é um regime político baseado na extensão do poder do Estado a todos os níveis e aspectos da sociedade. Pode ser resultado da incorporação do Estado por um Partido (único e centralizador) ou da extensão natural das instituições estatais. Geralmente, é um fenômeno que resulta de extremismos ideológicos e uma paralela desintegração da sociedade civil organizada. A distinção entre totalitarismo de direita (Nazismo, Fascismo, Franquismo, etc.) e de esquerda (Estalinismo, Maoísmo, etc.) é insuficiente para compreender suas particularidades, funcionamento e aspirações, enquanto regime político da modernidade. O totalitarismo é um regime inserido na 'sociedade de massas', não existindo, enquanto tal, antes do século XX. São paradigmas na história os regimes totalitários de Adolf Hitler e Josef Stalin, respectivamente na Alemanha e na União Soviética.

¹⁵⁹ O nazismo repudiava todos os valores do individualismo e do liberalismo democrático, pregando a total integração do indivíduo no seio da comunidade política do Estado. Os cartazes nazistas diziam, por exemplo: *Tu não és nada, teu povo é tudo*. A vontade do Estado era a vontade do povo alemão e somente poderia ser interpretada com perfeição pelo Führer — chefe representante da comunidade —, a quem todos deviam prestar obediência absoluta.

¹⁶⁰ Ideologia é um termo usado no senso comum, contendo o sentido de conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas e visões do mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas. A ideologia, segundo Karl Marx, pode ser considerada um instrumento de dominação que age através do convencimento (e não da força), de forma prescritiva, alienando a consciência humana e mascarando a realidade. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 26 de agosto de 2011.

¹⁶¹ No encontro anual do partido, ocorrido em Nuremberg em 1935, os nazistas anunciaram novas leis que institucionalizavam muitas das teorias raciais prevaletentes na ideologia nazista. As leis excluíam Judeus alemães da cidadania do Reich e os proibia de ter relações sexuais com pessoas de "sangue alemão ou relacionado". Estas leis privavam os Judeus, entre outras coisas, da maioria de seus direitos políticos. As leis de Nuremberg, como ficaram conhecidas, não definiam alguém como judeu por suas crenças religiosas. Em vez disso, qualquer um que tivesse três ou quatro avós Judeus era definido como Judeu Independente de se o indivíduo se identificava como Judeu ou pertencia à Comunidade Judaica. Muitos alemães que não praticavam o Judaísmo havia anos (e gerações) foram incluídos nesta onda de terror nazista. Até mesmo pessoas cujos avós haviam se convertido ao cristianismo foram consideradas judias. Por um curto período após Nuremberg, nas semanas anteriores e durante as Olimpíadas de 1936, em Berlim, o regime nazista agiu com moderação contra os Judeus. Em 1937 e 1938, o governo começou a 'empobrecer' financeiramente os Judeus, ao exigir que seus negócios fosse registrados e transferidos a proprietários 'arianos'. Isso significava que trabalhadores e dirigentes Judeus eram despedidos, e a propriedade da maioria dos negócios de Judeus foi assumida por alemães não Judeus, que compravam os estabelecimentos por preços irrisórios definidos pelos nazistas. Médicos Judeus eram proibidos de tratar não-Judeus, e advogados Judeus não podiam exercer o direito. Assim como todos na Alemanha, os Judeus carregavam carteiras de identidade, mas as suas tinham um "J" vermelho marcado pelo governo. Além disso, todos que não tinham primeiro nome notadamente judaico recebiam um novo nome, "Israel" para os homens e "Sara" para as mulheres. Isso permitia à polícia identificar facilmente os Judeus. Fonte: Unites States Holocaust Memorial Museum. Disponível em <http://www.webjudaica.com.br/chaguim/textos>. Acessado em 23 de agosto de 2011.

¹⁶² Uma das ideias básicas do nazismo era a crença de que o povo alemão descendia de uma raça superior (arianos) e, por isso, tinha o direito de dominar "as raças inferiores": judeus, eslavos etc. Os judeus eram especialmente odiados, porque, sendo catalogados como "uma raça inferior" espalhados pelo mundo,

ações antissemitas cresciam vertiginosamente. Espancamentos, humilhação de crianças nas escolas, destruição de sinagogas e casas e até a utilização de sinais identificadores, já faziam parte do cotidiano da Alemanha de Hitler. Em escala mais reduzida, o racismo germânico também estendeu seus crimes sobre outros povos como, eslavos e ciganos, além da perseguição a homossexuais e deficientes físicos. A propaganda nazista, controlada por Goebbels¹⁶³, supervisionava a literatura, o cinema e, sobretudo, o rádio e a imprensa, como se pode perceber neste trecho extraído do jornal nazista “Das Schwarze Korps”:

O que isto significa? Significa não somente a eliminação dos judeus da economia alemã - eliminação que eles bem merecem por seus homicídios e pela excitação à guerra e aos assassinatos. Significa muito mais! Não podemos aceitar que um alemão viva sob o mesmo teto que um judeu, raça de assassinos, criminosos, inimigos mortais do povo alemão. Em consequência, os judeus devem ser caçados em nossas casas, em nossos quartéis, e devem ser alojados em ruas e casas onde vivam entre si, com o menor contato possível com os alemães. É necessário estigmatizá-los e proibi-los de possuir imóveis na Alemanha, pois é inconcebível que um alemão dependa de um proprietário judeu que ele alimenta pelo trabalho de suas mãos. Nós nos encontraremos em face da dura necessidade de exterminar os guetos de judeus, da mesma forma que temos o hábito de exterminar os criminosos no nosso Estado: pelo fogo e pelo gládio. O resultado será a desapareição efetiva e definitiva do judaísmo na Alemanha, sua destruição total.¹⁶⁴

Nesse perturbado contexto, como a maioria dos escritos de Edith Stein, a sua Autobiografia também ficou inacabada e incompleta, em virtude das dificuldades impostas pela situação histórica, política e social daquele tempo. Todavia, nessa obra, Edith facilita o trabalho de seus biógrafos, pois ela própria narra a história de sua família, com lineamentos autobiográficos da infância e dos anos da juventude. Através destes lineamentos, percebe-se o

representavam uma ameaça capaz de corromper a pureza do sangue alemão. Assim, os casamentos entre judeus e alemães deveriam ser proibidos e os judeus, aniquilados.

¹⁶³ Paul Joseph Goebbels, 1897-1945, foi o ministro da Propaganda de Adolf Hitler na Alemanha Nazista, exercendo severo controle sobre as instituições educacionais e os meios de comunicação. Era um dos líderes políticos nazistas mais destacados, tendo uma posição correspondentemente importante entre os nazistas. Um dos primeiros e ávido apoiante da guerra, Goebbels fez tudo em seu poder para preparar o povo alemão para um conflito militar em larga escala. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele aumentou o seu poder e influência através de alianças, deslocando dirigentes nazistas. Em finais de 1943, a guerra estava virando contra os poderes do Eixo, mas isso só fez Goebbels estimular a intensificar a propaganda, exortando os alemães a aceitar a ideia de guerra total e de mobilização. Goebbels permaneceu com Hitler em Berlim até o fim, e na sequência do suicídio do Führer, foi indicado por ele para servir como Chanceler do Reich, ao qual o foi, por apenas um dia. Em suas últimas horas, sugere-se que Goebbels permitiu a sua mulher, Magda, matar os seus seis filhos pequenos. Pouco depois, Goebbels e sua mulher cometeram suicídio. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Joseph_Goebbels. acessado em 27 de agosto de 2011.

¹⁶⁴ Apesar desse texto ter sido publicado em 1938, o pior aconteceria somente durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45), quando tem início a "solução final", que executou cerca de seis milhões de judeus espalhados pelos vários campos de extermínios nos países europeus dominados pelo III Reich. O marco inicial para o segundo grande conflito ocorreu no ano de 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. De imediato, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. De acordo com a política de alianças militares existentes na época, formaram-se dois grupos: Aliados (liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos e Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

alcance da narração da autora, falando não somente de sua família, mas das famílias judias alemãs.

Edith Stein nasceu na cidade de Breslau¹⁶⁵, capital da Silésia, na Alemanha, atualmente chamada Wrocław e pertencente à Polônia, no dia 12 de outubro de 1891, em uma próspera família de judeus ortodoxos. A sua origem judaica será um fator de grande repercussão em sua vida. A data de seu nascimento coincide com a festa judaica do Yom Kippur, dia consagrado pelos judeus a prática da penitência. Antigamente, nesse dia, o Sumo Sacerdote impunha as mãos sobre o bode expiatório, carregando-o simbolicamente com os pecados do povo e enxotando-o para o deserto¹⁶⁶. Numa carta, a irmã de Edith, Erna Biberstein, informa que em sua residência todos eram observantes dos dias de jejum e festas¹⁶⁷. Neste ambiente, Edith internaliza a fé judaica, bem como as tradições e a cultura deste povo milenar.

Ela era a caçula de onze filhos, quatro dos quais faleceriam precocemente, ainda na primeira infância. Seu pai, Siegfried Stein, um comerciante de madeira, faleceria em 1893, aos 48 anos, quando Edith tinha dois anos de idade, vítima de insolação, em uma viagem de negócios pelo interior da Alemanha¹⁶⁸. Restou à sua mãe e aos irmãos mais velhos tocar os negócios da família, no que obtiveram sempre bastante sucesso. A mãe e os irmãos mantiveram a situação financeira estável e a educaram dentro da religião judaica. A mãe, Augusta Stein, era uma mulher prática e bem sucedida em seus negócios. Além do trabalho na madeireira, cuidava de seu lar e, ainda educava seus filhos, ensinando-os a viverem de forma parcimoniosa, sem luxos ou ostentações.

Assim foi transcorrendo a infância de Edith, naquele final de século XIX e início de século XX, com as marcas características da cultura judaica naquela sociedade alemã. Eis como lembra a tradição religiosa na família materna¹⁶⁹:

Os meninos estudaram religião com um professor judeu; aprenderam também um pouco de hebraico... Aprenderam os mandamentos, leram trechos tirados das escrituras e decoraram alguns salmos (em alemão). Sempre foi ensinado para eles o respeito para com todas as religiões, para nunca falar mal delas. O avô ensinou a

¹⁶⁵ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Éditions du Signe, 1997, p. 5. “Breslau era uma cidade entre dois mundos. A cadeia dos montes dos Gigantes (Riesengebirge) domina-a ao longe e o Oder coloca nela o mundo eslavo. O encanto melancólico das cidades setentrionais do país da Ordem: suas velhas Igrejas sólidas da época gótica, sua prefeitura com sua torre fantástica tem o olhar voltado para Danzig”.

¹⁶⁶ MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2001, p. 34-35.

¹⁶⁷ Carta de Erna Biberstein, Nova York, 13/11/1952. *Apud* MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2001. p. 35.

¹⁶⁸ STEIN, Edith. *Obras Completas I, escritos autobiográficos y cartas*. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 172-176. Nas páginas citadas há mais detalhes acerca dos pais de E. Stein.

¹⁶⁹ GARGIULO Armando. *Edith Stein: hebraicidade e santidade cristã – I*, Tradução de Clemente Treccani. Disponível em: http://www.moscati.it/Brazil/Pr_Stein_Gar1.html. Acessado em 25 de agosto de 2011.

seus filhos as rezas prescritas. No sábado à tarde, os pais chamavam os filhos que estavam em casa para rezar junto com eles as preces vespertinas e explicá-las. O estudo diário das Escrituras e do Talmud – considerado uma obrigação do homem hebreu nos séculos precedentes e ainda hoje para os hebreus orientais – não era mais praticado na casa dos avós, mas todos os preceitos da Lei eram observados com o máximo rigor.¹⁷⁰

Em seguida, Edith conta a prática religiosa vivida em família por ocasião das festas principais. Algumas anotações nos abrem à compreensão do tipo de educação assimilada. Por exemplo, em se tratando da liturgia do *Seder* (de Páscoa), ela anota:

A solenidade da festa era empobrecida pelo fato que só minha mãe e as crianças menores participavam com devoção. Os irmãos que deviam fazer as orações em lugar de nosso pai, que tinha falecido, o faziam em modo pouco digno. Quando o maior faltava e o menor assumia a função de chefe da família, claramente se percebia o quanto ele não gostava de tudo isso.¹⁷¹

Por ocasião da festa da Expição, “o Kippur”:

Naquela tarde minha mãe ia para a sinagoga, acompanhada pelas irmãs mais velhas e também os irmãos achavam um dever moral não faltar. Ninguém de nós deixava o jejum, mesmo quando não tínhamos mais a fé de nossa mãe e não fazíamos as prescrições rituais fora de nossa casa.¹⁷²

Edith, nesse ambiente, plantou raízes profundas, mas *não pela fé* no Deus de Israel; adquiriu, contudo, um *forte rigor moral*, derivante da Lei. “A mãe nos ensinava o horror do mal. Quando dizia: “é pecado”, aquela palavra expressava o máximo da feiura e da maldade, e nos deixava transtornados”. Perto da sua transferência de Breslau para a Universidade de Göttingen (1911), se confessa “*não crente, porém dotada de forte Idealismo ético*”. Guardará grande estima e admiração pela piedade religiosa da mãe, de tal forma que quando ia a sua terra natal, sempre a acompanhava na sinagoga, assim como, depois do batismo, e na véspera de sua entrada para o Carmelo.

O mundo judaico da Família Stein reflete o mundo dos judeus que se deparavam com os desafios da secularização, uns lutando pela preservação das tradições judaicas e outros se tornando judeus assimilados¹⁷³. Em toda a Alemanha os negócios dos judeus prosperavam, assim como os da família Stein¹⁷⁴. Logo que os negócios começaram a dar lucro, a Sra.

¹⁷⁰ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) España: Verbo Divino, 1969, p. 16.

¹⁷¹ STEIN, Edith. *Obras Completas I, escritos autobiográficos y cartas*. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 201.

¹⁷² *Ibidem*, p.203

¹⁷³ Entende-se por judeu assimilado os judeus que abandonaram a religião judaica e se embrenharam no mundo da política radical durante a segunda metade do século XIX. Esse grupo era formado por socialistas. O mais representativo deles foi Rosa Luxemburgo (1871-1919); ela descendia de uma família de rabinos, mas nunca demonstrou interesse pelo judaísmo. Seu pai foi um rico comerciante de madeira que a enviou para estudar em Varsóvia, desde então, ela devotou toda a sua vida à política revolucionária.

¹⁷⁴ JOHSON, op. cit., p. 492. Os judeus fizeram os mais admiráveis esforços em prol da Alemanha e ajudaram-na a tornar-se poderosa. Desde 1870 até 1933 a Alemanha ganhou mais prêmios Nobel do que qualquer outro país. Na área da medicina um terço dos prêmios foi conquistado por judeus.

Augusta Courante encorajou seus filhos a prosseguir seus estudos, orientando-os para as carreiras liberais. A filha mais velha da Família Stein, Else, tornou-se professora, Paulo começou a trabalhar num banco e Arno ajudava sua mãe na gerência dos negócios. Após um casamento infeliz, Frieda voltou para casa materna com sua filha Erika; Rosa não deixou a casa, enquanto sua mãe viveu e Erna formou-se em medicina¹⁷⁵.

Nesse clima de secularização, os judeus e, por sua vez, a família Stein enfrentaram crises que afetaram as práticas religiosas. Alguns judeus se afastaram da religião¹⁷⁶ e outros a conservaram, mas sem os rituais do judaísmo ortodoxo. Eram judeus assimilados, ou seja, eram alemães que não queriam ser judeus. Edith viveu intensamente essa confusa identidade e fez a sua escolha. Aos catorze anos era completamente atea, como ela própria confessa, na biografia que escreveu, a pedido da Superiora do Carmelo de Colônia antes de o abandonar, a caminho da Holanda. Foi uma declaração muito forte amenizada pela terminologia atual de indiferentismo religioso. Aqui se tem mais um cravo que atravessou o coração da autora e o coração da Europa, que se formou sob a égide judaico-cristã.

Entretanto, no universo intelectual, muitos judeus aderem ao cristianismo, tornando-se membros das religiões protestante e católica¹⁷⁷. Stein, em Carta datada de 04/10/1936, comenta que sua mãe deve ter conservado até o último instante de sua vida suas convicções religiosas. Ela morreu com 88 anos, enquanto Irmã Teresa Benedita (Edith Stein) renovava seus votos religiosos. Logo após a morte de Augusta Stein, Rosa, sua filha, também se faria batizar no seio da Igreja Católica Romana. Ela foi a única da família Stein a não esfriar o relacionamento com Edith, em função de sua conversão e entrada na vida religiosa católica. Ainda em 1939, Rosa viria a seu encontro no Carmelo. Assumiu os serviços de portaria no Carmelo de Echt, permanecendo como irmã leiga carmelita, não chegando a se tornar noviça nem a professar os votos religiosos. Seus superiores do Carmelo achavam uma temeridade, diante da situação política instável e francamente desfavorável aos judeus, admitirem, quase de uma só vez, duas judias e irmãs de sangue à vida religiosa. A família de Edith dispersara-

¹⁷⁵ MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. Ed. Aparecida: Santuário, 2001, p. 35-36.

¹⁷⁶ JOHSON, op. cit., p.502. O aluno mais famoso da Escola de Frankfurt foi Walter Benjamim (1892-1940). O trabalho de toda a sua vida foi, basicamente, coletado e publicado por Adorno, em 1955. Benjamim estava entre os judeus que não professavam nenhuma religião.

¹⁷⁷ HERBSTRIETH, op. cit., p. 16.

se. Uma parte emigrou para os Estados Unidos e a outra acabou por desaparecer nos guetos e nos campos de concentração¹⁷⁸.

2.1.1. TRAJETÓRIA PESSOAL JUDAICA DE EDITH STEIN ATÉ SUA ADESÃO À FÉ CRISTÃ

Waltraud Herbstrith, carmelita alemã, é considerada a melhor biógrafa de Edith Stein¹⁷⁹. Publicou sua biografia em 1971, bem antes de sua canonização pela Igreja Católica Romana, baseando-se nos próprios escritos de Edith Stein, na biografia escrita pela Irmã Teresa Renata do Espírito Santo¹⁸⁰ e nas recordações de seus contemporâneos. Uma edição foi traduzida mais tarde para o inglês em 1985. Na biografia de W. Herbstrith, a vida de Edith Stein é polissêmica: feminista, educadora, escritora, filósofa, tradutora, amante da vida espiritual, judia e católica romana. W. Herbstrith conta uma história equilibrada. O seu texto não é influenciado pelas controvérsias que se seguiram por ocasião da canonização¹⁸¹.

¹⁷⁸ MIRIBEL, op. cit., p. 198-199. Na Alemanha, o número de judeus passou de 564 mil, em 1925, para 15 mil, no fim da guerra. Só tinham direito à vida os judeus que pudessem ser úteis à máquina de guerra alemã. Nos países conquistados ou controlados por Hitler, havia 8295 mil judeus, dos quais 6.093 mil foram mortos.

¹⁷⁹ Waltraud Herbstrith, filóloga e teóloga, é uma Pesquisadora de Edith Stein. Escreveu vários livros sobre a grande carmelita e construiu um extenso arquivo contendo as publicações de Stein e, também, obras sobre a sua vida e pensamento. Ainda conseguiu outros materiais, como imagens, filmes e roupas que ela teria usado. Disponível em http://www.tagblatt.de/Home/nachrichten/tuebingen_artikel,-Das-Tuebingen-Karmel-Kloster-wird-aufgeloest-_arid,143219.html. Acessado em 26 de agosto de 2011.

¹⁸⁰ FERMIN, Francisco J. Sancho. *Edith Stein: modelo y maestra de espiritualidad*. 3.ed. Burgos: Monte Carmelo, 1998. p. 180-181. Teresa Renata do Espírito Santo nasceu em 28 de abril de 1891 e faleceu em 23 de janeiro de 1961 em Colônia, na Alemanha. É a religiosa que mais influenciou o Carmelo de Colônia, a partir dos anos 30, e, conseqüentemente, a Edith Stein. Ela pertencia à burguesia alemã, tendo a oportunidade de estudar em Bonn, e, em seguida, na Bélgica. Dedicou-se à música, à ciência e aos trabalhos domésticos, conforme a formação tradicional das mulheres burguesas da época. Em 1916, frequenta um curso dirigido à formação da juventude em Berlim. De volta à casa paterna abre uma creche em sua paróquia. Em 1919, entra no Carmelo de Colônia. Depois de sua Profissão Religiosa, em 1923, foi para a nova fundação de um carmelito em Cordel, onde ficou até 1933, ano em que regressou a Colônia como subpriora e mestra de noviças. Em 1936 é eleita priora do convento, ofício que exerceu por mais de 20 anos. Além de ter sido escritora e primeira biógrafa de Edith Stein, teve o mérito também de “fundadora”, por recuperar, depois da Segunda Guerra Mundial, o convento e a igreja original: “Maria Rainha da Paz”.

¹⁸¹ De forma sintética, as controvérsias acerca da canonização de Edith Stein se dão no fórum íntimo da Igreja Católica Romana e também no relacionamento judaico-cristão. No início dos anos 80, durante o encontro do Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços com o Papa João Paulo II, os religiosos apresentaram uma petição, em nome de todas as províncias da Ordem, solicitando a aceleração do processo de beatificação da Irmã Teresa Benedita. O Papa, profundo conhecedor da vida e da obra filosófica, comentou que seria necessário fazer uma revisão exaustiva de toda a sua obra pela Congregação para a Causa dos Santos. Este foi um problema interno da Igreja Católica Romana, enquanto Instituição, para averiguar se o pensamento Steiniano estava de acordo com a “sã doutrina”. Um problema externo veio por parte das críticas de alguns grupos judaicos, que pontuavam não haver dúvida de que muitos cristãos morreram em Auschwitz, principalmente padres poloneses. Entretanto, para eles a canonização oficial de uma judia cristã sinalizaria um processo de “cristianização do Holocausto”. Esses grupos temiam que Auschwitz, o símbolo do martírio judaico, se tornasse um acontecimento essencialmente histórico, podendo ser tomado, também, como um lugar a ser lembrado de sofrimento cristão. Eles não admitiam

Através dos dados históricos oferecidos por W. Herbrith sobre Edith Stein e, também, da autobiografia da grande carmelita, faz-se necessário citar alguns fatos marcantes de sua trajetória pessoal, com o objetivo de se conhecer mais de perto as influências recebidas e a postura assumida por ela diante do mundo perplexo do “Entre Guerras”¹⁸².

O fato de Edith Stein ter nascido no Dia do Perdão e da Reconciliação para os judeus, fez com que ela se sentisse especial, principalmente pela ênfase que sua mãe colocava sobre a coincidência do nascimento de Edith ter ocorrido no dia mais sagrado do judaísmo. O dia do Yom-Kipur é o mais solene de todos os dias santos judaicos, porque nessa data o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, levando consigo os sacrifícios a serem oferecidos em expiação por si e por todas as pessoas. A Sra. Augusta Stein educou os seus filhos na rigidez da religião hebraica; ela era fiel observante da Lei de Moisés e incutiu desde cedo, no coração da filha caçula, o amor pela Palavra de Deus e o apego forte e corajoso ao povo hebraico que vivia o seu êxodo sofrido fora da terra prometida. Como filha mais nova, cabia a Edith fazer, no *Seder* da Páscoa, a série de perguntas rituais sobre o sentido da ceia. No entanto, era estranha para Edith a constatação de que a piedade religiosa de seus pais não fora acompanhada pelos irmãos mais velhos. Para estes, tudo não passava de um cumprimento de obrigações, sem uma fé viva correspondente. É bem provável que a falta do sentido religioso dos irmãos, juntamente com as amizades que fez na adolescência com famílias judias não praticantes, somado ao seu espírito altamente crítico, tenham sido, em parte, responsáveis pela crise de fé que a acometeu na juventude¹⁸³.

Já na infância, Edith demonstra muita inteligência e na escola primária se destaca como uma das melhores alunas da classe. Ela era uma criança sensível e tinha uma forte personalidade; possuía uma vontade enorme de aprender, mas seus sucessos não a envaideciam. Uma colega de classe conta como se impressionava com os dons excepcionais

a hipótese de que a Igreja Católica Romana amenizasse, assim, a principal atividade no campo de concentração, que foi o extermínio em massa do povo judeu.

¹⁸² A derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial (1914-18) e a humilhação a que fora submetida pelo Tratado de Versalhes deixou o país à beira da anarquia e da guerra civil. A República, proclamada na cidade de Weimar, foi dominada por setores moderados que não conseguiram combater a miséria e nem controlar os movimentos políticos de esquerda. Sob pressão dos militares e de grupos nacionalistas totalitários, como os nazistas, a República de Weimar vivia ameaçada. De 1919 a 1929 viveu-se uma ilusão de paz. A situação do país agravou-se com a crise mundial de 1929, que atingiu a economia que se recuperava desde 1923, radicalizando as oposições. De 1929 a 1939, foram se acumulando problemas e tensões que levaram à Grande Depressão. A articulação entre monarquistas conservadores, setores militares e empresariado, facilitou a ascensão de Hitler ao cargo de chanceler, em 30 de abril de 1933. Alguns meses depois, Hitler estabeleceu um Estado totalitário com um poderoso e disciplinado aparato paramilitar, destacando-se agrupamentos como as SA (sessões de assalto), e as SS (sessões de segurança), além da Gestapo, a temida polícia política do nazismo.

¹⁸³ MEDEIROS, Frei Tito Figuerôa de. *Judaísmo e cultura em Edith Stein*. Grande Sinal, Petrópolis: Vozes, 2000. v.54. n.3, p. 306.

de Edith, “no entanto, acrescentou, não tinha o menor convencimento, era profunda, reservada, silenciosa, sempre complacente e compreensiva para com suas companheiras¹⁸⁴”. Suas matérias preferidas eram: alemão, história e línguas, daí ter aprendido a falar corretamente o francês, o inglês, o espanhol, o latim, e a ler com esmero o grego e o hebraico.

Quando entra na adolescência, Edith continua a frequentar a sinagoga com sua mãe, mas já sem convicção. Ainda precoce, ela capta a realidade religiosa em sua pluralidade, onde uns vivem de forma fervorosa e outros de forma indiferente. Ela não sente mais a força da imposição familiar para se conservar fiel à tradição religiosa judaica. Aos treze anos, entra em uma crise e chega a renegar a religião materna, por não encontrar nela sentido.

Terminado os seus estudos, a jovem deixou o liceu e entrou na Universidade de Breslau¹⁸⁵. Matriculou-se nos cursos de história e filologia, ingressando em seguida, no curso de psicologia experimental dos professores Stern e Hönigswald, ambos judeus e mestres em sua especialidade. O seu ímpeto é de buscar uma autenticidade, traduzida em ações. Em virtude de seus dotes intelectuais, Edith parte para formulações racionais para chegar a algo que ela dará o nome posteriormente de “Verdade”. No meio universitário, convive com realidades religiosas diversas, como teorias e pessoas de vários credos e também ateus. Nesse meio, ela vive com indiferença a religião e confessará mais tarde que até aos vinte e um anos não conseguia acreditar na existência de Deus¹⁸⁶. Fortemente marcada pela leitura das “Investigações Lógicas” de Edmund Husserl, decidiu deixar sua cidade natal em 1913 para se inscrever em Filosofia e em Fenomenologia na Universidade de Göttingen, onde se encontravam os grandes filósofos: E. Husserl, Adolf Reinach e Max Scheler; os três eram de ascendência judaica e profundamente interessados em ética e religião¹⁸⁷.

O tempo universitário de Edith lhe pareceu bastante agradável. Fez muitas amizades entre os fenomenólogos, surpreendentemente, muitos dos quais eram judeus ou cristãos convertidos graças à experiência do fenômeno da religião, como o seu “querido Mestre” Edmund Husserl. A universitária desfrutou dos ambientes intelectuais que tanto a fascinavam. Amava as caminhadas com os amigos no campo. Havia até mesmo escolhido seu futuro marido em um círculo acadêmico, o fenomenólogo Hans Lipps, filho do professor Theodor Lipps, com quem fez planos de casamento, como toda moça da época.

¹⁸⁴ MIRIBEL, op. cit., p. 38. Essas lembranças de infância são confirmadas por Erna Biberstein e se encontram no livro de Madre Thérèse-Renée Du Saint-Esprit.

¹⁸⁵ A Universidade de Breslau era de fundação relativamente recente. Várias dificuldades tinham atrasado sua fundação, até o ano de 1811. Para formá-la, fundiram-se o velho colégio dos Jesuítas, fundado em 1702, por um privilégio do Imperador Leopoldo e as faculdades de Frankfurt-Oder.

¹⁸⁶ MIRIBEL, op. cit., p. 41

¹⁸⁷ HERBSTTRITH, op. cit., p. 10.

Nesse ambiente, Stein se depara com o fenômeno religioso. Encontra-se com o filósofo Max Scheler, que recentemente havia se convertido ao catolicismo, e encantava seus alunos com as ideias cristãs. Edith passa então a considerar o fenômeno da fé e reflete sobre as posturas das pessoas religiosas com quem convivia. Dentre elas o próprio Husserl, o casal Von Martius e o casal Reinach convertidos ao luteranismo. O padre Jan Nota, jesuíta e fenomenólogo, que conheceu a filósofa na Holanda, informa que de Husserl ela aprendeu a acolher a verdade sem preconceitos, e com Scheler aprendeu a ver a possibilidade de ser católica e cientista ao mesmo tempo. Contudo, confessará Edith que não foi aí ainda que abraçou a fé.

[...] naquela época, não devia fazer muito tempo que Scheler havia entrado para a Igreja Católica, pois em todos os sentidos, era o período em que sua alma transbordava de ideias católicas, das quais ele sabia fazer propaganda com todo o fascínio de seu espírito e o poder de sua linguagem. Foi para mim o primeiro contato com um mundo que, até aquele momento, me era totalmente desconhecido. Não me conduziu, porém, à fé. Abriu-me somente um novo âmbito de fenômenos, diante dos quais não podia permanecer insensível (...) O mundo da fé, repentinamente se abriu diante de mim (...) Contentei-me somente com acolher sem resistência as sugestões que me vinham do ambiente e cheguei, quase sem perceber, a uma verdadeira transformação.¹⁸⁸

Em 1914 estoura a Primeira Guerra Mundial¹⁸⁹, quase todos os amigos da jovem de Breslau são enviados ao fronte. Apesar dos temores de sua mãe, Edith considerou como seu dever interromper os seus estudos e se alistar como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha¹⁹⁰. Em sua autobiografia informa:

[...] agora não tenho mais vida pessoal. Toda a minha força pertence ao grande acontecimento. Quando a guerra terminar, se eu ainda estiver viva, poderei então pensar novamente nos meus próprios planos. Naturalmente coloquei-me à disposição sem condições. Com efeito, não tinha outro desejo senão o de partir o mais depressa possível, de preferência ao fronte num hospital de campanha.¹⁹¹

¹⁸⁸ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 364-366.

¹⁸⁹ Os séculos XIX e XX foram fecundos em ideias: Liberalismo, Democracia, Socialismo, Sindicalismo, Anarquismo. A Europa brilhava como uma estrela. Mas profundas eram as desigualdades. No início do século XX, a Europa vivenciava as transformações trazidas pela revolução industrial e pela crescente expansão do capitalismo. Instaurava-se um novo modelo de vida que criava novas formas de sociabilidades que provocaram profundas mudanças na estrutura social de diversos países. Antigas formas de vida foram transformadas ou substituídas por outras, a política, a economia e a cultura mudavam de fisionomia e, dentro desse contexto, surgia uma grande crise e, com ela, a Primeira Grande Guerra, a partir de 1914 até 1918.

¹⁹⁰ HERBSTTRITH, op. cit., p. 9. Nesta obra, Herbstrith informa que as questões políticas interessavam muito a Edith Stein. Apesar dela ter sido influenciada pelas ideias liberais, não deixou de ser grata à Prússia que lhe garantia “o livre acesso às ciências humanas”. Em suas lembranças autobiográficas, estava muito consciente do dever contraído para com aqueles aos quais seus estudos colocavam-na em condições de servir, isto é, “o povo e o Estado”. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/primeira-guerra-mundial>. Acessado em 18 de agosto de 2011.

¹⁹¹ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p.397.

Ela foi aceita em 1915 para trabalhar em um hospital austríaco militar de doenças contagiosas, perto da frente russa em Maehrisch-Weisskirchen. Esse hospital estava em território austríaco, no entanto, os pacientes eram húngaros, alemães, italianos e outros do Império Austro-Húngaro. Nos meses em que serviu, a enfermeira lidou com o exército poliglota Austro-Húngaro, falava com os médicos húngaros em latim e, com os polacos, o polonês. Ali aprendeu muito acerca da prática da "empatia", através da comunicação, dos gestos, da solidariedade com os feridos, física e psicologicamente afetados pela guerra. Ainda pôde segurar as mãos de muitos moribundos, de uma ala da enfermaria destinada aos infectados pela tifoide. No transcorrer da guerra houve uma ofensiva do exército alemão, que despachou os russos de volta para Varsóvia, por isso o hospital foi fechado. Por sua dedicação, Edith recebeu uma medalha de Honra ao Mérito¹⁹².

Em 1916, a filósofa vai para a Universidade de Freiburg-in-Breisgau, como assistente de Husserl. Uma de suas funções era orientar os novos alunos em suas pesquisas. Entre os estudantes de Husserl estava Heidegger que a ajudou na assistência ao mestre, para que ela pudesse ter tempo de elaborar sua tese doutoral. Sob a orientação exigente de Husserl, ela abordou um tema até então inexplorado nas pesquisas filosóficas: tratava-se do problema da empatia, "*Einfuhlung*". Edith Stein recebe o grau de Doutora em Filosofia, "*summa cum laude*"¹⁹³. Nessa época, além dos colegas, alunos e professores, várias pessoas testemunham que a ex-voluntária da Cruz Vermelha foi realmente empática com as alegrias e sofrimentos, e, também, com as preocupações das outras pessoas de uma forma extraordinária. Ela escreveu em poucos anos uma série de monólogos filosóficos originais, aplicados aos métodos de análise de Husserl, à política e a outros assuntos. As ideias que Stein desenvolveu em sua dissertação foram fundamentais para o trabalho de sua vida e de seu projeto em andamento: escritos posteriores sobre a pessoa humana, sobre organizações privadas, associações e, finalmente, sobre o Estado.

Em Friburgo, inspirada por uma série de amigos cristãos, fenomenólogos, alguns mortos na guerra, a fenomenóloga foi conduzida para o estudo do cristianismo. Aprendeu o Pai Nosso e o Evangelho em alemão. Tomou contato com alguns grandes filósofos do cristianismo: Santo Agostinho, Duns Scoto, Santo Tomás¹⁹⁴, que lhe chamavam a atenção, pois conseguiam, de forma impecável, conciliar a razão e a fé em suas reflexões. No mesmo período, numa excursão pela montanha, ela se levanta de madrugada para retomar a

¹⁹² MEDEIROS, op. cit., p. 299.

¹⁹³ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, Escritos Autobiográficos y Cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p.484-491.

¹⁹⁴ MEDEIROS, op. cit., p. 312.

caminhada de volta a cidade e se depara com um grupo de patrões e empregados, fazendo a oração em comum, antes de irem para o trabalho. Esse testemunho de fé tocou-lhe a alma¹⁹⁵.

Em 1917, o professor Reinach morreu em Flandres. A sua esposa, Anna, solicitou a Edith que a auxiliasse na organização dos trabalhos filosóficos de seu falecido marido para uma publicação póstuma. O casal havia se convertido ao cristianismo e Anna surpreendeu a amiga visitante pela resignação e atitude de fé, diante da fatalidade ocorrida com seu esposo. Para Stein, este foi o primeiro encontro com a cruz e com a força divina que dela procede aos que a abraçam. Desde então, sua incredulidade cedeu espaço à crença no Cristo crucificado, porém somente depois de fazer a experiência do Cristo e descobrir nele a Verdade que tanto almejava, assumir a sua fé nele. Isso se deu concretamente, a partir da leitura da biografia de Santa Teresa d'Ávila. Após a leitura, exclamou:

[...] existe um estado de repouso em Deus, de total abstenção de atividade espiritual, no qual a pessoa não consegue traçar planos, tomar decisões, nem mesmo fazer o que quer que seja, e no qual ela se abandona inteira ao seu destino, tendo submetido o futuro à vontade de Deus. Senti-me neste estado depois de uma experiência que ultrapassava minhas forças, consumiu inteiramente minhas energias espirituais e me tirou toda possibilidade de ação. Parecido com a inatividade por falta de impulso vital, o repouso em Deus é qualquer coisa de completamente novo e irredutível. Antes era o silêncio da morte. Em seu lugar aparece um sentimento de segurança íntima, de libertação de tudo que é preocupação, obrigação e responsabilidade com relação à ação. E à medida que me abandono a este sentimento, uma vida nova começa a apoderar-se de mim. Este afluxo vital parece emanar de uma Atividade e de uma Força que não são minhas, mas que, sem violentar minha vontade, começam a operar em mim.¹⁹⁶

Em 1922, quando estava com 31 anos, depois de anos de hesitação entre as duas grandes religiões cristãs da Alemanha, católica e luterana, Edith pediu o batismo na Igreja Católica Romana e foi batizada no primeiro dia de janeiro de 1922¹⁹⁷. Recebendo o nome de Teresa Hedwige. Teresa em sinal de gratidão à santa que lhe mostrou a Verdade e Hedwige em homenagem a sua madrinha, Hedwige Conrad-Martius, que era protestante¹⁹⁸.

¹⁹⁵ MIRIBEL, op. cit., p. 57-58

¹⁹⁶ MIRIBEL, op. cit., p. 65-66.

¹⁹⁷ BINGEMER, Maria Clara L. e YUNES, Eliana. (Org.). *Profetas e Profecias*: numa visão interdisciplinar e contemporânea. São Paulo, Loyola. 2002. p. 248-249. A conversão de Edith Stein foi profunda, a ponto de mudar totalmente a sua opção de vida. Deseja, em seguida ao batismo, se consagrar como carmelita na vida monástica contemplativa. Em razão de sua adesão ao cristianismo teve que realizar, de certa forma rupturas com a família, com a profissão e com o trabalho intelectual. Entretanto, a sua adesão ao Cristo e a Igreja Católica não eliminou dela a consciência de sua pertença ao Povo de Israel. O seu amor pelo Povo de Israel à fez caminhar e sofrer com ele até o campo de concentração de Auschwitz.

¹⁹⁸ MIRIBEL, op. cit., p. 67. É interessante o fato de que a Igreja Católica Romana só aceita para apadrinhamento aqueles que são católicos, porque os padrinhos são os representantes da fé da Igreja. Entretanto, Edith Stein levou como padrinhos um casal luterano. Talvez se possa ver aí um sinal de que a filósofa tenha o dom de conciliar ecumenicamente ao seu redor pessoas distintas e todas partilharem de forma salutar a harmonia da boa convivência, independente do credo que professem.

Em meio a sua iniciação cristã, Edith se sente vocacionada à vida monástica, mas temendo a tristeza que isso traria para a sua devota mãe judia, optou por aguardar o momento oportuno¹⁹⁹. Entre os anos de 1928 a 1933, o editor de Edith, grande teólogo e amigo pessoal Erich Przywara²⁰⁰, recomendou que ela iniciasse a sua direção espiritual com dom Walzer, arquiabade do mosteiro beneditino de Beuron²⁰¹. A ele, a filósofa comunicou o seu desejo de entrar para vida religiosa; o abade, porém, conhecendo os talentos da recém-convertida lhe aconselhou a se dedicar à oração e ao estudo das coisas de Deus, lecionando no colégio das Dominicanas de Santa Madalena de Speyer e a proferir conferências e debates pelo país e pelas nações vizinhas. Ali, Stein permaneceu oito anos recolhida em orações, pesquisas e cursos. As suas alunas deixaram o testemunho de que a professora era toda maternal, e sua ternura encantava, a ponto de todas respeitá-la com singela obediência. Ela dava o exemplo de abertura a tudo o que fosse nobre e belo. Apresentava uma capacidade enorme de explicar os textos mais obscuros e era extremamente compreensível com todas. Por fim, transmitia uma humildade profunda e uma harmonia natural, consequência de sua inteligência ancorada em Deus e praticada na caridade, junto a diversos grupos religiosos e laicos.

Dom Raphael Walzer era engajado no combate pela liberdade humana e, sabendo da influência que Stein tinha no meio intelectual, procurou mantê-la o mais tempo possível nesse meio, como forma de evangelizar esse universo que era abalado pela posição política ao qual a Alemanha estava entrando. Ele comenta que *“Edith Stein possuía sempre um espírito maternal, com grande solicitude pelos outros. Era simples e direta com as pessoas comuns, aprendia com os letrados, a companheira de todos que procuravam a verdade. Eu quase poderia dizer que ela era uma pecadora com os pecadores”*²⁰².

Dessa maneira, já que seus planos de entrar para o Carmelo eram adiados, a forma que ela encontrava, para intensificar a sua espiritualidade, era frequentar a abadia de Beuron. Nesse espaço, vivenciava uma profunda comunhão com o Mistério Inefável. Na capela da

¹⁹⁹ MEDEIROS, op. cit., p. 300. A Sra. Augusta Stein exercia sobre sua filha um fascínio, por ser uma mulher forte, que soube superar as dificuldades da vida e se manter inabalável em sua fé israelita. Para Edith ter de informar a sua mãe que havia se convertido ao catolicismo se tornou um grande desafio. Enchendo-se de coragem, ajoelhou-se aos pés de sua mãe e lhe confessou: “mãe, sou católica”. Para a família Stein, só os ignorantes, os que desconheciam a história das relações entre o cristianismo e o judaísmo, no passado, se tornaram católicos. A posição da Sra. Augusta foi de um lamento profundo, externalizado em suas lágrimas.

²⁰⁰ MIRIBEL, op. cit., p. 95-98. Edith Stein foi encorajada pelo padre jesuíta Erich Przywara a prosseguir suas atividades na Alemanha e no Exterior. Ele a incitou igualmente a estudar Tomás de Aquino.

²⁰¹ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p.498.

²⁰² O Testemunho prestado pelo abade de Beuron, Dom Rafael Walzer, sobre Edith Stein, após sua morte, pode ser encontrado em MIRIBEL, op. cit., p. 132-135. Também em HERBSTRITH, op. cit., p. 23. E, ainda, em W. Herbstrith, *A verdadeira face de Edith Stein*. p. 85.

abadia passava horas em contemplação. Comenta um padre que a observou neste estado orante:

Tive a impressão de assistir à oração da Igreja primitiva, aquela que vem retratada nas figuras em oração dos muros das catacumbas. Edith me parecia a encarnação viva dessa oração que a Igreja, de pé, mas já fora da terra, dirige a Deus. Estava como que perdida em sua união com Cristo e sem dúvida repetia com o Senhor o pedido fervoroso que ele dirigiu ao Pai: 'Santifico-me por eles, para que sejam também santificados na Verdade' (Jo 17,19).²⁰³

O abade Walzer vai testemunhar que Edith Stein tinha uma alma dotada de qualidades, mas esses dons não lhe retiravam a humildade. Ela possuía muita delicadeza, sensibilidade e havia recebido graças místicas²⁰⁴.

A doutora em filosofia soube se submeter à ascese cristã, graças a sua educação rigorosa dentro do judaísmo. Antes de entrar para o Carmelo, ela já cultivava a vida interior e, após a sua conversão, encontrou um equilíbrio entre os dons do coração e os da inteligência, a seriedade diante dos problemas de seu tempo e a verdadeira compaixão. Em 1936, Edith publica o livro *A Oração da Igreja*, onde se pode captar a profundidade de sua vida interior:

Em segredo e silêncio se realiza a obra da Redenção. É no diálogo silencioso do coração com Deus que são preparadas as pedras vivas pelas quais cresce o Reino de Deus e que são forjados os instrumentos que são escolhidos para a sua edificação. O místico rio que atravessa todos os séculos não é um braço desviado que se separa da vida de oração da Igreja, ele é sua vida mais íntima. A entrega total de nosso coração a Deus e o dom que Ele nos faz em troca, a plena e eterna solidão, tal é o estado mais elevado que nos seja acessível, supremo grau de oração. As almas que o atingem são, verdadeiramente, o coração da Igreja: nelas, vive o amor sacerdotal de Jesus. Ocultas em Deus com o Cristo, só podem irradiar em outros corações o amor divino que as possui e, desse modo, contribuir para a perfeição de todos na união a Deus, o que no passado e no presente, é o único desejo de Jesus.²⁰⁵

2.1.2. EMPATIA E PERTENCIMENTO POLÍTICO-RELIGIOSO NA VIDA DE EDITH STEIN

A vivência empática levou Edith Stein a um profundo grau de pertencimento à sua pátria, ao seu povo de origem, à sua fé religiosa. No período em que estudava filosofia, já refletia sobre as manifestações dos problemas sociais e da situação da mulher, dando apoio aos direitos grevistas²⁰⁶. Ingressou na “Associação prussiana para o voto das mulheres”, de cunho socialista. Acerca do exercício dos direitos cívicos para as mulheres, escreveu:

²⁰³ MIRIBEL, op. cit., p. 96.

²⁰⁴ MIRIBEL, op. cit., p. 97.

²⁰⁵ STEIN, Edith, *A Oração da Igreja*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 49-51.

²⁰⁶ O final do século XIX e o início do século XX encontram-se sob o signo de profunda crise filosófica, cujos sintomas são a aparição de movimentos contrários às duas posições mais potentes do pensamento moderno, que são o mecanicismo materialista e o subjetivismo. Esta mudança de situação ultrapassa as fronteiras do campo da filosofia; pode-se até compará-la com a profunda crise com que, na época do Renascimento, se iniciou toda a

Do ponto de vista jurídico e político, as mulheres estavam na virada do século sob a mesma regulamentação legislativa das crianças e dos doentes mentais. A constituição do Reich de 1919 estabeleceu a igualdade de princípio que fez delas cidadãs com todos os direitos. Graças à obtenção do direito de voto ativo, tornaram-se uma força política que era preciso levar em conta daí por diante.²⁰⁷

Edith era uma mulher plenamente feminista, sem, no entanto, aderir às correntes mais radicais, que já surgiam na época. A sua forma clara de promover a mulher se dava através da formação. Tudo o que fazia e falava servia como motivação, para que as mulheres assumissem sua real posição na sociedade e na religião. Em virtude desta sua postura, sofreu várias críticas, mas nem por isso parou com seu trabalho.

Após a Primeira Guerra Mundial, Edith defendeu a República de Weimar²⁰⁸, militando no partido democrático, discursando quando se fazia necessário. Amava ardentemente a sua Pátria e captava os sentimentos do povo de reconstrução nacional. Em Göttingen, como estudante de história, aprendeu a pensar em termos europeus. Entretanto, aos poucos, foi percebendo uma crescente política antissemita. Desde 1925, com o início do movimento nacionalista de Hitler, os judeus são acusados pela miséria do país e considerados parasitas que impedem o verdadeiro progresso. É preciso privá-los de todo poder e eliminá-los, eis o objetivo do novo partido. Antissemitismo e racismo formam o coração da nova ideologia. A igualdade em direitos começa a ser desfigurada no terror de perseguições; o preconceito é tamanho que se uma pessoa tem sangue judeu, mesmo que seja de terceira ou quarta geração, ela é desvalorizada. Nesse ambiente, a cristã e judia dá um testemunho incomum: acentua a igualdade entre as pessoas como riqueza maior na convivência; proclama a liberdade como vocação fundamental do ser humano. A filósofa se lança de corpo e alma, na luta, incitando também seus alunos para reagir à injustiça das leis raciais, pois o cuidado com o outro deve

cultura moderna. É sumamente difícil traçar um quadro completo de suas múltiplas e intrincadas causas; todavia, os fatos são claros: a Europa nessa época é sujeita a uma profunda remodelação do pensamento social, tem de enfrentar graves perturbações econômicas, inovações radicais no domínio da arte e notável revolução em matéria de religião. Não resta dúvida que se manifesta em todos os setores da vida uma atitude fundamental diferente, e as lutas e guerras têm feito todo o possível para acelerar o processo de decomposição, próprio da crise. Disponível em http://www.robertexto.com/archivo16/origens_da_filosof.htm. Acessado em 29 de agosto de 2011.

²⁰⁷ HERBSTTRITH, *apud A mulher segundo a natureza e a graça*, de Edith Stein, p. 20

²⁰⁸ O Império Alemão (em alemão *Deutsches Reich*, também chamado por *Kaiserlich Deutsches Reich* ou *Kaiserreich* por alguns historiadores alemães) foi um Estado, na região da atual Alemanha, governado pela Casa von Hohenzollern. Existiu desde a sua consolidação como Estado-nação, em janeiro de 1871 (fim da Unificação Alemã), até à abdicação do *kaiser* Guilherme II em novembro de 1918, após a derrota na Primeira Guerra Mundial. A expressão Segundo *Reich* (do alemão *Reich*, que significa *reino* ou *império*) refere-se ao mesmo período histórico naquele estado; os que a empregam consideram o Sacro Império Romano-Germânico (843-1806) como um primeiro império alemão. Seguindo este mesmo raciocínio, os nazistas chamavam de *Terceiro Reich* o regime nacional-socialista de Hitler (1933-1945). É de notar que o termo *Deutsches Reich* foi o nome oficial da Alemanha não apenas no período dos *kaisers* mas também durante a República de Weimar e o regime nazista.

ser inerente a toda humanidade. Em consequência, diante da iniquidade das leis raciais e das perseguições aos judeus, participou das esperanças dos Sionistas²⁰⁹ e animou com seu ardor o movimento que nascia²¹⁰. Sua origem judaica era para ela motivo de profunda satisfação, pois a sua conversão ao cristianismo a fez encontrar o verdadeiro Deus de Israel. Diante da realidade que se encontra, a ilustre filha de Breslau percebe que sua missão era viver o judaísmo e o cristianismo em unidade redentora.

Em suas meditações se desenvolvia a consciência da grande ameaça do nacional-socialismo. Naquele tempo, a fenomenóloga passa a proferir palestras acerca da intersubjetividade, da dignidade humana e outros temas afins, em diferentes países da Europa, como na França, na Suíça e na Áustria. Entre os anos de 1927 a 1933, Edith fala para mulheres profissionais, incentivando-as a olhar para si de uma maneira nova, a considerar a sua natureza distinta, e tornarem-se trabalhadoras, de forma significativa na reconstrução de um mundo que tinha sido devastado pela guerra. Acenava para uma política de reconciliação internacional, que envolveria as mulheres, pois, segundo a conferencista, na vocação de uma mulher está a proteção da vida e a preservação da família; por isso, as mulheres não podem ficar indiferentes às decisões governamentais, acerca das questões que inviabilizariam o bem-estar da família²¹¹.

Em 1929, a autora publica o artigo: "*A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino*"²¹², em uma coletânea de ensaios, comemorando o aniversário de 70 anos do filósofo, como parte de um longo estudo que vai terminar quase nove anos depois. Em março de 1931, Edith deixa de lecionar no convento dominicano de Santa Magdalena, em Speyer, e procura uma vaga como professora universitária. Infelizmente, porém, não

²⁰⁹ O chamado "Sionismo Moderno" se articulou e se desenvolveu especialmente a partir da segunda metade do século XIX, em especial entre os judeus da Europa Central e do Leste Europeu, que viviam sob a pressão das perseguições e massacres sistemáticos provocados pelo antissemitismo crônico destas regiões. O século XIX foi uma época de irrupções nacionalistas em todo mundo. Gregos, italianos, poloneses, alemães e sul-americanos, entre outras nações, estabeleceram seus movimentos nacionais em busca de singularidade política, étnica e cultural. Seguindo estes modelos, o Sionismo foi o mais recente dos processos de renascença nacional a despertar na Europa. O Sionismo também pode ser considerado como uma reação ao crescente assimilacionismo provocado pela integração dos judeus da Europa Central aos povos e comunidades, onde se encontravam estabelecidos, solapando, segundo os críticos, as bases culturais e religiosas fundamentais do Judaísmo tradicional. O uso do termo "Sionismo" surgiu durante um debate em público, realizado na cidade de Viena, na noite de 23 de janeiro de 1892, cunhado por Nathan Birnbaum, um escritor judeu, que fundara em 1885 a revista "Selbstemanzipation!" "Autodeterminação!". No entanto, é considerado como "Pai do Sionismo" o jornalista e escritor austríaco Theodor Herzl, autor do livro "Der Judenstaat", "O Estado Judeu". Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sionismo>. Acessado em 25 de setembro de 2011.

²¹⁰ MIRIBEL, op. cit., p. 117-118. O texto prossegue informando que Edith analisa, nos "*Anais de Husserl*", a noção de Estado em relação à nação, à comunidade humana, à sociedade dos povos. Embora reconhecendo no Estado uma soberania legítima, reage fortemente contra o nacionalismo e os regimes totalitários.

²¹¹ HERBSTTRITH, op. cit., p. 123-133.

²¹² Entre 1931-1932 começa a publicação de sua tradução em dois volumes de "*Quaestiones St. Thomas disputatae de veritate*". Seu trabalho é imediatamente elogiado no meio católico.

conseguiu habilitar-se para obter uma cátedra nas Universidades de Göttingen, de Freiburg-in-Breisgau, de Kiel e de Breslau, pelo fato de que as mulheres não tinham esse direito naquela época e, ao mesmo tempo, já se percebia uma resistência antissemita nos meios públicos²¹³. Em 1932, a pedagoga conseguiu uma cadeira (regência) de docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster²¹⁴. No ano seguinte, diante dos acontecimentos trágicos no seio da sociedade, Edith, claramente consciente do curso do antissemitismo nazista, pede uma audiência com o Papa Pio XI, para denunciar as discriminações impostas aos judeus na Alemanha, inclusive aos convertidos ao catolicismo. Entretanto, a Cidade de Roma estava com mais peregrinos do que o habitual, porque 1933 era um Ano Santo, e a audiência papal era oferecida para todos os peregrinos de forma geral, não havendo a possibilidade de uma audiência privada²¹⁵. Sempre discreta e recolhida, Stein cerca com silêncio a sua vida espiritual, mas reveste com clamor a sua oração oculta, quando decide escrever uma carta para o Papa Pio XI, com respeito à perseguição contra os judeus²¹⁶. A resposta ao seu pedido se resumia a uma bênção para si e pela sua família, enviada pela Secretaria de Estado²¹⁷. Essa resposta trouxe a interrogação se a carta dela teria de fato sido entregue nas mãos do Papa Pio XI, pois poderia tratar-se de uma montagem das perseguições dos nazistas. A questão só foi solucionada, com a abertura parcial dos Arquivos Secretos do Vaticano, em 2003, onde a carta, datada de 12 de abril de 1933, foi encontrada.

Nesse mesmo ano, ela foi demitida, por causa das posições tomadas pelos nazistas contra o povo judeu. Dessa forma, na perda de seu cargo de docente em Münster, a pedagoga passa a participar do destino do seu povo, tornando-se impossibilitada de trabalhar pelo regime nazista. E essa perda, ela a transforma em convite e oportunidade para realizar finalmente o seu desejo de ingressar no Carmelo. Entretanto, a professora ainda recebeu uma proposta de lecionar no Chile, na América do Sul²¹⁸, mas recusou, crendo que era chegada a hora de realizar a sua vocação, entrando para o Carmelo²¹⁹. Agora começaria uma nova etapa, onde o encontro consigo irá aprofundar-se nessa relação de pertença ao seu povo, como também no envolvimento eclesial e cristico que abarca o todo da humanidade, através do

²¹³ HERBSTRITH, op. cit., p. 25.

²¹⁴ O Instituto de Pedagogia Científica, em Munster, era um instituto de pesquisa do Estado, mas de orientação católica. As palestras de Edith, no Instituto, impressionaram os alunos pela sua clareza, realismo e intensidade, na sua forma de abordar o tema: "*A Estrutura da Pessoa Humana*".

²¹⁵ Dom Rafael Walzer, ciente da realidade que a Alemanha estava se inserindo, apoia a decisão de Edith Stein de enviar uma mensagem ao Papa Pio XI. A carta de Dom Walzer se encontra no anexo I.

²¹⁶ A carta ao Papa Pio XI está no anexo II.

²¹⁷ MEDEIROS, op. cit., p. 301.

²¹⁸ HERBSTRITH, op. cit., p. 49-50.

²¹⁹ HERBSTRITH, op. cit., p. 168-169.

tempo e do espaço, experiência que vai se realizar na perspectiva das dimensões cósmicas simbolizadas na cruz, onde o divino e o humano, a vida e a morte se abraçam e mutuamente se fecundam, para o encontro definitivo com o Eterno. Tudo isso aconteceu porque finalmente ela conseguiu a licença de seu diretor espiritual para ingressar na Ordem das Carmelitas de Colônia. Algumas dificuldades foram evidenciadas, para que a candidata fosse aceita, pois já tinha quarenta e dois anos: era de origem judaica, não tinha o dote necessário para mantê-la no Carmelo e sua alta qualificação intelectual poderia trazer constrangimento às outras candidatas à vida religiosa. Entretanto, o Capítulo da Ordem acolheu o pedido da professora, que foi aceita no Carmelo, podendo ingressar em outubro do mesmo ano. Por outro lado, Edith esbarraria, neste meio tempo, com o fato de ter de comunicar a sua família a sua decisão de ser monja. O anúncio foi muito mal recebido pelos seus; os seus cunhados, de forma particular, Hans Biberstein, se posicionaram afirmando que a entrada dela para o convento, no momento preciso em que os judeus estavam sendo perseguidos, era uma traição ao povo judeu e encararam seu gesto como uma fuga. Essa, entretanto, não era a intenção de Edith. Os familiares da candidata à Vida Religiosa, porém, não conseguiam compreender o seu gesto de entrada para o Carmelo, e se indagavam: como ela, sendo tão culta e sábia, poderia abandonar o seu povo e ignorar os sofrimentos e os conflitos que no passado os judeus padeceram por causa dos cristãos?²²⁰

²²⁰ BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu: de Canaã à Espanha*. V. 1. 2.ed. São Paulo: Sefer, 2001. p. 447-453. Um fato histórico traumático para o povo judeu foi a expulsão deles ocorrida na Espanha. No processo de unificação da Espanha, em 1238, os judeus haviam lutado ao lado dos soldados de Castela e eram entusiasticamente recebidos para povoar os territórios tomados aos muçulmanos, abrindo-se a eles o acesso a todas as áreas do comércio, manufatura e finanças. Além disso, estavam livres para se exercitar na cultura, literatura, artes e ciências. Mas, ao descortinar-se a cena final da Reconquista, os judeus estavam acudados e segregados, economicamente inferiorizados, culturalmente excluídos e socialmente humilhados. A histórica ideia da Reconquista de considerar os judeus parceiros da grande tarefa nacional já não passava de um anacronismo. Ou, pior do que isso, fora substituída pelas teses de Alfonso de Espina de que os judeus eram um corpo estranho na sociedade espanhola. Desde então, iniciou-se uma perseguição velada aos judeus, que de tempos em tempos ganhava maior proporção. Em 1492, foi assinado o edito de expulsão dos judeus de toda a Espanha ou de sua conversão ao cristianismo. Este edito somente foi revogado em 1968. Calcula-se que cinquenta mil judeus saíram da Espanha com destino à Itália, África do Norte e Turquia. Cinquenta mil converteram-se e cem mil foram admitidos em Portugal, pagando uma alta soma de dinheiro. Dom João II, rei de Portugal, assumira o cuidado com os judeus refugiados, mas foi se percebendo que ele não tinha pressa em cumprir seu compromisso. Assim, chegada a data limite estabelecida pela Espanha, os judeus que continuaram teimando em rejeitar o batismo foram simplesmente declarados escravos, propriedade real. Só poucos judeus chegaram a ser vendidos como escravos, pois uma peste irrompeu nos acampamentos e espantou os compradores. A epidemia foi um motivo a mais para a população protestar contra a presença dos judeus; outro foi o argumento dos representantes das cortes e do clero de que um rei cristão nem devia oferecer a esses fugitivos espanhóis a alternativa de emigrar, deviam ser batizados de vez. Em 1496, assinou-se o contrato de casamento do rei de Portugal com a princesa da Espanha. Este fato unificaria a Península Ibérica e, conseqüentemente, as leis e restrições aos judeus também seriam unificadas. Em dez meses, os judeus deveriam se retirar da Península Ibérica ou se converter. Dom Manuel, sucessor de Dom João II, considerando o valor econômico da saída dos judeus que não se converteram, elaborou um plano de raptar e batizar todas as crianças, entre quatro e catorze anos, e separá-las de seus pais, a não ser que esses também aceitassem o batismo. A 19 de março de 1497, sob o protesto de alguns

A Sra. Augusta Stein procurou a monja carmelita, Irmã Mariana, que se encontrava em Breslau para uma nova fundação, com o objetivo de persuadir a religiosa, para que a mesma irmã encontrasse um meio de fazer com que sua filha desistisse de ir para o Carmelo²²¹. O clima na casa da família Stein ficou bastante pesado. Com o coração dilacerado, Edith toma o seu caminho para o Carmelo no dia doze de outubro²²². Fato notável, pois se tratava do aniversário de Edith e da festa judaica da Expição.

A filósofa, ao entrar para o Carmelo, viveu a austeridade, inclusive em relação às suas pesquisas. Entretanto, alguns anos depois de sua entrada no claustro, os superiores da Ordem solicitaram que ela as retomasse²²³. Investigou as percepções espirituais de grandes nomes da Ordem Carmelita, como Teresa de Ávila e João da Cruz. A noviça de Breslau era profundamente feliz em sua vocação e não fazia segredos de sua felicidade, deixando transbordar esse sentimento às pessoas que vinham lhe procurar, para aconselhamentos. Em suas cartas transmitia uma espiritualidade envolvente, que a muitos fascinava. Os seus anos de noviciado foram dedicados às obras de misericórdia e aos trabalhos intelectuais. Em seu íntimo se deixava absorver pela experiência do mistério Divino e ao mesmo tempo era arrastada pela dor de saber da infeliz sorte do povo judeu e da incompreensão de sua mãe, acerca de sua vocação monástica. No Carmelo, a famosa filósofa vive humildemente o postulante e recebe o hábito religioso em 15 de abril de 1934, quando professou os votos na Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo. A partir daquele momento, passou a se chamar Irmã Teresa Benedita da Cruz²²⁴. Na cerimônia estavam presentes todos os seus amigos, conhecidos, professores, filósofos, jornalistas, ex-alunos, sacerdotes e religiosas das mais diversas congregações. Faltaram, no entanto, os seus familiares. Rosa, sua irmã, desejava

clérigos mais conscientes, como o bispo D. Fernando Coutinho, uma massa enorme de menores foi arrebanhada, batizada e segregada. Com o intuito de livrar a Península Ibérica dos judeus, d. Manuel inventou que havia conseguido transporte para todos os judeus, que desejassem sair de Portugal e Espanha e que estes se concentrassem em Lisboa, preparando-se para a viagem. Esta preparação na verdade foi um momento de miséria e sofrimento, que terminou com a ordem dada por d. Manuel aos frades, de aspergir com água benta toda a multidão restante de obstinados, declarando-os cristãos. Assim, acreditava-se no fim do judaísmo na Península Ibérica.

²²¹ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 507.

²²² *Ibidem*, p. 508-510.

²²³ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Madre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) España: Verbo Divino, 1969, p. 200-202.

²²⁴ MEDEIROS, op. cit., p. 302-303. A mestra de noviça, Madre Teresa Renata, informa que a comunidade religiosa era composta de 21 irmãs e, entre elas, Edith parecia sempre equilibrada e serena. O nome escolhido pela filósofa tinha por objetivo resumir a sua espiritualidade: Teresa, como a grande reformadora que lhe indicara a verdade e a introduzira na Igreja; Benedita, numa homenagem ao fundador dos beneditinos, de quem aprendeu a amar a liturgia; da Cruz, que seria para sempre seu sinal característico como que a prenunciar seu holocausto.

estar presente, mas não podia deixar a mãe enferma sozinha. No entanto, Ihe mandou o tecido com o qual foi confeccionado o vestido de noiva, usado no dia da vestição de Edith²²⁵.

Em 1938, Irmã Benedita fez os votos perpétuos e afirmava que sua vida pertencia a Deus para sempre. Nesse mesmo período, a perseguição aos judeus crescia devido às famosas leis de Nuremberg, que não admitiam mais nenhum direito aos judeus. Nessa circunstância, aceita o convite para refugiar-se no Carmelo de Echt, na Holanda. Assim, evitaria colocar o Carmelo de Colônia em perigo. No ano seguinte, sua irmã Rosa se uniria a ela novamente na Holanda.

Em 1940, a Alemanha nazista de Hitler anexou o Reino dos Países Baixos. Sempre muito atenta, a carmelita observa o que os fatos como sinais têm a dizer-lhe. Sem ilusões, com respeito a uma eventual melhora da situação, se prepara para uma nova fuga como possibilidade de escapar à morte. Em 1941, teve a oportunidade de dirigir-se para o Carmelo de “Le Pâquier”, em Friburgo, na Suíça, mas como não havia vaga para acolher também sua irmã Rosa, ela se recusou a partir deixando Rosa para trás. Edith estava impregnada pela mentalidade judaico-cristã diante dos problemas humanos. A tensão pela vida do outro era muito forte, por isso era impossível para ela deixar de ser solidária com o seu próximo. Nesse meio tempo, Rosa e Irmã Teresa Benedita são convocadas para apresentar-se ao escritório da “Gestapo”, em Maastricht, onde são tratadas com muita grosseria. A filósofa é ameaçada, porque o “J”, de uso obrigatório para os judeus, não constava no seu passaporte e tampouco o seu segundo nome Sarah. Depois, no início de maio de 1942, mais uma convocação para Amsterdam, onde é submetida a longos e humilhantes interrogatórios. Ela toma conhecimento da decisão de altos funcionários nazistas que pretendem aplicar a evacuação global dos judeus. Nessa situação tensa e sofrida, enquanto ainda vislumbra escapar com sua irmã para a Suíça, segue em tudo a vida conventual e continua a escrever o livro sobre São João da Cruz. Certo momento, desabafa à priora: “Não há salvação. A opção pela Suíça vai chegar demasiado tarde.”

O Comissário Schmidt, do governo holandês, e representante do poder nazista alemão naquele país, havia garantido que os judeus convertidos ao cristianismo – protestante ou católico – não seriam importunados e seriam tratados como cidadãos comuns. Isso deixou a comunidade do Carmelo de Echt provisoriamente mais tranquila e sem tanta pressa de transferir Edith e Rosa, mas como muitas outras afirmações e promessas feitas pelos nazistas, em diversas ocasiões, esta se revelaria em breve mais uma mentira de ocasião.

²²⁵ MEDEIROS, op. cit., p. 303.

Em 1942, líderes católicos e protestantes da Holanda enviaram um telegrama conjunto ao Comissário do Reich, protestando contra outra deportação crescente de judeus holandeses; não havia ainda o conhecimento de que os deportados teriam os seus bens confiscados e que eles seriam exterminados no campo de concentração. Em 26 de julho de 1942, os bispos holandeses tomaram posição explícita numa carta pastoral. Essa foi lida em todos os púlpitos católicos da Holanda, expressando solidariedade com o povo judeu. Em retaliação contra os bispos holandeses, os nazistas rapidamente aprisionaram os judeus batizados, arrancando-os de suas casas, conventos e mosteiros. Foram feitas buscas em todo o país e presos 1.200 católicos de origem judaica, entre os quais uma vintena de religiosas, religiosos e padres. Era a vingança dos nazistas contra a ousadia dos Bispos.

Como houve muitos protestos por parte dos holandeses, o comissário-adjunto, Schmidt, comunicou em discurso oficial que o fato de invadirem os locais católicos era uma represália em resposta ao protesto dos bispos da Holanda; e, como as comunidades protestantes se abstiveram de ler a passagem da carta pastoral relativa às negociações com as autoridades alemãs, esses não foram afetados²²⁶. Por isso, as autoridades alemãs passaram a “perseguir os católicos judeus, como seus piores inimigos”, e a “assegurar, o mais rapidamente possível, sua deportação para o Leste”²²⁷. Quando o reverendo Padre Hopster, S.V.D., de Venlo, publicou o relatório histórico dos fatos, adicionou como arremate:

Após ter ouvido as explicações do comissário Schimidt, pode-se declarar que os religiosos e religiosas, presos nesta ocasião, foram mortos em testemunho da fé. Sua prisão foi efetuada por ódio às palavras de nossos bispos. Eram pois os bispos e a Igreja os visados e atingidos com a deportação dos religiosos e católicos de origem judaica.

No domingo, 02 de agosto, às cinco da tarde, dois oficiais da S.S. apareceram no Carmelo de Echt. Ordenaram às duas monjas, Edith Stein e sua irmã Rosa, a segui-los. Rosa Stein era conhecida e querida no quarteirão, por isso as ruas encheram rapidamente com os vizinhos irritados com as prisões das monjas²²⁸. Os católicos, que incluíam as irmãs Stein, foram descarregados num campo de concentração de passagem, em Westerbok, ainda na Holanda, para se fazer a triagem daqueles que iriam para o Leste. Naquele local, algumas

²²⁶ MIRIBEL, op. cit., p. 184. “Acerca da troca de correspondência entre o episcopado holandês e as autoridades alemãs, Monsenhor Jong, em nome do episcopado, declarou que uma troca de telegramas abertos, pelo correio comum, não poderiam apresentar caráter confidencial. Além disso, a alusão a pseudo-negociações interrompidas era pura mentira e que muitas comunidades protestantes tinham lido na íntegra a mensagem episcopal, condenando o regime nazista. Pedia no final à autoridade ocupante que suspendesse as represálias exercidas contra católicos e religiosos judeus, na Holanda, e que lhes fosse concedido o benefício que já estava previsto em sua medida de clemência”.

²²⁷ MIRIBEL, op. cit., p. 184

²²⁸ MIRIBEL, op. cit., p. 183.

peessoas deram testemunho da presença serena de Edith Stein, que ajudava as crianças e as mulheres e fazia tudo para todos. Julius Markan, comerciante judeu da Colônia, que era encarregado de vigiar os prisioneiros, declara:

Entre os prisioneiros que me foram entregues no dia 05, Irmã Teresa Benedita, a freira alemã, me impressionou por sua grande calma e pela paz que difundia em torno de si. Os gritos, os choros, o estado de nervosismo dos recém-chegados, eram indescritíveis. A freira alemã passava entre as mulheres como um anjo consolador, pacificando umas, cuidando de outras. Muitas mães pareciam estar numa espécie de prostração, perto da loucura; permaneciam ali a gemer como que embrutecidas, abandonando seus filhos. A irmã Teresa imediatamente ocupou-se das crianças, lavou-as, penteou-as, procurou-lhes alimentos e os cuidados indispensáveis. Durante todo o tempo de sua permanência no campo, dedicou-se a lavar e fazer limpeza, ocupando-se continuamente de obras de caridade, suscitando a admiração de todos.²²⁹

Assim, se percebe o quanto Edith conseguia se colocar no lugar do “outro”, sentindo a dor do “outro” e trazendo-o para a realidade que a cercava. É desse campo que se têm as últimas notícias das irmãs Stein. Com outras religiosas, algumas trapistas, uma clarissa e uma dominicana, as duas carmelitas juntaram-se numa pequena comunidade para rezarem juntas, sob a orientação da Irmã Teresa Benedita da Cruz. Nem todos os prisioneiros foram escolhidos para a morte, mas no primeiro comboio de vagões de gado iam, apertadas no meio dos judeus e dos judeus-cristãos, as filhas da Sra. Augusta Courante, a caminho de Auschwitz e lá foram executadas, provavelmente no dia 09 de agosto de 1942. Dessa forma, Edith Stein cumpre plenamente o seu pertencimento empático ao povo judeu e cristão. Ela é judia de nascimento e na sua conversão ao cristianismo, assumiu as suas raízes religiosas judaicas. No processo empático, por ela vivido, em relação aos judeus perseguidos e assassinados, Edith presentificava, ou seja, vivia de modo não original a dor deles e se imolava espiritualmente no claustro. Agora, de modo original, ela vivência em todo o seu ser o holocausto judaico. Entretanto, como cristã, o processo vivido por Irmã Benedita da Cruz é idêntico pois, segundo a doutrina cristã, tudo o que acontece ao “meu próximo” se refere a “mim”. Logo, a dor do “outro” era apreendida empaticamente pela freira alemã. Nesse momento fatídico da história, ela presentifica em seu ser, em sua linguagem filosófica: “de modo original” a crucifixão do povo de Deus, conforme a barbárie proposta pelo regime nazista.

2.2. O ENCONTRO COM A VERDADE EM TERESA DE ÁVILA

O ambiente universitário trouxe para Edith Stein muita satisfação pelas conquistas intelectuais, porém, em seu íntimo, a sua sede de saber não se apaziguava. Ela descreve este

²²⁹ HERBSTRIETH, op. cit., p. 37.

período de ardente insatisfação, dizendo: “*a sede da verdade era minha única prece*²³⁰”. No círculo fenomenológico, conheceu Hedwige Conrad-Martius, que, após seu casamento, passou a residir em Bergzabern, no Palatinato, numa vasta propriedade rural. A casa dos Conrad-Martius se transformava no tempo de férias em ponto de encontro, para os amigos do círculo fenomenológico de Göttingen. Edith passava com eles longas temporadas; mesmo antes de sua conversão, acompanhava Hedwige ao templo protestante, para o culto dominical e sentia pela Eucaristia um profundo respeito²³¹. Nessa ocasião, alguns fenomenólogos estavam lendo os trabalhos de Teresa de Ávila²³², porque esta sabia contar com vivacidade suas “experiências místicas”. O interesse dos fenomenólogos pelas experiências místicas de Teresa de Ávila, se dá pela busca da essência dessas experiências, pois tratava-se de algo subjetivo, mas que afetava a vida de vários grupos de pessoas influenciadas por Teresa. Este “algo mais” carecia ser esclarecido e respeitado, apesar de não ter respaldo científico, o que fazia com que o elemento religioso fosse tomado em consideração e estudado em sua

²³⁰ MIRIBEL, op. cit., p. 59

²³¹ FERMIN, op. cit., p. 144-149. Segundo Fermin, Edith teve grande dificuldade em aderir à fé cristã católica, em virtude da ruptura que teria que fazer com a tradição judaica de sua família, mas também acerca da dúvida entre aderir ao protestantismo ou ao catolicismo. Provavelmente, ela devia se sentir mais atraída ao protestantismo, porque muitos de seus amigos eram luteranos, como Husserl, os Conrad-Martius e os Reinach. Entretanto, não se sentia tão convencida pela essência mesma do luteranismo, que fecha a possibilidade da colaboração humana na obra da redenção: “só a fé é o que justifica”. De todos os modos, a eleição não era nada fácil. Edith, lendo o livro de Johann Adam Möhler, segue seu discernimento acerca do conteúdo e diferenças dogmáticas existentes entre catolicismo e protestantismo. A leitura desse livro foi uma grande ajuda no caminho da conversão até o batismo. Outros dois autores que auxiliaram no processo de discernimento de Edith Stein foram Santo Agostinho, com o livro *As Confissões* e Santo Inácio de Loyola, com os *Exercícios Espirituais*.

²³² Teresa de Ávila foi educada de modo sólido e cristão, tanto assim que, quando criança, se encantou de tal forma com a leitura da vida dos santos mártires, a ponto de ter combinado fugir com seu irmão para uma região, onde muitos cristãos eram martirizados; mas nada disso aconteceu, graças à vigilância dos pais. Em seu livro biográfico conta que aos vinte anos ingressou no Carmelo de Ávila, onde viveu um período no relaxamento, pois muito se apegou às criaturas, parentes e conversas destrutivas. Certo dia, porém, foi tocada pela imagem de um Cristo sofredor, cujo olhar a sensibilizou. Àquela experiência a mobilizou tanto que se converteu e retomou o fervor da espiritualidade carmelita, a ponto de criar uma espiritualidade modelo. Foi grande amiga do seu conselheiro espiritual São João da Cruz, “Doutor da Igreja”, místico e reformador da parte masculina da Ordem Carmelita. Por meio de contatos místicos e com a orientação desse grande amigo, iniciou aos 40 anos de idade, com saúde abalada, a reforma do Carmelo feminino. Começou pela fundação do Carmelo de São José, fora dos muros de Ávila. Daí partiu para todas as direções da Espanha, criando novos Carmelos e reformando os antigos. Provocou, com isso, muitos ressentimentos por parte daqueles que não aceitavam a vida austera que propunha para o Carmelo reformado. Chegou a ter, temporariamente revogada, a licença para reformar outros conventos ou fundar novas casas. Santa Teresa deixou várias obras grandiosas e profundas, principalmente escritas para as suas filhas do Carmelo: “O Caminho da Perfeição”, “Pensamentos sobre o Amor de Deus”, “Castelo Interior”, “A Vida”. Na noite de 15 de outubro de 1582, aos 67 anos, Teresa morreu em Alba de Tormes, e em 1622 foi proclamada santa. Conseguiu fundar mais de trinta e dois mosteiros, além de recuperar o fervor primitivo de muitas carmelitas, juntamente com São João da Cruz. Teve sofrimentos físicos e morais antes de morrer, até que em 1582 disse uma das últimas palavras: “*Senhor, sou filha de vossa Igreja. Como filha da Igreja Católica quero morrer*”. No dia 27 de setembro de 1970, o Papa Paulo VI reconheceu-lhe o título de “Doutora da Igreja”. Santa Teresa de Ávila é considerada um dos maiores gênios que a humanidade já produziu. Mesmo ateus e livres-pensadores são obrigados a enaltecer sua viva e arguta inteligência, a força persuasiva de seus argumentos, seu estilo vivo e atraente e seu profundo bom senso. O grande “Doutor da Igreja”, Santo Afonso Maria de Ligório, a tinha em tão alta estima que a escolheu como patrona, e a ela consagrou-se como filho espiritual, enaltecendo-a em muitos de seus escritos.

peculiaridade. Além de que, Teresa de Ávila foi a grande reformadora de uma Ordem religiosa muito expressiva na Europa, a Carmelitana. Ela era considerada uma das mais santas e inteligentes mulheres da Espanha e, em geral, da Igreja Católica.

No verão de 1921, Stein, estando sozinha, na casa dos Conrad-Martius, procurou na biblioteca um livro que pudesse lhe ajudar a passar o tempo. Entre tantos livros, escolheu um volume com a vida de Santa Teresa escrita por ela mesma. Na biografia escrita pela Madre Priora do Carmelo de Colônia, Teresa Renata do Espírito Santo, encontramos estas palavras, atribuídas a Edith: *“peguei na biblioteca, por acaso, um livro intitulado Vida de Santa Teresa²³³, contada por ela mesma. Desde o começo fui me sentindo como que cativada e só pude parar de ler quando terminei o livro. Fechando-o, disse para mim mesma: isto é a verdade”²³⁴*. A Verdade era a presença de Deus e, ao descobri-la, a futura carmelita sentia em si o desejo de entregar-se inteiramente a Ele.

O fenômeno da empatia se deu de forma clara no encontro destas duas mulheres. Edith, que desde sua adolescência busca esclarecer o seu mundo interior, e a quem a alma se abraça, diante do problema do sentido e da finalidade da vida humana, encontra em Teresa uma mestra que completa maravilhosamente a filósofa e a leva consigo até a luz de Deus. No “Livro da Vida” de Teresa de Ávila, Stein encontrou vitalidade, ideal, aventura divina, coragem, força, santidade. Assim, tudo o que sonhou pôde viver de forma originária, através da vida de Teresa e de forma cooriginária em relação à prática da mesma, após o seu batismo.

A leitura da biografia de Santa Teresa pôs fim às exaustivas buscas da filósofa de Breslau, acerca da verdade. A grande intelectual caiu humildemente diante de outra mulher com a qual começava a se empatizar. Ela, que buscava a verdade total, encontrava-a numa mulher que fez o impossível, porque acreditava e amava a Deus. O espírito de Edith, sedento de saber, e seu coração amoroso têm lutado pelo amor divino, de forma parecida com o de Teresa. A obscuridade de sua alma começa a brilhar com a luz que Teresa derrama sobre ela. A filósofa de Breslau não vê somente os “fenômenos”, o movimento superficial da vida anímica, mas também a vontade, o entendimento, a memória e a substância da alma que são

²³³ O “Livro da Vida” é o clássico mais lido pelos espanhóis depois de “Dom Quixote”, de Cervantes. Santa Teresa era uma mulher letrada (uma raríssima exceção para a época), autodidata e visionária tirou Deus do centro do universo para colocá-lo no cerne da alma; em outras palavras, trouxe à tona a figura do homem moderno, que vive em busca de si mesmo e está pronto para experiências místicas. Teresa foi uma monja carmelita do século XVI que revolucionou a espiritualidade cristã, incomodou as autoridades eclesíásticas de seu tempo, a ponto de o núncio papal na Espanha, Dom Felipe Sega, denunciá-la, em 1578, como “mulher inquieta, errante, desobediente e contumaz”. Este livro nasceu na necessidade vital de Teresa compreender o inefável da experiência mística. Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/penguin/titulo.php>. Acessado em 09 de setembro de 2011.

²³⁴ HERBSTRIETH, op. cit., p. 72. Este fato se deu no verão de 1921.

fatos inegáveis da experiência. A futura carmelita capta, durante a leitura, que o “mais íntimo e próprio” da alma não é um desconhecido, que a ciência propõe explicar como fatos anímicos, senão, que é “algo que se aparece claramente perceptível, mesmo quando segue sendo misterioso”. Essa descoberta pacifica o coração de Edith, que percebe nas palavras de Santa Teresa um contínuo hino à misericórdia de Deus, retirando a alma lutadora das sombras da morte e a introduzindo na luz divina²³⁵. Trata-se, para a filósofa, de uma luta que se deu no campo científico, mas que agora a liberta; descobre o mais importante: a alma não se aprisiona na morte, mas se priva da liberdade, para entregar-se totalmente a Deus. Liberdade e verdade são postulados da pessoa humana, muito importantes para Stein, encontrando-se com igual intensidade, na sede que Teresa de Ávila sente pela verdade. O manancial que dá saúde e vida e que transforma a alma recalcitrante é para Teresa a oração interior. Insiste, continuamente, que toda salvação, toda liberdade do apego ao próprio eu e todo bem vêm à alma, a partir da oração interna e silenciosa. A fenomenóloga se considera como uma caminhante que, através da longa e trabalhosa noite do caminho, vislumbra a luz do amanhecer, e à medida que se vai elevando o sol de Deus, vai se descobrindo a paisagem da alma. A Grande Reformadora carmelitana lhe retira a venda dos olhos, ensinando-lhe a deixar que descanse o entendimento ativo, pois Deus deseja visitar a alma na solidão e no silêncio, longe de todos os consolos terrenos e de todos os ruídos das preocupações do conhecimento. “No tempo de orar se deve, pois, deixar a alma tranquila, e deixar de lado a ciência”, adverte Teresa de Ávila.

Não era tanto o texto que empolgava Edith, mas a pessoa de Teresa que na autobiografia aparecia inteira, com sua verdade existencial e que lhe dava respostas que nem mestre e nem livros de filosofia lhe deram. A sua integridade intelectual, sua sede da verdade fizeram com que ela avançasse cada vez mais no mistério de Deus. Tendo encontrada a Verdade, ela se submete totalmente, abrindo mão de suas teorias. Nas vivências de Teresa, Stein percebe o seu próprio destino. Deus não é um Deus da ciência, mas um Deus que é amor. Por isso a filósofa de Breslau dirá: “*eu me converti por amor*”. Seus mistérios não são decifrados pelo entendimento científico, que pode ser comprovado passo a passo, mas somente a partir da entrega amorosa a ele. A futura carmelita faz a experiência do encontro com o Totalmente Outro, através da mediação de Santa Teresa, que é uma grande mística, mas também psicóloga, mestra do conhecimento interior. Sabe unir o mais elevado fervor místico com uma pedagogia clara e realista. Isso fica evidenciado na ideia central que

²³⁵ HERBSTTRITH, op. cit., p. 73-74.

percorre o texto do “Livro da Vida”: o problema existencial de Teresa de *ser* ou *não ser* uma autêntica monja. Problema que em linguagem steiniana se traduz como uma busca, também existencial, da verdade. A Grande Reformadora é para Edith como um espelho de sua experiência e o modelo a seguir, porque percebe nela os seus valores, pelos quais tem lutado no decorrer de sua vida: como a valorização da mulher, a busca pela verdade autêntica nas relações. Elas se identificam em suas origens, ou seja, Teresa também é de ascendência judaica.

Teresa de Cepeda e Ahumada nasceu em Ávila – Espanha, a 28 de Março de 1515. Graças à Historiografia moderna pode-se conhecer melhor as circunstâncias concretas do ambiente familiar de Santa Teresa. A falta de uma alusão à fidalguia de seu pai, no relato que a santa faz em seus numerosos escritos sobre sua família, não impediu que os hagiógrafos construíssem uma ascendência de alta nobreza, um tópico que nunca falta nas biografias correntes. Os silêncios de Teresa, acerca da verdadeira ascendência de seu pai, Dom Alonso de Cepeda, nascido em 1480, trouxeram muita dificuldades para os biógrafos, prepararem o processo de sua canonização. Graças à investigação histórica, dos últimos 40 anos, sabe-se hoje que Teresa de Ávila descendia de um avô Judeu, Juan Sanches, convertido em Toledo, por volta do ano de 1485. Era rico mercador, administrador de bispados e, provavelmente, odiado pelos “cristãos velhos”; dessa forma eram chamados os cristãos que não tinham nenhuma ascendência judaica. Já os “cristãos novos” eram os Judeus que recentemente recebiam o Batismo cristão. Assim, conhecido e desprezado em Toledo, Juan Sanches com seus filhos, dentre eles o pai de Santa Teresa, se muda para Ávila. Seus filhos, posteriormente, compraram o direito de fidalguia e casando com mulheres fidalgas conseguiram penetrar o setor desta baixa nobreza, isenta de certos impostos, porém obrigados a viver sem trabalhar e de renda, para que pudessem dissimular suas origens. De fato, Dom Alonso vivera sem ofício conhecido; usufruíra dos dotes de suas duas mulheres — ficando viúvo, casou-se pela segunda vez, com Dona Beatriz de Ahumada, mãe de Teresa — e morrera arruinado, em 24 de dezembro de 1543.²³⁶

O profundo rastro que Teresa deixou em Edith irá influenciá-la em seu modo de sentir e viver a vida cristã e a vida consagrada. A fenomenóloga inicia um processo de profundo conhecimento da espiritualidade carmelita e mais uma vez se identifica com o grupo religioso, ao qual pertence Teresa de Ávila; a Ordem do Carmo²³⁷.

²³⁶ TERESA DE JESUS. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulinas. 1983, p. 359.

²³⁷ A Ordem do Carmo, originalmente chamada Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, é uma ordem religiosa católica que surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo, numa

Desde seu batismo, Edith almeja a consagração à vida Religiosa. A sua vocação a impele, para se configurar a espiritualidade carmelita-teresiana, através da oração silenciosa e de seu imenso desejo de salvar almas. Como ela terá esse seu desejo, adiado cerca de dez ou onze anos, então terá como pão cotidiano a eucaristia, a oração mental e a liturgia²³⁸. Ela intensifica a sua intimidade com a Mística Doutora, que a todas as perguntas da Filósofa dá sempre a mesma resposta: a loucura da cruz é o começo da verdadeira felicidade. Na doutrina mística de Santa Teresa, encontra a confirmação de sua própria experiência de Deus. Sabe, porém, que está no início da vida mística, entretanto, se sente arrebatada pela experiência da Grande Reformadora. Seu mundo é o espiritual pluriforme, feito de pessoas individuais e de comunidades religiosas. Empaticamente, a futura carmelita está neste mundo Teresiano, olha dentro dele e é nele que se dá sua existência e sua humanidade até o momento de sua expiação. A filósofa vive o que havia dito em seu ensaio fenomenológico acerca da experiência de um “núcleo pessoal”, onde o seu “eu” examina todos os âmbitos da vida. Dessa forma, Stein é capaz de comparar a sua própria experiência, antes mesmo de sua conversão, com a experiência de Teresa de Ávila. Vê-se claramente entre Edith e Teresa o que Husserl chamou de “redução fenomenológica”, isto é, duas pessoas são capazes de convergir tanto, que a vivência de uma é integrada na experiência da outra.

2.2.1. A EMPATIA COM JESUS DE NAZARÉ, O CRISTO

A adesão a Jesus Cristo possibilitou a Edith um aprofundamento em sua espiritualidade e uma mudança de rota em sua história, em que o que era busca, se converte agora em algo essencial para sua vida²³⁹. De tal modo que o centro de sua existência passa a ser a sua amizade com Jesus de Nazaré, que se dá, inicialmente, através do conhecimento do evangelho; da relação pessoal com o Judeu que lhe proporcionou a comunicação, entre o

cadeia de colinas, próxima à atual cidade de Haifa, antiga Porfiria, no atual Estado de Israel. A palavra "Carmelo" significa jardim. Conta a tradição que o profeta Elias se estabeleceu numa gruta, no Monte Carmelo, seguindo uma vida eremítica de oração e silêncio. Mais tarde, a Regra do Carmo foi sistematizada e proposta por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, e aprovada pelo Papa Honório III, em 1226. No século XIII migrou para o Ocidente, fugindo das invasões sarracenas. No século XVI, na Espanha, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz conduziram um processo de renovação e ou reforma do carisma da Ordem do Carmo. Deste processo histórico e místico surgiu um novo ramo: o dos Carmelitas Descalços. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_do_Carmo. Acessado em 23 de setembro de 2011.

²³⁸ FERMIN, op. cit., p. 155. Fermin informa na nota de rodapé que “a Serva de Deus tinha uma vida de fé muito viva e participava da Eucaristia com grande recolhimento. Seis meses depois de seu batismo ela recebeu o breviário romano”.

²³⁹ MIRIBEL, op. cit., p. 65. A autora apresenta um texto de Edith Stein sobre a Causalidade Psíquica, publicado nos *Anais Husserl*, em 1922, que permite perceber o estado de ânimo de Edith: “Faço planos para o futuro e de acordo com eles organizo minha vida presente. Mas estou convencida, bem no fundo, de que algo vai acontecer, transformando todos os meus projetos. É esta fé autêntica e viva que ainda me recuso a aceitar e cuja ação procuro impedir...”.

mistério do Absoluto e a precária condição humana, tendo um rosto e uma vivência que lhe tocou profundamente²⁴⁰. Para Edith, o que importava era contemplar a verdade de Jesus e seu ser como único e absoluto. O recolhimento intelectual que ostentava o primeiro lugar em sua escala de valores cede o lugar ao recolhimento espiritual. A conversão de Stein renovou o seu judaísmo e a fez se sentir mais unida a sua amada mãe: “*enquanto estava em casa durante as férias, acompanhava a minha mãe à sinagoga, para demonstrar que não tenho nada contra a sua religião e que também ali se pode orar a Cristo*”²⁴¹. Com o batismo, ela se sentia voltando às suas origens, pois o “Deus dos Patriarcas” é o mesmo que se revela em Jesus Cristo²⁴².

Entretanto, o primeiro contato com Jesus se deu através da cruz, por ocasião da morte de Reinach. Esse acontecimento ficou registrado na vida de Edith de maneira radical, em virtude da postura da viúva, que em sua dor sentia-se confortada pela esperança na vida eterna, prometida pelo Cristo crucificado. O impacto da empatia, entre Jesus e Edith, a fez ter consciência de si, em sua singularidade, colocando-se no lugar dele, sem perder nada de si, ao contrário, se enriquecendo. Ela se identificou com as ações e os sentimentos de Jesus em suas vivências no mundo judaico e, para além daquele mundo, comunicando-se com a pluralidade, dando abertura ao diferente e desprezado, e promovendo a condição humana. Por fim, ela comungará da morte martirial com o Cristo.

O amor de Edith por Jesus cresce na medida em que ele vai lhe dando respostas às suas inquietações. A sua busca incessante pelo sentido verdadeiro da vida, encontra a resposta em Cristo, que se apresenta em sua natureza humana na cultura judaica e que, aos poucos, foi se revelando o Logos Divino, para toda a humanidade. Nele se manifesta o sentido da Providência Divina e a finalidade a qual o homem é chamado desde a sua criação: para reproduzir a imagem do Filho, a unidade pessoal e a união com Deus. A Verdade como atributo de Cristo supõe em Edith dois aspectos: um intelectual e outro experiencial. Como Logos, ele está presente em tudo, ou seja, tudo que existe é reflexo de seu criador. Assim, quem está buscando a verdade última do que existe, necessariamente está buscando o seu princípio, o próprio Logos, a Verdade suprema. Isso facilita a compreensão, quando o que se busca é o sentido da pessoa humana, que é a imagem mais próxima do Verbo de Deus. Só em

²⁴⁰ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 760-761. A Roman Ingarden, Edith escreve: “Cristo é o centro de minha vida”.

²⁴¹ HERBSTTRITH, op. cit., p. 82. A Sra. Stein e sua filha Edith tinham um amor profundo uma pela outra. Edith tinha um único desejo o de fazer bem a sua mãe, mas com a conversão teria que dar um passo além desta relação.

²⁴² FERMIN, op. cit., p. 152. A conversão ao catolicismo fez com que Edith se comprometesse mais com sua família.

Cristo se descobre essa unidade e totalidade do sentido do ser; a ele, porém, só se pode se chegar através da experiência vivencial. Esta tornou-se possível graças à Encarnação do Verbo no tempo, ou seja, Jesus em meio aos seus contemporâneos transmite uma mensagem salvífica que atinge os homens de todos os tempos, libertando o ser humano da condição do pecado e lhe proporcionando o aperfeiçoamento, para que viva em estado de graça, em comunhão entre si e Deus²⁴³.

O mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus é o eixo em torno do qual gira a vocação de Edith e a chave para ler e interpretar a sua vivência espiritual²⁴⁴. Esse mistério tem influência direta sobre a vida mística. Edith interpreta a “noite escura” e os sofrimentos de Jesus como continuação da “noite da alma”; os membros do corpo místico de Cristo participam com Ele da eficácia “redentora, em virtude de sua divindade”. A vida de Edith foi se configurando a esse mistério do Cristo, em sua originalidade existencial e na singularidade de sua vida espiritual. Em meio à crescente perseguição aos judeus, ela pede a Priora do Carmelo para poder se oferecer ao coração de Jesus como vítima pela paz²⁴⁵.

Querida Madre, permita-me oferecer-me como vítima ao Coração de Jesus em sacrifício de expiação pela verdadeira paz: que o reino do anticristo se desmorone, se possível, sem uma nova guerra mundial e que uma nova ordem seja estabelecida. Queria oferecer-me ainda hoje, pois que é a décima segunda hora. Sei que nada sou, mas Jesus o quer e não deixará de dirigir nestes dias o mesmo apelo a outras almas.

Por fim, o processo empático de Edith Stein com Jesus de Nazaré passa pela visão que ela tem dele como o Novo Adão. As razões para isso se dão inicialmente pela unidade e continuidade da História da Salvação, ou seja, Jesus é o ponto de união com toda a tradição do povo judeu, do qual ela procede. Depois, Stein centraliza teologicamente Jesus na história da humanidade, enquanto ponto inicial, Logos Criador, e ponto de chegada – revelação de Deus – e caminho ao qual o homem é chamado a percorrer. A designação de Cristo como “Novo Adão” tem ainda um caráter histórico divino. É “novo” porque introduz uma novidade na história da Salvação, novidade que já possuía o primeiro Adão, criado à imagem divina, antes do pecado. Cristo, por sua vez, se apresenta como o arquétipo original perfeito do homem. Em sua natureza humana aparece a graça da natureza divina e o caráter eterno da Aliança por ele estabelecida, em favor de todo o gênero humano²⁴⁶.

²⁴³ FERMIN, op. cit., p. 297-298. A leitura que faz Edith da mística sempre adquire um caráter cristocêntrico: “*a união mística tem que ser concebida também como uma participação da Encarnação.*”

²⁴⁴ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2008. n. 5, p. 102-104.

²⁴⁵ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 1307. Carta dirigida a Ottilia Thannisch (1878-1958), em 26 de março de 1939.

²⁴⁶ FERMIN, op. cit., p. 291-302.

2.2.2. EDITH STEIN E JOÃO DA CRUZ

Quando Edith Stein entra em contato com a Ordem Carmelitana, deparou-se com a figura mística de João da Cruz, com quem estabeleceu um processo empático em nível espiritual e também pelas coincidências históricas pessoais de ambos, às quais se pode fazer um paralelo. Primeiramente, é bom recordar que Edith perdeu o pai quando tinha dois anos; a figura da mãe é central em sua vida; aos 21 anos iniciou os seus estudos de fenomenologia com Husserl; na Primeira Guerra serviu como enfermeira num fronte; Teresa de Ávila lhe apresentou a Verdade da fé no Cristo, mudando a sua vida; passou os seus últimos dias presa num campo de concentração; os seus escritos são também de caráter antropológico e místico.

João da Cruz, por sua vez, perde o pai na infância, Gonzalo de Yepes e a sua mãe, Catarina Alvarez, que assumirá a família com destreza. João da Cruz nasceu em 1542, na província da cidade de Ávila, Espanha. Aos vinte e um anos foi enviado para a Universidade de Salamanca a fim de completar seus estudos de filosofia e teologia. Mesmo dedicando-se totalmente aos estudos, encontrava tempo para visitar doentes em hospitais ou em suas casas, prestando serviço como enfermeiro. Após fazer a sua profissão religiosa, conclui, com êxito, seus estudos teológicos; e, em 1567, é ordenado sacerdote. No entanto, ficou muito desiludido pelo relaxamento da vida monástica em que viviam os Conventos Carmelitas. Decepcionado, tenta passar para a Ordem dos Cartuxos; ordem muito austera. Em 1567 encontra-se com Teresa de Ávila, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres, surgindo posteriormente os carmelitas descalços. No dia 28 de Novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. O desejo de voltar à mística religiosidade do deserto custou ao santo fundador maus tratos físicos e difamações. Em 1577, João da Cruz chegou a ser preso por nove meses num convento que se opunha à reforma. Entretanto, a sua convicção pela reforma, como forma de viver a Verdade por ele almejada, levou-o a perseverar até o fim em sua missão. Nessas trevas exteriores, acendeu-se-lhe a chama de sua poesia espiritual. "Padecer e depois morrer" era o lema do autor da "Noite escura da alma", da "Subida ao Monte Carmelo", do "Cântico Espiritual" e da "Chama viva de amor".

Os escritos sobre sua vida dão conta de que abraçou a cruz dos sofrimentos e contrariedades. É interessante a afinidade de Edith Stein com João da Cruz, que ela chama de pai espiritual. Ambos eram teólogos, de uma cultura extraordinária e inteligência ímpar, adotando como "título de nobreza" a mesma característica de Jesus, tão difícil de aceitar: a

cruz. João da Cruz pediu a Cristo dores, sofrimentos, incompreensões, e foi atendido com largueza. Inclusive contou isso a seu irmão, para que o mesmo não se escandalizasse²⁴⁷.

Para ele, fazia parte de sua religiosidade mística enfrentar os sofrimentos da Paixão de Jesus, pois lhe proporcionava êxtases e visões. Teresa Benedita da Cruz também se ofereceu como vítima para a salvação do mundo e do seu povo²⁴⁸. Os dois foram contemplados em seus pedidos, cada um a sua maneira. Pouco antes de sua morte, João da Cruz teve graves dissabores por causa das incompreensões e calúnias. Foi exonerado de todos os cargos da comunidade, passando os últimos meses na solidão e no abandono. Faleceu após uma penosa doença, em 14 de dezembro de 1591, com apenas quarenta e nove anos de idade, no Convento de Ubeda, Espanha. Deixou como legado sua volumosa obra escrita, de importante valor humanístico e teológico, além de sua relevante e incansável participação como reformador da Ordem Carmelita Descalça.

2.3. MARTÍRIO ESPIRITUAL DE EDITH STEIN²⁴⁹

No decorrer de sua vida, Edith foi-se deparando com o mistério da iniquidade, que assolava a condição humana. Desde criança conheceu de perto a morte, com o falecimento de seu pai e as trágicas notícias de suicídio de pessoas próximas, inclusive dois tios, por motivos de dificuldades econômicas²⁵⁰. Na juventude, participou da Primeira Guerra Mundial como

²⁴⁷ João da Cruz: *Obras Completas*. n. 3. Fátima: Carmelo de São José. 1977. 1119 p. Conta-se que ele pedia, insistentemente, três coisas a Deus. Primeiro, dar-lhe forças para trabalhar e sofrer muito. Segundo, não deixá-lo sair desse mundo como superior de uma Ordem ou comunidade. Terceiro, e mais surpreendente, que o deixasse morrer desprezado e humilhado pelos seres humanos. Seu misticismo era a inspiração para seus escritos, que foram muitos e o colocam ao lado de santa Tereza de Ávila, outra grande mística do seu tempo. Assim, foi atendido nos três pedidos.

²⁴⁸ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Éditions du Signe, 1997, p. 48. Por três vezes Edith Stein havia se oferecido como vítima expiatória, tanto pelo seu povo, quanto pela Europa e pelos católicos perseguidos.

²⁴⁹ Neste tópico será abordada a morte de Edith Stein, Teresa Benedita da Cruz, permeada pelo caráter místico da união dela com o Criador. O enfoque espiritual do tópico se baseia nas fontes místicas de Edith no Carmelo, principalmente em de Teresa de Ávila e João da Cruz. Vale ressaltar que a experiência mística, dos três santos da Igreja Católica Romana, acena para a união da alma humana com Deus, ainda nesta terra. Isto acontece através da crença na possibilidade de percepção, identidade, comunhão ou união do ser humano com uma realidade superior, verdade espiritual, ou seja, o próprio Deus único, por meio de forte intuição ou de experiência direta no cotidiano. Estas experiências são encontradas também em outras religiões. No judaísmo a cabala, no islã o sufismo, são correntes místicas que têm muito em comum com o cristianismo. Na intenção de atingir esse tipo de experiência, as tradições místicas fornecem ensinamentos e práticas específicas, como meditação e aperfeiçoamento pessoal consciente. A maior parte das diferenças das tradições místicas está no modo de transmissão do conhecimento, adaptado à religião em que aquele tipo de misticismo se desenvolveu. Esse raciocínio não vale apenas para as três religiões chamadas abraâmicas, por serem todas herdeiras do patriarca Abraão, mas também para as místicas orientais: como hinduísmo, tao e budismo, além do zoroastrismo na Pérsia, só para citar as mais conhecidas. Disponível em <http://super.abril.com.br/religiao/cabala-misticismo-judaico-revelado-html>. Acessado em 05 de março de 2012.

²⁵⁰ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 210-214.

enfermeira, num hospital para moribundos. Em seguida, acompanhou a subida desastrosa do nazismo ao governo da Alemanha. Antes de sua entrada para o Carmelo e durante a sua estadia nos carmelos de Colônia-Lindenthal e de Echt, esteve em profunda comunhão com a humanidade ferida²⁵¹. Os últimos meses passados neste mundo revelaram-na cada vez mais dócil e disposta para a graça e cada vez mais interiorizada. Diante da crescente perseguição sofrida pelos judeus e da realidade brutal que a sociedade alemã adentrava, a tristeza ia transformando a sua fisionomia. Tudo que Stein quisera narrar através de sua obra: *A História de uma família judaica*, que tinha a intenção de mostrar a presença saudável dos judeus na construção da sociedade alemã, se desmorona. Entretanto, esses fatos fazem implodir na autora uma profunda empatia pelos seus irmãos judeus. Em suas correspondências, evocava as figuras femininas da História da Salvação: Débora, Judite e Ester, que salvaram os judeus em situações dramáticas:

Tenho consciência de que o Senhor aceitou minha vida por todos. Devo pensar sempre na Rainha Ester, que foi tirada do seu povo para interceder por ele diante do rei. Sou uma pobre, impotente e pequena Ester, porém, o rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso. Isso é um grande consolo.²⁵²

Edith tinha convicção de sua vocação e àqueles que insinuavam que ela estaria se escondendo da perseguição nazista, atrás dos muros do mosteiro, disse com senso de humor: “*Deus não se obrigou a deixar-nos para sempre ali dentro*”. Desde 1933, a filósofa se mostra preparada a sofrer por seus irmãos pisoteados. Concebe sua vida religiosa no Carmelo, como um incruento martírio. Já em 1935, responde a uma amiga que ali a julgava segura: “*Não tenha isso como uma certeza! Certamente eles vão me procurar aqui. E eu não acredito de forma alguma que vou ser poupada*”.

Em setembro de 1940, Madre Antônia foi eleita priora do Carmelo de Echt e encarregou Irmã Teresa Benedita de escrever algo sobre S. João da Cruz, por ocasião do 4º centenário de nascimento do grande santo carmelita. Faz, então, um estudo sobre o mestre da “Noite Escura”, no qual explora a essência da pessoa humana: o eu, a liberdade e a pessoa, de um lado; o espírito, a fé e a contemplação, do outro. Trata-se do livro “*Kreuzeswissenschaft*”, “A ciência da Cruz”, iniciado em 1941 e escrito de uma vez, onde ela apresenta um tipo de autobiografia espiritual, registrando também o seu protesto contra a ideologia racista do nazismo. De fato, o que escreve nessas páginas tem tudo a ver com o que ela mesma está

²⁵¹ *Ibidem*, p. 1042. Edith escreve à Irmã Adelgundis: “Aqui também estamos *in via*, pois o Carmelo é uma montanha muita alta que se deve subir até o cume. Mas o estar a caminho é uma graça muito grande e penso frequentemente, em minha oração, naqueles que gostariam de estar no meu lugar. Ajude-me para que eu seja digna da graça de viver no mais íntimo santuário da Igreja, ajude-me a oferecer-me por aqueles que lutam lá fora” (1933).

²⁵² HERBSTRITH, op. cit., p. 32.

passando. Ao mesmo tempo em que procura compreender João da Cruz “na unidade” de seu ser, quer também adquirir ideias claras sobre seus próprios esforços por descobrir as leis do ser espiritual; para isto ocupa-se de um escrito intitulado “Wege des Gotteserkenntnis”, “Caminhos para o conhecimento de Deus”, com a doutrina do Pseudo-Dionísio, “pai da mística ocidental”. João da Cruz, como toda a tradição ocidental, desde o século IX, sofre uma forte influência dele. Em contraposição ao pensamento grego, o Pseudo-Dionísio sublinha a visão bíblica do conceito de Deus: “Deus só pode ser conhecido na medida em que se revela”²⁵³. Noutras palavras, Deus procura a alma mais do que esta a Ele. Esta é a imagem clássica, tanto nos textos Sagrados Hebraicos, quanto nos Evangelhos; o Eterno busca com ternura materna, solícitude pastoral e amor nupcial, o Povo de Israel. E Jesus utiliza essa linguagem simbólica chamando-se a si mesmo de esposo, aguardando a resposta do ser humano a esta proposta amorosa. Edith Stein, filha de Israel, vive totalmente envolvida por essas ideias e deseja ardentemente se unir ao seu amado Deus.

Para o Pseudo-Dionísio, a teologia é um falar de Deus à base de uma experiência pessoal. Decisivo é o seu trabalho sobre a “Teologia Mística”, em que acentua que o conhecimento se torna tanto mais obscuro e misterioso quanto mais se aproxima da divina sabedoria. A ascensão da alma é, como a subida de Moisés ao Monte Sinai, uma ascensão no meio das trevas e do silêncio. A alma chega à união com Deus mais por negação, ou seja, reconhecendo nas criaturas aquilo que Deus não é, do que por afirmação (analogia entis) do protótipo na imagem, isto é, por semelhança da criatura com o Criador. Mas nos píncaros da união místico-amorosa com Deus, desmorona toda a imperfeita obra humana. Nem a afirmação, nem a negação podem alcançar a Deus, isto é, a alma “se une ao inefável em absoluto silêncio” e neste mistério se dão a conhecer mutuamente. Essas ideias servem para demonstrar a trajetória de João da Cruz e, com ele, a de Edith Stein. É a esse caminho que ela dá o nome de “Ciência da Cruz”; com isso ela não quer designar nenhuma teoria, e sim uma verdade viva e eficaz²⁵⁴. Como Jesus escolheu a cruz para instrumento de redenção, a cruz se

²⁵³ Grande Sinal. *Edith Stein*: filósofa judia e mestra espiritual. Petrópolis: Vozes, 1987. v. 41. n. 2, p. 175-176. Cf. In: “Tijdschrift voor Philosophie”, ano 8, 1946, p. 37.

²⁵⁴ MARGALHA, Teresa M. M.C. Disponível em: http://www.lusitana.org/il_tmc_2000_edith_stein.htm. Acessado em 18/11/2011. Edith Stein explica o sofrimento de João da Cruz, informando que, para entrar na “noite escura dos sentidos”, é necessário “renegar-se a si mesmo”, aceitar todo o sofrimento com amor e alegria. Esse sofrimento causado não só pelas tribulações exteriores, mas também pelo dominar-se a si próprio, a fim de alcançar um vazio na alma que só Deus pode preencher. Apoiava também a opinião do próprio Santo, de que, se o chamamento do “renegue-se a si mesmo, tome a sua Cruz e siga-me” (Mt. 16, 24) se dirige a todos. Porém, não são todas as pessoas, que são escolhidas por Deus para este caminho de total contemplação, de aceitação amorosa da Cruz, de qualquer cruz que Deus mande. Edith, colocando-se atrás do Santo, explica que a Cruz de Cristo pode ser simplesmente a cruz que decorre da vida de cada um. É também interessante a explicação que dá sobre a diferença entre meditação e contemplação. A meditação, que ela aproxima da espiritualidade inaciana, é

tornou símbolo de toda união com Deus. Para a Irmã Teresa Benedita a cruz é uma semente, que depositada na alma, desenvolve as raízes e se torna a forma interior do homem. Como o Pseudo-Dionísio, João da Cruz não tem outro anseio senão tomar as almas “pela mão” e guiá-las até a montanha da união amorosa com Deus. Na linguagem de Stein: “*A união nupcial da alma com Deus é a finalidade para a qual foi criada; resgatada pela cruz, consumada na cruz e selada com a cruz para toda a eternidade*”²⁵⁵.

Na Ciência da Cruz, se percebe a empatia entre João da Cruz e Edith Stein na vivência do amor de Deus. No símbolo da cruz, morte e vida estão inseparavelmente interligadas, e a carmelita de Breslau externaliza a certeza absoluta da vitória da luz sobre as trevas. Melhor ainda, transmite a convicção de que a luz surge das profundidades da escuridão, narrando que a alma já passou pela noite (noite passiva, dos sentidos e do espírito). Agora, num olhar retrospectivo, reconhece que tudo serviu para a sua salvação e, depois das trevas, veio a luz. O Deus que agora a inunda de luz é o mesmo que a atraiu para si na crucificadora obscuridade, aniquilando os seus pecados. A dolorosa ferida de amor dos abandonados se converteu em suave toque de amoroso anseio. A alma, sob a influência do Espírito, transforma-se em uma chama de vivo amor divino, que contempla o mundo com luz diferente e nova. Nas entrelinhas de sua última obra, pode-se perceber que Edith não só interpreta, mas fala por experiência própria; na conclusão de seu estudo do Cântico Espiritual de João da Cruz, deixa de se esconder atrás de seu mestre e pai e revela suas próprias ideias sobre o mistério da cruz. Nestas linhas pode-se ler todo seu destino e vislumbrar, à luz da Cruz, que a mesma iluminará a noite misteriosa de seu fim:

[...] Jesus Cristo é solícito para com a alma e entrega sua própria vida em favor da vida da alma, na luta contra os inimigos seus e dela. Ele afugenta Satanás e todos os espíritos malignos, onde quer que os encontre pessoalmente, e arranca as almas de sua tirania. Ele revela cruamente a malícia humana onde quer que se lhe oponha, cega, disfarçada e obstinada. (...) O homem novo traz em seu corpo os estigmas de Cristo como uma lembrança da miséria do pecado, da qual ele se livrou para passar para a vida divina, e do preço que foi pago por seu resgate. Este homem novo guarda uma dolorosa nostalgia da plenitude de vida até que lhe seja permitido entrar, pela porta de uma verdadeira morte corporal, para a luz sem sombras.²⁵⁶

como que um treino das qualidades humanas ao serviço da maior glória de Deus, ao passo que a contemplação, pede o vazio total da alma, mesmo que para isso seja preciso muito sofrimento, uma ascese interior radical, praticada com amor.

²⁵⁵ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2008, n. 5, p. 220.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 219-220,

Na escola de Teresa e de João da Cruz, Teresa Benedita comprova que a livre entrega da vontade humana é decisiva para a união da alma com Deus²⁵⁷. Pela luz da fé, a alma dócil chega ao conhecimento da misericordiosa inabitação divina e a viver em conhecimento amoroso com o Deus Trino.

Edith frisa que o esforço religioso da vontade jamais obterá o efeito maravilhoso que se realiza no breve lapso de tempo de uma união mística: transformação tamanha que a alma não é capaz de reconhecer a si mesma. Com João da Cruz, analisa a graça imerecida que a alma recebe do amantíssimo Deus, a consistir-se no fato de Ele se entregar e de a alma ficar vinculada à vida trinitária; de Ele adotar por filha a criatura pecadora para assemelhá-la a Seu Filho; em abraçar a alma com a mais profunda unidade esponsal. Então a alma já não se dá a si mesma, dá algo mais que a si mesma, a saber, “a Deus em Si mesmo”. A fé se converteu em um véu sutilíssimo que ainda separa o ser humano da paz eterna²⁵⁸. Assim, a última obra de Edith Stein, escrita apressadamente, como que presentindo a sua própria morte, é um hino extraordinário à dignidade da alma humana, a qual Deus escolheu para fazê-la semelhante à imagem de seu Filho. Na imagem das núpcias divinas vê a filha de Israel, filha do Povo de Deus, com quem Deus se desposou, a mais íntima relação entre Criador e criatura. As demais relações esponsais são para ela, somente prefigurações frágeis da verdadeira união nupcial, na qual Deus cuida da alma com tanto amor que nem mesmo o mais terno amor de mãe lhe pode ser comparado²⁵⁹.

2.3.1. A IMOLAÇÃO DE STEIN NO HOLOCAUSTO

Edith termina o seu trabalho sobre São João da Cruz pouco antes de ser presa. Na conclusão, deixa transparecer as suas próprias ideias e sentimentos acerca do mistério da Cruz. Com lucidez, diante das atrocidades sociais, convida o leitor, a quem a dor esmaga e que, diante do sofrimento arrebatador de milhões de vítimas, corre o risco de cair no desespero, a erguer os olhos para o mistério de amor de um Deus Crucificado para a salvação do mundo. Da vivência pessoal da cruz de Cristo, tira-se como consequência imediata não só o seu grau de configuração com Cristo, mas também a sua vivência antecipada do maior gesto de amor: dar a vida pelos outros, o martírio. No seu testamento mostrava claramente a sua disponibilidade, tal como no seu oferecimento pela paz.

²⁵⁷ O jesuíta J. Nota, que esteve com Edith Stein em Echt, comenta: "No contato com ela notava-se particularmente a presença de Deus. Estou plenamente convencido de que na sua *Ciência da Cruz* ela escreve por experiência pessoal. Atrevo-me mesmo a chamar-lhe mística".

²⁵⁸ HERBSTTRITH, op. cit., p. 269-273.

²⁵⁹ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*: estudo sobre São João da Cruz. São Paulo: Loyola, 2008, n. 5, p. 194-220.

Na Ciência da Cruz, Irmã Benedita oferece um belo texto aplicado a João da Cruz, mas que pode também ajudar a compreender o mistério da sua vivência interior, a sua disposição total, por amor a Deus e por amor ao seu povo:

Só desejo que a morte me encontre num lugar isolado, longe do convívio com os homens, sem irmãos do convento para orientar; sem alegrias que me possam consolar, provada por todas as penas e dores. Gostaria que Deus me provasse como servo, depois d'Ele ter provado no meu trabalho a resistência do meu caráter; gostaria que me visitasse com a doença, como me provou na saúde e na força; quieria que me deixasse tentar no opróbrio, como o fez com o bom nome que tive diante dos meus inimigos. Senhor, digna-te coroar a cabeça do teu indigno servo com o martírio....

Quem podia falar assim, estava configurado intimamente com o Crucificado. Tinha chegado o momento, haveria de morrer com morte de amor na cruz. Entretanto, a morte da autora não terá testemunhas oculares. É escuridão completa, diferentemente de João da Cruz, cuja morte assim descreveria:

[...] morreu rodeado pelos seus irmãos descalços, da sua Reforma, que cantavam os salmos penitenciais, tendo aos pés da cama o Prior, que o recebera mal, já arrependido, debilhado em lágrimas. Um dos seus grandes amigos leigos também estava presente. À hora de Matinas, o Senhor levou-o.

Sem tempo de concluir, Stein entrega as duas primeiras partes de seu manuscrito à Superiora do Carmelo, a terceira não a escreverá. Neste ínterim, a Gestapo bate, então, à porta do Carmelo, exigindo que, em cinco minutos, as duas irmãs Stein saíssem e os acompanhassem para o campo de concentração. A vizinhança do Carmelo, simpática a Rosa Stein e às carmelitas, protesta em relação às prisões e uma conhecida vê como Irmã Benedita toma Rosa pela mão e lhe diz: “*Vem, vamos sacrificar-nos por nosso povo*”²⁶⁰.

Enfim, a busca para desvendar a verdade acabara; o momento nupcial se descortinava em meio às trevas caóticas do desrespeito à humanidade, criada por Deus. A filósofa, elogiada por seus mestres, colegas e alunos, amada pelos seus amigos, levava uma vida simples, dedicada ao estudo e ao ensino. Depois da conversão, obteve tempo para a contemplação feliz do Senhor da verdade que tão incansavelmente tinha buscado, através da filosofia. Entretanto, teve de se sujeitar a experiência da rejeição por ser mulher, judia, judia-cristã e monja. Edith Stein foi uma intelectual com poucas obras publicadas, uma vida quase invisível, com documentos desaparecidos, com correspondência queimada, com arquivos fechados²⁶¹. Dela havia somente o testemunho das pessoas.

²⁶⁰ HERBSTTRITH, op. cit., p. 285.

²⁶¹ MIRIBEL, op. cit., p. 199. As principais obras de Edith Stein não foram publicadas durante sua vida, por causa da perseguição que atingia as publicações de origens judaicas na Alemanha, que podiam ser publicadas sob um pseudônimo, mas a autora não aceitou se submeter a isso. Em 1950-1951, os editores Herder, em Friburgo de Brisgau e Nauwelaerts, em Louvain, resolveram publicar, conjuntamente, suas obras maiores em

A senhora Bromberg, mãe de família que escapou da morte, assim como seus dois filhos gêmeos, narra a postura da Irmã Benedita no campo de concentração:

O que distinguia Irmã Benedita das outras religiosas era seu silêncio. Tive a impressão de que estava triste até o fundo da alma, mas não angustiada. Não sei como dizer, mas o peso de sua dor parecia imenso, aniquilante, tanto que, quando sorria, esse sorriso nascia de uma tal profundidade de um sofrimento que fazia mal. Quase não falava e olhava sua irmã Rosa, frequentemente, com indescritível expressão de tristeza. Sem dúvida previa a sorte de todos. Era a única, dos foragidos alemães, que pressentia a dor. Não o seu sofrimento – ela estava muito tranquila quanto a isto, e direi mesmo, tranquila demais! – mas o dos outros. Sua atitude, quando dela me recordo, sentada naquela barraca, despertava em mim uma única ideia: a de uma Virgem das Dores, de uma Pietá sem o Cristo...²⁶²

Há testemunhos de como se processava a execução na câmara de gás: escolhido o grupo, homens, mulheres, velhos e crianças eram obrigados a despirem-se completamente e, assim nus, eram colocados à força dentro da câmara e apertados brutalmente uns contra os outros. Isso para os judeus crentes era uma humilhação. Quando acabavam os gritos e os choros: o gás se dissipava e o silêncio da morte se instalava. Aí, então, a porta era aberta. Os corpos estavam enclavinados uns nos outros, numa amálgama quase informe, colados pelas lágrimas, pelo suor, pelo sangue, pela urina, pelos excrementos, que era preciso separá-los à força, para poderem ser largados na vala comum. Morte horrível, por asfixia, como a crucificação. Os ossos da irmã Teresa Benedita da Cruz, são ossos perdidos entre milhões de outros ossos. Cinzas. Nada. É uma aniquilação. Foi esta a Cruz pela qual esperava com ânsia e amor. Tinha cinquenta anos²⁶³.

2.3.2. MORTE E RESSURREIÇÃO

Um dos chefes do Movimento de Resistência, na Holanda, M. Lenig, encontrou-se com Irmã Benedita no campo de Amersfoort e escreveu à Priora de Colônia que ela, provavelmente, compartilhou da sorte de trezentos presos enviados aos fornos crematórios de Auschwitz-Birkenau na Polônia, no começo de agosto de 1942. Três anos mais tarde, o *Jornal oficial* da Holanda, tendo publicado a lista das vítimas mortas em deportações, trazia a seguinte indicação: N. 44074. Edith – Teresa – Hedwige – Stein morta em 09 de agosto de 1943 e N. 44075. Rosa – Maria – Inês – Adelaide Stein morta em 09 de agosto de 1942. Consultada a Cruz Vermelha holandesa sobre esta aparente contradição, pois os dois números de matrícula das irmãs se seguiam, não era possível que houvesse um ano de diferença entre

cinco volumes: *A Ciência da Cruz, Ser Finito e Ser Eterno, De Veritate* de Santo Tomás e *Coletânea de ensaios pedagógicos*.

²⁶² MIRIBEL, op. cit., p. 191.

²⁶³ MARGALHA, Teresa M. M.C. Disponível em: http://www.lusitana.org/il_tmc_2000_edith_stein.htm. Acessado em 18 de novembro de 2011.

suas mortes; a mesma Cruz Vermelha respondeu que se tratava de um erro de imprensa e que as duas irmãs Stein deviam efetivamente ter morrido na câmara de gás de Auschwitz, em 09 de agosto de 1942.²⁶⁴

Para os judeus religiosos de então, a crença em algo mais, que está para além da câmara de gás baseia-se nos Textos Sagrados e na interpretação do Talmude, realizada por Moisés Maimônides²⁶⁵, que tinha uma posição muito peculiar em relação à ressurreição dos mortos e a vinda do Messias²⁶⁶. Para ele, a ressurreição era parte da profecia de Daniel e poderia se cumprir a qualquer momento, não sendo necessariamente universal e não tendo necessariamente relação com a vinda do Messias. Maimônides prossegue e diz que haverá uma era Messiânica aqui na Terra, mas somente depois disso é que teríamos acesso ao “Olam Haba” (mundo vindouro), puramente espiritual, onde haveria a imortalidade de todas as almas criadas por Deus²⁶⁷. Afirmava que o Messias preconizado pelo judaísmo é a sabedoria de Deus, a palavra de Deus. O nome Cristo, em grego, vem da tradução do hebraico *Messiach*, que significa, ungido. A monja carmelita que tanto buscou a verdade e a encontrou em Jesus de Nazaré, em sua morte se une plenamente ao Messias prometido ao povo de Israel, que não apenas ama a sabedoria, mas é a própria sabedoria, não apenas ama a verdade, mas é a própria verdade, segundo o credo religioso cristão.

A fé cristã professa a fé judaica na ressurreição, seguindo os ensinamentos das Sagradas Escrituras. Primeiramente nas Escrituras Judaicas: em Ezequiel 37 há o ensinamento sobre a ressurreição dos corpos, a partir da visão da planície coberta de ossos secos. O profeta Isaías em 26, 19 afirma: "Que os vossos mortos revivam! Que seus cadáveres ressuscitem! Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos, porque vosso orvalho é um orvalho de luz e a terra restituirá o dia às sombras". Em Jó 19,25-27 encontra-se a belíssima passagem

²⁶⁴ MIRIBEL, op. cit., p. 189-190.

²⁶⁵ Moisés Maimônides, o Rambam, nasceu em 1148 na Espanha, mas teve de fugir da perseguição dos muçulmanos fundamentalistas por mais de dez anos. Em 1177, já era reconhecido como líder das comunidades judaicas, e entre suas ocupações somavam-se a de juiz e administrador, tendo sua reputação ganho reconhecimento internacional. Tornou-se médico e conselheiro do vizir Al-Fadil, a quem Saladino, chefe militar muçulmano, deixou o governo, quando conquistou o Egito. Comunidades judaicas de várias partes do mundo escreviam ao Rambam em busca de sua sabedoria na lei judaica. Maimônides escreveu dez trabalhos de medicina em árabe e vários trabalhos de teor religioso, onde reflete sua visão filosófica sobre o judaísmo. É o codificador dos Treze Princípios fundamentais do judaísmo. Morreu em 1204, no Egito e foi enterrado em Tiberíades, Israel. Sua grande popularidade lhe rendeu a frase elogiosa que diz: "De Moshê (o Legislador) até Moshê (ben Maimon) não há outro como Moshê". Disponível em <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/rambam/home.html>. Acessado em 11 de outubro de 2011.

²⁶⁶ MAIMÔNIDES, M. *O Guia dos Perplexos*: parte 1. São Paulo: Landy, 2004. Hakdamah le Ferek Helek; Yad, Teshuvah, 8-10, guia 1: 41; Tratado sobre a ressurreição.

²⁶⁷ Texto disponível em: <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/rambam/home.html> e <http://www.sobresites.com/judaismo/personalidade/maimonid.htm>. Acessado em 09 de setembro de 2011.

que conforta o personagem, abatido por muitos sofrimentos: "Eu sei que meu Redentor está vivo, e aparecerá, finalmente, sobre a terra. Por detrás de minha pele, que envolverá isso, na minha própria carne, verei Deus. Eu mesmo o contemplarei, meus olhos o verão, e não os olhos de outro".

Nas Escrituras cristãs, encontram-se várias passagens acerca da ressurreição. Dentre elas a de Jo 11, 24, em que Marta proclama a sua fé na ressurreição no último dia. O próprio Jesus defende a ressurreição da carne contra os ataques dos saduceus: "Na ressurreição dos mortos, nem os homens tomarão mulheres, nem as mulheres, maridos, mas serão como os anjos de Deus no Céu. Mas, quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no livro de Moisés como Deus lhe falou da sarça, dizendo: 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?' Ele não é Deus de mortos, senão de vivos" (Mc 12, 25-27; Mt 22, 30-32). Jesus ainda iria declarar essa verdade em outras passagens (Jo 5, 28-29; 6,39-40; Lc 14,14). Em 1 Coríntios 15, 12-14, Paulo coloca a ressurreição final no mesmo nível de certeza da ressurreição de Cristo: "Ora, se se prega que Jesus ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns de vós que não há ressurreição de mortos? Se não há ressurreição dos mortos, nem Cristo ressuscitou. Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé".

Na tradição cristã, os Padres, Doutores e insígnis teólogos seguiram com firmeza o reto caminho traçado por Jesus Cristo. Atenágoras escreveu um tratado inteiro sobre a ressurreição dos mortos, no qual demonstra primeiro a possibilidade da ressurreição, sua conveniência e necessidade; depois prova que o homem é imortal, já que é racional; e como, por outra parte, está composto de alma e corpo, ele não pode conseguir com perfeição seu fim e sua bem-aventurança se o corpo não voltar a se unir com a alma²⁶⁸. Agostinho deixara o seu posicionamento, afirmando que a carne ressuscitará, a mesma que é sepultada, a mesma que morre, esta mesma que vemos, que apalpamos, que tem necessidade de comer e de beber para conservar a vida; esta carne que sofre enfermidades e dores, esta mesma tem que ressuscitar.²⁶⁹

²⁶⁸ Atenágoras de Atenas, 133 – 190. Apologista cristão, que aparentemente nasceu e viveu em Atenas, apresentou uma apologia em prol do cristianismo ao imperador Marco Aurélio. Ali defendeu o cristianismo e suas práticas, e atacou as religiões pagãs, sobretudo quanto ao seu politeísmo. Descobriu noções monoteístas em diversos poetas e filósofos gregos e nisso, apresentou um argumento a priori, em favor da existência de Deus. Tratando sobre a ressurreição dos mortos, combinou idéias religiosas e filosóficas. Naturalmente, Platão o influenciou fortemente, pelo que sua fé religiosa geralmente foi apropriada de falar a não-cristãos, que sabiam algo das idéias de Platão e apreciavam a grandeza de seus conceitos. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Atenagoras_de_Atenas. Acessado em 30/04/2012.

²⁶⁹ "Agora, pois, enquanto vivemos nesta carne corruptível, morramos com Cristo pela conversão dos costumes, vivamos com Cristo pelo amor da justiça. Não haveremos de receber a vida bem-aventurada senão quando

Edith Stein, em sua obra, a *Ciência da Cruz* descreve a sua visão acerca da passagem desta vida para a eternidade. Ela diz que a gradual mortificação da própria natureza cada vez mais dá lugar à luz sobrenatural e à vida divina, apoderando-se das forças naturais e transformando-as em forças divinas e espirituais. Realiza-se assim, no cristão, uma nova humanidade de Cristo, a qual corresponde à ressurreição da morte na cruz²⁷⁰.

A primeira biógrafa de Edith Stein, Madre Teresa Renata do Espírito Santo, diz que Edith Stein é a primeira testemunha de Israel que realizou a união dos sofrimentos de seu povo com a imolação de Cristo na cruz²⁷¹. Em sua morte, Edith unia seu martírio à morte redentora do judeu, reconhecido pelos cristãos como o Cristo, que vence toda a morte e plenifica o ser humano com a glória da vida divina.

A crença judaica e cristã na ressurreição unifica as duas religiões e isso é descrito no poema *Fogo de Pentecostes*, de Edith Stein:

Quem és tu, Luz que me inundas e clareias o meu coração?
Tu me guias, qual mão carinhosa de mãe. Se de Ti me desprendo, não saberia
caminhar nem mais um passo. Tu és o espaço, que cerca meu ser e em si me acolhe.

Saindo de Ti, mergulho no abismo do nada, de onde tu me tiraste.
Tu estás mais próximo a mim do que eu a mim mesmo, e mais íntimo do que meu
interior – no entanto, continuas intocável e incompreensível, arrebatando o que
existe: Santo Espírito – Eterno Amor.

Não és tu o maná, que passa do coração do Filho ao meu, comida dos anjos e dos
santos? Ele, que da morte para a vida se levantou.
Também a mim ressuscitou para a vida.

Arrancou-me do sono da morte, e nova vida Ele me dá de dia para dia.
Um dia sua plenitude inundar-me-á totalmente, vida de tua vida – Sim, tu mesmo:
Santo Espírito – Eterna Vida.

És tu o raio que estala do trono do Juiz e irrompe na noite da alma, que nunca se
reconhece e si mesma.

Misericordioso – inexorável, penetra-lhe os abismos sombrios, e ela, assustada com
a visão de si mesma, cede-lhe confiante o lugar – Santo temor, início daquela
sabedoria, que vem das alturas e nas alturas nos ancora fortemente – , tua realidade
nos cria de novo: Santo espírito – Raio Penetrante.

És tu a canção do amor e santo temor, que ecoa eternamente ao redor do trono de
Deus, que une em si o puro som de todas as criaturas?
A sintonia que une os membros com a cabeça. Nela cada um encontra feliz o sentido
misterioso de seu ser e flutua em júbilo, em tuas torrentes: Santo Espírito – Eterno
Júbilo.

chegarmos àquele que veio até nós, e quando começarmos a viver com aquele que por nós morreu.” Disponível em http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_agostinho.html. Acessado em 30 de abril de 2012.

²⁷⁰ STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*: Estudo sobre São João da Cruz. São Paulo: Loyola, 2008. n. 5, p. 220. p. 220.

²⁷¹ GARCIA, J. T. e SCIADINI, P. *Edith Stein*: holocausto para seu povo. São Paulo: Loyola, 1987, p. 117.

És tu a plenitude, a força do Espírito, pela qual o Cordeiro rompe os selos do livro da vida, por um eterno decreto de Deus.
Impelidos por Ti, os mensageiros do juízo galopam pelo mundo e separam com espada afiada o Reino do meio das trevas.

Então, tornar-se-ão novos o céu e a terra, e tudo aparecerá no devido lugar pelo teu sopro: Santo Espírito – Força Vencedora²⁷².

²⁷² STEIN, Edith. *Obras Selectas*. 2. ed., Burgos: Monte Carmelo, 1998, p. 599-600.

3. A EMPATIA E O DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO EM EDITH STEIN: ENFOQUE TEOLÓGICO

A terceira parte desta dissertação visa confirmar a empatia de Edith Stein com o judaísmo e o catolicismo; para isso o texto situa a teóloga no universo cultural dessas duas tradições religiosas e apresenta a obra steiniana em consonância com os documentos da Igreja Romana e as declarações do judaísmo, acerca do diálogo judaico-cristão.

Inicialmente, a reflexão parte da abertura judaica às demais nações a partir da festa do Shavuot, que sinaliza ao povo de Israel que quando este se unir promoverá a revelação da unicidade de Deus. Essa, por sua vez, unirá todas as nações. Nesse sentido, Edith Stein propõe a empatia como caminho de sensibilização, abertura e comunhão de todos os povos. O historiador francês, Jules Isaac, trabalhou incansavelmente para promover a aproximação do judaísmo com o catolicismo Romano. Ele tem em comum com Stein, o aspecto pedagógico da formação das novas gerações, para que aprendam a apreciar o mistério da revelação presente nas duas tradições religiosas. A atuação de Isaac influenciou o evento ocorrido em Seelisberg, onde se definiu dez pontos, para que os cristãos tivessem consciência de que o cristianismo está enraizado no judaísmo. O Papa João XXIII acolheu o apelo da conferência de Seelisberg e solicitou ao Cardeal Bea, que entrasse em contato com os movimentos, dentro do catolicismo, de aproximação com o judaísmo e apresentasse no Concílio Vaticano II um documento, que respaldasse o desejo Romano de entrar em comunhão com a solicitação dos judeus. Dessa solicitação nasceu o documento *Nostra Aetate*, que possibilitou a abertura da Igreja Católica Apostólica Romana para o pluralismo religioso.

Desde 1928 a Igreja Romana pontua a sua reprovação ao antissemitismo e, em 1937, o Papa Pio XI condenou, através da encíclica “*Mit Brennender Sorge*”, o sistema nazista, com seu racismo e intolerância religiosa. A Igreja Católica no Concílio Vaticano II propôs o diálogo Inter-religioso como forma de acolhida, respeito e aceitação do universo cultural das

tradições religiosas. Afirmou, ainda, que a permanência de Israel é um sinal da fidelidade de Deus ao povo eleito. A reconciliação entre judeus e católicos tem se firmado nos últimos cinquenta anos, através de documentos e declarações oficiais, legitimando a aproximação das duas religiões, que tem um patrimônio espiritual em comum. A declaração judaica *Dab`Ru Êmet*, “Falai a Verdade” (Zc 8,16), remeterá o leitor à grande busca de Edith Stein, que conclui a sua jornada, exclamando: “quem busca a verdade, busca a Deus!”

A Carmelita de Breslau concilia as duas religiões de forma empática, lembrando que o fiel das duas crenças tem uma estrutura humana em comum. Isso possibilita que o judeu e o católico apreendam os valores da alma de seu semelhante, pois nela se manifesta o mistério da religião, com suas implicações éticas. Tanto judeus quanto cristãos católicos têm o patrimônio ético-espiritual em comum, por isso cabe aos formadores de opinião formar as novas gerações para a vivência respeitosa em relação às culturas e suas religiões.

A atitude empática é fundamental no diálogo Inter-religioso, pois permite que os fiéis se conheçam e se compreendam, a partir da experiência vivencial do sagrado, manifestada no Espírito Santo, que atua nas tradições religiosas, unificando-as pelo diálogo. Há uma corrente espiritual interligando o Espírito Superior, como disse Edith Stein na Empatia, ao homem de todas as culturas, que consegue se abrir em sua dimensão espiritual.

A base vivencial do povo de Israel é a Aliança com o Onipotente e sua eleição, para ser luz das nações. Stein, a semelhança do povo bíblico, vive a sua diáspora e nela peregrina em busca da “Verdade”, sendo fiel aos valores assimilados na religião de seus pais. A sua insistência, como filósofa, em encontrar a verdade a levou ao judeu Jesus de Nazaré, que no evangelho proclamou ser: Caminho, Verdade e Vida! Edith se tornou discípula do Cristo e encontrou o judaísmo. A religião e cultura judaica são transmitidas pela mãe. A Senhora Augusta Stein não se conformou com a decisão de sua filha em seguir o judeu Jesus de Nazaré, apesar de considerá-lo um homem bom. Ela não rompe com sua filha, em virtude da profunda empatia que existia entre as duas; porém, mantém sua postura firme seguindo em tudo a religião judaica, sendo fiel à Aliança. A futura carmelita segue o seu caminho, crendo que a Aliança com Cristo faz parte do horizonte da Aliança do Sinai, que se abre para acolher os povos da terra. Após o Concílio Vaticano II, os teólogos vêm refletindo a questão da Aliança; e os documentos oficiais da Igreja Romana têm proclamado que Deus continua fiel à Aliança realizada com Israel.

Este terceiro capítulo segue a sua exposição, refletindo sobre o compromisso da Aliança, que implica viver com dignidade à eleição divina, cujo resultado é a Santificação do

Nome de Deus e a santidade do fiel. Para os católicos, a santidade é a configuração da pessoa a Cristo. Todos os batizados são chamados à santidade. A filósofa de Breslau foi reconhecida como pessoa virtuosa, propagadora do humanismo, mártir por ser judia e cristã e, por ter tido uma vida tão exemplar, foi declarada santa e digna de veneração pelos fiéis católicos no mundo todo. Para os judeus, Stein cumpriu o mandamento de santificar o Nome de Deus durante a sua vida, por isso é considerada Kadosh, e por ter sido mártir com seus irmãos de sangue na Shoá é reconhecida ainda como Kidush Hashem. A própria Edith se posiciona como “filha de Israel”, e também, como “filha da Igreja”. Após sua adesão a Cristo redescobriu as suas raízes judaicas e reconheceu no povo de Israel o povo messiânico. A carmelita abraça a cruz por ela, por seu povo, e observa que o nazismo odeia o povo de Israel, porque a existência do povo é sinal da presença de Deus no mundo. Ainda, alerta que após a destruição dos judeus o sistema ateu e idolátrico hitleriano se voltaria contra os cristãos.

O capítulo em seu término acenará para a aproximação do pensamento steiniano com as encíclicas papais e os documentos judaicos. Há uma clara evidência do que a carmelita de Breslau escreveu com o que se encontra nas encíclicas *Redemptor Hominis*, *Veritatis Splendor*, *Fides et Ratio*, entre outras. Já na encíclica escrita em alemão, em 1937, pelo Papa Pio XI, o conteúdo se aproxima muito da carta enviada por Edith ao Sumo Pontífice em 1933. Por fim, o texto pontuará que a empatia com um Ser Superior exige das religiões um processo hermenêutico, a fim de que as verdades fundamentais de cada crença sejam respeitadas. Esse método fenomenológico da empatia é apresentado como base para a aproximação das tradições religiosas. É dessa forma que o diálogo Inter-religioso será enriquecedor para a convivência social, contribuindo na edificação de um mundo justo, igualitário e fraterno.

3.1. A ABERTURA EMPÁTICA ENTRE JUDAÍSMO E CATOLICISMO

Em sua autobiografia, Edith Stein informa que os mestres judeus ensinavam seus alunos a ler a Sagrada Escritura e aprender de cor alguns salmos em alemão. Ela narra que eles buscavam inculcar sempre o respeito a todas as religiões e jamais deviam dizer algo contra uma religião distinta²⁷³. Esse aprendizado é fruto dos ensinamentos judaicos acerca da Shavuot e de suas experiências em meio aos outros povos na diáspora. Foi nessa convivência com o diferente que o judaísmo foi se abrindo empaticamente até estabelecer uma relação dialogal com o Cristianismo Católico Romano.

²⁷³ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 166.

As três principais festas judaicas que constam na Torá, além de Rosh Hashana, que comemora o ano novo judaico²⁷⁴ e Yom Kipur, o dia do perdão²⁷⁵, são Pessach, Shavuot e Sucot. Conhecidas como os “Shalosh Regalim”, que se trata do mandato de Deuteronômio 16, 16-17:

Três vezes no ano aparecerão todos os teus homens diante do Eterno, teu Deus, no lugar que Ele escolher: na festa dos Ázimos, na festa das Semanas, e na festa dos Tabernáculos: e não se apresentarão diante do Senhor com as mãos vazias. Cada um oferecerá segundo as suas posses, conforme a bênção que o Eterno, teu Deus, houver dado a tí.

Esse mandato obrigava os israelitas a observar os Três Festivais de Peregrinação. Três vezes por ano vinham ao Templo, em Jerusalém, trazendo jubilosamente cordeiros pascais e as primícias de suas colheitas. Nestes momentos culminantes do ano agrícola, quando a generosidade de Deus se manifestava na natureza em seu máximo, traziam seus sacrifícios para comemorar os momentos em que o poder de Deus se manifestava em sua plenitude na história sagrada do povo. Essas festas estão relacionadas ao Êxodo do Egito e comemoram os principais eventos da História Judaica. Pessach celebra a libertação do povo judeu da escravidão egípcia; Shavuot a Revelação Divina no Monte Sinai e o recebimento da Torá e, Sucot, a proteção divina com a qual foi agraciada a geração de judeus que foi libertada do Egito após 40 anos em que percorreu o Deserto do Sinai.

Pessach, Sucot e Shavuot, apesar de ocorrerem em meses diferentes do calendário judaico, estão relacionadas ao Êxodo. Pessach lembra os milagres ocorridos no Egito e a divisão do Mar Vermelho, a fim de que os judeus participem da mesa do Seder, pois se tornaram merecedores dos milagres de Deus. Sucot remete a Sucá, que simboliza a Shechiná, a manifestação de Deus na Terra. Entretanto, Shavuot representa muito mais que tudo isso: a

²⁷⁴ O Rosh Hashaná acontece geralmente em setembro, pois a contagem dos anos no judaísmo é feita pelo calendário lunar. O ano lunar tem 354 dias, portanto faltam 11 para os 365 contados normalmente. Para ajustar, se convencionou que alguns anos têm um mês a mais no calendário judaico. O primeiro mês do ano é chamado de Tishrei, palavra que remonta ao período de 586 a.C. a 536 a.C., quando Jerusalém foi destruída pelos babilônios e os judeus foram forçadamente exilados para a região mesopotâmia. Ali eles desenvolveram o calendário de 12 meses – que, às vezes, ganha um mês extra para o ajuste com o calendário tradicional. Segundo o calendário judaico, a partir do anoitecer do dia 16 de setembro de 2012 inicia-se o ano 5773. Para os judeus, é tempo de refletir e se arrepender dos pecados. Em vez de brindar com champanhe, eles preferem se focar na introspecção e na reflexão. Um dos símbolos mais importantes do Rosh Hashaná é o shofar, instrumento feito de chifre de carneiro que é tocado na data e remonta à época em que os judeus eram nômades. Outra característica do shofar é que ele soa como um alarme, que chama à reflexão e à consciência adormecida. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosh_Hashan. Acessado em 25 de outubro de 2011.

²⁷⁵ Yom Kipur é um momento em que os que dirigem as rezas, e, inclusive, alguns membros da congregação, vestem batas brancas que se assemelham a mortalhas, que leva o fiel a pensar em sua mortalidade e apreciar a premente preciosidade da vida. Disponível em <http://www.shalom.org.br/quemsomos/masorti/shutafo-port.pdf>. Acessado em 25 de outubro de 2011.

festa simboliza a própria essência de Deus. Essa festa quer ensinar que quando o povo judeu se une, superando todas as suas diferenças, se torna merecedor da Revelação Divina.

E, quando nos unimos como povo – quando nos tornamos ‘Um Povo da Terra’, possibilitamos a Revelação da Unicidade de D’us, que resultará na união de toda a humanidade e na era tão esperada pelo homem, em que, ao invés de divisões e conflitos, haverá paz e prosperidade para todos os seres humanos.²⁷⁶

A partir da assimilação do sentido dessa festa, o povo judeu vem progredindo em seu relacionamento com os povos diversos, aos quais entrou em contato durante a sua dispersão milenar pelos cinco continentes. É fato que a história judaica narra momentos em que o povo teve de se submeter a duras provações. Passou por perseguições, intolerâncias e em alguns momentos da história teve certa tranquilidade e convivência pacífica com fiéis de outras religiões. Em relação ao cristianismo, a postura dos rabinos se modificou consideravelmente, duma percepção deste como idolátrico ou, pelo menos, como “monoteísmo defeituoso”, para uma visão positiva, como meio para ajudar os seres humanos a chegar à redenção universal (Maimônides); para ver os cristãos como “gente ligada pelos modos de religião” (rábi Menahem Há-Meiri) e como “aqueles que crêem na Criação e no Êxodo e os princípios fundamentais da religião que intentam servir ao Feitor do Céu e da Terra” (rábi Moshe Rivkes Be’er Há-Golah)²⁷⁷.

Em meio as suas diversas vivências pelas nações, onde foram dispersos, os judeus fortaleceram a sua espiritualidade, a partir da fé na promessa feita a Abraão, em Gênesis 12,2ss.: “Serás fonte de bênção e em ti serão benditos todos os povos da terra”. Por isso, encontra-se na história judaica um profundo humanismo e solidariedade. No século XX, por exemplo, vários judeus, através de suas atitudes e obras, convidaram o ser humano a buscar a vivência pacífica e a construção de uma sociedade fraterna²⁷⁸. Esse espírito é herança da tradição rabínica expressa com a afirmação: “Quem salvou uma vida humana salvou o mundo inteiro”.

Edith Stein cresce imbuída desse sentimento e o traduz em sua primeira obra, quando trata do problema da compreensão do outro. A empatia, para ela, é o caminho que possibilita a unificação dos povos. Num primeiro estágio de sua vida, experimenta a alegria pela convivência pacífica entre religiões e países diferentes, e num segundo momento vive a dor

²⁷⁶ Disponível em <http://judaisismohumanista.ning.com//as-tres-festas-e-a-uniao-do-povo-revista-morasha>. Acessado em 04 de maio de 2012.

²⁷⁷ Disponível em [http://www.jcrelations.net/Judeus e cristãos](http://www.jcrelations.net/Judeus%20e%20cristaos). Acessado em 09 de maio de 2012.

²⁷⁸ Ao longo da história da humanidade encontra-se a colaboração de muitos judeus e judias que auxiliaram na preservação e evolução da humanidade. No século XX nasce o pensamento humanista, que busca preservar a sabedoria da cultura judaica, graças ao legado recebido de influentes pensadores e cientistas judeus, como Martin Buber, Emmanuel Levinas, Marx, Freud, Einstein entre outros.

pelo estrangulamento social, atingindo os povos e desrespeitando as religiões. É nesse cenário que se descortina a voz de um judeu francês, Jules Isaac²⁷⁹, que dedicou grande parte de seus esforços para a investigação sobre as causas do antissemitismo e a aproximação com o cristianismo católico. Em concordância com a pedagogia de Stein, Isaac vai enfatizar a questão do ensino, como caminho de edificação ou destruição das relações humanas. É seu desejo que se dê um basta ao ensino de desprezo aos judeus e se forme as novas gerações através do ensino de estima, que na linguagem steiniana se revela pela vivência empática. Quando Jules menciona o ensinamento de desprezo, está se referindo a prece de conteúdo anti-judaico, surgida na liturgia da Sexta-Feira Santa no século VI. O ritual da Ação Litúrgica, deste dia solene, consistia de leituras bíblicas, homília, uma série de orações comunitárias, chamadas também pela rubrica de 1955 de “oração dos fiéis”. Uma delas era para os judeus e continha a seguinte linguagem:

Orémus et pro pérfidis judaeis (rezemos também pelos pérfidos judeus): "Eterno e onipotente Deus, que não Vos afastais nem mesmo da perfídia judaica, escutai a nossa prece, a qual elevamos, pela cegueira daquele povo, para que ele conheça a luz e se afaste das trevas"²⁸⁰.

Em 1947, aconteceu uma conferência em Seelisberg, na Suíça, reunindo 65 personalidades entre judeus e cristãos de 19 países. O encontro, após a catástrofe do Holocausto, foi momento de refletir e pontuar a luta contra o antissemitismo e o desejo de fortalecer o relacionamento entre judeus e cristãos. Jules Isaac participou ativamente dessa conferência, fornecendo as bases históricas que levariam à revisão da atitude da Igreja Católica Romana para com o judaísmo. Dessa conferência nasceu o Conselho Internacional de cristãos e Judeus e foi apresentada a carta de Seelisberg, contendo Dez Pontos solicitando às igrejas cristãs para que modificassem seus conceitos sobre o judaísmo e o relacionamento entre Cristianismo e Judaísmo:

Dez Pontos de Seelisberg²⁸¹

1. Deve ser lembrado que um só e mesmo Deus nos fala no Antigo e no Novo Testamento.

²⁷⁹ THOMA, Clemens. Teologia Cristiana Dell'Ebraismo. Casale Monferrato: Marietti, 1983. p. 176. Jules Isaac (1877- 1963) nascido em Rennes, desde cedo se interessou por história, escreveu livros didáticos para os colegiais, ocupou cargos no Ministério da Educação da França, chegando a ser inspetor-chefe do ensino de História do país. Sua área de pesquisa fora a das causas da Primeira Guerra Mundial. Interessou-se também pela origem das superstições e preconceitos populares. Durante a Segunda Guerra Mundial testemunhou a invasão alemã e conseguiu sobreviver, mas perdeu toda a sua família assassinada pelos nazistas, nas câmaras de morte do campo de concentração de Auschwitz. Segundo o teólogo Clemens Thoma, Isaac foi “um dos grandes visionários do entendimento judaico-cristão depois da Segunda Guerra Mundial”.

²⁸⁰ Originalmente, pérfido significava não-crente. Entretanto, na cristandade, pérfido passou a significar malvado e perverso. Disponível em <http://www.jcrelations.net>. Acessado em 08 de maio de 2012.

²⁸¹ Disponível em <http://www.jcrelations.net/Guia>. Acessado em 08 de maio de 2012.

2. Não se pode esquecer que Jesus nasceu de mãe judia, pertencia à família de Davi e ao povo de Israel, e que seu amor eterno abrange o seu povo e o mundo inteiro.
3. Recorde-se ainda que os primeiros discípulos, os Apóstolos, e os primeiros mártires eram judeus.
4. Tenha-se presente que o principal mandamento do cristianismo, o amor a Deus e ao próximo, anunciado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, obriga igualmente, cristãos e judeus, em todas as relações humanas.
5. Deve-se evitar diminuir o judaísmo bíblico e pós-bíblico para exaltar o cristianismo.
6. Não se deve empregar a palavra "judeu" para designar exclusivamente os inimigos de Jesus, e as palavras "inimigos de Jesus" para designar o povo judeu em seu conjunto.
7. Não se deve apresentar a Paixão de Jesus, como se todos os judeus, ou somente os judeus, tivessem incorrido na odiosidade da crucificação. Não foram todos os judeus que pediram a morte de Jesus, nem foram somente judeus que se responsabilizaram por ela. A Cruz, que salva a humanidade, revela que Cristo morreu pelos pecados de todos. Pais e mestres cristãos deveriam ser alertados a respeito de sua grande responsabilidade na maneira de narrar os padecimentos de Jesus. Se o fazem de uma forma superficial, correm o risco de fomentar aversões no coração das crianças ou dos ouvintes. Numa mente simples, movida de um ardente amor compassivo pelo Salvador crucificado, o horror natural dos perseguidores de Jesus pode facilmente tornar-se, por motivos psicológicos, ódio indiscriminado pelo judeu de todos os tempos, inclusive de nossos dias.
8. Não se devem evocar as condenações bíblicas e o grito da multidão enraivecida: "Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos" (Mt 27,25) sem relembrar que esse grito não anulou as palavras de nosso Senhor, de conseqüências incomparavelmente maiores: "Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem" (Lc 23,24).
9. É preciso evitar qualquer tentativa de mostrar os judeus como um povo reprovado, amaldiçoado e votado a um sofrimento perpétuo.
10. Deve ser mencionado que os primeiros membros da Igreja eram judeus.

Jules Isaac publicou em 1948 a obra: *Jésus e Israel*. Esse livro exprime a aflição e a revolta, por ver e experimentar a tragédia do sistema político nazista destruir os valores da Europa e eliminar o povo judeu; Isaac ainda faz uma análise racional e minuciosa dos textos evangélicos, apresentando as raízes históricas e teológicas, que consistiram na solidificação de costumes e embustes responsáveis pela deturpação da relação entre Jesus e Israel. A obra acena para uma atitude de confiança no poder do amor, que deve prevalecer sobre todas as forças mortais do desprezo e do ódio. Assim, o autor quer possibilitar uma abordagem justa do ensino Cristão acerca de Israel, ou seja, fazer conhecer Jesus aos judeus e Israel aos cristãos. O impacto e a boa fundamentação dessa obra foram, inclusive, responsáveis por sua

utilização como referência nas revisões de consciência e de doutrina, iniciadas pela Igreja Católica Romana no Concílio Vaticano II²⁸².

Em 1949, em Castel Gandolfo, o historiador francês teve um breve encontro com o Papa Pio XII e lhe entregou os dez pontos fixados pela Conferência de Seelisberg, que o Sumo Pontífice ainda não conhecia e que prometeu ler. Isaac ainda solicitou ao Papa que revisse a Oração Universal da Sexta-feira Santa, que continha referências ofensivas aos judeus, a saber, as palavras "judeus pérfidos." Ele ainda observou que os católicos não se ajoelhavam quando rezavam para os judeus na Sexta-Feira Santa, embora se ajoelhassem para todas as outras petições. A solicitação do historiador francês foi atendida após a morte de Pio XII, em 1959 quando o Papa João XXIII aboliu as fórmulas negativas presentes no ritual romano sobre os judeus e muçulmanos.

Jules tentou encontrar-se com o novo Papa, Ângelo Roncalli, que governou a Igreja de 1958 até 1963. A audiência com João XXIII foi acontecer somente em junho de 1960. Nessa, o historiador francês realçou a necessidade de que o chefe da Igreja católica condenasse de modo solene o ensino do desprezo e a sua essência anticristã, e que o Concílio, convocado por João XXIII, tivesse espaço para propor o ensino do apreço aos judeus²⁸³. Coube ao papa João XXIII enfrentar decisivamente a questão do relacionamento com o judaísmo. Em vários países da Europa, fundavam-se ou reorganizavam-se associações de amizade entre cristãos e judeus, mas o movimento caminhava lentamente. As autoridades da Igreja Romana, por sua vez, há muito tempo vinham denunciado o antissemitismo.

²⁸² Todos os concílios católicos são nomeados segundo o local onde ele ocorre. A numeração indica a quantidade de concílios que se deram em tal localidade. Vaticano II portanto, indica que o concílio ocorreu na cidade-Estado do Vaticano, e o número dois indica que foi o segundo concílio realizado nesta localidade. Os concílios, que são reuniões de dignidades eclesiásticas e de teólogos, são um esforço comum da Igreja, ou parte da Igreja, para a sua própria preservação e defesa, ou guarda e clareza da Fé e da doutrina. No caso do Concílio Vaticano II, a necessidade de defesa se fez de modo universal, porque as situações contemporâneas de proporções globais abalaram a Igreja. Isso fez com que a autoridade universal da Igreja, na pessoa do papa, se encontrasse persuadida a convocar um concílio universal ou ecumênico. A força do Concílio não reside nos bispos ou em outros eclesiásticos, mas sim no Papa, como pastor universal que declara algo como sendo próprio das Verdades reveladas (e, por isso, implica a obediência dos católicos). Fora disso, o Concílio tem apenas poder sinodal. Porém, quando o concílio está em comunhão com o Papa, e se o Papa falasse solenemente (*ex cathedra*) de matérias relacionadas com a fé e a moral, o episcopado plenamente reunido torna-se também infalível. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaticano_II. Acessado em 15 de maio de 2012.

²⁸³ O Concílio Vaticano II (Vigésimo primeiro Concílio Ecumênico da Igreja Católica), foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae salutis", pelo Papa João XXIII, que o inaugurou a ritmo extraordinário, no dia 11 de outubro de 1962. O Concílio, realizado em 4 sessões, só terminou no dia 8 de dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Nestas quatro sessões, mais de dois mil Prelados convocados de todo o planeta discutiram e regulamentaram vários temas da Igreja Católica. As suas decisões estão expressas nas 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações elaboradas e aprovadas pelo Concílio. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaticano_II. Acessado em 15 de maio de 2012.

Então, o próprio Papa nomeou o Cardeal Augustin Bea²⁸⁴, biblista e profundo conhecedor do judaísmo, para dirigir o "Secretariado pela União dos Cristãos". A partir de seus conhecimentos bíblicos e teológicos, o Cardeal Bea buscou de diversas maneiras corrigir a interpretação que colocava a culpa da crucificação sobre os judeus. Seu papel no diálogo Inter-religioso foi um dos mais marcantes. Ele enfrentou muitas dificuldades, por motivos religiosos e políticos, especialmente por parte de cristãos árabes e tradicionalistas. Eles acreditavam que o documento seria uma tomada de posição da Igreja Romana em favor do Estado de Israel. Entretanto, apesar das controvérsias, discussões, adendos e recensões, o Cardeal Bea conseguiu cumprir a sua missão com a declaração conciliar *Nostra Aetate*, aprovada em 28 de outubro de 1964²⁸⁵. O documento conta de cinco parágrafos, dos quais apenas um é destinado à religião Judaica. No que concerne ao judaísmo há ricas alusões ao patrimônio espiritual comum entre judeus e Cristãos e um estímulo a mútua colaboração no que diz respeito ao Estudo da Sagrada Escritura, produção teológica e ao diálogo fraterno. O

²⁸⁴ Augustin Bea (1881-1968) nasceu na Alemanha. Foi reitor do Pontifício Instituto Bíblico e depois cardeal. Biblista de renome, ele dominava nove idiomas, entre os quais o hebraico e o português. Também foi editor do periódico *Bíblica* (1930-1950), além de pertencer a uma dezena de organismos internacionais.

²⁸⁵ *Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil*. Estudos da CNBB – 46. São Paulo: Paulinas. 1986, p. 185. O Cardeal Bea desenvolveu extraordinária atividade no período conciliar, presidindo os trabalhos de redação de cinco esquemas, apresentando quatro relatórios, sendo três deles sobre o problema judeu, e fazendo dezoito intervenções, durante as sessões, sempre com profundidade doutrinal, constante preocupação ecumênica e profundo realismo humano. Muito lhe deve a Igreja na preparação do documento sobre as relações com os não-cristãos. Em 1961, apresentou um projeto de sete páginas contendo as idéias principais da atual declaração conciliar. Revisto inúmeras vezes, foi o texto concluído em 1962, e devia ser proposto em junho do mesmo ano à Comissão Central, mas inquietantes rumores de agitação arrebataram nos países árabes. O texto foi retirado de discussão. Começa a sua acidentada história. Foi dos que mais sofreu reações e pressões exteriores. Vista de fora, escalona-se a trajetória desse documento por uma série de episódios, em que as paixões políticas, as coações e os temores, pesaram tanto que, em determinados momentos, ameaçaram até eclipsar o próprio objeto da declaração. A 19 de novembro de 1963, Augustin Bea apresentou o texto no decurso da duodécima sessão conciliar. Na ocasião, sublinhou tratar-se essencialmente da questão no plano religioso e à imitação de Cristo o Concílio se dirigia aos católicos de forma explícita, com a finalidade de lhes ensinar a atitude que devem adotar em relação aos judeus. A discussão geral abrangeu todo o período conciliar que vai da 69ª à 72ª congregação. Sucederam-se os oradores e os debates. Chegou-se ao fim da segunda sessão com a questão ainda aberta. Durante a inter-sessão, redobrou o Secretariado as suas atividades. Reuniu o parecer dos Padres num volume de 72 páginas e se ocupou em dissipar os equívocos de natureza política que haviam surgido de todos os lados. A 4 de junho de 1963, falece o papa João XXIII. Duas iniciativas de seu sucessor, o papa Paulo VI, contribuíram para situar o problema no plano decisivo: a fundação do "Secretariado para as Religiões Não-Cristãs" e a sua Encíclica "Ecclesiam Suam" de 6 de agosto de 1964, sobre o tema: "Por quais caminhos deve a Igreja Católica hoje cumprir o seu mandato?" Feitas as emendas e correções, o novo texto proposto à assembleia conciliar enfatiza o caráter religioso da questão, bem como a missão de paz e fraternidade própria da Igreja. O debate suscitado, durante a terceira sessão do Concílio, obrigou a que se refundisse pela terceira vez o texto, imprimindo-lhe ainda mais uma orientação positiva. Novamente, na fase de inter-sessão, se acenderam as campanhas de opinião pública e as pressões políticas, advindas principalmente do mundo árabe. Sob o prisma teológico, entram em cena os ortodoxos censurando a colocação do deicídio, por causa de toda a problemática infundável a ele ligada. Reelaborado o documento pelo Secretariado, foi finalmente entregue à discussão do período da quarta sessão. O número 4 que se ocupa das relações específicas da Igreja com o Judaísmo, prendeu a atenção de todos, sendo alvo de numerosas observações. Chega-se assim à etapa final de votação e aprovação do texto, após um longo, penoso e, por vezes, dramático trabalho de elaboração. Em sessão pública de 28 de outubro de 1965 foi solenemente promulgado.

documento deplora o antissemitismo em todas as suas formas e repudia a alegação de “deicídio”, pela qual eram culpados os judeus de todas as gerações. O documento ainda afirma que Jesus, os apóstolos e a maioria de seus seguidores eram judeus e que Deus não havia revogado o Pacto com o povo de Israel²⁸⁶.

O Concílio foi encerrado por Paulo VI, sucessor de João XXIII, declarando que os judeus devem ser lembrados como irmãos mais velhos²⁸⁷. No campo litúrgico, a linguagem da Ação Litúrgica da Sexta-Feira Santa se modificou totalmente. A oração dos fiéis passou a ser chamada de Oração Universal e na prece pelos judeus os católicos passaram a se ajoelhar e recebeu a seguinte fórmula:

Oremos pelos judeus, aos quais o Senhor nosso Deus falou em primeiro lugar, a fim de que cresçam na fidelidade de sua Aliança e no amor do seu Nome.

Ó Deus, que fizestes vossas promessas a Abraão e seus descendentes, escutai as preces da vossa Igreja. Que o povo da Antiga Aliança mereça alcançar a plenitude da vossa redenção.

Percebe-se, assim, que a Igreja Católica Romana, baseada nos eventos da Segunda Guerra Mundial, nos estudos históricos, bíblicos e teológicos, preparou-se para um pronunciamento oficial. A Conferência de Seelisberg e o papel de Jules Isaac possibilitou que o Vaticano tomasse uma posição oficial frente ao antissemitismo. Promulgada em 1965, a declaração *Nostra Aetate* realça o valor espiritual do vínculo que une o povo do Novo Testamento à linhagem de Abraão. O documento trata do diálogo e respeito dos cristãos para com as diversas denominações religiosas. Entretanto, ele tem em sua base uma abertura bastante empática para com o judaísmo, em virtude de seu patrimônio espiritual comum e uma herança segundo a carne, ou seja, os cristãos pautam suas vidas em Jesus Cristo, nascido do povo judeu.

Jules Isaac veio a falecer em 05 de maio de 1963, sem ter a alegria de ver a promulgação desse documento conciliar, cujo quarto parágrafo, representa uma mudança monumental da Igreja Católica Romana em relação às comunidades judaicas. O historiador francês foi o fundador do grupo chamado "Amitié Judéo-Chrétienne", aporuguesado por

²⁸⁶ Conferir anexo III

²⁸⁷ Apesar da sua boa intenção em tentar atualizar a Igreja, os resultados deste Concílio, para alguns estudiosos, ainda não foram totalmente entendidos nos dias de hoje, enfrentando, por isso, vários problemas que perduram. Para muitos estudiosos, é esperado que os teólogos, que participaram do Concílio, salvaguardem a sua natureza. Depois de João XXIII, todos os Papas, que o sucederam inclusive Bento XVI, participaram do Concílio ou como Padres conciliares (prelados) ou como consultores teológicos (peritos). Em 1995, o Papa João Paulo II classificou o Concílio Vaticano II como "um momento de reflexão global da Igreja sobre si mesma e sobre as suas relações com o mundo". Acrescentou também que esta "reflexão global" impelia a Igreja "a uma fidelidade cada vez maior ao seu Senhor e que o impulso vinha também das grandes mudanças do mundo contemporâneo, que, como “sinais dos tempos”, exigiam ser decifradas à luz da Palavra de Deus". Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Vaticano_II. Acessado em 15 de maio de 2012.

Fraternidade Cristã-Judaica, cujo objetivo principal foi e continua a ser um conhecimento recíproco entre Judaísmo e Cristianismo, por meio de encontros, conferências, simpósios, publicações e um empenho muito grande na luta contra os preconceitos que se transmitem, sobretudo através do ensino²⁸⁸. Segundo, Isaac, é por meio da educação que as ideias são transmitidas de uma geração para outra. A Fraternidade se desenvolveu na Europa, ainda na metade do século XX, e se espalhou pelo mundo com os mesmos princípios idealizados por Jules Isaac.

A Fraternidade apontou no Catecismo Católico Romano expressões sutis, que davam margem a preconceitos e passou a reivindicar mudanças, conquistadas no Concílio Vaticano II. Da parte da Igreja Católica Romana, após o Concílio, foram elaborados dois documentos para a aplicação do documento conciliar *Nostrae Aetate: As Orientações e sugestões para a aplicação da declaração Conciliar Nostra Aetate*²⁸⁹ em 1974 e, em 1985, *As notas para uma correta apresentação dos judeus e do judaísmo na pregação e catequese da Igreja católica, o Povo judeu e as suas sagradas escrituras na Bíblia cristã*²⁹⁰. A Comissão do Vaticano para as Relações Religiosas com o Judaísmo foi criada em 1974 pelo papa Paulo VI, visando a estabelecer relações com os representantes da comunidade judaica mundial e, ao mesmo tempo, sensibilizar os católicos a respeito deste novo campo pastoral. Em 1982, o Papa João Paulo II presidiu uma reunião dessa Comissão, contando com 15 países, e a concluiu com a fórmula "o diálogo é um autêntico serviço da Igreja". Em preparação para as festividades do ano 2000, a Igreja Romana realizou um simpósio, em 1998, do qual resultou um importante documento sobre o Holocausto, intitulado: *We Remember – Nós recordamos, uma reflexão sobre a Shoah*²⁹¹. As Conferências Episcopais, sobretudo as Latino Americanas, fizeram

²⁸⁸ Já existiam anteriormente na Europa e, em especial, na França iniciativas que tentavam aproximar cristãos e judeus, separados histórica e socialmente, desde o triunfo de Constantino, em Roma, por volta do III século da era comum. Entre os esforços de aproximação, o de Jules Isaac foi o mais bem sucedido. Disponível em <http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda9d1.htm>. Acessado em 08 de maio de 2012.

²⁸⁹ Trata-se de um documento breve. Dividido em quatro partes, ele aborda quatro núcleos, a saber: “*a questão do Diálogo Fraternal*”, “*a Liturgia*”, “*O ensino e a Educação*” e “*Ação social em comum*”.

²⁹⁰ Em de 24 de junho de 1985, a Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo, do Vaticano, emitiu este documento, contendo: na primeira parte, em oito itens, as razões e as formas do ensino religioso do judaísmo; na segunda parte, estabelece os princípios de correlação entre o Antigo e o Novo Testamento. Em seguida, numa terceira parte, mostra quais são as raízes judaicas do cristianismo. Analisa, depois, na quarta parte, a presença dos judeus no Novo Testamento. Aborda brevemente, numa quinta parte, questões relacionadas com a liturgia. Conclui, na sexta parte, com uma apresentação do quadro do judaísmo e do cristianismo na história. Ao rematar todas as considerações, o documento acentua que: "o ensino religioso, a catequese e a pregação devem levar não só à objetividade, à justiça e à tolerância, mas também à compreensão e ao diálogo". Disponível em <http://www.jcrelations.net/Guia>. Acessado em 11 de maio de 2012.

²⁹¹ Esse documento, publicado pela Pontifícia Comissão para o Diálogo Religioso com o Judaísmo, enfatiza os males do antissemitismo. O objetivo do documento é preservar a memória histórica do Holocausto.

declarações bastante amistosas sobre o judaísmo, particularmente Puebla (cf. 1103. 110; 1116 e 1123) Santo Domingo (cf. 133;134;136 e 138) e, recentemente, Aparecida (235 e 238).

O diálogo entre os grupos de fraternidade existentes no mundo é coordenado pelo Conselho Internacional de Cristãos e Judeus (ICCJ), que já organizou uma série de encontros desde 1965, em diversos países do mundo. Seu objetivo consiste em mudar as atitudes unilaterais ou recíprocas, que sejam prejudiciais às relações mútuas.

No Brasil, a Fraternidade nasceu em São Paulo, em 1961, onde foram elaborados os estatutos e inaugurada a instituição. De São Paulo, a Fraternidade se estendeu ao Rio de Janeiro em 1964. O Rabino Henrique Lemie, o bispo Dom Castro Pinto, o Pastor Anselmo Chaves assim como as Irmãs de Sion, estiveram à frente do processo de aproximação e promoção do diálogo judaico-cristão. Desde 1962, vem se desenvolvendo, através do Conselho de Fraternidade Cristã-judaica, um trabalho fraterno entre judeus e cristãos, que continua a realizar diversas atividades culturais e religiosas, com o objetivo de um conhecimento mútuo e difusão dos laços comuns entre as religiões judaica e cristã. Em 1981, foi criada, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Comissão Nacional do Diálogo com os Judeus, contando com a participação de cinco membros nomeados pela CNBB e cinco judeus convidados pela mesma entidade. Sua finalidade é articular em nível nacional o diálogo oficial da Igreja Católica no Brasil com a comunidade judaica no país²⁹².

3.1.1. DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO: PERSPECTIVAS TEOLÓGICAS E SOCIAIS

A história da Igreja Romana se desenvolveu concomitantemente junto à história dos judeus, depois da destruição de Jerusalém no fim do primeiro século da era comum. A comunicação e a convivência entre as duas tradições religiosas foi complexa, com momentos de bastante crueza e violência e períodos amistosos de tolerância e fraternidade. Em 1199 foi promulgada a Constituição “Licet perfidia Iudaeorum”. Essa constituição foi a carta magna de

²⁹² A Comissão Nacional do diálogo trata dos acontecimentos principais entre o povo de Israel e a Igreja Católica. Por exemplo, em 1995 e em 2001, a Fraternidade recebeu no Rio de Janeiro a Assembleia Geral da Comissão para o Diálogo Católico-Judaico, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que assumiu esse trabalho, formando núcleos em quase todos os estados do Brasil. Dessas Assembleias surgem temas e resoluções que são, depois, postos em prática por todos esses grupos. No ano de 1997, com a motivação da vinda do Papa ao Brasil para o Congresso Internacional de Famílias, a Fraternidade realizou um encontro entre casais judeus e cristãos para tratar dos valores familiares em comum ou complementarmente. Muitas pessoas se dedicaram a esse trabalho de compreensão e estima entre os cristãos e judeus. As Irmãs de Sion estão presentes em vários países da Europa e América. Como pioneiras no Brasil, merecem menção especial a Ir. Isabel Wilken, em São Paulo, e Ir. Dieudonné, no Rio de Janeiro. Atualmente, em São Paulo, milita nessa área a Ir. Maria do Carmo, e na Comissão Nacional do Diálogo Católico-Judaico a Ir. Gisa Rollemberg da Fonseca. Uma só entidade por país se filia ao ICC (Conselho Internacional de Cristãos Judeus), com sede na Alemanha. Disponível em <http://www.riototal.com.br/comunidade-judaica/juda9d1.htm>. Acessado em 08 de maio de 2012.

tolerância para com os judeus, solicitando aos crentes que não oprimissem os judeus, não os forçasse a se fazer batizar, contra a própria vontade, não confiscassem os seus bens e não os ofendessem; por fim, não violassem os seus cemitérios. O católico que desobedesse esse decreto estava excomungado²⁹³.

O diálogo judaico-cristão teve suas origens oficiais na França, logo após a Segunda Guerra Mundial. O impulso para o diálogo, indiscutivelmente, foi a barbárie da Shoáh. Desde então, o diálogo acontece em vários níveis, e envolve tanto indivíduos, como comunidades; é diálogo de vida, de colaboração em projetos comuns, de partilha teológica e comunhão espiritual. Antes, porém, pode-se encontrar na história da Igreja Romana, no fim do século XIX e início do século XX, situações instigantes como a fundação da Ordem de Sion, em 1842, pelos irmãos Ratisbone, com o objetivo de converter os judeus ao catolicismo. Na metade do século XX, a Ordem se deu conta de que essa missão não correspondia à realidade proposta pelo pluralismo religioso, que surgia como algo essencial, para a promoção da fraternidade entre as tradições religiosas. Então, os membros desse instituto religioso procuraram as autoridades judaicas para dialogar sem o objetivo de conversão, com amizade e a responsabilidade de criar um mundo melhor para todos²⁹⁴.

Por sua vez, o Vaticano, em 1928, se posiciona condenando o antissemitismo, nos seguintes termos: "Uma vez que reprovava toda espécie de ódio e animosidade entre os povos, a Sé Apostólica condena soberanamente o ódio contra o povo outrora escolhido por Deus". Pouco antes da Segunda Guerra, o Papa Pio XI (1922-1939) proibiu a participação de qualquer católico no movimento antissemita, merecendo, por isso, a reprovação de todos os cristãos. "O antissemitismo é inadmissível", remata o Papa, porque "espiritualmente somos semitas". Foi esse pronunciamento confirmado na atitude assumida em 1937, pelo mesmo Pontífice na encíclica "Mit brennender Sorge", em que se contrapõe frontalmente às teorias racistas de Hitler.

²⁹³ DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola – São Paulo: Paulinas. 2007. p. 268-269. III Concílio de Latrão (oecum. XI), 1199; Inocêncio III: Constituição "Licet Perfidia Iudaeorum". N° 771. Antes desse decreto, em 1179 já havia sido dito que os judeus devem "ser suportados pelos cristãos pela mera razão da humanidade".

²⁹⁴ Os irmãos Ratsbonne, Afonso e Teodoro, pertenciam a uma rica família israelita. Afonso, dizia-se ateu. Tendo feito uma longa viagem ao Oriente, resolveu passar alguns dias em Roma, onde, ao ver a degradação dos judeus no "gueto" romano teve aversão pelos cristãos. Contudo, após uma experiência mística se sente impelido a pedir o batismo à Igreja Católica e, assim, se uniu a seu irmão, que já era cristão e padre, Teodoro Ratsbonne. Em 1842, os dois decidem fundar uma congregação religiosa destinada a trabalhar pela conversão do povo de Israel, com o nome de congregação de Nossa Senhora de Sion, cuja imagem é representada de pé com a vestimenta das mulheres de Israel. A Congregação espalhou-se pelo mundo inteiro, tendo as religiosas de Sion chegado ao Brasil em 1889, onde instalaram uma casa no Rio de Janeiro e outra em Petrópolis.

A Igreja Católica manteve o seu posicionamento nos anos subseqüentes. Em abril de 1938, estabeleceu à Congregação de Estudos a obrigação de incluir nos seus programas curriculares, das Universidades Católicas, a refutação das teses do racismo, condensadas em oito proposições remetidas às dioceses do mundo. Devem-se mencionar, também, entre muitas outras iniciativas, a Carta Pastoral do Episcopado Alemão, publicada em agosto do mesmo ano, e a declaração do cardeal Van Roy, arcebispo de Malines, que recebeu carta de apoio e aprovação do Arcebispo de Paris, o cardeal Verdier. Pio XII (1939-1958) repisou a condenação do racismo em suas alocuções e mensagens. Na Radiomensagem Natalícia de 1942 reprovou explicitamente o direito racista²⁹⁵.

O diálogo judaico-cristão, propriamente dito, foi assumido pela Igreja Católica Romana no Concílio Vaticano II. Nesse, ao falar sobre a índole própria da teologia dos orientais, a Igreja Católica reconheceu no Decreto sobre o Ecumenismo: *Unitatis Redintegratio* (UR), a singularidade de metodologias para se conhecer as manifestações dos mistérios divinos. O documento enfatiza que “alguns aspectos do mistério revelado” podem ser “captados mais congruamente e postos em melhor luz por um que por outro” (UR 17). Com isso a revelação cristã pode ser enriquecida pelas experiências reveladoras suscitadas pela práxis e ética das demais religiões, porque o mistério de Deus não se esgota numa experiência particular. Esse Decreto possibilitou uma visão plural da religião, sinal da livre criatividade de Deus, e convoca os cristãos a valorizar “todas as riquezas da sabedoria infinita e multiforme de Deus”²⁹⁶. A partir dessa motivação o Concílio começou a fomentar entre os católicos a necessidade de se reconhecer o valor das tradições religiosas e, em 1989, o Vaticano criou o Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. O papa João Paulo II dizia que o motivo fundamental, pelo qual existem semelhantes tesouros espirituais nas religiões mundiais, é que, sob a superfície das enormes diferenças entre elas, há uma corrente subterrânea de unidade, pelo qual o diálogo entre essas tradições religiosas é tão necessário e tão promissor, ou seja, há diversas religiões, mas somente um Espírito Santo que busca frutificar em todas elas²⁹⁷.

²⁹⁵ *Guia para o diálogo Católico-Judaico no Brasil*. Estudos da CNBB – 46. São Paulo: Paulinas. 1986, p. 185.

²⁹⁶ *Socv II. Decretus unitatis redintegratio sobre o ecumenismo*. 21/11/1964.

²⁹⁷ KNITTER, Paulo F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo; Paulinas. p. 134-143. Na atualidade a religião Católica para promover o diálogo, sem perder o vínculo com as suas tradições, tem se voltado para a ação do Espírito Santo. Percebe-se isso em dois dos mais proeminentes porta-vozes do debate teológico católico: Gavin D’Costa e Jacques Dupuis. Ambos querem seguir a liderança de João Paulo II e procuram demonstrar que, com o Espírito Santo como ponto de partida e centro de interesse, os cristãos podem não somente abrir-se mais aos outros, mas também ser mais fiéis ao Evangelho.

O próprio diálogo é fruto do Espírito, que suscita o intercâmbio de dons entre as religiões. O diálogo demanda abertura ao outro e disponibilidade para o conhecimento mútuo e ao recíproco enriquecimento. O diálogo judaico-cristão implica sempre atenção, respeito e acolhimento do universo milenar da cultura religiosa do judeu e do cristão. O diálogo só se realiza quando se garante o espaço de expressão da singularidade do fiel e o direito inalienável de preservação de suas convicções pessoais. Nesse sentido, o cristão tem de levar em consideração que o judaísmo não está paralisado no Antigo Testamento, mas que nesses últimos dois mil anos se desenvolveu em todos os âmbitos. O diálogo se dá com o judeu concreto que vivencia a sua fé no *D`us* de Israel e cultiva a sua espiritualidade através da Torah e do Talmude. Por sua vez, o judeu precisa dar crédito às iniciativas cristãs de boa convivência, expressa no profundo respeito à tradição hebraica, e na busca de um diálogo que possibilite uma comunicação e um compartilhar de vida, de experiência e de fé.

O diálogo Inter-religioso é um fenômeno relativamente recente²⁹⁸. Trata-se de um valor conquistado pela abertura humana ao diferente e, ao mesmo tempo, de não mais se permitir que se faça guerra em nome de Deus, usando a religião como pretexto, para se alcançar objetivos particulares. Durante e após a catástrofe da Shoáh, judeus e cristãos passaram a refletir sobre esse fenômeno devastador. A reflexão teológica cristã, com o advento do Concílio Vaticano II, tomou uma postura empática com o judaísmo. Em suas declarações, a Igreja Romana afirmou que a permanência do povo judeu através dos tempos é um sinal da fidelidade tanto da Palavra de Deus a Israel como das promessas messiânicas feitas a Israel em vista de toda a humanidade e da criação²⁹⁹. Desde então, a Igreja católica convida os cristãos a ouvirem o que os judeus dizem de si mesmos e como eles se veem. Isso pode parecer uma coisa simples e óbvia, mas já é uma mudança relevante para o reconhecimento do direito do judeu: de existir como “outro” e cultivar a sua fé com naturalidade.

²⁹⁸ Na década de 80 pode-se registrar um evento que foi paradigmático para o diálogo Inter-religioso. Trata-se da Jornada Mundial de Oração pela Paz, realizada na cidade de Assis (Itália), em 1986, sob a iniciativa do papa João Paulo II. Reuniram-se em Assis, numerosos cristãos das tradições católico-romana, ortodoxa e protestante, budistas, judeus, muçulmanos e representantes das religiões tradicionais da África e América. Esse evento significou uma novidade no campo da experiência Inter-religiosa, uma iniciativa histórica de grande alcance, e que até hoje setores do vaticano não conseguem digerir com facilidade. A unidade das religiões estava agora sendo construída e firmada em torno da oração em favor da paz. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/cms/ckfinder/userfiles/files/53dialogointer.pdf>. Acessado em 22 de dezembro de 2011.

²⁹⁹ *L' Osservatore Romano*, Cidade do Vaticano, Ed. Port. De 29 de dezembro de 1991. Diretor Responsável: Giovanni Maria Vian. I Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa, *Declaração final*.

Segundo o teólogo Claude Geffré³⁰⁰, um dos pontos mais fortes da teologia das religiões é o reconhecimento da alteridade. A sua experiência em Jerusalém favoreceu a sua compreensão do enigma das religiões e do mistério da gratuidade de Deus. Como cristão, vivendo numa cidade considerada santa pelas três religiões monoteístas, se deparou com a violência de índole política e também pela intolerância religiosa. Por outro lado, pode captar o dom da convivialidade entre os crentes, animados pelo desejo de se comunicar, festejar e celebrar a presença do divino no mundo. Esse fenômeno o fez crer que as tradições religiosas são portadoras de um verdadeiro “patrimônio espiritual”, não podendo ser reduzidas à experiências “naturais” ou esforços simplesmente humanos. Dessa forma, ele afirma que as condições mais fundamentais para o exercício do diálogo são: o respeito pelo que há de irreduzível e irrevogável nas outras tradições religiosas, de algo que jamais será tematizado ou totalizado no cristianismo³⁰¹.

Entretanto, o teólogo pontua que a abertura ao reconhecimento do valor da alteridade não apaga a importância do discernimento crítico. É preciso ser crítico e reconhecer que, ainda, existem aspectos desumanizantes presentes em algumas práticas religiosas. O diálogo Inter-religioso requer igualmente este discernimento: “Afirmar que as outras tradições religiosas contêm elementos da graça não significa, por outro lado, que tudo, nelas, seja fruto da graça. (...) Uma aproximação aberta e positiva às outras tradições religiosas não autoriza, portanto, a fechar os olhos perante as contradições que possam existir entre elas e a revelação cristã³⁰²”.

Em seu livro “Crer e Interpretar”, no sexto capítulo, Geffré trata a questão da reinterpretação da teologia do judaísmo. Ele afirma a “vocação irrevogável do povo de Israel” e cita o histórico discurso do Papa João Paulo II na sinagoga de Roma, em abril de 1986: “A religião judaica é para nós não algo ‘externo’, mas pertence de certo modo ao ‘interior’ da nossa religião. A ela temos, por assim dizer, relações como a nenhuma outra religião. Vós sois os nossos irmãos preferidos e, assim se poderia dizer de certo modo, os nossos irmãos mais velhos.” Dessa forma, ele afirmava que a religião judaica é intrínseca à religião cristã, o que confirma as palavras de *Nostrae Aetate*, acerca do patrimônio comum entre as duas tradições

³⁰⁰ Claude Geffré é autor de alguns dos mais importantes textos sobre os efeitos do pluralismo religioso, além de ser membro do Comitê Científico da revista internacional de Teologia *Concilium*. Por mais de 20 anos, foi professor de Teologia Dogmática em Le Saulchoir e ainda lecionou Hermenêutica Teológica e Teologia das Religiões, no Institut Catholique de Paris. Em 1996, foi eleito diretor da École Biblique de Jerusalém.

³⁰¹ Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/interpelacao-do-dialogo-religioso>. Acessado em 28 de maio de 2012.

³⁰² PCDIR. *Diálogo e Anúncio*, n. 31. 4.ed.São Paulo: Paulinas. 2005.

religiosas e a perenidade de Israel³⁰³. Para Geffré, a constatação teológica da perenidade de Israel traduz um importante desafio para a teologia cristã, que a declaração judaica Dab`ru Êmet assinala dizendo que “a diferença humanamente irreconciliável entre judeus e cristãos não será resolvida até que Deus redima o mundo todo, conforme o prometido nas Escrituras”. Essa constatação da irredutibilidade de Israel, segundo Geffré, proporcionou um arranque para a legitimação do pluralismo religioso, em virtude da abertura para a compreensão da irredutibilidade das demais tradições religiosas³⁰⁴.

O diálogo judaico-cristão vem se dando em vários níveis, tanto no meio católico romano, como no meio judaico, principalmente depois das declarações *Nostrae Aetate* e *Dab`ru Êmet*. Essas comunidades religiosas têm assumido uma parceria de cooperação em vários âmbitos da vida.

No âmbito educacional, a Igreja Católica Romana vem conseguindo formar as novas gerações, para que tenham apreço pelo povo judeu³⁰⁵. De fato, existe muito interesse dos católicos por suas raízes, presentes na tradição judaica. Na busca por essa tradição, o cristão se depara com um judaísmo vivo que o fascina e questiona. Fascina porque remete ao sagrado, cultivado pelo judaísmo, que tem muito em comum com o cristianismo. Questiona, pois é incompreensível como judeus e cristãos puderam se divergir tanto, tendo um patrimônio espiritual, que aponta para a fraternidade e a paz entre os povos, como mandamento. Da parte judaica, segundo o Rabino, Dr. Ron Kronisch, os judeus precisam se mobilizar mais, para reforçar a educação das comunidades judaicas, a fim de que valorizem as mudanças revolucionárias na mentalidade cristã sobre judeus e Judaísmo nas décadas

³⁰³ GEFFRÉ, Claude. *Crer e Interpretar*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 183-211.

³⁰⁴ TEIXEIRA Faustino. *Teologia das Religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 241. Claude Geffré, juntamente com o teólogo Jacques Dupuis, afirmam a defesa de um pluralismo religioso inclusivo. Trata-se de uma posição que busca conciliar o “cristocentrismo inclusivo” com o “pluralismo teocêntrico”. É uma perspectiva que reconhece e acolhe o pluralismo religioso de princípio, entendido como realidade que se insere positivamente no desígnio misterioso de Deus. mas que ao mesmo tempo mantém vigente e vinculante a afirmação de fé e a doutrina nuclear cristã com a unicidade de Jesus Cristo, enriquecida, porém, com uma compreensão mais dinâmica e aberta do processo das automanifestações de Deus e de seu Espírito na história. O pluralismo inclusivo defende com vigor o “valor extrínseco” das outras tradições religiosas, enquanto vias misteriosas de salvação. Mas há também um outro caminho de resposta à questão, identificado com o paradigma pluralista, que envolve uma gama de posicionamentos teológicos, e que vem defendido entre outros por John Hick e Paul Knitter. Como traço característico deste paradigma está o reconhecimento das outras tradições religiosas, como instâncias legítimas e autônomas de salvação, como religiões verdadeiras.

³⁰⁵ Apesar dos documentos divulgados pelo Vaticano não atenderem completamente a algumas questões importantes para as relações judaico-cristãs, todo o esforço da Igreja manifestado na criação de comissões de diálogo, nas palavras dos Papas João XXIII e João Paulo II, dos Cardeais Kasper, Cassidy, do então Cardeal Ratzinger, foram e são extremamente expressivos. Todo esse esforço deve ser valorizado e transmitido – ensinado sistematicamente – à comunidade católica.

recentes³⁰⁶. Afirma, ainda, que a declaração Dab'ru Êmet é um documento fundamental para o diálogo, e deve ser mais divulgado no meio judaico.

Em termos de reconciliação, o esforço das duas religiões tem se visto claramente nas últimas décadas. João Paulo II, em 1986, tomou a iniciativa de visitar a Sinagoga de Roma. Foi a primeira vez que um chefe da Igreja, em 2000 anos, entrou em uma sinagoga. Lá o rabino chefe da sinagoga, Elio Toaff, o acolheu calorosamente. Em suas declarações no púlpito condenou energicamente as perseguições de antissemitismo. Essa visita se tornou um incentivo para o diálogo católico-judaico. Em 1993, estabeleceu relações diplomáticas do Vaticano com Israel. No livro, “Cruzando o Limiar da Esperança”, de 1994, o Papa manifestou o desejo de voltar à Sinagoga da sua cidade natal; local que lhe traz lembranças bastante fortes. Trata-se do sofrimento dos seus vizinhos e amigos judeus, que ele via desaparecer nos trens que passavam por sua cidade rumo a Auschwitz-Birkenau. Em março de 2000, João Paulo II fez a confissão das culpas no relacionamento com Israel durante a Oração Universal e, dias após, visitou o Estado de Israel, encontrando-se com o Presidente Israelense, na época Jaim Weitzman, com o Primeiro Ministro, Ehud Barak. O Papa esteve, em Jerusalém, no Muro das Lamentações, onde depositou sua prece ao Deus Único; fez a sua oração particular no Yad Vashem, “Memorial do Holocausto”:

Deus de nossos Pais, escolheste a Abraão e a seus descendentes para levar Teu Nome às nações. Estamos profundamente aflitos pela conduta daqueles que, ao longo da história, fizeram sofrer teus filhos, e, ao implorarmos teu perdão, queremos comprometer-nos com o caminho de uma fraternidade autêntica com o Povo da Aliança.

Por sua vez, é evidente a acolhida dos judeus a esses empenhos da Igreja Romana. Nesse sentido, os judeus estão sempre atentos aos pronunciamentos papais, aos documentos da Igreja sobre as relações judaico-católicas e atendem aos convites para compor as comissões de diálogo religioso, expressando o desejo de trabalharem juntos com os católicos pela construção de um mundo melhor; além de participarem das grandes celebrações Inter-religiosas, promovidas ao redor do mundo. O Estado de Israel oficialmente vem conferindo aos cristãos, que arriscaram suas vidas para salvar judeus durante a Shoáh, o título de *Justo das Nações*, gravando seus nomes no Memorial de Yad Vashem.

Os judeus querem participar do diálogo e estão dispostos a formar uma parceria, que envolva aprender e entender, bem como reconhecer o apelo de Deus a cada povo. Essa

³⁰⁶ Dr. Kronish publicou artigos e ensaios sobre a política judaica, comunidades religiosas e o processo de paz, bem como questões de cultura, educação e história contemporânea da América e de Israel. Ele representou o ICCI (Interreligious Coordinating Council in Israel) no Vaticano e fez muitas conferências internacionais sobre o diálogo Inter-religioso.

aproximação pessoal requer o reconhecimento do outro. O Rabbi Joseph B. Soloveitchik³⁰⁷ descreve a operação de reconhecimento num modo que serve como metodologia para encontro e diálogo: uma pessoa sozinha na multidão pode não sentir o seu valor existencial, até que alguém a reconheça. Reconhecer uma pessoa significa afirmar que ela é insubstituível. Ferir uma pessoa é contar-lhe que é dispensável, que não se precisa dela. O reconhecimento do outro como sujeito de fé, abrange senso de responsabilidade e de proteção pelo outro. Rabbi Soloveitchik enfatiza:

Uma vez que reconheci o tu e o convidei a se juntar à comunidade, assumo, por isso mesmo, a responsabilidade pelo tu. Aqui andamos, outra vez, nos caminhos do nosso Criador. Deus criou a humanidade; Deus não a abandonou; Deus mostrou preocupação com as pessoas. Deus cuidava de Adão; Deus disse: *Não é bom para o homem estar sozinho*. Proveu-o com uma companheira: Pôs [eles] no Paraíso, permitindo-lhes apreciarem o fruto do Jardim. Mesmo depois que tinham pecado e foram exilados do Jardim, o Onipotente não os abandonou, naturalmente os puniu. Ainda estava preocupado com a humanidade, mesmo quando ela estava em pecado. Em uma palavra, Deus assumiu a responsabilidade por qualquer coisa e qualquer um que tenha criado: 'Dá pão a toda a carne, porque a sua bondade amadora é permanente' (Salmo 136,25). Como dissemos acima, a mesma responsabilidade deve prevalecer entre mim e ti, que tenho reconhecido, e com quem formei comunidade. Assumo a responsabilidade para cada membro da comunidade a qual dei reconhecimento e a quem encontrei digno de ser o meu companheiro. Com outras palavras: sou o responsável pelo bem-estar físico e mental do tu³⁰⁸.

Depois dessa reflexão, o rabino confirma que a responsabilidade dialógica é para com o sujeito, e não para o objeto. A responsabilidade existe porque o “outro” é uma entidade espiritual, um sujeito de fé. Reconhecer a alteridade é convidar os sujeitos de fé a formar uma comunidade, apesar das diferenças doutrinárias.

O reconhecimento significa perceber o “outro” como pessoa com sentido. Isso é básico no relacionamento humano, e especialmente na percepção judaica do cristão, como pessoa de Deus e parceiro na busca pelo reino e o estabelecimento deste no universo. É essencialmente processo de entender e reconhecer a comunhão humana em comum.³⁰⁹

Entretanto, apesar de termos judeus e cristãos profundamente esclarecidos, a mudança de mentalidade exige compreensão mútua de ambas as partes, para que se possa superar os dois mil anos de preconceito. Infelizmente, os documentos da Igreja e das autoridades judaicas nem sempre chegam ao conhecimento e ao acolhimento das comunidades católicas e judias. No Brasil, em algumas escolas e universidades se promovem exposições das tradições religiosas, através de oficinas, conferências e estudo comparado das religiões. Entretanto, o

³⁰⁷ O rabino Joseph B. Soloveitchik, foi um dos maiores líderes judeus e estudiosos da Torá do século XX. Era mestre do Talmud, da Halachá, da Bíblia, e da filosofia judaica. Além disso, teve uma ampla educação secular, tendo ganho um PhD em Filosofia pela Universidade de Berlim. Ele era um pedagogo eloquente, um orador fascinante, e um brilhante escritor. Disponível em www.therav.net. Acessado em 29 de maio de 2012.

³⁰⁸ Disponível em www.therav.net/soloveitchik. Acessado em 29 de maio de 2012.

³⁰⁹ Disponível em www.therav.net. Acessado em 29 de maio de 2012.

que choca aos alunos é justamente a tomada de conhecimento de um triste passado de lutas religiosas. A memória dos conflitos, transmitidas pelas gerações, demonstram ressentimentos e temores, que necessitam passar por uma profunda purificação. Em alguns momentos acontecem celebrações Inter-religiosas³¹⁰, como a que ocorreu na Eco-92³¹¹. Essas celebrações têm sido marcos fundamentais na trajetória de busca de compreensão e mútuo enriquecimento, entre as tradições religiosas. Em 2001, no 15º Encontro Internacional de Oração pela Paz, em Barcelona, o Papa João Paulo II conclamou as religiões, para que vivendo em concórdia, não deem contratestemunho:

Não se pode mais tolerar o escândalo da divisão, porque é um “não” categórico contra o amor de Deus. Revigoremos o impulso do amor que Ele nos manifestou, para que tenhamos a coragem de caminhar juntos. Lado a lado, com os representantes das grandes religiões do mundo, devemos remar “mar a dentro”, rumo ao oceano do mundo, para ajudar-lhe a erguer o olhar e dirigi-lo para o único Deus e Pai de todos os povos da terra. Então, reconheceremos que as diferenças, em vez de nos impelirem ao enfrentamento, nos induzirão bem antes ao respeito e à colaboração total na construção da paz. Temos que apostar todos no diálogo e no amor, porque esses são os únicos que nos permitem respeitar os direitos de cada indivíduo, e dar uma resposta aos desafios do novo milênio.³¹²

A partir dessa interpelação, se percebe que o diálogo empático é a possibilidade viável para o perdão mútuo e a compreensão entre os “filhos de Abraão”. Essa compreensão religiosa inclui o reconhecimento da outra pessoa como parte do plano de Deus. Daí que o diálogo autêntico não fica restrito ao campo religioso, mas toca todas as dimensões da vida, e envolve, inclusive, os que não professam um credo em particular. O diálogo não visa um consenso religioso, mas uma espiritualidade que motive o ser humano a buscar uma paz verdadeira, fundada na justiça, respeitando-se a diversidade única de cada religião. Em cada tradição religiosa se encontra o dado da oração, que tem em si um germe de gratuidade, desapego e abertura direcionada a uma comunhão maior, que leva a convivência fraterna, aos trabalhos sociais em comum, que poderão promover os primeiros passos do diálogo. Nesse campo religioso brota a mística, que unifica os fiéis em torno do mistério fascinante e tremendo do Sagrado. Essas expressões de Rudolf Otto caracterizam o Sagrado, presente nas

³¹⁰ Nessa celebração estavam presentes representantes de várias igrejas cristãs, como a católico-romana, anglicana, luterana, presbiteriana independente, bem como de outras tradições religiosas entre as quais: hinduísmo, zen budismo, judaísmo, islamismo, fé bahai, ananda marga, brahma kumaris, candomblé, umbanda, kardecismo, santo daime e xamanismo. Disponível em <http://www.cartamaior.com.br>. Acessado em 29 de maio de 2012.

³¹¹ A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida também como ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra, realizada entre 3 e 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, reuniu mais de cem chefes de Estado que buscavam meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra.

³¹² Disponível em: <http://www.paroquias.org/noticias.php>. Acessado em 30 de maio de 2012.

diversas religiões, por ele estudadas, e estão presentes de forma impactante nas Escrituras Hebraicas e Cristãs³¹³.

Quando se fala do conhecimento e compreensão do universo do “outro”, não tem como não se falar da orientação teológica de cada religião. A fraternidade judaico-cristã tem ajudado muito nesse sentido, mas é necessário ainda mais. É preciso que as duas religiões, em particular, estudem as ideias centrais de suas doutrinas, que tem um fundo teológico semelhante, mas uma hermenêutica diferenciada. Esse exercício possibilita o aprendizado daquilo que une judeus e cristãos e também daquilo que os diferencia. Descobrir as áreas que faz cada religião única e distinta é enriquecedor, para o crente, e conhecer as áreas em que se compartilha os mesmos ideais, enriquece a sociedade humana por colocá-la em comunhão.

Um nível delicado do diálogo está no campo político. Embora tenha havido o reconhecimento do Estado de Israel, por parte do Vaticano, e a conseqüente instalação da sua sede diplomática no País, ainda perduram algumas situações conflitivas dos dois lados. Os cristãos, habitantes de Israel, reclamam da falta de assistência e segurança por parte dos órgãos do governo. Os Israelenses solicitam que no diálogo seja considerado os aspectos fundamentais de seu “status” judaico, que compreende conceito de povo, de nação, de terra, cultura e religião. Os judeus clamam pelo comprometimento cristão com a sobrevivência e permanência do Estado de Israel, tomando-o como símbolo concreto da liberdade e do direito de autodeterminação de todos os povos, pois tal comprometimento, pressupõe reconhecer o direito dos povos de existirem, livres da ideologia fundamentalista que fomenta o terror, sob os princípios da democracia.

De forma panorâmica, se percebe que a compreensão, o diálogo e a cooperação mútua, entre judeus e cristãos, tem criado um clima de paz. Essa corresponsabilidade do diálogo remete a questões mais amplas, como a responsabilidade global de defesa do ser humano e da terra³¹⁴. Os níveis para que o diálogo judaico-cristão aconteça, de forma fraterna, carecem ainda de mais aprofundamentos. Teólogos e filósofos da religião, como: Karl Rahner, Raimundo Pannikar, Wilfrid Cantwell Smith, John Hick, Hans Küng e outros, abriram

³¹³ OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes. 2007. p. 111-131.

³¹⁴ Faustino TEIXEIRA. *O diálogo Inter-religioso face ao desafio da responsabilidade global*. Numen, 2 (1): 155-170, 1999. Para Paul Knitter diante de um mundo atormentado pela fome, pela miséria, pela exclusão e abuso de poder, as religiões são convocadas a romper com a apatia e assumir uma nova perspectiva: de salvaguarda do humano e de toda a criação. Se há uma “causa comum” a motivar o diálogo, esta deve ser a luta comum contra o sofrimento humano e a destruição das águas e da terra.

caminhos teológicos de pluralismo, que fornecem a estrutura intelectual, dentro da qual se pode construir um relacionamento entre as diversas tradições religiosas³¹⁵.

As relações entre judeus e cristãos transcendem o universo religioso e contemplam elementos basilares de cada sociedade. Numa linguagem espiritual, no fundo, se busca o Reino de Deus na terra, a partir da concepção bíblica, que incumbe o ser humano de cuidar do mundo, conforme Gênesis 2,15: “O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para o cultivar e guardar.” Nessas palavras, as duas religiões encontram a sua missão comum, confiada por Deus, para que zelem pela vida no planeta. Essa missão é própria da reflexão teológica, mas nas sociedades pluralistas e seculares ganham conotação diversificada, pois implica dialogar com a visão moderna do mundo enraizada no humanismo. É dentro desse amplo contexto que o diálogo judaico-cristão encontra as suas tarefas comuns, cuja finalidade é preparar o mundo para a vinda do Messias, cuja espera mantém em expectativa as duas tradições religiosas, cada uma a sua maneira. Para os cristãos, a redenção se realiza mediante a vida, a paixão-morte e a ressurreição de Jesus. O Reino inaugurado por Jesus se concretiza no cotidiano, através das ações dos cristãos, que vivem a tensão “do já e do ainda não”. O Reino de Deus já está presente, mas não é pleno, ainda é devir. Os judeus aguardam a vinda do Messias, pois para eles no mundo ainda não se deu a redenção. Entretanto, eles entendem que são cooperadores do processo de transformação do mundo.

A grande motivação judaica, para o diálogo, vem do que é assegurado no Talmude com referência a esse tema. O diálogo religioso atrai a Presença Divina, a *Shekhiná*: “si tres comen en una mesa y hablan entre ellos palabras de la Tora, es como si comieran de la mesa del Señor, bendito sea, tal como está escrito: me dijo: ésta es la mesa que está ante el Señor” (Pirqé Abot 3,2)³¹⁶. E, em outro Tratado, o mesmo Talmude acrescenta: “O mundo somente subsiste para quem se domina no momento da discussão” (*Talmud de Babilônia, Hullin 89 a*)³¹⁷.

À guisa de conclusão, dessas perspectivas sócio-teológicas, algumas regras ficam evidenciadas, para uma boa pedagogia do diálogo judaico-cristão. Leonard Swidler,³¹⁸,

³¹⁵ TEIXEIRA Faustino. Op. cit., p. 241.

³¹⁶ El Pirqé Abot, que traducido significa "los Capítulos de los Padres", es un tratado que recoge toda una colección de dichos y sentencias de los "padres"; con este nombre se designa en el pueblo de Israel a los sabios. El carácter de las sentencias es fundamentalmente ético y muchas de ellas exaltan la Tora, la Instrucción y la Ley de Dios, demandando una respuesta personal a ella. Disponível em: <http://www.slideshare.net/gueste5dca5/pirque-abot>. Acessado em 01 de junho de 2012.

³¹⁷ Disponível em: <http://www.delasalle.com.br/dls/CADERNOMEL13.pdf>. pg.12. Acessado em 30 de maio de 2012.

³¹⁸ Editor da Revista de Estudos Ecumênicos, e professor de Pensamento Católico e Diálogo Inter-religioso na Universidade de Temple, Filadélfia, nos Estados Unidos. Disponível em:

elaborou o decálogo do diálogo, que apresentado resumidamente abaixo, confirma tudo o que foi tratado nesse tópico.

1. A primeira meta do diálogo é aprender, isto é, mudar e crescer, percebendo e compreendendo a realidade para, em seguida, agir de acordo com ela.
2. O diálogo Inter-religioso deve ser um projeto dúplice no interior de cada comunidade religiosa, e reciprocamente entre elas.
3. Cada participante deve chegar ao diálogo com absoluta honestidade e sinceridade, assumindo e pressupondo a sinceridade total de seu interlocutor.
4. No diálogo Inter-religioso não temos por que comparar nossas ideias com a práxis de nossos interlocutores. Pelo contrário, devemos comparar nossos ideais com os deles, e do mesmo modo, nossa práxis com a deles.
5. Cada participante deve definir-se e identificar-se. Por exemplo, somente um judeu pode definir o que significa ser judeu. Os outros só podem limitar-se explicando como o veem do lado de fora. Da mesma maneira, aquele que é interpretado pelos outros, deve poder reconhecer-se nessa interpretação.
6. Cada participante deve vir ao diálogo sem o mínimo preconceito contra a situação dos pontos em desacordo.
7. Só existe possibilidade de diálogo entre iguais. Exemplificando, o diálogo entre cristãos e judeus em torno do ano de 1970, só foi um prelúdio do diálogo Inter-religioso. Então, se entendeu e era correto, que os judeus viessem às reuniões, sobretudo para ensinar aos cristãos, e estes participavam com agrado para aprender algo raro que os cativava... Mas, se for preciso que haja um diálogo autêntico entre ambos, hoje em dia, os judeus também terão que vir para aprender... Então, ambos estarão no mesmo plano como iguais.
8. Só existe diálogo fundamental na confiança mútua.
9. Aqueles que participam do diálogo Inter-religioso devem ter um mínimo de autocrítica consigo mesmos, e com referência a suas tradições religiosas.
10. Cada participante, eventualmente, deve procurar “sentir” e experienciar à religião do outro em seu interior, visto que uma religião não é assunto do cérebro, mas muito antes do coração e da mente, que abrangem todo o ser do indivíduo e da comunidade. Quando se consegue chegar ao diálogo profundo, a esperança fundamental e as metas das duas religiões se aproximam cada vez mais da estruturação do Reino de Deus, tão ansiosamente desejado por ambas.

3.1.2. DAB`RU ÊMET: EXISTE UM PATRIMÔNIO EM COMUM

Em setembro do ano 2000 foi publicado, nos jornais: New York Times e no Baltimore Sun, o pronunciamento Dab`ru Êmet. Trata-se de "Uma declaração judaica sobre os cristãos". É o reconhecimento das autoridades judaicas sobre os esforços dos cristãos para promover o diálogo entre as duas confissões de fé. Ao mesmo tempo, convida os judeus a terem um novo olhar sobre o mundo cristão e refletirem sobre a possibilidade de uma parceria judaico-cristã, em prol da paz e da justiça.

A Dab`ru Êmet é o fruto de mais de cinco anos de trabalho de um grupo de cientistas judeus, do National Jewish Scholars Project, que discute o cristianismo do ponto de vista judaico. Esse grupo se ocupava em sua pesquisa, principalmente da Cristandade, seja na base

religiosa, como, também, na histórica, sociológica ou cultural. O documento foi assinado por Tikva Frymer-Kensky, David Novak, Peter Ochs e Michael Signer. Esses quatro líderes foram escolhidos pelo grupo de cientistas, representando os quatro ramos do judaísmo atual: ortodoxo, conservador, reformado e reconstrucionista. Com essa declaração, o grupo de trabalho quis demonstrar o apreço pela fé cristã Católica Romana, por suas novas posturas diante do judaísmo, principalmente através da declaração *Nostra Aetate* do Concílio Vaticano II.

A expressão *Dab`ru Êmet* é tirada da passagem do Profeta Zacarias 8, 16: “Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, e nas vossas portas praticai a verdade e o julgamento da paz”. A partir dessa perspectiva bíblica, a declaração tornou-se a base para muitos sermões no *Rôsh Hashaná* (Ano Novo judaico) e no *Yôm Kipur* (Dia de Reconciliação). A *Dab`ru Êmet*, também, se dirige aos leitores cristãos. Pela primeira vez em quase 2000 anos, a liderança judaica e cristã se encontra, vendo-se uns aos outros como servidores do mesmo Deus, respeitando as suas diferenças.

A busca pela verdade incendiou a alma da estudante judia Edith Stein. O seu itinerário pessoal revela um crescendo no conhecimento da verdade e, ao mesmo tempo, uma transmissão dessa, através de suas conferências e escritos. Em sua peregrinação pelo universo científico e religioso se deparou com a tão almejada verdade e proclamou que quem busca a verdade, em seu íntimo busca a Deus. Stein, desde a sua primeira obra: “Sobre o Problema da Empatia” buscou falar a verdade, por ela intuída, a partir de seus estudos: a verdade de que, é possível ao homem, apreender o estado de espírito do seu próximo e com ele estabelecer uma relação de fraternidade. Na sequência de suas obras se percebe uma mulher, que fala a verdade de seu coração, apaixonado, também, pelo judeu, Jesus de Nazaré. A escritora não poderia imaginar, que 58 anos após a sua execução em Auschwitz-Birkenau, a liderança judaica emitiria um documento oficial justamente com a terminologia: “Fale a verdade”. A linguagem desse documento pode ser interpretada à luz da empatia steiniana, pois falar a verdade exige que haja um interlocutor, para escutá-la. As duas crenças podem dialogar, sem recriminações e com um espírito conciliatório, buscando um caminho de compreensão mais profunda da sua própria fé religiosa. O conteúdo do documento aponta para as raízes comuns de ambas as religiões, o que faz recordar os dizeres de Edith Stein, que o cristianismo ressuscitou o seu judaísmo. Ainda mais, ao analisar o papel dos cristãos no Holocausto, *Dab`ru Êmet* afirma que o nazismo não foi um fenômeno cristão, e que se o nazismo não tivesse sido interrompido teria continuado a sua violência e ódio diretamente contra os

cristãos, conforme Stein havia escrito em 1933, ao Papa Pio XI: “A guerra contra o catolicismo se desenvolve na surdina e com meios menos brutais do que contra o judaísmo...”

De fato, como já foi dito, juntamente com os judeus, muitos cristãos, assim como outros grupos étnicos, homossexuais e portadores de deficiência física foram exterminados. É nesse contexto que a monja carmelita, Teresa Benedita da Cruz, foi arrancada do Carmelo e levada para o campo de concentração. Entretanto, a obra de Edith sobreviveu e nessa se encontra a base, para um bom relacionamento fraterno entre os seres humanos. Tanto o documento Dab`Ru Êmet, como a vida e obra de Stein auxiliam na promoção do diálogo judaico-cristão, graças à modalidade empática de um se colocar no lugar do outro³¹⁹. Essa apreensão da história e do sentir do outro leva a compreensão judaica e cristã, de que a construção do diálogo possibilita a defesa dos direitos humanos e a solidariedade com os indivíduos mais fragilizados³²⁰.

A Dab`ru Êmet, portanto, quer assegurar as bases da convivência fraterna entre cristãos e judeus. Almeja que os fiéis dessas religiões busquem se tornar uma bênção uns para os outros. Nesse sentido foram elaboradas oito breves afirmações sobre o porquê e como judeus e cristãos podem-se relacionar:

1. Judeus e cristãos adoram o mesmo Deus.
2. Judeus e cristãos respeitam a autoridade do mesmo livro: a Bíblia, que os judeus chamam Tanah e os cristãos de Antigo Testamento.
3. Os cristãos podem respeitar a reivindicação do povo judeu à Terra de Israel.
4. Judeus e cristãos aceitam os princípios morais da Torah.
5. O nazismo não foi um fenômeno cristão.
6. A diferença humanamente irreconciliável entre judeus e cristãos não será resolvida até que Deus redima o mundo todo, conforme o prometido nas Escrituras.
7. Um novo relacionamento entre judeus e cristãos não enfraquecerá a prática judaica.
8. Judeus e cristãos devem trabalhar juntos pela justiça e pela paz.

Os cristãos receberam jubilosos a promulgação da Dab`ru Êmet e cumprimentaram cordialmente a Comunidade Judaica, pela contribuição positiva e indicadora do documento, em vista do diálogo cristão-judaico. Do lado judaico, o documento provocou uma discussão tempestuosa entre os eruditos judeus. Os participantes da disputa são de todos os agrupamentos religiosos judaicos, inclusive dos que assinaram o documento. Esses ponderam

³¹⁹ Pode-se pensar que o diálogo, promovido pela declaração judaica, seja fruto do documento “Sugestões para a apresentação dos judeus e do judaísmo dentro da instrução religiosa católica”, de 1990.

³²⁰ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 135.

algumas das teses apresentadas ou fazem, até mesmo, alegações contra a promulgação do documento. Inicialmente, trata-se da preocupação com a profunda identidade judaica e o receio que essa venha a se diluir pelo colóquio cristão-judaico, levando os judeus a abandonarem os conteúdos centrais de sua fé. Em seguida, há um questionamento acerca da linguagem e do método da autodefinição na Dab`ru Êmet, que não utilizou a terminologia judaica. O título hebraico e a designação da Bíblia como TaNah são as únicas indicações do uso judaico. Alegam que falta, principalmente, conceitos judaicos como TORÁH, HaLaKáH e MiTsVOT. Por fim, o documento deveria ter incluído certa consideração do Judaísmo em relação a outras religiões, além do cristianismo.

Entretanto, os autores do documento, ao promulgá-lo, já aguardavam tamanha discussão. Mas, como tinham o respaldo das autoridades judaicas, estavam tranquilos. O objetivo, porém, fora alcançado, pois o acaloramento do assunto o conduziu ao centro da reflexão judaica na atualidade. O rabino ortodoxo, David Rosen, ex-presidente do Conselho Internacional para Cristãos e Judeus, concorda com as reflexões diferenciadas, dentro do judaísmo, e acredita na possibilidade de um colóquio judaico-cristão que vá progredindo com o tempo. É por isso que recebeu bem a avaliação teológica positiva do diálogo cristão-judaico: "Com a Dab`ru Êmet, é que o consenso mais amplo da elite judaica religiosa e acadêmica recusa univocamente atitudes negativas a respeito do diálogo judaico-cristão"³²¹.

A declaração Dab`ru Êmet está plenamente em sintonia com o documento conciliar *Nostrae Aetate*, quando este afirma a existência de um patrimônio comum entre as duas religiões e propõe um caminho fraterno de diálogo entre ambas. Esse patrimônio comum consiste no que Paulo escreve na epístola aos Romanos 9,4-5: "os israelitas possuem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas e deles nasceu Cristo, segundo a condição humana". Paulo ainda acrescenta que mesmo não tendo, em sua maioria, aceitado o Evangelho, os judeus continuam sendo amados por Deus, porque Ele não se arrepende dos dons e da vocação³²².

³²¹ Pelo fato de que alguns representantes do Judaísmo ortodoxo assinaram a Declaração Dab`Ru Êmet houve um estímulo para o debate em relação ao cristianismo e judaísmo e, também, a garantia para o futuro da discussão intrajudaica. David Rosen observa que: "Uma Teologia judaica séria da Cristandade precisa evidentemente exceder o simples respeito da fidelidade dos cristãos perante a sua revelação; uma teologia tal precisa mostrar uma compreensão da importância dessa revelação para o plano de Deus para a humanidade." Disponível em http://www.jcrelations.net/Dabru_Emet. Acessado em 15 de maio de 2012.

³²² BIZON, J. (Org.). *Diálogo católico-judaico no Brasil*: Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico. São Paulo: Loyola, 2005. p. 148. Esta é uma síntese do documento *Nostra Aetate*, n. 4, no que se refere ao patrimônio comum entre judeus e cristãos.

O patrimônio espiritual dos judeus e cristãos se dá, inicialmente, pelo monoteísmo. As duas crenças professam a existência de um único Deus: criador, onipresente, onisciente e onipotente que é ilimitado e influencia tudo no universo. O grande Rabino Moisés Maimônides, ao elaborar os Treze Fundamentos da fé judaica, dedica os quatro primeiros para demonstrar os pilares do monoteísmo conforme a crença mosaica. O primeiro fundamento declara a existência de Deus, o segundo, que Deus é único e que não existe unicidade como a d'Ele. No terceiro, a incorporabilidade de Deus, isentando-O de qualquer propriedade antropomórfica e, no quarto fundamento, a eternidade de Deus. Maimônides, em seu livro *Os 613 mandamentos* ensina com relação aos 1º e 2º mandamentos, que os judeus são ordenados a crer em Deus, como agente supremo que é criador de tudo e crer na unicidade de Deus, ou seja, que este criador de todas as coisas é uno. O Shemá Israel - Ouça Israel - são as duas primeiras palavras da seção da Torá que constitui a profissão de fé central do monoteísmo judaico, conforme Deuteronômio 6,4-9 no qual se diz: *Shemá Yisrael Adonai Elohêinu Adonai Echad* - Escuta ó Israel, Adonai nosso Deus é Um.

O ensinamento de Jesus, em seus diálogos teológicos no evangelho, segue o mesmo raciocínio acerca da unicidade de Deus. Ele indica essa unicidade como o primeiro de todos os mandamentos: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças.” Mc 12,30. A doutrina cristã da Santíssima Trindade não anula o conceito monoteísta, mas afirma a existência de um único Deus que se revela em três pessoas distintas e indivisíveis: Pai, Filho e Espírito Santo. O Deus único, além de Criador de todas as coisas, é um Deus Pai que provê às necessidades de seus filhos (Mt 6,30s). Esta fé que distingue entre Criador e criatura proibindo toda divinização do mundo, dos seres vivos e das pessoas, liberta o homem da inquietude e do medo e estimula para uma fraternidade universal no respeito recíproco. Isso graças a insistência evangélica de dizer que Deus é amor. Deus ama todas as pessoas e estas podem estabelecer uma relação pessoal com ele através da oração. Jesus inaugurou a presença do Reino de Deus na Terra e a Igreja, que nasceu da pregação dos apóstolos, está enraizada na vida e no pensamento do Povo de Israel. Ela se sustenta nos ensinamentos judaicos dos patriarcas e profetas, reis e sacerdotes, escribas e rabinos. Jesus é o elo através do qual toda a cristandade passa a ser incluída como descendente de Abraão, e portanto, co-herdeira, juntamente com os judeus, do seu grandioso legado espiritual.

A revelação divina para judeus e cristãos está nas Sagradas Escrituras, denominada comumente de TaNaK, palavra formada pela primeira letra do título de cada parte. Por ter

sido escrita em hebraico, uma mínima parte em aramaico é chamada de “Bíblia Hebraica” e tem três divisões: Torah (Lei), Nebiîm (Profetas), Ketubîm (Escritos). Nos evangelhos, *Jesus lê e explica as Escrituras, a Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos* (Lc 4,16; 24,44). A Igreja primitiva só tinha essa Escritura Sagrada. O Novo Testamento foi redigido posteriormente e não tinha a intenção de se opor às Escrituras Hebraicas. Ao contrário, apresenta a vida de Jesus marcada pelos acontecimentos da história do relacionamento de Deus com Israel e a humanidade, dando origem às festas anuais do judaísmo, às manifestações religiosas cotidianas e às celebrações das etapas principais da vida de um judeu. Dessa forma, com seu nome judeu, circuncidado, observante do dia do sábado e das festas de Israel, assíduo leitor das Sagradas Escrituras, Jesus dá testemunho da religião judaica. Como afirmou o Papa João Paulo II: "Quem encontra Jesus encontra o judaísmo".

Uma via fraterna, entre cristãos e judeus, se deu pelo reconhecimento recíproco de que houve entre as duas religiões muito mal entendido, no percurso histórico. Da parte cristã, o documento conciliar menciona no Credo, que é uma síntese oficial da fé católica romana, apenas a autoridade romana, Pôncio Pilatos, como responsável pela execução de Jesus. A participação de algumas autoridades judaicas não justifica culpar indistintamente todos os judeus, de todos os tempos, como responsáveis pela morte de Jesus. Inclusive, o próprio Jesus disse que ninguém tira a sua vida, ao contrário, ele é quem a oferece pelo bem da humanidade, conforme a narração do evangelista João em 10,18. Antes de encerrar o seu posicionamento diante da Religião Judaica, *Nostrae Aetate* afirma que, a Igreja Católica lamenta profundamente pelos atos desumanos cometidos pelos cristãos contra os judeus no curso da história³²³. Assim, a Igreja Romana aproxima-se empaticamente do sofrimento do povo judeu na Shoáh, e se solidariza com os judeus sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Da parte judaica, o documento *Dab`ru Êmet* proclama que o nazismo não foi um fenômeno cristão e, também, não foi causado em decorrência do antijudaísmo presente nos discursos eclesiais³²⁴. Se esses discursos tivessem o intuito de exterminar o povo judeu, isso teria ocorrido na cristandade, quando a Igreja Romana tinha o poder político de influenciar e se impor diante das nações europeias. Infelizmente, o ensino negativo sobre os judeus foi uma

³²³ Quando João Paulo II esteve no campo de extermínio de Auschwitz, pediu oficialmente perdão aos judeus pela omissão dos católicos em relação ao Holocausto.

³²⁴ No parágrafo mais controverso, *Dab`ru Êmet* reconsidera o papel de cristãos no Holocausto. Embora notando a longa história de antijudaísmo cristão e violência contra judeus, bem como o ativo envolvimento e cumplicidade passiva de cristãos nos crimes nazistas, a declaração, não obstante, diz que o “Nazismo não era um fenômeno cristão” ou muito menos “um resultado inevitável da Cristandade”. Os autores salientam com gratidão os cristãos que salvaram os judeus na Grande Guerra e, também, os cristãos que “rejeitam o ensino de desdém”. Por fim, concluem: “Não os acusamos pelos pecados cometidos pelos seus antepassados.” Disponível em <http://www.jcrelations.net/Reconcilia>. Acessado em 24 de maio de 2012.

das causas que contribuíram para o desastre vivido por eles no século XX, a Shoáh. Esse tem sido um termo preferido, em vez de holocausto, para se falar da catástrofe, que foi o assassinato em massa de milhões de judeus³²⁵.

Outro caminho de fraternidade são os princípios morais das Escrituras, tendo nos “Dez Mandamentos” as normas para a reta convivência das pessoas entre si e com Deus. A origem da lei brota justamente do fato do ser humano ser imagem e semelhança de Deus, conforme a narração de Gênesis 1,27. A doutrina judaica informa que quem fere o homem diminui a imagem de Deus. O cumprimento da lei é o ato pelo qual, judeus e cristãos, cooperam com Deus na promoção e preservação da vida no planeta, o que implica o reconhecimento de que os seres humanos são responsáveis uns pelos outros. Isso fica explícito no evangelho, quando Jesus resume a lei no mandamento do amor e proclama o segundo maior mandamento citando Levítico 19,18: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo" (Mc 12,31). A dignidade humana, proclamada por Jesus e pela Igreja, se baseia também nas primeiras páginas das Escrituras. A ética bíblica exige a proteção da dignidade do ser humano, principalmente dos mais frágeis; rejeita toda forma de escravidão, opressão e autoritarismo. Nessa linha, a Igreja Romana, a partir do documento em pauta, condena perseguições de todo tipo, preconceitos, distorções teológicas e tudo que possa ir contra os valores humanos. É a presença amorosa de Deus na história da humanidade, que suscita a esperança de que os homens, aliados de Deus, procurem estabelecer a justiça e a paz na terra. Assim, cristãos e judeus tem uma delicada missão na sociedade, trabalhar juntos pela justiça e pela paz no mundo.

Esse trabalho tende a promover um novo relacionamento, entre os fiéis, das duas tradições religiosas. Para que haja um autêntico diálogo entre judeus e cristãos é necessário que os interlocutores estejam bem enraizados em suas crenças. O diálogo não visa conversão, mas aprendizado, por exemplo os cristãos podem aprender com os judeus a identificar distorções provocadas pela busca e abuso do poder, confusão entre teologia e ideologia, missão e colonização, universalismo e totalitarismo³²⁶. Os judeus podem, também, aprender com os cristãos que o imperialismo da cristandade não favoreceu a presença do Reino de Deus na terra. Os cristãos reconhecem o direito do povo judeu à sua terra, assim como reconhece que todo ser humano tem direito a um teto, um emprego e ao pão de cada dia.

³²⁵ Holocausto vem do domínio sacrificial. Designar a perseguição maciça dos judeus pela palavra Holocausto pode ter conotações de algo desejado por Deus, alguma coisa que presta homenagem a Deus. E isso parece mais uma blasfêmia no contexto do assassinato de 6.000.000 de judeus por Hitler. Mesmo se não há palavras que possam expressar o horror desta realidade, o termo Shoah parece ser mais exato que outros. Disponível em <http://www.riotal.com.br/comunidade-judaica/juda9c7.htm>. Acessado em 12 de abril de 2012.

³²⁶ BIZON, op. cit., p. 157.

Nesse sentido, acreditam que a reivindicação da terra pelo povo de Israel transcende o aspecto político.

A restauração do Estado de Israel é o acontecimento mais importante da história judaica, desde a destruição de Jerusalém e do Templo, pelos romanos no ano 70 de nossa era³²⁷. Esse episódio está intrinsecamente ligado à cultura, religião e alma judaica. Trata-se de um tema teológico, pois o judeu piedoso vê o retorno à sua “Terra Prometida” como uma ressurreição do povo, até então condenado à dispersão e, muitas vezes, no decorrer da história, à morte. O renascimento da nação passou a ser visto, como sinal da fidelidade e da graça de Deus ao seu povo³²⁸. O estado do Vaticano reconheceu, oficialmente, a existência do Estado de Israel no dia 28 de dezembro de 1993, sob o pontificado de João Paulo II. Diante da realidade conflitiva do Oriente Médio, a Igreja se posiciona afirmando, que tanto israelenses, como palestinos têm o direito de viver em paz e segurança, numa pátria própria. É fundamental que os povos da região se esforcem na busca pela diplomacia e, que construam laços fraternos, promovendo o diálogo político e Inter-religioso³²⁹.

3.2. EDITH STEIN, PRECURSORA DO DIÁLOGO JUDAICO-CRISTÃO

Pode-se encontrar, em Edith Stein, uma base teórica e vivencial, para que ela seja considerada precursora do diálogo judaico-cristão? Essa tese visa justamente provocar a discussão sobre o tema e acenar afirmativamente, em virtude da vida polissêmica da doutora Stein. A sua atuação dialogal no campo intelectual e social foi brilhante, pois sua busca pela verdade no universo filosófico é um exemplo radical de vida inteligível. Ela viveu o drama existencial da busca de um sentido compreensível para a vida, e o encontrou na verdade religiosa. Este tópico pretende elucidar como a filósofa concilia as religiões de forma empática.

³²⁷ Em 29 de novembro de 1947, as Nações Unidas votaram a favor da partilha da Palestina – aceita pelos judeus, rejeitada pelos árabes. Os britânicos preparavam-se para sair, e os árabes atacaram, precipitando a Guerra de Independência. Em 14 de maio de 1948, quando o mandato britânico expirou, nasceu o Estado de Israel. “Erets Israel era o lugar de nascimento do povo judaico”, a Proclamação da Independência começa. “Aqui foi formada a sua identidade espiritual, religiosa e política. Aqui obtiveram situação de Estado, criaram valores culturais de significância nacional e universal e deram ao mundo o eterno Livro dos Livros”. A proclamação nota a conexão do povo judaico ao seu país através dos séculos de dispersão, e seu retorno nas gerações recentes para fundar uma florescente comunidade confiante em si mesma. Os líderes da independência prometeram que o novo Estado “garantirá completa igualdade de direitos sociais e políticos a todos os seus habitantes, sem considerar religião, raça ou sexo...” Prometeu, também, “garantir a liberdade religiosa, a formação cultural, linguística e educacional, bem como salvaguardar os Lugares Santos de todas as religiões”. Disponível em <http://www.jcrelations.net/OContextodoDilogoJudaico-Crist>. Acessado em 25 de maio de 2012.

³²⁸ KÜNG, Hans. *El Judaísmo: pasado, presente y futuro*. 6.ed. Madrid: Trotta, 2007. p. 490-494.

³²⁹ BIZON, op. cit., p. 186.

Edith Stein, criada na tradição judaica, nega a religião na adolescência e somente a reencontra depois de mergulhar nos seus estudos de fenomenologia. Essa corrente filosófica lhe possibilitou entender a interioridade humana, e, conseqüentemente, a libertou de seus preconceitos. É nessa escuta da verdade intrínseca a todo ser humano, levando em consideração o fenômeno da religião que acontece o seu processo de conversão. A coerência de vida da filósofa, em sua época, já atraía a admiração de seus contemporâneos. O seu itinerário de vida é um símbolo de diálogo Inter-religioso e, também, de reconciliação entre a fé e a razão.

Na monja carmelita se encontra a delicadeza de suas entranhas judaicas, que se desdobram em seu horizonte de vida, culminando no enlace com o cristianismo. A vivência do ateísmo não lhe tirou a fé na vida, enquanto dom inalienável, atestado por sua presença no hospital de doenças contagiosas em Maehrisch-Weisskirchen, na Primeira Guerra Mundial. A inserção no mundo intelectual não a torna cética, mas desvenda a convicção do valor ético nas relações humanas, cujo resultado é a obra *Sobre o problema da Empatia*. A adesão ao cristianismo católico revivesceu o seu judaísmo. Edith afirma ser "filha de Israel" e se rejubila porque faz parte também do povo de Cristo. Na homilia de beatificação, em 1987, o Papa João Paulo II afirmou: "*Receber o batismo não significou para Edith, de jeito algum, romper com o mundo hebraico. Ao contrário, ela afirma: Quando eu era jovem de quatorze anos parei de praticar a religião hebraica; entretanto, no meu retorno a Deus, eu me senti, antes de tudo hebréia*". Em sua obra *Diálogo Noturno*, a teóloga enfatiza que Cristo pertence ao povo judeu, mas também à Igreja.

A vida da doutora em filosofia foi se delineando num processo de abertura à alteridade, que se deu em seus muitos contatos pessoais e, também, através de suas obras. O estilo dialógico já estava presente na estudante de filosofia, que conseguia estabelecer relações com pessoas religiosas, descrentes e ateus. A vivência da empatia precedeu sua primeira obra e se tornou concreta na Tese, que aborda justamente a apreensão da vivência do outro, através do processo empático.

Ao se falar em diálogo judaico-cristão, necessariamente, tem de se ter clareza do processo que judeus e cristãos viveram no século XX. Trata-se do processo empático, de um se colocar no lugar do outro. De tal forma, que o outro deixa de ser um estranho, graças a apreensão de sua humanidade. A empatia possibilitou conquistas nesse diálogo, vislumbradas na Conferência de Seelisberg, nas Declarações *Nostrae Aetate* e *Dab'Ru Êmet*. Não há como provar que os membros da Conferência ocorrida na Suíça, em 1947, nem que os redatores das

declarações citadas tenham tido contato ou conhecimento das obras de Stein, mas, por outro lado, não tem como se argumentar contrariamente. O fato é que em *Crônica Del Holocausto* está registrado que Edith Stein utilizou a sua fé e o seu intelecto para converter-se em um espinho para o Terceiro Reich³³⁰. Como já se sabe, era uma judia alemã, doutora em filosofia, que lecionou por décadas e fez conferências pela Europa. Por fim, foi nomeada catedrática no Instituto Alemão de Pedagogia Científica, em 1932. Assim, com esse currículo, é bem provável que a obra de Stein tenha influenciado de alguma forma ou, até mesmo, fecundado a alma daqueles que buscaram a aproximação do judaísmo e do cristianismo.

A filósofa trabalha a alteridade sob o enfoque formativo. Ela vê na educação a formação do ser humano em sua totalidade, em todo o seu potencial e capacidade, com o intuito de se tornar o que deve ser: pessoa dialogal em profunda comunhão espiritual. Para que haja uma verdadeira obra formativa, a pedagoga insiste que o educador busque uma formação contínua, para melhor desempenhar o seu papel de formador e adquira maturidade no exercício de seu “múnus”. Assim como o historiador francês, Jules Isaac, insistia na formação, para superação de toda forma de preconceito religioso, a pedagoga alemã vai frisar que a formação deve propiciar ao homem uma contínua revisão de seus conceitos e uma apreensão daquilo que é novo para o seu ser. Edith define a formação como estado e processo. Quando fala de educação, como estado, está se referindo ao princípio regulativo de vida, em que o ser humano tem um potencial de maturidade, para se relacionar de forma equilibrada com tudo o que se manifesta diante de si. Enquanto não tem plena consciência dessa meta, lida com as limitações temporais e vai atualizando essa perspectiva na medida em que se conscientiza de sua missão. Já como processo, ela retoma a questão empática da educação, que se dirige ao reto convívio com o outro, a partir da estruturação humana de cada “eu”. No *Einführung* esclarece que somente quem vivencia a si mesmo como pessoa, como totalidade de sentido, pode entender as outras pessoas³³¹.

A vivência pacífica entre os fiéis das diversas tradições religiosas é uma meta pedagógica, com vistas a um mundo pacífico. A formação para o diálogo Inter-religioso é um processo, que necessita da educação do ser humano, para que ele se dê conta de sua dimensão espiritual. A filósofa, em seu trabalho pedagógico, quer chegar à unidade entre ensinamento e educação, para se obter uma formação autêntica. Essa é, para ela, um processo em que as potencialidades da alma são plasmadas numa estrutura prevista, num contínuo crescimento.

³³⁰ *CRÔNICA DEL HOLOCAUSTO*. Madrid: Editorial Libsa, 2002, p. 313.

³³¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 133.

Nesse sentido, o florescimento das Ciências das Religiões, com o suscitar do respeito entre as várias tradições, é algo novo que precisa ser ensinado. Já que o ponto principal, para a formação do homem, são as disposições existentes nele mesmo, Stein está a dizer no *Einführung* e em suas obras pedagógicas que a missão do formador é ensinar os princípios que edificam a vida. Essa edificação se estrutura a partir de caminhos fraternos, calcados na convivência respeitosa entre os seres humanos. Assim, os alunos vão plasmando em seu ser o caráter inviolável dos direitos humanos, dentre esses, o direito a professar uma fé e não ser perturbado e nem perseguido por isso. Ao mesmo tempo, está convidando a todo ser humano a entrar no processo de formação continuada, tendo em vista a melhora nos relacionamentos sociais, o fim dos preconceitos e a construção de uma sociedade justa e igualitária.

A partir dessa reflexão, a fenomenóloga demonstra que o homem tem um interior inviolável, que é o fundamento de sua dignidade, o espaço sagrado de encontro com Deus e, inseparavelmente, o lugar da consciência, onde se pode tomar decisões livres e buscar um verdadeiro diálogo com o próximo. Isso se evidencia em sua própria experiência pessoal, conforme ela mesma relata no ano de 1928: “desde antes de minha conversão já era meu desejo entrar para a vida religiosa, isto é, esquecer os acontecimentos da terra, ocupar-me somente das coisas de Deus. Pouco a pouco, porém, compreendi que outra coisa nos era pedida no mundo e que, mesmo entregue a uma vida contemplativa, não se deve cortar toda ligação com o exterior. Lendo Santo Tomás de Aquino, pareceu-me possível pôr o conhecimento a serviço de Deus e foi, então, e somente, então, que consegui retomar seriamente meus trabalhos. Pareceu-me, com efeito, que quanto mais uma pessoa é atraída para Deus, mais obrigada deve sentir-se a sair de si mesma para levar ao mundo o amor divino”³³². Nessa perspectiva, Irmã Benedita da Cruz salienta que uma autêntica experiência de Deus dignifica o ser humano, revitalizando-o e, ao mesmo tempo, o faz se abrir ao “outro”. A partir do método fenomenológico, a filósofa informa que o ser humano, através da sua estrutura anímica-corpórea, está desde sempre, ontologicamente aberto aos sentidos do mundo, das coisas e das pessoas. Esclarece que não existe separação entre matéria e espírito. O mundo material é um mundo transfigurado pelo espírito.

Na materialidade, o sentido já está nas coisas, mas há uma diferença fundamental entre o modo como o espírito acontece na materialidade e o modo como a vida espiritual acontece no agora. Embora não haja dicotomia entre espírito e matéria, há maneiras diferentes do

³³² MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. ed., Aparecida: Santuário, 2001, p. 71.

registro do espírito acontecer nos entes e no homem. Quando se observa os entes do mundo não pessoais (granito, árvore, água etc.) a sua forma específica contem um sentido. Há uma característica ontológica que caracteriza esses entes, conectados à matéria, porque não têm a abertura ontológica do ser humano. Essa abertura é a transcendência no homem, que está sempre para além de sua posição no tempo e no espaço, e para além dos sentidos das coisas, por isso é devir e liberdade, levando o ser humano sempre a estar de alguma maneira voltado para o sentido da existência. Por isso, o homem, apesar de ser um ser de necessidades, decide os sentidos que vão pautar a sua existência. Se bem formado, ele entenderá que a comunhão e o diálogo entre os povos é a sua vocação primordial. Se os educadores tiverem como meta a humanização do indivíduo, este terá condições de projetar o seu futuro, graças ao sobrenatural inerente ao seu ser³³³.

Em Stein, percebe-se que existe a necessidade do homem trabalhar sua interioridade, pois nasce imerso em uma tradição, que o condiciona a certos preconceitos que precisam ser superados, como os conceitos pré-concebidos de mundo, religião, raça, etc. Liberto desses condicionamentos, o homem pode deixar aflorar de forma saudável a sua inclinação para o mistério religioso³³⁴. A religião vem suscitando no coração humano, no decorrer da história, a vivência de valores que dirigem o seu modo de vida. Os valores que uma pessoa tem, os princípios pelos quais ela atua, formam para essa pessoa a teoria geral sobre o ser; constituem, portanto, uma ontologia. Há uma necessidade epistemológica e ética do ser humano reconhecer que entre os valores que dirigem a ação de uma pessoa, sempre se encontra um posicionamento dessa sobre a questão “Deus”, o Outro por excelência. A concepção do divino é parte fundamental da vida do ser humano.

A experiência empática é a compreensão de que o ser humano pode viver numa tradição religiosa e, ao mesmo tempo, conviver de forma pacífica com os membros de outras crenças. É uma especial percepção do “eu” que crê em relação ao “tu” que também professa uma fé; portanto, trata-se de um saber sobre o “outro”, a partir de seu próprio sentimento religioso e da vivência ética suscitada pela religião, de uma possibilidade de aproximação pela espiritualidade e não de uma identificação de crenças. Assim, se compreende que, no nível da religião, exista entre os homens uma interrelação, a qual se dá o nome de vida psíquica-

³³³ STEIN, Edith. *Obras Completas IV*, escritos antropológicos y pedagógicos. Burgos: Monte Carmelo, 2003. A reflexão segue as ponderações reflexivas de Edith Stein que recapitula a sua concepção da constituição do ser humano, levando sempre em consideração a empatia como suporte fenomenológico.

³³⁴ GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. São Paulo: Loyola, p. 63-78. Edith Stein, como pedagoga, volta o seu olhar para a formação humana global. Depois, ela se dedica a formação da mulher. O seu objetivo é promover o ser humano, para que ele atenda ao apelo divino de buscar a perfeição em seu estado de vida, através da vivência de valores.

espiritual: esse mundo é o mesmo para eles e para o “eu”, formando juntos o mundo psíquico-espiritual dos homens.

A vivência religiosa percebida em comum pelas pessoas é captada de forma original pelo “eu”; por outro lado, a tradição religiosa vista pelo “outro” só é imaginada, empaticamente, em torno da sua consciência. A experiência de fé do “outro” só é representada por transferência, na base de um “emparelhamento” entre as maneiras de aparecer da religião, que se dá de forma concreta nos rituais e na vivência cotidiana do fiel, em sua esfera de pertença a esta ou aquela religião³³⁵. Assim, a originalidade recai sobre o “eu” vivido e, em cima desta base, instituem-se relações intersubjetivas do “eu” com o “outro”, com esse “outro”, que, todavia, está no “eu”, como que se escapando sempre de sua experiência originária. A impossibilidade de se captar o “eu” e o “outro” na inteireza, remete à questão para o fenômeno do ir além, do transcender. Esse devir existiu em diversas épocas como o anúncio de que, para além da existência temporal, há por detrás do próprio ser uma potencialidade inabarcável, que sustenta a vida humana e a incita a uma contínua transcendência de seus costumes, rituais e valores.

O pensamento da carmelita brota da percepção que teve diante do caminho das escolhas e das decisões, que seus amigos fenomenólogos tomaram em suas vidas diante do fenômeno da religião. Ela, também, fez o seu caminho e foi se dando conta de que a plenitude humana se realiza na fraternidade social e no respeito à dignidade da pessoa, articulando-se de forma concreta com a linguagem compreensiva do “outro” e com a comunicação entre as diferentes culturas³³⁶. Antecipando, o diálogo Inter-religioso, o que Stein propõe tornou-se, por aproximação, o apelo dos bispos da Igreja Católica na Ásia, após o Concílio Vaticano II. A realidade asiática interpelou a Igreja Romana a tomar uma postura em que a verdade de Cristo precisa relacionar-se com outras verdades e incluí-las. No tocante ao que é distintivo em Jesus, os bispos da Ásia ressaltam a mensagem do amor que a si mesmo se esvazia, assim como o serviço radical ao “outro”, seja ele quem for. Este é o diálogo que a Igreja Católica Romana na Ásia quer promover e, nesse serviço, está a preocupação recíproca pelos pobres. Desse modo, como destacou o Cardeal Julius Darmaatmadja, ao dirigir-se ao Papa, após o sínodo da Ásia, ocorrido em 1999, os asiáticos

³³⁵ RICOEUR, P. *Na escola da fenomenologia: análises e problemas em Ideen II de Husserl*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 88-148. Nesse texto se discute a constituição do mundo espiritual. Edith Stein trabalha essa questão quando trata da ontologia do espírito em sua tese doutoral.

³³⁶ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: editorial Trotta, 2004, p. 104-105. Os atos da empatia possibilitam que as vivências singulares da pessoa a coloquem em sintonia com os atos dos seus semelhantes, como por exemplo, a bondade do ser humano.

preferem falar acerca de Jesus não como “único e exclusivo Filho de Deus e Salvador”, mas sim como “Mestre de Sabedoria, o Restaurador, o Libertador, o Misericordioso Amigo dos Pobres, o Bom Samaritano”³³⁷.

O diálogo Inter-religioso foi e ainda perdura como uma questão interdisciplinar, pois a reflexão em torno dessa questão se transformou num debate produtivo, no qual a religião, tal como se apresenta ao indivíduo, suscita-lhe uma série de reflexões. O diálogo é um fenômeno humano, que surge de uma dimensão ampla e profunda do relacionamento. É um ato social vital que se dá pela comunicação, enquanto processo da arte de se relacionar. A atitude empática é fundamental no diálogo Inter-religioso, permitindo conhecer e compreender o “outro” a partir de sua experiência vivencial do sagrado e do seu estado de ânimo. A integração do “eu” com a comunidade e com o mundo, é uma preocupação caracteristicamente religiosa que, sem explicitar terminologias, Edith Stein levou seriamente em consideração na sua tese de doutorado; já a partir do título de seu trabalho, as pessoas se configuram caminhando a partir de uma empatia religiosa, que se cristaliza no social³³⁸.

A pedagoga alemã concilia a antropologia com a educação e a vida espiritual, em suas obras. Nas entrelinhas de seus escritos, há muita inspiração para um diálogo promissor entre as religiões. João Paulo II, os teólogos Gavin D’Costa e Jacques Dupuis se articulam com a postura de Edith, quando tomaram o Espírito Santo como ponto de partida para o diálogo Inter-religioso. Assim, como Stein insistia no respeito para com a alteridade, o teólogo Gavin D’Costa sustenta que não se pode nivelar as religiões. É preciso lidar com as diferenças entre elas no diálogo, de forma fraterna.

D’Costa nos diz que os cristãos não são “monoteístas” exatamente como os judeus e os muçulmanos, pois crêem em único Deus, que se apresenta à humanidade com uma Triplice missão. A terceira pessoa da Trindade é o Espírito Santo, o próprio sopro vital de Deus Pai, que leva adiante a mensagem de seu Filho – Jesus, envolvendo toda a criação, com a energia vivificante de Deus. Por isso, o teólogo sugere que a relação com Deus através do Espírito Santo deve ser a forma ortoprática do diálogo Inter-religioso: “Ao crer na presença do Espírito Santo em outras tradições, os cristãos não somente vão admirá-las, mas terão igualmente de ouvi-las e com elas aprender”. Em uma abordagem de outras religiões com

³³⁷ KNITTER, op. cit., p. 157-161.

³³⁸ STEIN, Edith. *Obras Completas I*, escritos autobiográficos y cartas. Burgos: Monte Carmelo, 2005, p. 477. Edith Stein tem um conceito elevado da dignidade humana, pensa, escreve, ensina continuamente em concordância com essa convicção. Durante o processo de dissertação de sua Tese Doutoral, ela mesma afirma: “Fui me encaminhando para algo que se encarnava pessoalmente em mim e que ocuparia todos os meus estudos futuros: a Constituição da pessoa humana.”

base no Espírito Santo, acrescenta D'Costa, os cristãos devem ser cuidadosos com a postura e com as terminologias, de modo a respeitar as verdades essenciais do cristianismo e das outras tradições religiosas³³⁹. No *Einführung*, a autora enfatiza: “no contexto da vida espiritual nos movemos livremente”, e através do indivíduo psicofísico há a comunicação espiritual dos interesses e dos valores de cada pessoa³⁴⁰. Em sintonia com a reflexão steiniana, o pensamento do teólogo D'Costa informa que o Espírito Santo tem um alcance universal, superando em extensão a doutrina cristã.

Para o jesuíta Jacques Dupuis, aprofundando a reflexão sobre o pluralismo religioso, uma teologia das religiões verdadeiramente dialógica somente acontece alicerçada no Espírito Santo. Baseia-se na teologia clássica Trinitária, segundo a qual há distinções efetivas entre as Três pessoas da Trindade, chamadas de “distinções hipostáticas”. Isso significa que uma pessoa da Trindade não pode ser reduzida a outra, nem a ela subordinada. Portanto, afirma que o Espírito Santo vive e age, no decorrer da história, nas culturas e religiões, antes e depois de Cristo. Dessa forma, Dupuis diz aos cristãos que Deus não pretende que todas as pessoas encontrem a plenitude na Igreja cristã. Por outro lado, pontua que a “plenitude” da verdade de Deus em Jesus é “qualitativa” e não “quantitativa”, isto é, uma plenitude de centro, convergência, intensidade e não só de detalhe e totalidade. Assim, Dupuis admite que a plenitude da verdade de Deus em Jesus é “relativa e ou relacional”, isto é, limitada. A plenitude daquilo que Deus quer tornar conhecido aos homens tem seu foco concentrado em Jesus; porém, para aumentar a profundidade do quadro, os cristãos precisam relacionar o que possuem em Jesus ao que o Espírito Santo faz nas demais religiões. Dupuis continua sua reflexão descrevendo as demais religiões como “faces” incompletas do Mistério Divino, que devem encontrar realização naquele que é a “face humana de Deus, Jesus”. A partir desse entendimento da singularidade de Cristo, Dupuis sustenta que os cristãos e as demais religiões, conservando sua identidade e validade, podem abrir-se em diálogo autêntico entre si, sem diminuir, nem ameaçar quem Jesus é para eles e para o mundo³⁴¹.

A judia e cristã, Edith Stein, ao situar o Espírito como fonte relacional, entre as pessoas e Deus, vislumbrou a forte corrente teológica que acena para o diálogo Inter-religioso, sob a ótica pneumatológica. A reflexão filosófica e a prática pedagógica da monja carmelita proporciona um diálogo calcado na fraternidade social, que supera todas as barreiras, por se

³³⁹ KNITTER, op. cit., p. 143-146.

³⁴⁰ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 134.

³⁴¹ DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 239-250.

fundamentar em princípios humanitários. O texto que segue expressa o pensamento da teóloga, cuja hermenêutica vem ao encontro do parágrafo em questão.

O espírito – não somente o intelecto, mas também o coração – por ocupar-se continuamente com Deus, está com Ele familiarizado; conhece-o e ama-o. Esse conhecimento e amor fazem parte de seu ser, como o relacionamento de duas pessoas que convivem a longo tempo intimamente familiarizadas. Tais pessoas não precisam mais de informações sobre a outra pessoa para se conhecerem mutuamente e convencerem-se de sua amabilidade. Quase não precisam trocar palavras. Cada nova convivência, no entanto, traz para elas novo despertar e um crescimento de amor, talvez um conhecimento mais profundo de alguns traços novos. Mas isso acontece automaticamente, não precisando de maior esforço. Assim, também é a convivência de uma alma com Deus, depois de longo exercício na vida espiritual. Ela não precisa mais meditar para conhecer a Deus e aprender a amá-lo. O caminho já está muito atrás dela, pois ela repousa nele. Assim que ela começa a orar, está em Deus e permanece, pela entrega amorosa, em sua presença. O silêncio da mesma Lhe agrada mais do que muitas palavras³⁴².

3.2.1. REFLEXÃO E METÁFORA ACERCA DA ALIANÇA JUDAICA E CRISTÃ

Através da empatia, cristãos e judeus são convidados a apreender o mistério amoroso de Deus, explícito na Aliança oferecida à humanidade³⁴³. Nossa personagem de inspiração, Edith Stein, traz em si uma explicitação do transbordamento da bondade de Deus que não se restringe a viver um pacto exclusivo com um único povo; mas com, e através do povo de Israel, estende-o a todas as nações. O mistério da revelação divina ultrapassa o horizonte da tradição cultural e religiosa da humanidade, de tal forma que, reconhecer a Aliança de Deus com os judeus, cristãos e com as demais religiões enriquece a visão do homem, acerca do mistério insondável da transcendência divina³⁴⁴.

³⁴² STEIN, Edith. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2008, n. 5, p. 99.

³⁴³ REIMER, Haroldo (org.). *Oséias. Juízo, misericórdia, conversão*. Encontros sobre o livro de Oséias. São Leopoldo: Cebi, 2005, p. 27-29. Na Bíblia, a idéia de Aliança sempre tem dois lados: gratuidade e compromisso. Nos grandes momentos narrativos das tradições hebraicas registradas na Bíblia, é o próprio Deus que toma a iniciativa de relação com o povo. Isso está bem desenvolvido no Livro do Êxodo. Deus se revela a Moisés, ouve o clamor do povo e desce para libertar (Ex 3,7). Na tradição do Sinai, narra-se a celebração de uma Aliança, que tem um conjunto de leis chamado ‘Código da Aliança’ (Ex 20-24). As leis são as letras do contrato da relação. Através de um mediador, o povo ouve as leis e responde positivamente. Há outros relatos de Alianças, como a Aliança de Javé com Davi (2Sm 7) ou a celebração da Aliança deuteronomica através de Josias (2Rs 22-23). Lendo os textos da Bíblia, temos a impressão de que tais cerimônias de Aliança são muito antigas. Os estudiosos da Bíblia, porém, dizem que somente no final do século VIII e durante o século VII a .C. o tema ‘Aliança’ passou a ser oficialmente constitutivo da tradição oficial do povo. O profeta Oséias já conhece e transmite uma idéia teológica de Aliança entre Javé e Israel. Esta deve estar enraizada na tradição popular, desde tempos antigos. Mas ele não cita um conjunto de leis como expressão externa de Aliança, embora em uma passagem se fale de ‘mandamentos’ que Deus deu ao povo, mas que este toma como sendo algo estranho (Os 8,12). Junto com a idéia de Aliança e Eleição vai se fortalecendo na tradição de Israel a idéia de que o Eterno é o único e o verdadeiro Deus..

³⁴⁴ TEIXEIRA, F. *Panorâmica das abordagens cristãs sobre as religiões*. Perspectiva Teológica 30. 1998. N. 30. p. 211-215. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos>. Acessado em 17 de setembro de 2010. O teólogo cristão, Jacques Dupuis, em sua reflexão acerca do pluralismo religioso, informa que segundo a tradição cristã, ao longo da história da salvação, Deus estabeleceu alianças com a humanidade. Cita Santo Irineu que distingue quatro Alianças: uma por meio de Adão, uma por meio de Noé, e as outras duas por meio de Moisés e Cristo. De

A Aliança de Deus com o povo de Israel deriva das palavras divinas: "Tu és o meu povo, Eu serei teu Deus"; é graça e dever. Os profetas sempre exortaram o povo à fidelidade para com a Aliança e a renová-la constantemente, por meio da qual, Deus entra numa relação definitiva com seu povo e com toda a humanidade, com vistas a salvação. No Novo Testamento a forma que Deus se serviu para entrar em comunhão com os judeus e com os gentios foi através de Jesus de Nazaré, professando que o sangue de Jesus Crucificado é "o sangue da Aliança que é derramado por muitos" (Mc 14,24).

Aliança, pacto, implica na existência de duas partes que se comprometem a viver uma parceria, exercendo direitos e deveres. Tanto cristãos como judeus vivem na alma o compromisso desse pacto. A Aliança apreendida por judeus e cristãos visa o reconhecimento mútuo do dever de honrar e amar o "outro" e buscar formas de promover o bem comum, para que todos alcancem a graça de viver a dignidade de filhos de Deus. Edith Stein conseguiu apreender o mistério da Aliança e a vivenciou, como se sabe, em suas obras e em sua própria vida. Foi fiel à Aliança de seus pais e, com seus irmãos de sangue, morreu pela Santificação do Nome de Deus. Foi fiel à Aliança com Cristo, unindo-se a Ele na cruz, pela reconciliação da humanidade com Deus³⁴⁵. Segundo Neher³⁴⁶, para o hebraísmo, "cada judeu deve realizar em sua vida, a redação de um Sefer Torá³⁴⁷: singular pererinação, que não conduz o discípulo a um lugar santificado do profeta, mas que lhe faz repetir, no seu próprio caminho, o gesto através do qual se transmite a mensagem"³⁴⁸. Esse processo é claro na vida de Stein, mesmo no período em que se dizia atea. Sua obra sobre a empatia já era uma mensagem, que levava as pessoas a viverem uma aliança fraterna entre si, pela captação do mistério humano presente nas relações. Sua peregrinação espiritual e geográfica a mergulhou na corrente judaica da diáspora. Essa experiência a fez se sentir imersa nas Escrituras, carregando em si a bagagem espiritual do judeu que, sem pátria, conseguiu sobreviver em meio aos povos diversos, sem perder a Aliança com a verdade, que era a razão de sua vida. Como Abraão, abandonou os falsos ídolos e abraçou a fé no Deus verdadeiro; como Paulo exortou os gentios a

modo particular, a aliança com Noé ganha um particular significado na reflexão sobre a teologia das tradições religiosas extra-bíblicas. Também esses povos são envolvidos numa relação de Aliança com Deus. Constituem, portanto, "povos da Aliança, merecendo o título de povos de Deus".

³⁴⁵ Quando entra para o Carmelo, a candidata escolhe um nome. Esse indicará o caminho que a levará ao coração de Deus. Edith escolheu para complemento de seu nome o termo Cruz. Toda a sua vida será marcada por esse mistério, que elegeu em diálogo com a superiora, e que está em relação com o que Deus escolheu para ela. Edith Stein disse que entrou no Carmelo com esse nome dentro dela. Foi esse verdadeiramente o seu mistério, pelo qual ela se aproximou de Deus. Antes de Cruz, ela acrescentou Benedita, para expressar o seu sentimento de que Cristo fez da cruz uma fonte de bênção.

³⁴⁶ André Neher, 1914-1988, foi doutor em Filosofia, doutor em Medicina e Rabino. Ainda foi professor de História e Filosofia na Universidade de Estrasburgo e na Universidade de Tel Aviv em Israel.

³⁴⁷ Sefer pode ser traduzido como livro ou escrito da Torá.

³⁴⁸ DOBNER, C. *Il libro dai sette sigilli*, Edith Stein: Torah e Vangelo. Saronno: Monti, 2008. p. 13.

abandonarem os falsos deuses; Stein, também travou uma batalha interior e exterior, para chegar à verdade sublime de sua fé, no mistério divino revelado no Sinai e encarnado em Jesus que, antes de propor a sua Aliança, dirá ser o Caminho, a Verdade e a Vida.

Teresa Benedita da Cruz herdou uma orientação extremamente positiva e uma estima profunda pelo Hebraísmo. Era preocupação comum dos pais transmitir aos seus descendentes o valor da Aliança e a história dos antepassados. A monja judia estava inserida, por nascimento e formação, no modo de pensar semítico, conforme se vê nas páginas das Escrituras: Deus escolhe o seu povo e através de suas experiências fala aos homens de todos os tempos e lugares. A biografia de Edith Stein está plena de acontecimentos semelhantes aos dos personagens bíblicos. Ela, inclusive, em suas correspondências, se identificava com figuras femininas da Bíblia Hebraica, como: Débora, Judite e Ester. Assim escreve a Madre Petra Brüning:

Tenho consciência de que o Senhor aceitou minha vida por todos. Devo pensar sempre na rainha Ester, que foi tirada do seu povo para interceder por ele diante do rei. Sou uma pobre, impotente e pequena Ester; porém, o rei que me escolheu é infinitamente grande e misericordioso. Isso é um grande consolo.³⁴⁹

Sabe-se que foi através de vários eventos, em sua história, que Stein chegou ao cristianismo. Aderir à fé cristã foi também uma luta para a filósofa, à semelhança da luta travada entre Jacó e o Anjo, conforme o capítulo 32 do livro do Gênesis. Tanto Jacó, quanto Edith saem marcados e renomeados depois do combate. Jacó traz uma marca física, que retrata a alma tocada por Deus, e se torna Israel. Edith traz uma marca na alma e se torna Teresa Benedita da Cruz. Uma das marcas na alma de Edith é ter de lidar com a incompreensão de seus familiares, por ela ter se tornado cristã. Por mais que ela insistisse, que abraçar o cristianismo a colocava em comunhão com todo o universo hebraico, eles não aceitavam. Ela, porém, não os censurava e nem os convidava a seguir o Cristo. Ao contrário, respeitava a fé de seus familiares e, da mesma forma que os primeiros cristãos, que eram judeus, continuava a frequentar a sinagoga.

Para a judia-cristã fazer uma Aliança com Jesus Cristo, não implicava renunciar a Aliança do Sinai, pois Jesus era judeu e isso a fazia se sentir orgulhosa de pertencer ao povo de Jesus Cristo. Entretanto, não é essa a compreensão da senhora Augusta Stein³⁵⁰. Edith venerava sua mãe, que com heroísmo digno dos antigos patriarcas, na vida profissional,

³⁴⁹ STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002, p. 1286.

³⁵⁰ Segundo Jon Notta, um de seus biógrafos, nos círculos católicos próximos a Edith, esses também não compreendiam “a consciência judia, o amor e o compromisso dela para com o judaísmo, não enquanto religião, mas enquanto ethos, feeling e solidariedade étnica e histórica”.

familiar e religiosa, transparecia ser inabalável. Ao tomar conhecimento da conversão da filha abateu-se muitíssimo, dando a entender que o elo entre elas se rompera para sempre. A filha esperava reprovações e até ser banida de casa, pois entre os judeus a conversão sempre foi vista com grande severidade, principalmente entre os mais zelosos pela religião, como era a sua piedosa mãe. Contudo, a empatia entre mãe e filha as unificou num pranto doído e respeitoso pela fé da mãe e pela adesão de Edith ao cristianismo. A senhora Stein não entendia como sua filha podia conciliar as duas crenças. A recém convertida dizia que, ao aderir à fé católica, descobriu o Israel do espírito e conheceu melhor o horizonte do povo de Deus. A sua mãe perscrutava esse mistério ao sondar sua filha em profunda oração e chegou a dizer a uma amiga: “Nunca vi ninguém rezar como Edith. Ela pode até acompanhar as nossas orações com o seu livro”. Tratava-se da Liturgia das Horas, que contém os textos das Sagradas Escrituras e da Tradição da Igreja Romana³⁵¹.

A senhora Stein, de certa forma, representa para Edith a tradição hebraica, que tem seu ápice na Aliança, transmitida não só pela hereditariedade mas, também, por formar seus filhos dentro da espiritualidade hebraica. A mãe no judaísmo tem um grande valor no seio familiar; é vista como virtuosa por temer o Senhor. Sua missão é formar um povo fiel à lei do Senhor. O desgosto da senhora Augusta Stein se evidencia por se dar conta que seus filhos não abraçaram a piedade judaica e Edith, sua caçula, nascida num dia sagrado do judaísmo, também se afastou da religião e, quando retoma a espiritualidade, traz a novidade de ter-se tornado cristã. Além dessa situação familiar, a comunidade judaica vivia um momento de esfacelamento, por causa das perseguições nazistas. No decurso da história, a grande preocupação judaica era a questão da sobrevivência do povo eleito. Essa é agora a dor que ressoa no coração da matriarca, pois mais uma vez a sobrevivência de sua gente, bem como de sua tradição religiosa, está ameaçada.

Nesse cenário, a cristã Edith, e a judia Augusta, encontram-se face a face, expressando, uma para a outra, o desafio de manter a esperança e a fidelidade no Deus da Aliança, que não abandona o seu povo, nos tempos sombrios da história. Entre mãe e filha, apesar da dor da separação geográfica, não se constata a separação espiritual; mantêm uma espécie de aliança, na qual se supera as diferenças de fé pelo trato fraterno e respeito mútuo. No último dia que mãe e filha estiveram juntas, voltando da sinagoga, elas dialogam e se percebe na fala delas uma apreciação muito positiva do judaísmo e do cristianismo. Edith

³⁵¹ HERBSTTRITH, Waltraud (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) Espanã: Verbo Divino, 1969. p. 87.

concorda com sua mãe, afirmando que é possível ser piedoso e judeu ao mesmo tempo. A senhora Stein, por sua vez, disse que não tem nada contra Jesus e admite que ele tenha sido “um homem muito bom”³⁵².

No dia seguinte, a cristã parte inserindo-se numa comunidade religiosa, levando consigo toda a herança das Escrituras. A piedosa judia permanece em Breslau, zelando por sua fé, até o momento de sua passagem para a glória definitiva. Alguns amigos da filósofa acharam que a consolariam, insinuando que sua mãe havia se convertido ao catolicismo, um pouco antes de sua morte. A carmelita porém respondeu: “A noticia da conversão de minha mãe é um boato sem fundamento. Ignoro a origem desta notícia. Minha mãe deve ter conservado até o último instante suas convicções religiosas. A fé inabalável que a sustentou em toda a sua vida não lhe poderia faltar no momento da morte. Acho que esta fé fez com que ela triunfasse dos tormentos da agonia e lhe valeu a misericórdia de um Juiz benévolo, ao lado do qual, ela é agora a minha intercessora, para que eu também alcance a meta!”³⁵³ Assim, Irmã Teresa Benedita da Cruz reconhece o valor da religião judaica. Todavia aderir ao cristianismo a fez acreditar que Deus, após chamar, educar e conduzir o povo de Israel, quis suscitar do seio desse povo o Cristo, para ampliar a Aliança. Dessa forma, quer formar uma grande família, reunindo todos os povos em torno de Cristo. O povo judeu tem, todavia, um papel específico de guardião da Torá. É o único povo estabelecido por Deus, fundado sobre a Aliança. Assim, ela escreve: “Deus deu a todo o povo a Lei, que deve indicar o caminho a cada indivíduo ao longo de sua vida, e Ele a deu a um único povo para que a guarde para todos os outros povos, para toda a humanidade, fazendo-a continuamente”³⁵⁴. A teóloga deixa claro que o judaísmo é uma realidade presente e contemporânea a todos os povos, pelo seu valor social, histórico e principalmente religioso.

A carmelita insiste em que Jesus esteve profundamente em comunhão com a fé judaica, sendo fiel à Aliança: “Ele subia a Jerusalém, a fim de participar das festas que se celebravam no Templo”. Ainda mais, enfatiza que o Cristo quis a permanência da liturgia de Israel, por isso, a liturgia da Igreja conserva as antigas orações de bênção recitadas para o pão e o vinho. Através desse ato litúrgico se evoca o cumprimento de uma das mais santas obrigações religiosas: a solene ceia da Páscoa, que comemorava a libertação da servidão do Egito. “Na Ceia se realiza o enxerto do sarmento no tronco, que torna possível a efusão do Espírito. As antigas orações de bênção se tornaram, na boca de Jesus, palavras criadoras de

³⁵² *Ibidem*, p. 172.

³⁵³ STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002, p. 1185.

³⁵⁴ RASTOUIN, Cécile. *La fidélité d'Edith Stein au peuple juif*. Sources Vives. p. 106-107.

vida. Os frutos da terra se tornaram sua carne e seu sangue, repletos de sua vida. A criação visível, na qual ele se inserira, por sua Encarnação, está agora a ele ligada de modo novo e misterioso³⁵⁵. Assim, em Edith se evidencia a fé na Aliança continuada e renovada por Jesus Cristo.

A postura da filósofa vem ao encontro das atuais reflexões, dentro do diálogo judaico-cristão, acerca da Aliança. Com o Concílio Vaticano II, a teologia católica fez uma revisão de seu relacionamento com as demais religiões³⁵⁶. Desde então, a Igreja Romana reconheceu a possibilidade de salvação para não-cristãos e sobre a existência de “elementos de verdade e graça” dentro das demais tradições religiosas. Para ilustrar, citando o Concílio de Florença, ocorrido entre 1438-1442, a concepção era de que a Nova Aliança havia suplantado a Antiga e aqueles que estivessem fora da Igreja Católica estariam condenado ao “fogo eterno”. Esse Concílio mencionava explicitamente os judeus, e afirmava que todos “podiam alcançar a salvação eterna”, desde que aderissem a Cristo³⁵⁷.

A mudança na teologia da Igreja Católica Apostólica Romana vem se evidenciando, por suas novas posturas em meio ao pluralismo religioso. Por exemplo, em relação as religiões não-cristãs, o Concílio Vaticano II reconheceu, no documento *Ad Gentes n. 33*, que os “elementos de verdade e graça” são a presença secreta de Deus nessas crenças. Em relação ao judaísmo, no documento conciliar *Nostrae Aetate n. 4*, a Igreja Romana declarou que Deus

³⁵⁵ STEIN, Edith. *A Oração da Igreja*. Rio de Janeiro: Agir, 1958. p. 23-25.

³⁵⁶ Uma das iniciativas, no âmbito do diálogo judaico-cristão, foi o estudo da Bíblia realizado por exegetas e teólogos cristãos junto com judeus e à luz da interpretação judaica. Isso porque o povo que, primeiro recebeu a revelação da Palavra de Deus, tinha longa experiência de perscrutá-la, experimentando o que ela pode significar em suas vidas. Assim, os cristãos estão apenas começando a compreender que a interpretação judaica também pode ser uma luz para eles. Carlos Mesters, doutor em teologia bíblica, numa entrevista a equipe de Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, enfatiza a importância de que no Sínodo sobre a Bíblia tenha havido a presença de um Rabino: “Quanto à presença do Rabino chefe de Haifa, Shear-Yashuv Cohen, ela é muito significativa e muito importante nos nossos dias. Ela nos ajuda a recuperar a memória. Não podemos esquecer nunca que Jesus era judeu, nasceu judeu, viveu como judeu e morreu como judeu. Todo o Novo Testamento é uma interpretação do Antigo Testamento à luz de Jesus. Temos muito a aprender uns dos outros. No passado, essa perda de memória a respeito da nossa origem nos levou a erros e crimes ao longo dos séculos. Recuperar a memória significa recuperar nossa identidade através do diálogo com nossos irmãos judeus. Em mim nasce o desejo de que, um dia, possa fazer o mesmo com nossos irmãos muçulmanos. Judeus, cristãos e muçulmanos, somos irmãos, filhos do mesmo pai Abraão”. O Sínodo da Bíblia ocorreu de 05 a 26 de outubro de 2008. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/noticia/noticia.asp>. Acessado em 19 de agosto de 2012.

³⁵⁷ DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola – São Paulo: Paulinas. 2007. p. 372. Concile de Florence (oecum. XVII), 26 février 1439 - août (?) 1445; sous Eugene IV; Bulle d'union des Coptes et des Ethiopiens, " Cantate Domino ", 4 février 1442 (1441 dans le style de Florence). N° 1351: *Firmiter credit, profitetur et praedicat, 'nullos extra catholicam Ecclesiam existentes (intra cath. E. non exs.), non solum paganos', sed nec Judaeos aut haereticos atque schismaticos, aeternae vitae fieri posse participes; sed in ignem aeternum ituros, 'qui paratus est diabolo et angelis eius' (Mt 25, 41), nisi ante finem vitae eidem fuerint aggregati: tantumque valere ecclesiastici corporis unitatem, ut solum in ea manentibus ad salutem ecclesiastica sacramenta proficiant, et ieiunia, eleemosynae ac cetera pietatis officia et exercitia militiae christianae praemia aeterna parturiant. "Neminemque, quantascumque eleemosynas fecerit, etsi pro Christi nomine sanguinem effuderit, posse salvari, nisi in catholicae Ecclesiae gremio et unitate permanserit"*.

estabeleceu uma Aliança com o Povo de Israel, e essa Aliança é irrevogável³⁵⁸. O cristianismo herdou a Revelação do Antigo Testamento e se alimenta da “raiz boa da oliveira, em que as nações foram enxertadas, como ramo adventício”. A reflexão ganha ainda mais consistência quando a Igreja reconhece que os primórdios de sua profissão de fé e de sua eleição já se encontram nos Patriarcas, em Moisés e nos Profetas. Já na *Constituição dogmática, sobre a Igreja no Mundo Moderno, Gaudium et Spes* n. 22, é dito explicitamente como a Teologia Romana concebe a salvação para os não-cristãos: “Com efeito, já que por todos morreu Cristo, (GS n. 32) e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só por Deus conhecido.”

Em consonância com o Concílio Vaticano II, em 1980, o Papa João Paulo II afirmou, num discurso na Alemanha, que a Antiga Aliança jamais foi revogada³⁵⁹. A declaração do sumo pontífice da Igreja Romana tinha a intenção de romper definitivamente, com a visão equivocada do caráter obsoleto dessa Primeira Aliança, após a instituição da Nova Aliança, por Jesus Cristo. Ele insistiu, ao longo de seu pontificado, que o povo judeu é o povo escolhido e amado por Deus, o povo da Aliança, com quem Deus na sua fidelidade nunca rompeu, e que é sempre válida. O teólogo e exegeta, Norbert Lohfink, em sua obra *L'alleanza mai revocata*, mostrou de forma exegética que, para Paulo, Israel continuava a ser o povo eleito.

Ao falar de “Antiga Aliança” na segunda carta aos Coríntios (2 Cor 3,14), não diz que a Aliança fora abolida, mas que fora “desvelada pela nova”. Como Edith Stein, Lohfink fala de uma única Aliança, mas acrescenta que essa tem um duplice caminho de salvação, ou seja,

³⁵⁸ TEIXEIRA, op. cit., p. 217. O teólogo Dupuis concebe que há “uma só Aliança e duas vias interconexas no interior de um único e orgânico desígnio de salvação”. Com Jesus Cristo esse único desígnio salvífico alcança sua realização escatológica. Mas este evento-Cristo “não existe sem Israel ou dele fazendo abstração”. Não é correto afirmar que um “novo” povo de Deus vem substituir um outro povo, a partir de então considerado “antigo”, mas o que ocorre é “uma expansão até os confins do mundo do único povo de Deus, cuja eleição de Israel e a Aliança com Moisés foram e permanecem ‘a raiz e a fonte, o fundamento e a promessa’”. As novas reflexões associadas ao diálogo entre cristãos e hebreus constituem, para Dupuis, “catalizadores para uma reorientação da relação entre o cristianismo e as outras religiões”. Assim, como se pode falar de uma Aliança “jamais revogada” com respeito à “Antiga Aliança” com Israel, é igualmente pertinente falar do “valor permanente da Aliança Cósmica”. Dessa forma, como o povo hebreu tem um lugar garantido na ordem da salvação, por ser portador de uma palavra profética, de forma análoga, as outras tradições religiosas, envolvidas no mistério de uma Aliança Cósmica (simbolizada na tradição cristã pela Aliança com Noé), conservam igualmente “um valor permanente”.

³⁵⁹ LECOMTE, Bernard. *João Paulo II*. Rio de Janeiro: Record. 2005. p. 563. Discurso ocorrido no dia 17 de novembro de 1980, em Mogúncia, na primeira viagem do Papa João Paulo II à Alemanha.

“uma única Aliança, já que não existe mais que um desígnio de Deus para a humanidade, e dois caminhos para judeus e cristãos.³⁶⁰”

O exegeta se alinha à corrente de estudiosos biblistas e teólogos, que reconheceram na vida de Jesus uma profunda ligação com a comunidade judaica de seu tempo. Desse reconhecimento surgiram duas abordagens acerca da Aliança, com o intuito de promover a compreensão e o aprimoramento do relacionamento entre cristãos e judeus³⁶¹. A abordagem chamada de teoria da “Aliança única” sustenta que judeus e cristãos pertencem à tradição de uma única Aliança, que começou no Sinai. Graças à propagação da mensagem de Cristo, os gentios puderam adentrar nessa Aliança, que já era vivida pelos judeus. Já a outra abordagem, conhecida por “Aliança dupla”, inicia-se no mesmo ponto da Aliança única, enfatizando o forte laço continuado entre cristãos e judeus. Entretanto, nessa abordagem há a distinção entre as duas tradições e comunidades, devido às experiências após a separação entre Igreja e Sinagoga. Os seguidores dessa perspectiva insistem numa visão renovada de Deus a partir dos ensinamentos de Jesus.

Existe, porém, outro grupo de estudiosos insatisfeitos com ambas as teorias. Eles alegam que o judaísmo do primeiro século vivenciou um momento muito conturbado, tendo grupos diversos no seio de Israel, fomentando visões que desafiavam o judaísmo tradicional. Por isso, a interpretação da Aliança única, enraizada numa contínua e linear compreensão do judaísmo, esbarra no problema histórico de saber: o cristianismo estaria vinculado a qual corrente judaica? Ainda uma outra abordagem de estudos aponta para a dificuldade em esclarecer quando e como se deu a separação da Igreja e da Sinagoga. Sabe-se que, formalmente, o Concílio de Jerusalém, descrito no livro do Atos dos Apóstolos e o Sínodo de Yabne, com a intenção de excluir os cristãos da comunidade judaica, resolveram a questão, demarcando o espaço de cada grupo religioso. Entretanto, os vínculos afetivos entre as duas comunidades não foram rompidos. “Estudiosos cristãos e judeus, como Robert Wilker, Wayne Meeks, Alan Segal e Anthony Saldarini descobriram laços ininterruptos entre judeus e comunidades cristãs no Ocidente³⁶². Existem evidências desses laços nos séculos II, III e mesmo no século IV em alguns lugares, não apenas no nível da auto-identidade religiosa, mas

³⁶⁰ TEIXEIRA, op. cit., p. 216. Disponível em <http://www.faje.edu.br/periodicos>. Acessado em 17 de setembro de 2010.

³⁶¹ BIZON, J. (Org.). *Diálogo católico-judaico no Brasil*: Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico. São Paulo: Loyola, 2005, p. 88. Rosemary Radford Ruether e Paul Knitter argumentam, defendendo a existência de Alianças múltiplas.

³⁶² *Ibidem*, 90-91. Cf. Wayne A. MEERS, Robert Wilken, *Jews and Christians in Antioch in the First Four Centuries*, Missoula, MT, Scholars Press. 1978; Robert WILKEN, *John Chrysostom and the Rhetoric and Reality in the 4^o Century*; Berkeley, University of California Press. 1983; Anthony J. SALDARINI, *Jews and Christians in the First Two Centuries: the New Testament*, The Chicago Theological Seminary Register 74:1. 1986.

também da prática popular”. Essa descoberta traz à luz a informação de que os cristãos acreditavam que, sua aceitação de Jesus, não diminuía a importância na participação da celebração do *Shabbat*. Por parte dos judeus havia o reconhecimento de que os seguidores de Jesus pertenciam à comunidade judaica.

Segundo John Pawlikowski³⁶³ os esforços, para descrever o relacionamento entre judaísmo e cristianismo numa linguagem “mãe/filha” ou “irmão mais velho/irmão mais novo”, ou mesmo em termos de Aliança “única/dupla”, parecem inadequados diante dos novos modelos que surgem para uma melhor compreensão desse complexo relacionamento. Os estudiosos judeus Alan Segal e Hayum Perelmuter propõe a noção de “irmãos”, em que as duas novas comunidades – judaísmo rabínico e Igreja cristã – resultam da revolução que aconteceu no judaísmo do Segundo Templo³⁶⁴. Esse modelo tem o mérito de acentuar os laços contínuos entre os “irmãos”, que permanecem sempre ligados, não importando o quão diferentes possam se tornar. O papa Bento XVI, que em seu pontificado vem dando continuidade ao fortalecimento do diálogo Inter-religioso, aparenta compartilhar do modelo de “irmãos” no relacionamento com o judaísmo. Na missa de inauguração do seu pontificado saudou os judeus: “Vós, meus irmãos e irmãs do povo judaico, com quem somos unidos por uma grande herança espiritual compartilhada, enraizada nas promessas irrevogáveis de Deus”. Em seguida acrescentou: “Saber o que Deus quer, saber onde está o caminho da vida, essa foi a alegria de Israel, esse foi o seu grande privilégio”³⁶⁵. Num telegrama datado de 29 de setembro de 2011, o Papa Bento XVI fez a seguinte saudação ao Rabino-chefe de Roma, Dr. Riccardo Di Segni:

Pela ocasião do Rosh Ha-Shanah, do Yom Kippur e do Sukkot, eu desejo estender minhas mais cordiais saudações e sinceros votos a você, estimado Dr. Riccardo Di Segni, e à comunidade judaica inteira de Roma, de forma que esses importantes feriados possam ser uma oportunidade para muitas bênçãos do Eterno e fonte de infinitas graças. Possa a disposição crescer dentro de nós para promover a paz e a justiça no mundo, a qual tem grande necessidade de testemunhas autênticas para a verdade. Possa Deus, em sua bondade, proteger a comunidade judaica e possa ele conceder profunda amizade entre nós nessa cidade de Roma e por todo o mundo³⁶⁶.

O caminho percorrido por judeus e cristãos pós Concílio Vaticano II vem promovendo a conquista da fraternidade dialogal. Constata-se o respeito das duas tradições religiosas por aquilo que é sagrado em cada uma. Retomando a passagem histórica e metafórica do diálogo

³⁶³ John Pawlikowski é padre, professor de Ética Social, e, também, Presidente do Conselho Internacional de Cristãos e Judeus. Cf. John PAWLIKOWSKI, *Jesus and the Theology of Israel*. Zacchaeus Studies. 1989.

³⁶⁴ BIZON, J. (Org.). *Diálogo católico-judaico no Brasil*: Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico. São Paulo: Loyola, 2005, p. 91-92.

³⁶⁵ *Ibidem*, p. 99.

³⁶⁶ *L' Osservatore Romano*, Cidade do Vaticano, 05 de Outubro de 2011, Diretor Responsável: Giovanni Maria Vian, p. 3.

entre a cristã Edith Stein e sua mãe judia, quando retornavam da sinagoga, percebe-se que as duas têm na sinagoga o referencial básico da lei: a Aliança. Esse fato remete a vivência narrada nos Atos dos Apóstolos, acerca da presença dos discípulos de Jesus na sinagoga, que seguindo o exemplo do Mestre continuaram a frequentar esse espaço, conforme narram os evangelistas. Ao ser questionada pela senhora Augusta sobre a possibilidade de ter sido piedosa na religião judaica, a filha responde que sim e acrescenta: “a não ser que se tenha conhecimento de outra coisa”. A significação do verbo conhecer possibilita adentrar no mistério da experiência e adesão. Foi isso que ocorreu com a filósofa. Em sua busca constante de saber, experienciou o mistério do amor de Cristo e a ele aderiu³⁶⁷. Isso, porém, não implicava rompimento com a tradição judaica. Compreendia que devia viver junto à sua mãe e participar da realidade de sua grande família, pois “sua mãe significava para ela o centro de gravidade de sua vida; viver para ela sempre ocupava o primeiro lugar”. A senhora Stein simbolizava a vinculação de Edith com o povo eleito. Entretanto, esta só compreendeu isso no ato de sua conversão, quando intensificou ainda mais o seu comprometimento à sua mãe e a seu povo. Para o judeu, tomar disto consciência, não deveria ser algo estranho, pois as Sagradas Escrituras e a história do povo narram a diversidade de culturas com as quais essa gente teve de lidar. Contudo, o centro da religião judaica foi sempre o mesmo: “O Eterno é o Deus de Israel, e Israel é seu povo” (Dt 6,4ss). No meio secularizado onde viveu a filósofa, ela teve contato com muitas teorias e crenças; mas a força da empatia com sua mãe e, através dela, com Israel, a fez conhecer e apreender de forma empática o judeu Jesus de Nazaré. Conhecer Jesus a fez tomar contato com o mandamento novo, que é uma magnífica síntese das leis judaicas: “Eis que eu vou dou um novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei,” (Jo,13,34).

Edith, profundamente motivada pelo grande amor ao próximo, pela experiência da força divina que emana da cruz e pelo exemplo de Santa Teresa de Ávila, abandonou a brilhante carreira acadêmica para ocultar-se no silêncio de um claustro³⁶⁸. Com a conversão, a cristã tinha por missão partir para o anúncio explícito da Boa Nova, mas curiosamente, a espiritualidade judaica do recolhimento a impulsiona a uma vida contemplativa. A escolha do Carmelo evoca o profeta Elias que, no Monte Carmelo, fez uma experiência profunda de Deus. Ele era reconhecido como guardião da Aliança de Israel e no Monte Carmelo enfrentou os profetas de Baal, comprovando diante do povo a quem realmente o povo devia se voltar de

³⁶⁷ HERBSTTRITH, Waltraud (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) Espanã: Verbo Divino, 1969, p. 61-62.73

³⁶⁸ *Ibidem*, p. 206-207.

todo o coração. Ali, ele preparou sobre o altar a sua oferta de sacrifício em honra ao Deus que não falha e que não deixa a palavra do profeta cair por terra, conforme 1 Reis 18,33. É nessa perspectiva que a monja carmelita escreve para a Irmã Adelgundes: “Os serviços de caridade fraterna, eu vo-los prestarei agora de uma maneira diferente e toda silenciosa, porém, penso que vos ajudarei mais do que por palavras”.³⁶⁹

A noviça se insere no ideal primitivo do Carmelo, onde o carmelita é o sucessor dos profetas como testemunha da vocação de Israel ao deserto, para o encontro com Deus e, posteriormente, para testemunhá-lo diante dos homens. O apostolado carmelita, inicialmente, tinha por objetivo ser uma “escola de profetas”, calcada na contemplação. As gerações posteriores se depararam com a falta de clareza acerca do apostolado, a ponto de Santo Tomás de Aquino, no século XIII, afirmar que um apostolado de pregação da doutrina do Evangelho se tornava a consequência normal da perfeita contemplação. Entretanto, a divergência continuou com uma ala de carmelitas querendo retornar a vida eremítica e outra desejosa de continuar o apostolado nas cidades, trabalhando ativamente no meio do povo. Nesse contexto, desponta São João da Cruz que adota uma posição equilibrada, favorável à combinação da solidão e da contemplação com a pregação e a direção das almas. Santa Teresa assume a mesma postura, afirmando que aquelas que são chamadas ao Carmelo devem viver mergulhadas na oração e na contemplação. Ao mesmo tempo, ela entende que as orações das monjas descalças tinham finalidade apostólica. Edith Stein vive em radicalidade a proposta dos reformadores do Carmelo. Abraça a comunidade religiosa, vivendo em soledade, oração, trabalho manual e, quando as suas superiores lhe solicitaram, iniciou um diálogo espiritual com pessoas do mundo, através de suas correspondências e obras. Na monja de Breslau se percebe o ideal primitivo aplicado aos tempos atuais, pois viveu como profeta e mártir; pela mística contemplou a vontade de Deus e por seu testemunho na vida religiosa, no mundo universitário e na sociedade, se confirma um apostolado que conduz à caridade³⁷⁰.

Desde sua conversão, o centro da vida de Edith se deslocou para a Eucaristia, memorial da paixão e morte de Jesus pela redenção da humanidade, conforme narração de Mateus 26, 26-28: “Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo.» Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos

³⁶⁹ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Editions du Signe, 1998, p. 29. Irmã Adelgundis Jaegerschmid foi amiga e discípula de Edimund Husserl e de Edith Stein.

³⁷⁰ MERTON, Thomas. *Questões Abertas*. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1963, p. 240-285.

pecados³⁷¹”. Paulo, em 1 Cor 11, 25, fala de uma “Nova Aliança”, fundada na morte e ressurreição de Jesus Cristo. A expressão Nova Aliança não é uma invenção cristã, ela pertence à tradição da bíblia hebraica. O profeta Jeremias pôe na boca de Deus estas palavras: “Eu farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma Nova Aliança; não como a Aliança que pactuei com os seus pais, quando os libertei do Egito”. A Expressão “Nova Aliança” feita realidade em Cristo, deve ser tomada em toda sua seriedade, mas ela não supõe, para Paulo, que tenha que dar por suprimida a Antiga Aliança, como se interpretou posteriormente a fatal teoria cristã da substituição³⁷².

Paulo tem sido muitas vezes retratado como defensor de uma visão em que o cristianismo tem posição de superioridade teológica sobre o judaísmo. Grande parte dessa perspectiva antijudaica de Paulo se deu devido à dominância da narrativa sobre a ruptura decisiva dos cristãos judeus com o judaísmo no capítulo sete de Atos. A partir do capítulo doze, Lucas narra a missão de Paulo junto às nações, como o novo povo de Deus e move o centro geográfico do cristianismo: Roma em lugar de Jerusalém. Paulo se considera um judeu em Cristo, mas não afirma ser cristão, pois na verdade não conheceu esse adjetivo. Em várias passagens de suas cartas fala de sua adesão ao grupo dos que seguiam o Caminho. Em virtude de se tornar discípulo de Jesus vai dizer em *Filipenses 3, 7*: “as coisas que eram vantagens para mim, considere-as como perda, por causa de Cristo”. As vantagens consistiam na adesão total, completa, à Lei, a ponto de considerá-la condição do próprio fato de ser justo diante de Deus. Paulo superou isso, mas Israel continua a ser sempre seu ponto de referência. Prova disso é que diz nos capítulos 9-11 da Carta aos Romanos: “os gentios são enxertados em Israel; a planta é santa se a raiz é santa” (cf. *Rm 11, 16ss*). Já em *Gálatas 2*, em que se recorda o chamado Concílio de Jerusalém, Paulo informa que fora enviado a missionar junto aos gentios. Por essa sua abertura, foi hostilizado – nessa mesma carta, fala de adversários –, não tanto pelos judeus, mas pelos judeu-cristãos. O privilégio de Paulo foi não desvincular o evangelho de Israel, mas abrir, a todos os homens fora de Israel, as características que são próprias de Israel, ou seja, o fato de ser o povo de Deus, o povo da Aliança³⁷³.

Paulo mantém a convicção de que as antigas “prescrições da Aliança” seguem vigentes. Assim, existe um único Deus e também um único plano salvífico³⁷⁴, do qual a monja

³⁷¹ Esse texto encontra similaridade em Mc 14, 22-25; Lc 22,14-20; Jo 6,51-59; 1 Cor 11,23-27.

³⁷² BIZON, op cit., p. 182-183.

³⁷³ Esta é uma reflexão baseada nos textos do Padre Romano Penna, estudioso do Novo Testamento, particularmente do *Corpus paulinum* e das origens cristãs. Lecionou por vinte e cinco anos na Pontifícia Universidade Lateranense. Seu mais recente trabalho é um novo comentário à Carta aos Romanos, do qual foram publicados os dois primeiros volumes (que já tiveram uma primeira reimpressão), estando para sair o terceiro.

³⁷⁴ KÜNG, Hans. *El Judaísmo: pasado, presente y futuro*. 6ª ed., Madrid: Editorial Trotta, 2007, p. 477-480.

carmelita comunga através de sua adesão a Jesus que, para ela, conduz as pessoas a viverem plenamente a lei mosaica, com o mandamento do amor, cumprindo de forma impar, as profecias.

O filme *A Sétima Morada* de Marta Meszaros, seguindo a metáfora da Senhora Augusta Stein, como representante da Primeira Aliança, e de Edith, representando o povo da Nova Aliança, retrata a singularidade do amor e da união entre as duas Alianças. Mesmo distantes pelo espaço e pelo tempo a empatia entre as duas não se rompeu. A produção de Meszaros pode ser considerada uma leitura hermenêutica, a partir da cultura e espiritualidade judaica, da obra de Teresa de Ávila: *Moradas ou Castelo Interior*³⁷⁵. No filme o judaísmo se

³⁷⁵ SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas: moradas ou castelo interior*. Porto: Carmelo do Coração Imaculado de Maria. 1970, p. 1405. Segue agora uma síntese do Castelo Interior, a partir de *Sergio Carlos Covello: Um passeio pelas Moradas de Teresa de Ávila*. Em sua obra, *Castelo Interior*, Teresa relata sua experiência iluminativa alcançada depois de rigorosa disciplina espiritual que a fez viajar por seu mundo interior até os mais profundos estados de consciência. Ela parte da idéia de que a felicidade está dentro de cada ser humano e não pode ser encontrada em nenhum outro lugar, visto ser um estado de consciência, cujo aflorar demanda o autoconhecimento. A entrada nessa esfera de consciência, no entanto, não depende de conhecimento intelectual e sim de experiência direta que caracteriza o saber místico, a verdadeira sabedoria. Para explicar essa experiência transformadora, Teresa vale-se da linguagem metafórica, que é a forma natural de expressão mística. Duas são as principais imagens adotadas pela autora: o castelo e o casamento que são símbolos relacionados tradicionalmente com a necessidade que tem o homem em seu crescimento pessoal de se libertar da imaturidade psíquica e das formas limitadas de vida. O castelo representa a alma humana, porque os castelos são construções sólidas, de difícil acesso, erigidas geralmente em lugares altos e isolados. Têm geralmente torres elevadas que representam o elo entre a terra e o céu. Os castelos expressam, assim como os templos, o desejo de aproximação com Deus e de canalização do poder divino para a terra. No que tange ao casamento, o simbolismo é bastante claro. Já no Cântico dos Cânticos, ele traduz a experiência mais secreta da alma - uma relação pessoal e intensa determinada pela necessidade vital de alteridade. Teresa concebe a alma humana como um castelo de sete pavimentos ou andares que são os vários graus de consciência pelos quais a pessoa tem de passar até chegar ao topo e ao centro, onde se dá a plenitude iluminativa. Mas, para desfrutar desse paraíso, faz-se necessária a introspecção. É preciso, em primeiro lugar, entrar no castelo (voltar-se para o íntimo) e percorrer seus aposentos, num movimento ascensional, até descobrir a própria identidade iluminada. Não basta, portanto, ter a noção de "possuir uma alma". É imperioso aprofundar-se em si mesmo para chegar aos patamares mais altos da consciência e viver como um ser superior, ou divino. Enquanto a alma não necessita de esforço para viver seu aspecto terreno, necessita de muito esforço para viver superiormente, visto que é estreito o caminho que conduz para cima. Assim, o centro da alma - que Teresa diz ser o espírito - não é reconhecido facilmente pelo homem (diga-se, pela própria alma), porque as ilusões turbam o entendimento. E é inútil o homem saber que é uma alma, se não experimenta todos os aspectos dessa alma. Essa expansão da consciência cura as inquietações da alma, operando a aliança do homem exterior com o homem interior, de modo que o primeiro passe a ser comandado pelo segundo. À melhor parte da alma, só se adentra com muito trabalho e esforço justificados pela necessidade de superar a ignorância. Nas três primeiras moradas, há muita impureza, porque, estando mais próximas do solo, são mais vulneráveis às paixões, ao orgulho pessoal, ao amor narcísico, à avidez e às vaidades. Ao tomar ciência dessa poluição, quem entra nessas moradas, deve em primeiro lugar proceder à faxina, penitenciando-se de suas falhas. Cuida-se de extirpar o apego ao mundo, combater os maus pensamentos e sentimentos e de mudar o modo de falar e de vestir. As quartas moradas oferecem um colírio para os olhos da alma. Por estarem mais próximas da câmara real a alma está purificada e fortalecida - já não tem apegos e sente prazer no recolhimento interior - deixa de pensar e passa a amar. Nas quintas moradas, a oração começa a produzir o fruto da união. A alma torna-se compassiva, recebendo a marca do amor incondicional, que é a característica divina do homem. As sextas moradas são frequentadas pelo senhor do castelo. Nelas a alma realiza os esponsais com a divindade. As tribulações, todavia, continuam, porque as outras pessoas com quem necessariamente ela convive não a entendem e desprezam. É a noite escura da alma que precede a plena e definitiva transformação. Por fim, nas sétimas moradas, a alma une-se, em casamento, com a divindade. Neste estágio, a pessoa percebe a sutil divisão entre alma e espírito, "o centrum securitatis". O matrimônio espiritual nada mais é do que a divinização da alma que, purificada, fortalecida e iluminada, passa a desfrutar da paz que excede todo o entendimento. Neste mais

faz presente de diversas formas, mas acima de tudo na figura materna, justamente pelo fato de que na tradição judaica, um judeu autêntico é uma pessoa nascida de mãe judia. Isso está muito evidente na forte relação entre mãe e filha. A presença da Sra. Augusta perfaz a trajetória do filme, acompanhando Edith de Breslau até sua subida ao calvário de Auschwitz. As cenas se entrelaçam focalizando as moradas de Stein, nas quais há um paralelo da mentalidade judaica no mundo católico. Inicialmente, insinua-se o seu batismo, mas sem os ritos deste sacramento; no cemitério reza como judia e deposita, conforme costume judaico, a pedra sobre o túmulo de seu pai; nisso sua mãe aparece e a cristã lhe explica que se converteu por amor a Jesus que é judeu. Em seguida, seguem para um local com uma parede, semelhante ao Muro das Lamentações, onde mãe e filha rezam juntas. No Carmelo, junto com sua irmã, Rosa, também fará suas orações à maneira judaica. Ainda em Breslau, Edith, maternalmente, ensina a sobrinha o que é fenomenologia e na despedida desta, que segue com seus pais para à América, a tia toma a menina no colo, acalentando-a.

Meszaros destaca que sua protagonista tinha namorado e pretendia se casar, porém abriu mão do que é próprio de uma judia, casar e ter filhos, por se sentir impelida a morar com as carmelitas. A ideia de que ela precisa ser mãe se perfaz no Carmelo, acolhendo maternalmente e orientando a noviça que, às vésperas de professar os Votos Religiosos, se encontra duvidosa acerca do seu futuro. Depois de muita reflexão, Stein lhe diz que deve buscar a felicidade se casando e se realizando como mãe. A jovem segue o seu caminho e, passado algum tempo, retorna ao Carmelo, para visitar Edith. Conta com satisfação acerca de seu casamento e lhe apresenta o filho, nesse momento a monja manifesta o desejo de segurar a criança em seu colo e a jovem mãe lhe concede. O filme destaca o quanto a filósofa almejava receber uma correspondência de sua mãe. Chegou, porém, somente a notícia da doença e morte da Sra. Augusta, que a fez se resignar por não poder ampará-la. No Carmelo, por sua vez, ela acompanhou uma religiosa idosa que veio a falecer em seus braços.

Por fim, no trem a caminho do campo de concentração, explicitamente Irmã Benedita da Cruz assume as crianças judias e lhes diz: “Eu serei a mãe de vocês”. Uma menina responde que ela era freira e não poderia ter filhos. Edith afirma: “Mas eu também tive uma mãe.” Na viagem, Edith e Rosa alimentam as crianças e as amparam. Em Breslau, Rosa, também, expressa a sua afeição por sua genitora exclamando: “se pudéssemos descer e voltar para mamãe.” Em Auschwitz, a carmelita novamente segura a menina no colo. Essa perde a

alto patamar, a vontade de servir ao próximo toma vulto, porque a alma se reconhece como instrumento cósmico para servir às criaturas. Então, quem se havia afastado do mundo para melhor compreender sua real identidade, estando já definitivamente livre dos apegos e das ilusões, volta ao convívio social para trabalhar com redobrado vigor em prol de todos os seres. A experiência mística só se completa e se confirma pelo serviço desinteressado.

boneca e a Monja se arrasta pelo chão para encontrá-la e raciocina sobre a divisão de quem os nazistas estavam colocando para a morte e quem deveria viver. A personagem principal exclama: “a menina deve viver” e se sacrifica “por sua filha”, lançando-a no caminho da vida e tomando a filha para a morte. A cena final descortina o reencontro de mãe e filha, numa acolhida graciosa, onde a cristã é abraçada e encontra repouso no seio da amada mãe Judia³⁷⁶. A cena lembra a imagem da Pietá: Nossa Senhora segurando Jesus, depois que ele é retirado da cruz sem vida. Dessa forma, segundo Meszaros, o Castelo Interior e a Tradição Judaica caminham juntos, não havendo incompatibilidade entre eles. Quanto mais Stein aprofundou no conhecimento de Deus, através das Moradas, mais judia se tornou em virtude de sua empatia com o profeta Elias, escolhido simbolicamente como fundador dos carmelitas. A sétima Morada é o encontro definitivo com Deus, mas como judia e como carmelita, Edith vislumbra a mãe, que numa leitura cristã é a Bem-aventurada Virgem do Monte Carmelo que, mais do que Elias, encarna a perfeição do ideal carmelitano³⁷⁷.

O desejo de viver a fidelidade à Aliança está no coração do Povo de Israel e, também, no coração dos Cristãos. O modelo de vivência, entre essas duas tradições religiosas, deve ser de uma Aliança de “irmãos”. Paulo, assim como os rabinos, está convencido de que “os caminhos de Deus são inescrutáveis!” Em Rm 11, 35 declara: “Porque tudo vem de Deus, por meio dele e para ele são todas as coisas. A Ele pertence a glória, para sempre. Amém.”

3.2.2. “SEDE SANTOS, PORQUE EU SOU SANTO, EU O ETERNO VOSSO DEUS” (LV 19,2)

Edith Stein, em sua autobiografia, informa que em sua infância vivenciou a religião judaica profundamente. A família, como já se sabe, vem de uma tradição judaica bastante piedosa, por isso as festas religiosas eram celebradas segundo os preceitos da Torá³⁷⁸. É nesse contexto que os fiéis eram convidados a renovar a fidelidade à Aliança, o que implicava o comprometimento a viver com dignidade a eleição divina, para que cada membro do povo contribuísse na edificação de uma nação santa, conforme Êxodo 24, 7: *Moisés tomou o livro da Aliança e o leu ao povo, que respondeu: “Faremos tudo o que o Senhor disse, e seremos obedientes”*. Na personalidade de Stein se percebe que ela assimilou e viveu profundamente a

³⁷⁶ *A Sétima Morada* (título original: Siódmy pokói) Direção: Marta Meszaros. Intérpretes: Maia Morgenstern no papel de Edith e Adriana Asti no papel de Auguste Stein. Produção: Morgan Film, co-produção de Itália, França, Polônia e Hungria, 1995. 1 DVD.

³⁷⁷ MERTON, op. cit., p. 248.

³⁷⁸ STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002, p. 200-203.

eleição, como membro do povo de Israel, e se tornou digna da veneração dos católicos, graças às suas virtudes e ao testemunho que deixou para a sociedade.

Os teólogos da espiritualidade e mesmo alguns outros são do parecer que Deus, em sua profunda bondade, quer que o ser humano em sua liberdade faça uma opção por Ele³⁷⁹. Através dessa escolha do homem, Deus quer realizar o seu plano de amor, que é conquistar toda a humanidade, para isso ele conta com a colaboração dos homens. Jesus, nos evangelhos, vai dizer que não chama os seus discípulos de servos, mas de amigos. Paulo, em suas cartas, explicita que não há escravidão e nem obrigação em servir a Deus, mas gratuidade. Assim, tanto na Escritura Hebraica, quanto na Cristã há um espaço total de liberdade para que o ser humano faça a sua adesão ao mistério amoroso de Deus e contribua para a edificação de seu Reino. Em Gênesis narra-se o desejo de Deus em estabelecer uma Aliança com a humanidade, mas as primeiras experiências são frustradas, conforme os episódios de Gn 3, Adão e Eva, Gn 6,7, o Dilúvio e Gn 11, 1-9, a Torre de Babel. Apesar dessas experiências, ainda que não tenham sido positivas, Deus insiste em contar com a ajuda do homem e confia a realização de seu projeto a um povo, escolhido especialmente para ser “luz para as nações”. A missão de Israel consiste num conjunto de deveres e responsabilidades e não se trata de um privilégio. Devido à carga de responsabilidade que a Aliança acarreta, muitos israelitas falharam em seu compromisso; outros se deixaram levar pela mentalidade de que a pertença ao povo eleito fosse a garantia da salvação, logo entendiam a eleição como vantagem e se achavam dispensados de viver a radicalidade da lei. Entretanto, a educação que Edith recebera de sua mãe a inseria na perspectiva do cumprimento da Aliança. Daí a retidão ética na vida da filósofa, mesmo no período em que ficou indiferente à religião.

Regina Azria, em seu livro, *O Judaísmo* informa que a promessa feita por Deus aos hebreus de ser “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6) origina-se de uma condição: “Se sois dóceis à minha voz, se guardais minha Aliança, sereis meu tesouro entre todos os povos” (Ex 19,5). Em seguida, esclarece que “a santidade, isto é, a consagração de Israel, não é acessível senão pelo respeito à ética e pela observância das prescrições particulares.” Azria continua o seu comentário dizendo que, segundo a tradição judaica, a Torá (lei escrita) foi entregue a Moisés, juntamente com o seu comentário (lei oral). Os seiscentos e treze mandamentos, transmitidos oralmente por Deus a Moisés, constituem os termos da Aliança. Esses têm por finalidade fazer com que os israelitas ascendam à santidade. A partir da ordem precisa e formal de Levíticos 19, 2: “Sede santos, porque eu sou santo, eu o Eterno

³⁷⁹ Na teologia há várias correntes de pensamento. Dentre elas há um grupo notável de teólogos que afirmam que não só a fé, mas também o amor faz parte da estrutura da teologia.

Vosso Deus” a santidade se tornou o ideal ao qual o hebreu e posteriormente o judeu almejam. Para se atingir a santidade é necessário cumprir a Lei e observar os mandamentos, pois eles auxiliam o homem a dominar seus instintos, a controlar seus sentidos, a separar-se da natureza. O caminho da santidade tem dois princípios que orientam aquele que o busca: o princípio da justiça, originário do direito, e da misericórdia, originário da caridade³⁸⁰.

Na vida de Edith Stein se encontra a docilidade de uma mulher, que com sua empatia, soube conviver e se relacionar com pessoas distintas de várias nações e em meio a esses espaços e a essas gentes demonstrou um profundo zelo pela preservação e promoção da dignidade humana. Em Edith se contempla uma busca incessante pelo cumprimento do princípio da justiça e da misericórdia, conforme se pode observar em suas obras e nas biografias de sua pessoa. Como judia ela aspirou à santidade e a buscou intelectualmente; em outras palavras, buscou a verdade através do caminho acadêmico. Não foram dois caminhos, mas um único caminho que culminou na comunhão com o mistério divino e na caridade para com o ser humano. Os princípios éticos recebidos na infância motivaram Stein a ser uma pessoa engajada na promoção da vida, na preservação da dignidade humana e na presença fraterna junto aos necessitados. Exemplo de engajamento pela promoção da vida pode ser encontrado quando ela faz as suas conferências pela Europa, suscitando no coração de seus ouvintes os direitos e deveres de todos, por um mundo melhor e pela igualdade valorativa entre homens e mulheres. Exemplo de engajamento pela preservação da vida foi o seu papel na Primeira Guerra Mundial, quando trabalhou como enfermeira pela Cruz Vermelha num hospital de doenças contagiosas em Mährisch-Weisskirchen. Por fim, a sua presença junto aos fragilizados pode ser exemplificada pelo período em que ficou com sua amiga, Ana Reinach, logo após a morte de seu marido na Guerra. Nessa ocasião a atea não sabia como confortaria a sua amiga, que perdera tão precocemente o marido. Entretanto, a Sra. Reinach dotada de uma espiritualidade muito forte estava consolada e firme diante de tanta dor. Percebê-la, assim, fez com que Edith entendesse como o ser humano pode se unir a Deus de diversas maneiras e uma delas é através da Paixão de Cristo. Esses exemplos encaminham a reflexão para a santidade no domínio cristão, pois foi nessa visita que a filósofa narra ter tido o primeiro contato com a cruz de Cristo:

Este foi meu primeiro encontro com a cruz, com esta força divina que ela confere aos que a levam. Pela primeira vez a Igreja, nascida da Paixão de Cristo e vitoriosa da morte, apareceu-me visivelmente. Naquele momento, minha incredulidade

³⁸⁰ AZRIA, Régine. *O Judaísmo*. Bauru: Edusc, 2000. p. 23-37.

cedeu... enquanto que a luz de Cristo se levantava em meu coração. A luz de Cristo percebida no mistério da cruz³⁸¹.

A configuração a Cristo, ensina a doutrina da Igreja Católica Romana, é o caminho da santidade. Jesus, como bom judeu, priorizou em sua vida sempre fazer a vontade divina. Os seus discípulos o seguem com determinação no decorrer da História; cada um dentro de seu universo cultural é chamado a dar testemunho da verdade evangélica até com sua própria vida.

No Concílio Vaticano II a reflexão teológica da santidade é atualizada com o documento *Lumen Gentium*. Esse passa a conferir um novo sentido à noção de santidade, mais próxima do sentido original das Escrituras: “Todos os fiéis cristãos são, pois, convidados e obrigados a procurar a santidade e a perfeição do próprio estado” (LG 41). Essas palavras do documento conciliar mostram que a santidade não é, como se pensava antes, um caminho para poucos “eleitos” de Deus, privilegiados; mas um caminho para “todos” os cristãos. Esse chamado é uma “vocação universal”. Todos os batizados, portanto, sem exceção, são chamados à santidade. “Eles são justificados no Senhor Jesus, porquanto pelo batismo da fé se tornaram verdadeiramente filhos de Deus e participantes da natureza divina e, portanto, realmente santos” (LG 40). Dessa forma, a santidade cristã tem como principais características humanizar e cristificar quem a busca. O autêntico discípulo de Cristo é profundamente humano, aberto, solidário e amoroso com o próximo. Edith Stein, apesar de ter vivido antes do Concílio Vaticano II, dá um autêntico testemunho de santidade. Antes e depois de sua conversão foi propagadora do humanismo. O seu labor esteve a serviço do Reino de Deus numa realidade bastante cruenta. A santidade de Edith humaniza e propõe uma relação empática entre as pessoas, com o intuito de se promover a fraternidade universal. Stein esteve imersa na realidade social e quando se retira para o Carmelo, não sai do mundo – mas, ao contrário – vive um sacrifício expiatório pela redenção do mundo, através de sua intimidade com o mistério de Deus. Por fim, da mesma forma que Cristo, ela também é presa e assassinada.

No decorrer da história da Igreja Romana criou-se a tradição de venerar aquelas pessoas mais próximas de Cristo e lhes dar o título de santo. Destacam-se primeiramente Maria, sua mãe, os seus discípulos e discípulas. Toda essa geração é de judeus pertencentes ao primeiro século da era comum. A partir do segundo século o costume continuou; recebia o título de santo as pessoas virtuosas e os mártires. Na Idade Média houve algumas distorções

³⁸¹ MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2ª ed., Aparecida: Santuário, 2001, p. 60.

da noção de santidade, que foram corrigidas no Concílio Vaticano II. Em 1983, o Papa João Paulo II, através da *Constituição Divinus Perfectionis Magister*, estabeleceu as normas para a instrução das causas de canonização e para o trabalho da Congregação para as Causas dos Santos. A Constituição afirma: "*A Sé Apostólica, (...) propõe homens e mulheres que sobressaem pelo fulgor da caridade e de outras virtudes evangélicas para que sejam venerados e invocados, declarando-os Santos e Santas em ato solene de canonização, depois de ter realizado as oportunas investigações*³⁸²".

As investigações partem da razão pela qual uma comunidade venera e solicita à Igreja, que determinada pessoa seja honrada com o título de santa. O procedimento oficial é que a autoridade hierárquica investigue a vida e as virtudes do candidato ao título de santo. Faz-se necessário estudar as ocasiões do mártirio e a fama de santidade. O processo termina com a avaliação dos milagres atribuídos e, se considerar necessário, a antiguidade do culto da pessoa cuja canonização é solicitada.

No início do processo a pessoa investigada recebe o tratamento de "Servo de Deus" e um postulador da Igreja Romana recolhe informações pormenorizadas sobre a sua vida. As obras que tenham sido publicadas sobre o candidato devem ser examinados por teólogos censores, nada havendo neles contra a fé e aos bons costumes, passa-se ao exame dos escritos inéditos e de todos os documentos que de alguma forma se refiram à causa. Se ainda assim o bispo considerar que se pode ir em frente, providenciará o interrogatório das testemunhas apresentadas pelo postulador e de outras que achar necessário. Concomitantemente há o exame das virtudes que o Servo de Deus praticou, o estudo do martírio, caso esse tenha ocorrido e o exame dos milagres a ele atribuídos. Encerrada essa etapa, toda a documentação é enviada para a Congregação da Causa dos Santos, que é composta de peritos em história, teologia e um conselho de médicos. Após o reconhecimento da práticas das virtudes em grau heroico o Servo de Deus é declarado "Venerável". Se forem apresentados milagres, eles serão avaliados por peritos em medicina, independente de professarem uma religião, e submetidos a um Congresso especial de teólogos e, por fim, à Congregação dos cardeais e bispos. O milagre deve ser uma cura inexplicável à luz da ciência e da medicina. Comprovado o milagre o parecer final é comunicado ao Papa, a quem compete o direito de decretar o culto público e eclesiástico aos Servos de Deus; com um milagre o Venerável é beatificado. Caso seja

³⁸² IOANNES PAULI PP. Const. Apost. *Divinus Perfectionis Magister*: sobre a nova legislação relativa às causas dos Santos, 25 de janeiro de 1983.

atribuída ao beato mais um milagre a Igreja o canonizará, declarando aquela pessoa como Santa e digna de ser levada aos altares e receber a mesma veneração em todo o mundo³⁸³.

A Pessoa de Edith Stein foi submetida a todo esse processo narrado acima. Pela insistência da Ordem dos Carmelitas Descalços, em 1962, foi aberto o processo de beatificação em Colônia, na Alemanha. Em agosto de 1972, foi encerrado o processo diocesano e enviado os documentos a Roma. No início dos anos 80, durante um encontro do Capítulo Geral dos Carmelitas Descalços com o Papa João Paulo II, os religiosos apresentaram um pedido, em nome de todas as províncias da Ordem no mundo, solicitando a aceleração do processo de beatificação. O Sumo Pontífice sorriu e disse: “o problema é que ela escreveu muito”. Esse comentário fazia referência à extensa obra da monja Teresa Benedita da Cruz, que devia ser revisada exaustivamente pela Congregação para a Causa dos Santos. Entre os seus escritos está a forma como a filósofa concebe a santidade:

A santidade é uma configuração da alma, que deve surgir no mais profundo do ser, de uma profundidade que não é acessível à influência do exterior, nem ao esforço da própria vontade. A eficácia dessa configuração em sua plenitude, assemelha-se à dos sacramentos. As almas santas são receptoras da graça e agem por simples contato de uma maneira santificante e transformante.³⁸⁴

Nesse mesmo ano, a Conferência Episcopal Alemã solicitou que se iniciasse o processo apostólico em vista da beatificação da carmelita morta em Auschwitz. Em 1986, houve uma mudança no processo quando a Congregação aprovou a petição das Conferências Episcopais da Alemanha e Polônia, solicitando que o martírio fosse incluído junto com a heroicidade de virtudes como motivo para sua canonização. Em 1987 o processo de martírio e heroicidade de virtude foi completado e Edith Stein foi beatificada pelo Papa João Paulo II na Alemanha. Na missa de beatificação João Paulo II, profundo conhecedor do pensamento steiniano, exclamou:

Nos anos em que estudava nas universidades de Breslau, Göttingen e Freiburg, seu pensamento estava baseado na exigência do idealismo ético. Junto com suas habilidades intelectuais, não queria aceitar nada sem uma cuidadosa pesquisa. Queria ir ao fundo das coisas por ela mesma, estava comprometida em uma constante busca da verdade. Olhando atrás em seu período intelectual, descobriu uma importante frase em seu processo de amadurecimento espiritual: 'Minha busca da verdade era uma constante oração'; isto é um confortante testemunho para aqueles que têm dificuldades para crer em Deus. A busca da verdade é em si mesma, em um sentido muito profundo, busca de Deus.

Em 1997, em Boston, nos Estados Unidos, a menina Teresa Benedita McCarthy foi diagnosticada com um grave e irreversível caso de doença hepática. Os pais da menina

³⁸³ *Ibidem*, n. 15.

³⁸⁴ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da Cruz*. Paris: Éditions du Signe, 1997, p. 40.

rogaram a Deus, por intercessão de Edith Stein, e a pequena Teresa se recuperou rapidamente. A cura da menina foi reconhecida como um milagre e abriu o caminho para a canonização da beata Teresa Benedita. A canonização se deu no dia 11 de outubro de 1998 em Roma³⁸⁵. Em sua homilia o Papa João Paulo II retratou a vida e obra da santa. Num dos pontos de sua reflexão ele exclama:

Diletos Irmãos e Irmãs! Porque era judia, Edith Stein foi deportada juntamente com a irmã Rosa e muitos outros judeus dos Países Baixos para o campo de concentração de Auschwitz, onde com eles encontrou a morte nas câmaras de gás. Hoje recordamo-nos de todos com profundo respeito. Poucos dias antes da sua deportação, a quem lhe oferecia uma possibilidade de salvar a vida, a religiosa respondera: «Não o façais! Por que deveria eu ser excluída? A justiça não consiste acaso no fato de eu não obter vantagem do meu batismo? Se não posso compartilhar a sorte dos meus irmãos e irmãs, num certo sentido a minha vida é destruída».

Em sua conclusão o Papa interpela aos judeus e cristãos para que vejam na nova Santa um exemplo de compromisso no serviço da liberdade e da busca da verdade; e que o testemunho dela sirva para tornar cada vez mais sólida a ponte da recíproca compreensão entre judeus e cristãos³⁸⁶.

A canonização de Edith Stein não foi bem acolhida por alguns setores do judaísmo, para os quais ela morreu como judia e não como religiosa cristã, em virtude de sua raça, e não de sua fé. Reclamam que não só ela, mas milhões de pessoas foram executadas por pertencer ao povo semita e deveriam ser declaradas santas também. De fato, as vítimas do holocausto são mártires. Padeceram da patologia desintegradora das trevas, ainda presentes nos indivíduos. Esses mecanismos doentios são devastadores, por isso que as Sagradas Escrituras Hebraicas e Cristãs tanto insistem na vivência dos mandamentos. A garantia de uma convivência pacífica depende de regras para que o indivíduo se humanize e viva em dignidade, respeitando o seu próximo. Dizer que todos os judeus assassinados na Shoáh são santos, é possível, mas a Igreja Católica Romana não tem autoridade para canonizá-los. Rosa Stein também não foi canonizada, mas viveu à santidade com certeza, zelando ternamente por sua mãe até o momento de sua passagem para a Pátria Celeste e, posteriormente, se dedicando a vida religiosa no Carmelo. Inclusive, conforme relato, era muito querida pelos holandeses vizinhos do Carmelo³⁸⁷. Entretanto, não houve a canonização oficial da Irmã Rosa, apesar da mesma ter sido morta no campo de concentração. Ela deu prova de virtudes, mas nos trâmites

³⁸⁵ Disponível em <http://www.acidigital.com/biografias/testigos/stein>. Acessado em 19 de novembro de 2011.

³⁸⁶ Homilia do Papa João Paulo II na cerimônia de canonização de Edith Stein. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1998/stein. Acessado em 19 de novembro de 2011.

³⁸⁷ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Madre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) España: Verbo Divino, 1969, p. 285. “Los holandeses están indignados ante este nuevo acto de violencia. Además, Rosa se ha hecho muy simpática a la población. Ahora se encuentra como sobresaltada ante la súbita despedida con destino desconocido.”

da Igreja Romana, para canonizar uma pessoa, exige-se que haja o pedido formal dos fiéis para que o processo seja aberto, e isso não aconteceu.

O fato de Edith Stein ser judia evoca os primeiros cristãos e as gerações seguintes de judeus, seguidores de Jesus, que foram dignos de serem venerados como exemplo, para os novos cristãos. João Paulo II tentou explicitar para os judeus que o fato de Edith receber o batismo não significou, de maneira alguma, romper com o seu povo; ela morreu “como filha de Israel”, “como filha de um povo que, por sua vez, também foi martirizado” e, “ao mesmo tempo, como Irmã Teresa Benedita da Cruz, ou seja, abençoada pela Cruz”. A Igreja Católica na Alemanha viu em Teresa Benedita da Cruz uma das maiores figuras femininas do século XX e fez questão de divulgá-la para o mundo. O Papa João Paulo II chega a dizer que em Stein se dá uma espécie de síntese do século XX e afirma: *Judia, filósofa, monja carmelita e mártir, unida ao Cristo crucificado, ela deu sua vida pela verdadeira paz e pelo povo. No campo de extermínio, morreu como filha de Israel, para a santificação do Nome*³⁸⁸.

O mandamento de se santificar o “Nome” de Deus é um preceito muito forte, que deve ser cumprido por todo judeu. Esse mandato se encontra em Levítico 22,32: *Não profaneis o meu santo nome, e serei santificado no meio dos israelitas. Eu sou o Senhor que vos santifico.* Cumprir esse mitsvá envolve não trazer desonra ou profanar o nome de Deus. A ilustre *filha de Israel* vivenciou este preceito e honrou o Nome do Eterno em sua profissão de docente, em sua consagração como carmelita e em sua morte no campo de extermínio. No Judaísmo, o martírio é chamado Kidush Hashem, que significa “a Santificação do Nome”. Um mártir é chamado Kadosh, cujo significado é “Santo”. Nesse sentido, pode-se afirmar que Edith Stein é Kadosh, pois ela sabia que todo judeu que reza o *Shemá Israel*, está disposto a morrer caso seja-lhe imposto negar que o Onipotente é o único Deus. Assim como ela, infelizmente, no decorrer da história, milhões de judeus foram mortos pelo kidush Hashem. O Talmude ensina que toda pessoa pode santificar o Nome do Todo Poderoso sempre que se defrontar com a escolha de transgredir ou não um mandamento da Torá. Quando um judeu se abstém de cometer um pecado não porque se sente pressionado pelo ambiente ou a fim de receber recompensa, mas por amor ao mandamento do Todo Poderoso, sua ação santifica o Nome de Deus. Outra forma de se cumprir essa mitsvá é comportar-se de tal maneira que as suas atitudes dignifiquem quem estiver em seu convívio. Isso é um dos pontos pelos quais a Igreja Romana apontou em Edith Stein um exemplo de pessoa virtuosa, que deve ser venerada, pois sua vida santificou as pessoas ao seu redor e engrandeceu o nome de Deus.

³⁸⁸ *Ibidem*, p. 40-44.

Moisés Maimônides descreve um judeu cuja aparência e conduta representam um verdadeiro Kidush Hashem da seguinte forma: “Se um judeu versado na Torá dirige-se aos outros numa maneira gentil e amistosa, recebe-os com semblante aberto e receptivo, não os ofende nem mesmo se o insultam, honra até os que o tratam levianamente, dirige os negócios honestamente; é visto ocupando-se constantemente com a Torá enquanto veste “talit” e coloca “tefilin”, e se ainda age em relação aos companheiros, além do exigido por lei, então este judeu santifica o Nome Divino.” A descrição que Maimônides faz é belíssima; para aplicá-la à filósofa basta apenas trocar o “talit” e o “tefilin” pelo hábito carmelita. A história de Stein comprova que ela tinha a feição e o procedimento de um Kidush Hashem³⁸⁹.

3.3. A EMPATIA DE EDITH STEIN COM O JUDAÍSMO

O fato de os judeus não aceitarem a canonização de Edith Stein pode ser visto de forma positiva, pois nela estão reconhecendo uma autêntica judia; para os católicos, a preciosidade da mártir está em seu ser religiosa, harmonizando em sua vida o judaísmo e o cristianismo de forma empática, de tal forma que sua fé a levou a uma profunda comunhão com o Cristo, sacrificado em seus irmãos na Shoáh. O fato da monja carmelita ter tomado sua irmã Rosa pela mão e lhe dizer: “Vem, vamos para o nosso povo”³⁹⁰, atesta a profunda consciência hebraica de Edith em seu momento derradeiro. Stein, após a sua conversão, teve a oportunidade de recuperar os fundamentos de sua tradição judaica. Em seus estudos e reflexões investigou o universo religioso e cultural do hebraísmo e buscou fazer a integração desses elementos em sua teologia; nela se pode reconhecer uma mulher consciente de sua existência como israelita, o que implica um compromisso com a realidade sociocultural do destino dos judeus; nela se concretiza o ideal judaico de se fazer a vontade de Deus, a partir de um monoteísmo ético com a experiência hebraica da fé; nela a história humana se sacraliza ao consagrar a sua vida a Deus, como carmelita enclausurada, antecipando a eternidade do *shabat*, quando todo homem poderá desfrutar da presença amorosa e plena de Deus.

O teólogo Clemens Thoma, em seu livro *Teologia Cristiana Dell'Ebraismo*, traça as afirmações relativas à identidade judaica. Inicia falando da autodefinição mais comum e compreensiva do judaísmo que é o de “Israel”; termo usado em sentido pessoal, religioso-

³⁸⁹ Disponível em http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/920243/jewish/Kidush-Hashem.htm. Acessado em 19 de maio de 2012.

³⁹⁰ *Ibidem*, p. 285.

comunitário e sociopolítico³⁹¹. É nessa moldura que se entende a reivindicação de alguns setores judaicos acerca da pessoa de Edith Stein, pois o judaísmo não consiste apenas no aspecto religioso; a identidade do israelita é mais complexa, abrangendo um universo cultural. Dentro desse contexto é que se pode entender melhor a ponte que Edith Stein faz entre o judaísmo e o cristianismo, unificando as duas religiosidades de forma redentora em seu ser.

Antes de entrar para o Carmelo, a teóloga começa a aprofundar o mistério de Israel em sua profunda ligação com o cristianismo. Tomando as suas primeiras palavras, na carta, dirigidas ao Papa Pio XI: *Como filha do povo judeu*, se pode reconhecer o quanto se sentia pertencente ao povo de Israel. Edith se considera "filha de Israel" e este "orgulho" se mantém após a conversão, porque no Cristo pode reafirmar a sua identidade. Ela exclama: "Nem dá para imaginar quanto seja importante para mim, cada manhã na capela, repetir, levantando o olhar ao Crucificado e à imagem de Nossa Senhora: Eram do meu mesmo sangue!"³⁹² Ao jesuíta pe. Hirschmann escreveu: *Não pode imaginar o que significa para mim ser filha do povo eleito, significa pertencer a Cristo não só com o espírito, mas com o sangue.*³⁹³

Nos anos que se seguiram à sua conversão, a filósofa busca entender bem o processo pelo qual passou. A sua mistagogia consiste em se dar conta de como o Deus de Israel, verdadeiro e único, conforme aprendera na Tradição Judaica encontrava em Jesus a sua plenitude. A apreensão do Mistério da Santíssima Trindade que revela o único Deus verdadeiro em sua missão junto à humanidade a encantou, pois órfã desde a tenra infância encontra agora um Deus que lhe assume a paternidade; abandonada por seus irmãos após a conversão e desprezada pelo sistema machista da sociedade que desconsiderava o valor da mulher, ela agora encontra em Jesus, o irmão que acolhe, valoriza e promove a mulher; em seu embate pela verdade se deparou com uma psicologia sem alma e na pesquisa fenomenológica teve de conceber toda uma teoria do espírito. Ao tomar conhecimento da missão do Espírito Santo, que é promover a unidade, sente o respaldo para a sua inquietação no fim de sua obra *Sobre o problema da Empatia*, quando indaga sobre a possibilidade da

³⁹¹ THOMA, Clemens. *Teologia cristiana dell'ebraismo*. Casale Monferrato: Marietti, 1983. p. 189. Em Gênese 32, 22-29 narra-se uma luta noturna do Patriarca Jacó com um ser celestial. Ser judeu significa lutar a semelhança de Jacó, com Deus e com os homens e ter vencido o combate, mas ao mesmo tempo, a partir da simbologia do "deslocamento da articulação da coxa", passar a viver com a dor e a humilhação de claudicar. Dessa narrativa o judeu obtém o entendimento de seu dever de agir conscientemente com liberdade e responsabilidade, sem nunca renunciar à relação direta e apaixonada com o Deus de Israel. Quando em seu modo de agir e orar um judeu busca andar nesta direção, então ele é um verdadeiro israelita.

³⁹² SLEIMAN, J – BORRIELLO, L. *Edith Stein: testimone di Oggi, profeta per domani*. Città Del Vaticano: libreria Editrice Vaticana. 1998. p. 381.

³⁹³ HERBSTTRITH, Waltraud. (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) España: Verbo Divino, 1969, p. 164.

empatia a partir de um Espírito Superior. Desde então, foi aprofundando serenamente acerca do mistério da eleição de Israel e da conciliação harmoniosa entre judaísmo e cristianismo, que trazia tanta paz à alma da filósofa.

A razão disso é que Stein estava impregnada da doutrina religiosa hebraica onde a Shekináh se identifica com a doutrina do Espírito Santo, com o modo de ser e de agir de Deus no mundo. Ele, no início, se fez presente no Tabernáculo e falou pelos profetas, depois se encarnou no seio da judia, Maria de Nazaré; dela nasceu o Emanuel, que anunciou a presença do Reino de Deus na terra; ao morrer e ressuscitar entregou o seu Espírito para conduzir a humanidade até o seio do Pai. Outro ensinamento basilar da fé cristã, também professada pelo judaísmo, é a ressurreição dos mortos. Edith professa a fé na ressurreição do Cristo, que em sua pregação insistiu que o Eterno, é o Senhor da vida e da morte (Dt 32,39), e, portanto, há de ressuscitar os fiéis, conforme atesta o livro de Daniel (Dn 12,1-3)³⁹⁴.

A reflexão teológica de Stein sobre o mistério de Israel se transforma em uma humana e teologal “compaixão” por seu povo, por causa da perseguição nazista ao judaísmo. Edith se sente totalmente abalada, porque a perversa ideologia nazista ameaça o “seio” que deu vida à Igreja e, para ela, o extermínio “deste” é também a eliminação de seu rebento. De forma poética, no “Diálogo Noturno”, Stein descreve a sua concepção da relação entre Israel e a Igreja: *Vi nascer a Igreja do seio do meu povo. Do seu Coração vi brotar, como tenro ramo florescido, a Imaculada, a toda Pura, descendente de Davi. Vi como do coração de Jesus fluía a plenitude da graça ao coração da Virgem, filha de Israel*³⁹⁵.

Mediante ao caos provocado pelo nazismo, a pedagoga perscruta a realidade e se coloca em oração, indagando a Jesus sobre aquela avalanche que destroçava a vida social, colocando os judeus como responsáveis por todos os problemas políticos e morais da Alemanha. A partir de sua meditação, passa a compreender que a sombra da cruz recairá mais uma vez sobre o seu amado povo. Embora, muito patriota, a doutora em filosofia tem plena consciência de sua origem judaica e não a renega. Ao se tornar cristã passou a entender a proposta de Jesus que todos devem tomar a sua cruz e segui-lo; mas sabendo que a maioria dos judeus não reconhecia o Salvador, ela entende que a missão dos que conhecem é levar a cruz em nome dos demais. Edith Stein assume essa missão, apesar de ignorar sob que forma a cruz lhe seria entregue, mas pressente que o destino de seu povo era também o seu³⁹⁶.

³⁹⁴ THOMA, op. cit., p. 199-203.

³⁹⁵ STEIN, Edith. *Obras Selectas*. 2ª ed., Burgos: Monte Carmelo, 1998, p. 579-580.

³⁹⁶ SLEIMAN, J – BORRIELLO, L, op. cit., p. 382.

A base fundamental da teologia steiniana do hebraísmo brota de sua reflexão sobre os acontecimentos da realidade ao seu redor. A partir do capítulo 49 de Isaías, se apresenta a missão do Servo que carrega sobre si toda a culpa da humanidade. A teóloga interpreta a Escritura Hebraica segundo a teologia paulina, na qual Jesus é apresentado como Servo de Javé, o Homem das dores, narrado por Isaías. Edith conclui, depois de sua intensa meditação, que a missão do Messias crucificado é também a missão do “Povo Messiânico”. A partir do aprofundamento do mistério de Israel concluído à Cruz para além do contexto histórico, é que se entende o amor, a compaixão e também as “críticas” de Stein ao judaísmo. Stein vai acenar para o fato de que Israel não conseguiu penetrar no mistério da cruz e se esquivou de sua missão no plano salvífico. Refletindo acerca da Eleição e da Aliança, do pecado do mundo e da responsabilidade do Povo de Deus, não só como pecador, mas também como corresponsável pela salvação da humanidade, diz que o Povo de Israel não cumpriu plenamente a sua tarefa e acabou traindo, assim, a sua própria identidade como Povo Messiânico, Povo do Messias, Povo Messias. O Anticristo, o nazismo, odeia nesse Povo a sua messianicidade, e a sua ligação profunda, vital, conatural com o Cristo; abomina a ética judaico-cristã e rechaça a eleição do povo, selada na Aliança de Cristo, porque é sinal permanente da presença de Deus no mundo³⁹⁷.

Para Edith, Jesus Cristo cumpriu a missão do Povo Eleito, buscando fazer em tudo a vontade de Deus. Conforme o evangelista Marcos (Mc 1,11), ele recebe a investidura messiânica e assume as funções do Messias, que é salvar e libertar o povo do jugo da escravidão; porém a atuação do Messias Jesus transcende as expectativas que os judeus tinham de um Messias Temporal. Em Cristo, o Pai tem muito mais a dizer à humanidade do que o judaísmo da época era capaz de suportar, informa o evangelista João (Jo 16,12). Mediante essas reflexões, a teóloga entende o motivo pelo qual adotou o nome “Benedita da Cruz” no ato de sua Profissão Religiosa. Ela já intuía que, pertencendo ao Povo Messiânico, deveria tomar a cruz e subir o calvário do século XX, juntamente com os seus irmãos não conscientes de sua messianidade.

A história judaica explica a razão pela qual a pessoa do Messias e o simbolismo a ele conferido se desgastaram, a tal ponto que a Monja vai dizer:

[...] a fê no Messias quase desapareceu nos hebreus de hoje e mesmo nos judeus piedosos. Quase o mesmo pode se dizer da fê na vida eterna. Por isso, nunca consegui fazer a minha mãe compreender nem a minha conversão, nem a minha

³⁹⁷ SLEIMAN, J – BORRIELLO, L, op. cit., p. 383-385.

escolha de entrar para a Ordem Carmelita. É por isso que sofre ainda muito pela nossa separação, sem que eu possa lhe dizer uma palavra de conforto³⁹⁸.

No passado, as disputas internas da comunidade judaica se davam entre aqueles que defendiam messianismos radicais e os que se sentiam responsáveis por estabelecer um estilo de vida pacífico e fiel dentro da tradição hebraica. Com a última destruição do Templo, no ano 70 da era comum, o rabinismo primitivo considerou como uma de suas tarefas principais conter o messianismo revolucionário, que havia sido nefasto para o povo. O entusiasmo religioso pelo Messias devia ficar em segundo plano. Segundo os rabinos, o fundamental era a sobrevivência do povo e uma paz relativa em meio às circunstâncias enfrentadas pelas comunidades judaicas. No século segundo, o radicalismo voltou, novamente foi desastroso; desde então, para concebê-lo passou a se afirmar que a sobrevivência pacífica do povo de Deus na terra era mais importante que as promessas futuras de vida eterna. Só no terceiro século da era comum, os teólogos judeus de Tiberíades passaram a dar ao messianismo uma caracterização pós-morte³⁹⁹.

Maimônides retoma os ensinamentos judaicos tradicionais e pontua que o Messias nascerá de pais humanos, com atributos físicos normais, como qualquer homem. Não será um semideus, e não possuirá características sobrenaturais. Ensina Maimônides que a cada geração há um indivíduo com características que podem levá-lo ao papel de Messias⁴⁰⁰, que será um rei terreno, descendente da casa de Davi. Ele trará os judeus para o seu país, mas sua grande realização será a implementação da paz e da tranquilidade no mundo, facilitando assim a plena observância dos mandamentos de Deus. O Messias irá viver muito e será sucedido por seu filho, que por sua vez será sucedido por seu filho, e assim por diante. Nenhum evento cataclísmico terá lugar durante os tempos messiânicos e o mundo continuará na sua ordem natural estabelecida. Maimônides teria calculado o ano da vinda do Messias ("*Epístola ao Iêmen*"), embora ele geralmente se oponha à especulações desse tipo⁴⁰¹.

A partir dessas elocubrações se entende um pouco mais a hostilidade das autoridades judaicas em relação às figuras messiânicas, desde o período da Guerra dos Macabeus até o

³⁹⁸ STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002, p. 1174. Nesta carta Edith expõe a Madre Petra Brüning que sua piedosa mãe não tem a esperança messiânica, apesar de ter vivido com uma filial confiança em Deus, a qual a filha agora se agarra, pois não tem como confortar a mãe, tão enferma, com a promessa messiânica da vida eterna.

³⁹⁹ THOMA, op. cit., p. 196-199.

⁴⁰⁰ MAIMÔNIDES, M. *Excerto sobre a profecia e as leis dos reis*. Maayanot: São Paulo, 1995. Leis dos Reis 11:3.

⁴⁰¹ Disponível em Hakdamah Ferek le Helek, princípio 12; Yad, Melakhim, 12: 2 – edição sem censura. Acessado em 06 de setembro de 2011.

século Primeiro, com a destruição do Templo pelos romanos e a diáspora⁴⁰². É nesse contexto que Jesus de Nazaré se depara com um sistema político e religioso conivente com o Império Romano, mas tendo correntes contrárias e se armando para a libertação, clamando por um Messias que restaurasse o Reino de Davi. O teólogo Gerhard Lohfink afirma que quando Jesus fala daquela “geração” condenada (Lc 11,49-51), não a estende a todos os judeus, mas somente aos seus contemporâneos que foram hostis à sua mensagem. A geração de Jesus é privilegiada, pois é a última geração a escutar a mensagem escatológica, o que implicou a se tomar uma decisão a favor ou contra⁴⁰³. Historicamente se sabe que houve adesão à mensagem do evangelho, assim como rejeição por parte de alguns setores do judaísmo. O fato é que cristãos e judeus conviveram e convivem juntos, unidos e desunidos, mas ambos carregam a mesma missão que é ser Luz para as nações. Sabe-se que o Ocidente se plasmou a partir da cultura judaico-cristã, que tem em comum a crença num único Deus. Para Teresa Benedita da Cruz, o nazismo, ao buscar exterminar o Povo da Aliança, pretendia matar o próprio Deus; destruir o judaísmo era arrancar o fundamento da religião cristã. Com a eliminação da “Peste cristã-judaica” os nazistas pretendiam instaurar a super-raça: o reino ariano⁴⁰⁴.

Edith Stein, em sua profunda empatia por seu povo, intercede por ele para que não perca e nem renuncie a sua identidade e missão de ser Povo do Messias; escreve livros e cartas denunciando o massacre sofrido pelos judeus, consolava de diversas formas os que padeciam com a tragédia social e era solidária ao seu povo. O holocausto da Carmelita é uma expiação pelo outro e por si. Toma a atitude messiânica do Servo Sofredor de Isaías, mas ciente que esta missão, por excelência, é do Verbo Encarnado, então deseja participar do mesmo sacrifício como “*Sponsa Christi*”. Nesse sentido, escreve: "A união nupcial da alma com Deus é a finalidade pela qual foi criada: redimida pela Cruz e encontrando seu cumprimento na Cruz, a alma é marcada pela eternidade por meio do mistério da Cruz". A Noiva do Cordeiro se coloca como a Ester dos tempos apocalípticos modernos, buscando em

⁴⁰² O período em questão fora bastante turbulento, pois à dominação grega se sucedeu a dominação romana, tendo a Judéia como caminho de passagem entre a Europa e a Ásia, portanto a região deveria ser bem controlada. A Revolta de Judas Macabeu se deu por volta de 175 a.C.

⁴⁰³ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: vita e testimonianze*. 5.ed. Roma: Città Nuova. 2000. p. 129.

⁴⁰⁴ SLEIMAN, J – BORRIELLO, L, op. cit., p. 389-390. Neste momento de sua reflexão a filósofa fornece uma informação muito importante acerca da formação dos jovens alemães: “Quando tinha dezesseis anos fui a Berlim como enfermeira da Cruz Vermelha. Lá tínhamos que jurar que considerávamos Hitler como o nosso Deus e tivemos que firmar que não iríamos mais à Igreja. A Igreja e tudo o resto era apenas uma impostura. Os hebreus deviam ser todos exterminados. Este era o início de nossa formação. Eu era muito jovem para compreender as consequências de tudo isto”.

Deus a salvação para o povo. Em *Diálogo Nocturno*, Stein retrata a situação de sua época na conversa entre a *Madre e Ester*:

Madre: Hoje um novo Aman tem jurado com um ódio amargo a ruína do mesmo povo. É, quiçá, por isso que Ester regressou?

Ester: Tu o disseste. Sim, vou vagando pelo mundo, implorando refúgio por um povo, o meu, que não tem pátria. Sempre expulso e pisoteado, mas que não deve morrer.⁴⁰⁵

Assim, perscrutando a alma da Judia-Cristã, capta-se uma harmonia religiosa das Tradições Judaica e Católica Romana. A sua compreensão hebraica de Povo da Aliança a fez se imolar, entrando em intensa comunhão com o padecimento social de sua gente. Atenta a história do Povo de Israel, assume a sorte de seu povo, lutando contra as forças inimigas, através de sua vasta cultura e profunda espiritualidade. Quando não mais tinha como lutar entregou a sua vida. Pode se dizer que ela foi arrancada do Carmelo, mas também pode se dizer que tendo a oportunidade de fugir para a Suíça, optou por ficar com sua irmã. No ato da prisão, Edith pega na mão de outro judeu, que com ela afirma: *ninguém tira a minha vida eu a dou livremente* (Jo 10,18). Dessa forma, cumpre plenamente a sua missão no campo social e religioso, deixando um legado para a história poder contemplar nela a face cristã de uma mulher judia, cujos valores humanitários lhe possibilitaram dialogar e unificar a tradição religiosa hebraica e cristã.

3.3.1. A EMPATIA DE EDITH STEIN COM ENCÍCLICAS PAPAIS⁴⁰⁶

A influência do pensamento steiniano, assim como, de suas atitudes vêm sendo reconhecidas atualmente, no meio católico e em um certo foro judaico, de forma muito positiva. Através de uma hermenêutica, acerca de algumas encíclicas papais, o objetivo agora é evidenciar o quanto essa filósofa e teóloga inspirou o Papa João Paulo II e o Papa Pio XI na promulgação de alguns desses documentos pontifícios.

Balduin Schwarz, doutor em filosofia pela Universidade de Munique, conheceu pessoalmente Edith Stein. Em um colóquio com o Papa João Paulo II, em junho de 1980,

⁴⁰⁵ STEIN. Edith. *Obras Selectas*. 2ª ed., Burgos: Monte Carmelo, 1998, p. 577.

⁴⁰⁶ A carta encíclica, ou apenas encíclica (*Epistolae Encyclicae/Litterae Encyclicae*), é um documento pontifício dirigido aos bispos de todo o mundo e, por meio deles, a todos os fiéis. O termo "epistola encyclica" parece ter sido introduzido pelo Papa Bento XIV (1740-1758). A encíclica é usada pelo Papa para exercer o seu magistério ordinário. Trata de matéria doutrinária em variados campos: fé, costumes, culto, doutrina social, etc. A matéria nela contida não é formalmente objeto de fé. Mas, a ela, se deve o religioso obséquio do assentimento exterior e interior. Logo, uma "encíclica não define um dogma, mas atualiza a doutrina católica através de um ensinamento ou um tema da atualidade e é vista como a posição da Igreja Católica sobre um determinado tema. Normalmente, uma encíclica é designada pelas suas primeiras palavras a partir do texto em latim" Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Enc>. Acessado em 02 de julho de 2012.

sobre a relevância da filosofia para fé, mencionou o pensamento de Stein e o Sumo Pontífice disse: “non passa un giorno che io non La invochi”⁴⁰⁷.

O Papa polonês teve sua formação humanística num contexto bastante desumano, de regimes totalitários como o Nazismo e o Comunismo. A sua obra prima, “Pessoa e Ato”, contém o centro de seu pensamento: a pessoa humana. Utilizando o método fenomenológico nascente, aliado à metafísica aristotélico-tomista, propôs redescobrir a pessoa humana a partir da ação. Afirma que a pessoa, em sua liberdade, pode transcender e desejar ser alguém bom a partir da verdade. Na essência da reflexão de Karol Wojtyła transparece uma profunda sintonia com a fenomenologia de Edith Stein. A pessoa humana foi a grande paixão do Papa, isso se comprova já na sua primeira encíclica, *Redemptor Hominis (RH)*, de 1979. Nesta se percebe a presença de sua antropologia filosófica amadurecida na academia e no trabalho pastoral.

O trabalho especulativo de Stein no *Einführung* traz a tona questões acerca da vivência humana, suas relações com o “outro” e sua apreensão da realidade do mundo⁴⁰⁸. Em trabalhos posteriores, ela continuará refletindo sobre a dignidade humana, mas em princípio, já se pode perceber uma alusão ao tema, quando João Paulo II, em *Redemptor Hominis 10 (RH 10)*, afirma que “Cristo restituiu ao homem a dignidade e o sentido de sua existência no mundo, e lhe revelou a verdade sobre o homem e sobre o mundo”. Parafraseando a pedagoga, em sua conferência sobre o conceito de formação⁴⁰⁹, mas com um cunho religioso católico, a encíclica (*RH 14*) insiste que é do dever e da competência da Igreja ocupar-se do homem em seu processo formativo, tendo o Cristo como modelo de caminho para o encontro com a verdade da redenção.

Em 1980, o Sumo Pontífice publica a encíclica *Dives in Misericordia*, onde desenvolve o tema da verdade a respeito de Deus (*DM 10*). O foco é a exaltação do “Pai das Misericórdias”, que em Cristo, permite ao ser humano vê-Lo próximo de si, em suas dores e angústias, principalmente quando é ameaçado no próprio núcleo da sua existência e de sua dignidade. É possível remeter essa encíclica ao clamor que Edith Stein faz ao Papa Pio XI em 1933, assim como é possível atribuí-la ao fato de que ele tenha estado em Auschwitz, em

⁴⁰⁷ DOBNER, op. cit., p. 17.

⁴⁰⁸ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 133. “A todo sujeito, no qual apreendo empaticamente uma captação de valor, considero-o como uma pessoa cujas vivências se associam em uma totalidade inteligível de sentido”.

⁴⁰⁹ STEIN, Edith. *Escritos Antropológicos y Pedagógicos*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria, El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2003, p. 191.

junho de 1979, onde celebrou uma missa e fez a seguinte colocação: “Detenho-me convosco, caros fiéis, diante da pedra com inscrição em hebraico. Esta inscrição evoca a lembrança do povo cujos filhos e filhas estavam destinados ao extermínio absoluto...”⁴¹⁰ Nesta encíclica se percebe a empatia de João Paulo II com todos os homens excluídos da vida social. Ele convida seus leitores a se colocarem na pele do “outro”, para fazer a experiência empática de captar o mistério de Deus, revelado em cada ser humano que vem a este mundo. Por fim, envolve a todos numa reflexão a qual assim como o Pai é misericordioso com o gênero humano, todos os homens devem ser misericordiosos entre si⁴¹¹.

Edith Stein, em sua tese doutoral, afirma que é no domínio mais íntimo e singular do “eu”, que se torna possível encontrar a realidade espiritual do “outro”. Ser misericordioso com o próximo implica justamente esta comunhão dos seres humanos. Na Encíclica sobre o Espírito Santo, de 1986, *Dominum et Vivificantem (DV)*, o Papa expressa a importância das pessoas se abrirem para o mistério do Espírito, que atua em benefício de todos. Da mesma forma que a filósofa acredita que a dimensão espiritual dos seres humanos pode promover a empatia, a Encíclica, também, afirma que o Espírito Santo entra “incessantemente na história do mundo, através do coração do homem”, distribuindo dons e iluminando os corações, para “encher o universo” de amor e de paz (*DV 67*)⁴¹².

Como se sabe, a filósofa não publicara todo o conteúdo de sua Tese. Em sua autobiografia, informa que se perderam as partes que tratavam dos “capítulos sobre a empatia do ponto de vista social, ético e estético”⁴¹³. Entretanto, no *Einführung* afirma: “Todo nosso mundo cultural, tudo aquilo que foi modelado pela mão do homem, todos os objetos de uso, todas as obras de artesanato, da técnica e da arte, são correlato feito realidade do espírito”⁴¹⁴. As suas obras posteriores no campo da fenomenologia, de certa forma, recuperam e alargam o horizonte de sua concepção da empatia na realidade social. A obra *Indivíduo e Comunidade*, de 1919, aborda diretamente o tema da comunidade social e das relações do indivíduo com ela. A sua preocupação é salvaguardar o valor e a dignidade do indivíduo e da comunidade em seu sentido político e social. A obra seguinte *Uma investigação sobre o Estado*, publicada em 1925, demonstra o contínuo interesse de Edith em proteger e promover a pessoa humana, em

⁴¹⁰ LECOMTE, op. cit., P. 563.

⁴¹¹ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 133. “Só quem se experimenta como pessoa, como totalidade de sentido, pode entender as outras pessoas”.

⁴¹² COSTA, Armando C. e MARTINS FILHO, Ives G (Org). *JOÃO PAULO II: encíclicas*. n. 3 São Paulo: LTr. 2003. p. 227.

⁴¹³ STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y Cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. I, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002, p. 477-478.

⁴¹⁴ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta, 2004. p. 110.

todas as suas dimensões. Nessas obras, salienta que a fortaleza e o valor ético de uma sociedade dependem da atuação dos indivíduos. Ao Estado, por sua vez, cabe o dever de promover a cultura, a educação, a ética, e, conseqüentemente, a religião⁴¹⁵.

É possível uma conexão entre as obras citadas de Stein com as encíclicas diretamente voltadas para a vivência social, como se percebe nas três Encíclicas promulgadas por João Paulo II, sobre a Doutrina Social da Igreja: *Laborem Excercens* (LE), em 1981; *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS), em 1987 e *Centesimus Annus* (CA), em 1991. Elas tratam da questão do trabalho, como sendo “a chave da questão social” (LE 3). A *Laborem Excercens* afirma a centralidade do homem que é sujeito e não objeto do trabalho, porque é “uma pessoa, um ser dotado de subjetividade, capaz de agir de maneira programada e racional e tendente a realizar-se a si mesmo”. Nesse raciocínio, a *Sollicitudo Rei Socialis* acrescenta que o desenvolvimento autêntico do homem e da sociedade implica o respeito e a promoção da pessoa humana em todas as suas dimensões (SRS 1). Por sua vez, a *Centesimus Annus* propõe uma análise da história recente, que marca os caminhos do homem contemporâneo, e, também, aborda os temas da “propriedade privada e o destino universal dos bens” e do “estado e cultura”. Nessa Encíclica, enfatiza-se o papel da Igreja, cuja doutrina social propugna e defende a primazia do homem dentro da sociedade (CA 54).

O Sumo Pontífice da Igreja Romana, dando continuidade à proposta do Concílio Vaticano II, de uma maior aproximação com as religiões cristãs e não cristãs, promulgou duas encíclicas direcionadas para o ecumenismo: *Siavorum Apostoli* (AS), em 1985, e *Ut Unum Sint* (UUS), em 1995. Em UUS 2, João Paulo II afirma que “o empenho ecumênico deve fundar-se na conversão dos corações e nas orações, ambas induzindo depois a necessária purificação da memória histórica”. A reflexão vai se ampliando, e na UUS 47 e 48, há um convite para se apreciar os bens presentes nos outros cristãos. O documento frisa que o diálogo não deve se fixar na doutrina, mas envolver, principalmente, as pessoas. A Providência Divina fez com que a judia, que se mudou para Göttingen com a finalidade de aprofundar os seus estudos, vivesse a experiência profunda do ecumenismo. Edith, em seu ateísmo, conviveu pacificamente com pessoas de várias crenças religiosas. A empatia lhe impulsionava a dialogar com o que era estranho e difícil para a sua compreensão, acerca do mistério da fé. Não se sentia incomodada em visitar todas as Igrejas, que seus colegas de

⁴¹⁵ STEIN, Edith. *Escritos Filosóficos: etapa fenomenológica*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas*, vol. II, Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo: Burgos. 2005, p. 35-39.

universidade frequentavam. Em seu processo de conversão ao cristianismo lhe veio o questionamento se seria católica ou protestante, pois encontrava testemunhos de fé muito positivos nas duas religiões. Ao aderir à fé católica, Edith tem em seu batismo, uma celebração ecumênica: a sua madrinha, a filósofa judia, convertida ao cristianismo, Hedwig Conrad-Martius conduziu sua afilhada católica à pia batismal⁴¹⁶.

Na Encíclica *Veritatis Splendor* (VE), de 1993, o Papa escreve sobre a doutrina moral da Igreja, tratando dos temas da liberdade e da lei, da consciência e da verdade, da opção fundamental, dos comportamentos concretos e do ato moral. Esses elementos conduzem à questão fundamental sobre a “relação entre a liberdade do homem e a lei de Deus”, isto é, “a questão da relação entre a liberdade e a verdade” (VS 84)⁴¹⁷. Nessa encíclica, João Paulo II pontua que para o homem ter uma boa consciência deve procurar a verdade e dessa forma sempre julgar, pois da verdade deriva a dignidade da consciência. Para Frei Patrício Sciadini, ocd, em seu livro: *Edith Stein, modelo de mulher sempre atual*, o Papa descreve a carmelita de Breslau como a filósofa que soube perscrutar os caminhos da ciência e nos apresenta os mistérios de Deus sem renunciar à própria inteligência. Sciadini faz uma clara alusão ao imenso trabalho da filósofa em sua busca pela verdade⁴¹⁸. Em seu tratado sobre a Empatia, Stein pesquisa a verdade da relação, a partir das dimensões do homem; e, desde então, não cessa de investigar a verdade, chegando de certa forma a esta conclusão:

[...] a verdade, em sua totalidade, existe, e há um conhecimento que a compreende inteiramente, que não consiste num processo sem fim, mas numa plenitude que permanece igual a si mesma ao infinito: é o conhecimento divino. Ele pode comunicar-se com os outros espíritos por causa de sua plenitude e comunica-se realmente com eles, de acordo com a medida de suas capacidades de compreensão. A comunicação pode acontecer de diversos modos. O conhecimento natural é só uma via [...]⁴¹⁹

A Encíclica *Evangelium vitae*, (EV), de 1995, situa-se no prolongamento da *Veritatis Splendor* e tem a missão de promover uma nova cultura da vida humana, ameaçada pelas misérias, violências e guerras, que desfiguram o ser humano, imagem e semelhança de Deus. Na EV 101 se diz que “não pode haver verdadeira democracia, se não se é reconhecida a dignidade de cada pessoa e não se respeitam os seus direitos”. Enquanto faz a sua dissertação sobre o *Einfühlung*, a autora vive o drama da Primeira Guerra Mundial, com todas as suas

⁴¹⁶ HERBSTTRITH, Waltraud (Teresia a Matre Dei). *Edith Stein: em busca de Dios*. Estela (Navarra) Espanã: Verbo Divino, 1969, p. 84.

⁴¹⁷ COSTA, Armando C. e MARTINS FILHO, op. cit., p. 19.

⁴¹⁸ Disponível em <http://www.santateresinhahigienopolis.org.br/st/index.php/espiritualidade/santos-do-carmelo/santa-edith-stein>. Acessado em 25 de março de 2012.

⁴¹⁹ Disponível em <http://sergiogleiston.blogspot.com.br/2011/06/questao-da-verdade-parte-ii-pequena>. Acessado em 29 de março de 2012. BELLO, Angela Ales. *Edith Stein – filosofia e cristianismo*. In: PENZO, Giorgio & GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. n.2. São Paulo: Loyola, 2000, p. 316.

consequências. Em sua obra, deseja focalizar na empatia a possibilidade do ser humano se ver a partir de seu semelhante e se sensibilizar com a apreensão da realidade vital do “outro”. Edith não fala de cultura, mas de uma corrente de vivências similares, cujo enlace promove o respeito pelo indivíduo em sua singularidade, dentro do grande contexto social, onde frequenta. Talvez a influência do *Einfühlung* sobre esta Encíclica se dê pela insistência que a filósofa deu ao aspecto da apreensão da vida em sua inteireza. A medida que o homem se compreende como corpo vivo e sensível e tem a capacidade de se transferir ao “outro”, empatizando-se com ele, obtém uma nova imagem do mundo espacial e um novo ponto de orientação para os seus relacionamentos⁴²⁰. É justamente esta a proposta da Encíclica, quando fala que o “povo da vida” deve continuar a crescer em solidariedade, para o bem de todos os homens⁴²¹.

Após a conversão, Edith Stein aprofundará em suas meditações a busca da verdade, como fonte primeira de conhecimento.. A sua vida intelectual manteve sempre uma relação íntima com a oração. Uma e outra se orientavam em vista da descoberta e aprofundamento da verdade. É também da verdade que se trata a grande Encíclica *Fides et Ratio (FR)*, de 1998, que oferece uma resposta precisa à crise da verdade. Nessa João Paulo II aborda o tema central das relações entre a fé e a razão, a partir da interação entre filosofia e teologia. O objetivo era oferecer diretrizes seguras para a investigação filosófica e teológica, como serviço à verdade. Talvez seja ousadia, mas nas entrelinhas da saudação que o Santo Padre faz, antes mesmo de entrar na introdução à Encíclica, parece descrever o mistério que sondou a vida de Teresa Benedita da Cruz:

A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. *Ex* 33, 18-19; *Sal* 26, 8-9; 62, 2-3; *Jo* 14, 8; *1 Jo* 3, 2).

O Papa cita, na *FR* 74, grandes teólogos cristãos que se destacaram como excelentes filósofos, dentre estes, Edith Stein. João Paulo II promulgou outras encíclicas, que certamente poderiam ser interpretadas à luz do pensamento steiniano. Entretanto, a reflexão até aqui se cercou de uma conexão direta, em nível de influência explícita da obra de Edith Stein nas Encíclicas citadas, com a questão da dignidade humana, fundamentada nas dimensões corporal, psíquica e espiritual do homem. O tema da empatia é constante, através de uma linguagem que espiritualmente une os seres humanos em busca de uma sociedade fraterna,

⁴²⁰ STEIN, Edith. *Sobre el problema de la Empatía*. Madrid: Editorial Trotta. 2004, p. 55-80.

⁴²¹ COSTA, Armando C. e MARTINS FILHO, op. cit., p. 569.

que viva o ecumenismo e concilie a vivência da fé e da razão, em vista do bem comum e da promoção humana.

Em relação à carta escrita ao Papa Pio XI, em 1933, pela doutora Stein, é fundamental evidenciar que, na única Encíclica escrita em Alemão⁴²², aparecem termos utilizados pela própria doutora em filosofia. Edith, em seu profundo respeito pelo Papa, é ousada e ao mesmo tempo profética, solicitando que a Igreja tome uma postura frente ao regime nacional-socialista⁴²³. Entretanto, o apelo da filósofa é atropelado pela situação política entre a Alemanha e o Vaticano, que em julho deste mesmo ano havia assinado uma Concordata, garantindo liberdade para a Igreja Romana administrar escolas, proteção para os sacerdotes, religiosos e organizações católicas na Alemanha. Por outro lado, a Igreja não deveria se intrometer em assuntos de ordem política. Na medida em que o tempo transcorreu, a liderança da Igreja Católica Alemã recorreu ao Papa para que fizesse uma carta pastoral, advertindo os católicos acerca da política nazista. Essa carta deu origem a Encíclica, que afetava a Concordata, criticando o comportamento do Governo alemão e suas posições ideológicas.

O Papa Pio XI encomendou que os Cardeais alemães Bertram, Faulhaber e Schulte e os Bispos alemães: Clemens Von Gallen e Konrad Von Preysing, juntamente com a intervenção decidida do Cardeal Pacelli – futuro Papa Pio XII – e dos seus auxiliares alemães Monsehor Ludwig Kaas e dos jesuítas Robert Leiber e Augustin Bea, preparassem o texto que culminou com a Encíclica *Mit Brennender Sorge (Com profunda preocupação)*. Esta foi promulgada em 14 de março de 1937⁴²⁴. Nesta o Papa Pio XI faz uma condenação expressa

⁴²² Em toda a História da Igreja Católica Romana houve apenas dois documentos oficiais escritos em um idioma diferente do latim e do grego; o primeiro foi a Encíclica *Non Abbiamo Bisogno (Não Precisamos disso)*, de 1931, criticando o fascismo na Itália e o segundo é o de 1937, escrito em alemão.

⁴²³ Recentemente foi publicado na Itália, pela editora Einaudi, o livro *Pio XI, Hitler e Mussolini. La solitudine di un papa*, uma obra de Emma Fattorini que analisa a documentação aberta pelo Arquivo Secreto do Vaticano relativa ao pontificado do Papa. O livro, que suscitou apreciações contraditórias, não pretende ser um novo tratado sistemático sobre esse pontificado. Tanto assim que os oito capítulos em que é dividido são concatenados por temas, como um dossiê, mais que por um sequenciamento cronológico, ainda mais que se limitam à segunda parte do pontificado. Tudo isso visando a conclusão, antecipada no título, ou melhor, na soma de título e subtítulo, que oferecem a verdadeira chave de leitura de uma obra destinada a mostrar como Pio XI se viu sozinho diante dos dois grandes líderes do totalitarismo nazi-facista. A autora evidencia, nas primeiras páginas de sua obra, que Pio XI em sua solidão tinha a companhia espiritual de algumas mulheres: a mãe, Teresa, Santa Margarida Maria Alacoque, Santa Teresinha do Menino Jesus e, também, Irmã Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein). Fattorini se pergunta, mesmo não contando com provas documentais, que influência teve aquilo que Edith Stein, já em abril de 1933, havia escrito ao Papa. E a autora também se pergunta se, por acaso, a expressão do Papa: “somos todos espiritualmente semitas” não foi uma lembrança da relação com Alessandro Da Fano, rabino de Milão, da qual sabe-se pouco, segundo Fattorini (p. 7), mas que o Papa lembra justamente no momento em que se inauguram as leis raciais na Itália, quando, ao ordenar uma resposta ao grande rabino do Egito, exclama: “Se ele soubesse que nós também fomos alunos do grande rabino de Milão!” (p. 183). Disponível em http://www.30giorni.it/articoli_id_15248_16.htm. Acessado em 12 de março de 2012.

⁴²⁴ Pio XI. *Carta encíclica mit brennender sorge sobre la situación de la iglesia católica en el reich alemán*. Cf. O texto em Acta Apóstolica Sedis XXIX (1937). Comentário in CAMACHO Ildefonso. *Doutrina social da igreja: abordagem histórica*. São Paulo: Loyola. 1995. p. 127-141.

do nacional-socialismo alemão e de sua ideologia racista. Foi a primeira crítica oficial ao nazismo feita por um chefe de Estado e contém um ataque velado a Adolf Hitler.

A Encíclica tem uma introdução com onze seções que lidam com problemas específicos sobre a situação social e religiosa da Alemanha, mas que se espalhavam, também, pela Europa e de forma indireta a outras regiões do mundo. O conteúdo da Encíclica salienta na segunda seção:

Todo aquele que tome a raça, o povo ou o Estado, ou uma forma determinada de Estado, os representantes do poder estatal (...) e os divinize em um culto idolátrico, perverte e falsifica a ordem criada e imposta por Deus⁴²⁵.

Na terceira seção, o documento enfatiza que Jesus assumiu a condição humana no seio do povo judeu:

Os livros sagrados do Antigo Testamento são exclusivamente da palavra de Deus, e constituem uma parte substancial de sua revelação (...) Como seria de esperar, os livros históricos e didáticos refletem, em muitos elementos, a imperfeição, a fraqueza e pecaminosidade do homem (...) mas também registram a história do Povo Escolhido, portador da Revelação e da promessa (...) Os olhos não cegos pelo preconceito vão ver nesta prevaricação, conforme relatado pela história bíblica, o esplendor da luz divina que revela o plano salvífico que finalmente triunfa sobre todas as falhas e pecados.

Em sua carta Stein indagava ao Papa: *Não é a guerra de extermínio contra o sangue judeu um insulto à Sacratíssima Humanidade do Nosso Redentor, à Santíssima Virgem e aos Apóstolos?*

A sintonia entre a carta de Edith Stein e a Encíclica de Pio XI se confirmam ainda mais quando se lê, na introdução da carta, a filósofa se apresentando como filha do povo judeu e filha da Igreja Católica Romana. Paralelamente pode-se encontrar na quarta seção da encíclica a seguinte fala do Papa: *Nós, com a emoção de pai, sentimos e sofremos profundamente com aqueles que pagaram um preço tão alto por sua adesão a Cristo e a sua Igreja...* (N. 24). Nessa mesma introdução, Stein chama o Papa de “Pai do Cristianismo”. Na Encíclica por várias vezes o Papa refere-se a si como pai e como ponto de unidade. Isso fica evidenciado na quinta seção em que se capta um apelo aos cristãos para firmarem a fé no primado do Papa:

A fé em Cristo, na Igreja e no Primado estão em sagrada conexão. A autoridade genuína e legal em todas as partes é um vínculo de unidade e uma fonte de força, uma defesa contra a divisão e a ruína, uma garantia para o futuro... Se as pessoas que ainda não estão unidas pela fé em Cristo, são atraídas por uma imagem sedutora de uma igreja nacional alemã, sabe-se que isso é uma negação da única Igreja de Cristo, portanto trata-se de uma apostasia [...]

⁴²⁵ Em paralelo, a carta de Edith Stein dizia: *Esta idolatria da raça e do poder do Estado, com que dia a dia se matraqueiam as multidões pela rádio, não será por acaso uma verdadeira heresia?*

Após a sua introdução, Stein informa a Pio XI que: *Há vários anos os dirigentes do (Führer) nacional-socialista proclamam o ódio aos judeus*. Em seguida, ela comenta sobre as perseguições e exclusões vivida pelos judeus. Por sua vez na oitava seção, a Encíclica fala de "direitos humanos dados por Deus" e invoca uma "natureza humana" que passa por cima de barreiras nacionais e raciais. No documento, o Papa também critica o que chama de "mito de sangue e solo", afirmando que o Catolicismo e a exaltação de uma raça ou Nação sobre as demais são mutuamente incompatíveis⁴²⁶.

Na conclusão de sua carta, a judia-cristã faz um apelo ao Papa:

Por mais algum tempo a perseguição contra o catolicismo far-se-á em silêncio através de formas menos brutais que contra o judaísmo. Não será, porém, menos sistemática. Não tardará muito em que, na Alemanha, católico algum poderá ascender a um cargo sem primeiro aceitar incondicionalmente o novo rumo.

A “Mit Brennender Sorge” em sua nona seção faz um apelo explícito à juventude para observar os preceitos da fé católica, dizendo que o verdadeiro heroísmo é servir ao evangelho da vida, que promove a dignidade humana.

Na décima e décima primeira seção, Pio XI parece responder a seguinte frase da carta de Edith Stein: *Todos os que somos fiéis filhos da Igreja e que, de olhos abertos, refletimos a situação da Alemanha, tememos o pior para a imagem da Igreja se ela se mantém em silêncio durante mais tempo*.

Na décima seção o Papa conclama:

A todos aqueles, que conservaram para com seus Bispos a fidelidade prometida na ordenação, àqueles que, no cumprimento de seu ofício pastoral, tiveram e têm de suportar dores e perseguições - alguns até serem encarcerados ou mandados a campos de concentração -, a todos estes chegue a expressão da gratidão e o encômio do Pai da Cristandade. Nossa gratidão paterna se estende igualmente aos religiosos de ambos os sexos, uma gratidão unida a uma participação íntima pelo fato de que, como consequência de medidas contra as Ordens e Congregações religiosas, muitos foram arrancados do campo de uma atividade bendita e para eles gratíssima. Se alguns sucumbiram e se mostraram indignos da sua vocação, seus erros, condenados também pela Igreja, não diminuem o mérito da grandíssima maioria que com desinteresse e pobreza voluntária se esforçam por servir com plena entrega a seu Deus e ao seu povo. O zelo, a fidelidade, o esforço em aperfeiçoar-se, a solícita caridade para com o próximo e a prontidão benfeitora daqueles religiosos cuja atividade se desenvolve nos cuidados pastorais, nos hospitais e na escola, são e seguem sendo gloriosa aportação ao bem-estar público e privado: um tempo futuro mais tranquilo lhes fará justiça mais que o turbulento que atravessamos.

⁴²⁶ Ainda que na ocasião não se soubesse a real extensão da perseguição promovida pelo regime contra os judeus, a Encíclica também condena de modo específico o antisemitismo, reafirmando a doutrina católica que desde o século XIII pune com a excomunhão quem promove perseguições contra judeus por motivações raciais ou religiosas.

Por fim, na décima primeira seção da encíclica, Pio XI se volta para os fiéis convocando a todos, para que permaneçam vigilantes, busquem educar os seus filhos, para que nenhum deles se perca e afirma:

Temos pesado cada palavra desta encíclica na balança da verdade e, ao mesmo tempo, do amor. Nós não queremos, com um silêncio constrangedor, ser culpados de não ter esclarecido a situação, nem de ter endurecido com um rigor excessivo o coração daqueles que, sendo confiada à nossa responsabilidade pastoral, não nos são menos amados, porque caminham agora pelas vias do erro e porque se afastaram da Igreja (n. 50).

Essa conclusão da carta responde explicitamente ao apelo de Edith Stein, rompendo com o “silêncio” e deixando clara a postura da Igreja Romana frente ao Governo Nazista.

Assim, numa sondagem aproximativa das encíclicas de João Paulo II e a de Pio XI com as obras e a vida da doutora Stein, pode-se perceber uma comunhão, uma confluência de ideias. Essas são contribuições não só para a Igreja Católica Romana, mas para toda a sociedade mundial, extremamente humanitárias. Tanto o pensamento steiniano, quanto as Encíclicas visam a promoção da dignidade humana e da paz entre os povos. A postura profética da teóloga de Breslau continua a denunciar as realidades que ameaçam a vida. Nas Encíclicas, os argumentos steinianos para a vivência respeitosa entre as pessoas, ganha o tom teológico ao afirmar que o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus. Provavelmente, no decorrer de sua vida, a teóloga deve ter meditado muitas vezes sobre o Salmo 8, 5-7:

Que é o homem, digo-me então, para pensardes nele? Que são os filhos de Adão, para que vos ocupeis com eles? Entretanto, vós o fizestes quase igual aos anjos, de glória e honra o coroastes. Destes-lhe poder sobre as obras de vossas mãos, vós lhe submetestes todo o universo.

3.3.2. A EMPATIA NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

O método fenomenológico da empatia, empregado no diálogo Inter-religioso, possibilita a aproximação das tradições religiosas. Segundo o teólogo Claude Geffré, a comunicação entre as religiões pode apresentar-se em três formas distintas: o diálogo silencioso da oração e da contemplação, a cooperação religiosa em favor de um mundo melhor e o diálogo ecumênico. Em todas essas formas a empatia se adéqua e sinaliza para uma teologia aberta ao mistério revelado e interpretado pelo ser humano que apreende e entra em comunhão com o divino e com o seu semelhante.

A intencionalidade da empatia, em Edith Stein, é abrangente; por isso, a aplicação hermenêutica de seu método no diálogo Inter-religioso tem valoração própria. Na medida em que o homem vai captando o que seu próximo sente, apreendendo parte do mistério existencial do “outro”, passa a reconhecer que há uma estrutura comum entre eles. O valor da

empatia consiste, inicialmente, na pacificação dos indivíduos e das estruturas essenciais de cada comunidade religiosa, ou seja, participar de um rito religioso e ser membro de uma grei são vivências; os ritos correspondem à grei existente, que por sua vez é transcendente. A participação no culto tende na direção da religião que agrega. Não existiria culto, com seus ritos e dogmas, se não houvesse uma instituição que respaldasse o valor espiritual dessas vivências e acenasse para um horizonte mais pleno. Nesse processo, as pessoas se deparam com suas diferenças e o que irá inviabilizar o truncamento das relações é, justamente, saber se colocar diante do “outro” reconhecendo a sua dignidade humana..

A empatia permite, ainda, reconhecer que o “outro” tem todas as características estruturais e possibilidades que o “eu” tem. Entretanto, mesmo sabendo que as estruturas do “outro” são iguais a do “eu”, este não tem como saber quais possibilidades de abertura ele ativou verdadeiramente. Daí a necessidade de se buscar entender, no sentido de sentir, quais possibilidades de vivência dialogal ele ativou e o que de fato está vivendo em termos de abertura fraterna para com o fiel de “outra” instituição religiosa. Isso porque da mesma forma que a religião é um poderoso instrumento de cura é, também, instrumento de manipulação e alienação. Em outras palavras, uma pessoa equilibrada irá reconhecer a alteridade semelhante a si e poderá efetuar operações espirituais iguais às suas, em benefício do bem comum. Por outro lado, a empatia não é realizada quando um indivíduo está fechado, sem condições de estabelecer relações com o mundo a sua volta, por não ter uma vida de sentimentos, o que anula toda possibilidade de solidariedade, compaixão e fraternidade.

A alteridade se reconhece através da empatia, e a partir dela é preciso uma tomada de posição espiritual, afim de que haja um comportamento moral adequado à promoção do relacionamento entre as partes. Isso porque estar diante do “outro” nem sempre é agradável. Por mais que se evitem discussões e pontos de vistas sobre determinados assuntos desta ou daquela cultura e tradição religiosa, isso acaba aparecendo. A postura de cada fiel perante o ponto de vista e a crença do “outro” implica uma ética de cunho espiritual, que se concretiza na práxis hodierna. Na tradição judaico-cristã, em relação aos mandamentos, se encontra a passagem: “Ame o próximo como a ti mesmo”. Nesse caso, amar significa reconhecer que o “outro” é como “eu”. Da mesma forma que o “eu” quer estar de bem com a vida, deve-se desejar que o “outro” esteja também. Essas situações apontam para a vivência de valores, expressa no amor que faz com que as pessoas progridam. Já a negação do “outro” como alter ego faz surgir um contra valor nefasto, o ódio, que é desumano e, por sua vez, destrói as relações fraternas e inviabiliza a aproximação das pessoas e religiões.

Diante dessas situações de valor e contra valor as religiões se posicionam a partir de sua moral, inclusive algumas religiões chegam até a justificar a animosidade para com o inimigo. Por isso, a antropologia e a ética têm de ser tomadas como critérios de avaliação das religiões. Um dos critérios é a compreensão de que existe uma moral natural, conquistada pela evolução do homem e das culturas, que exerce influência diretamente sobre as pessoas e suas circunstâncias. Outro critério é o apresentado pelo judaísmo, através dos mandamentos e pelo cristianismo em relação ao comportamento com o “outro”, como fez o próprio Jesus em suas atitudes de abertura e compaixão diante de todo ser humano. O fato é que o homem tem uma capacidade de valorizar; porém, são as circunstâncias culturais e ou a abertura pessoal de cada um que ativarão o reconhecimento do valor do “outro”. Para clarear, Ângela Alles Bello dá o seguinte exemplo:

[...] o amor é um valor para todos os seres humanos, com certeza, porém, que uma pessoa estenda este valor a todos os seres humanos nem sempre acontece – algumas pessoas se amam e outras se odeiam. Mas se perguntamos se o amor é um valor, todos dizem que sim. É importante compreender que o ser humano tem potencialidades que nem sempre são atuadas da mesma maneira.⁴²⁷

No encontro das religiões, tendo a empatia por base, os religiosos podem apreender e compreender as diferenças culturais, graças à potencialidade de reconhecimento do mistério presente no interior de cada tradição religiosa. No diálogo Inter-religioso, a potencialidade para que as religiões criem laços, dialoguem e trabalhem juntas, pelo bem da humanidade, está sempre presente. A atualização depende das situações ou da importância conferida ao diálogo, já que esbarra em questões políticas, sociais e interesses pessoais de autoridades religiosas e governamentais.

Os avanços no reconhecimento da necessidade do diálogo Inter-religioso são notórios, tendo em princípio que as tradições religiosas estão unidas pelo vínculo de se ter uma humanidade em comum e, em seguida, pelo fato de terem uma ética que acena para a fraternidade. Contudo, entre as doutrinas e os comportamentos dos fiéis há uma diferenciação. No diálogo Inter-religioso, a proposta da empatia é que se coincida a doutrina religiosa e as práticas dos fiéis. De tal forma que haja entre os membros das diversas religiões, compreensão, entendimento, coerência e a busca pelo respeito à forma com que cada tradição religiosa procura entrar em comunhão com o mistério insondável de Deus. Segundo o fenomenólogo da religião, Gerard van der Leeuw, os elementos comuns que as religiões buscam na comunhão com o *Totalmente Outro* são: a salvação, a remissão; ter uma potência que não pode depender de si mesmo, mas de Outro, ou seja, a pessoa se reconhecer criatura,

⁴²⁷ BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2004, p. 228.

limitada e necessitada de um ser superior que a ampare⁴²⁸. Para a fenomenologia, as religiões, por terem abertura ao transcendente e possuírem um sentido comunitário, são sempre intersubjetivas, com maior ou menor consciência por parte da pessoa. A fenomenóloga, Ângela Ales Bello, informa que examinando o sagrado e o religioso na História das Religiões e chegando até o elemento hilético⁴²⁹ e o noético⁴³⁰, verifica-se sempre a confiança e a entrega do fiel: *Diante desta realidade que apreendo, confio, entrego-me e, ainda mais, tento obter dela a salvação, faço uma série de ritos que me servem para garantir a salvação*⁴³¹.

Já foi abordada a questão da empatia do ser humano com um Ser Superior, mas da parte divina não foi dito, ainda, que Deus não precisa da empatia para se aproximar do ser humano, pelo fato de que Ele conhece tudo. Entretanto, Ele quer entrar em contato com os homens e se dá a conhecer através das religiões. No judaísmo, por exemplo, as figuras de Moisés e Elias acenam para um Deus que acompanha o seu povo exigindo a vivência ética e o respeito à justiça proferida pelos profetas. No cristianismo, a pessoa de Jesus Nazaré encarna os valores que servem para o comportamento intersubjetivo. Esses personagens históricos apontam para uma ética vivencial capaz de ser compreendida pelas várias gerações e reconhecida como valores humanitários. Portanto, é possível entrar em estado empático com esses personagens bíblicos e apreender os seus valores e, também, o seu modo de viver a relação interpessoal com Deus. Todavia, a reflexão se aprofunda quando uma pessoa, ao ler as primeiras páginas do livro do Gênesis, se depara com a fala divina: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*. O Deus bíblico faz do homem um ser vivente que, desde então, passa a viver e a desfrutar da obra da criação. O autor bíblico narra a presença de Deus junto do homem no Jardim do Éden, onde dialogam e se relacionam de forma empática (Gn 1,26-3,21). A partir do primeiro homem criado, Deus mantém um relacionamento com toda a humanidade, pois essa é semelhante a Ele, um ser vivente e dialogal.

Edith Stein é uma teóloga que faz a experiência de Deus no cristianismo em comunhão com o judaísmo. Nas entrelinhas de sua Tese Doutoral, pode se entender que através da empatia se possa entrar em intimidade com Deus em outras religiões, pois a presença da divindade experimentada em si mesmo, se encontra também na experiência dos “outros”, ao mesmo tempo diferentes e irmãos. Stein é uma mística à medida em que busca a Verdade e

⁴²⁸ *Ibidem*, p. 270.

⁴²⁹ *Ibidem*, p. 250. A filósofa informa que na análise da subjetividade Husserl identifica uma esfera que ele chama de Hilética, que tem uma face voltada para o mundo exterior e os dados da sensibilidade. A hilética propicia o relacionamento vital entre o mundo externo e a pessoa, com seu universo afetivo e emotivo.

⁴³⁰ *Ibidem*, p. 251. Retomando a terminologia de Husserl, a esfera valorativa é chamada de noesis ou noética. Pode-se dizer que o aspecto nóético é aquele que Husserl chama de espiritual.

⁴³¹ *Ibidem*, p. 308.

experimenta o divino, se deixando plasmar pela contemplação do Inefável. Segundo Claude Geffré é, nesse diálogo silencioso da oração, que as religiões atestam a presença de uma realidade última, transbordando a finitude do humano, e convocando o crente a uma saída de si para a comunhão com os outros fiéis no mistério insondável da transcendência. A oração possibilita a vivência da gratuidade e a sensibilização do homem para a edificação de um mundo pacífico. Tomando a linguagem bíblica, a construção do Reino de Deus na terra depende da empatia entre as religiões, pois a cooperação entre elas constitui um autêntico diálogo, o qual se dá através das obras de solidariedades em favor de uma sociedade mais humana e justa. Nesse sentido, o teólogo judeu Franz Rosenzweig em sua obra prima “A Estrela da Redenção” analisa como a unicidade de cada ser humano, a realidade do mundo e a transcendência de Deus, pondo em xeque a idéia de totalidade, mostrando como estas três singularidades encontram sentido uma em relação à outra. A criação religa o mundo a Deus, a revelação permite que o ser humano seja orientado pela Palavra divina e a Redenção lhe dá como tarefa salvar o mundo, essencialmente pelo amor⁴³². Nisso Stein tem muito a ensinar, conforme já foi demonstrado em sua atuação no campo político e social e também através de seus escritos. O olhar da teóloga está sobre o humano concreto a quem Deus se revelou na História Sagrada e se dá a conhecer a partir da experiência pessoal de cada um que crê e interpreta o mistério revelado, apontando sempre para a promoção humana e o bem dos povos.

O enfoque de Edith Stein sobre o humano a coloca junto de Geffré, cuja proposta para o diálogo aproxima-se do teólogo Hans Küng, que aponta na ética das relações humanas o caminho para o entendimento e a conversação entre as religiões⁴³³. A partir da ação de Deus na humanidade, se pode elaborar uma teologia do diálogo que vai além da busca pela paz entre os povos, fundamentando o diálogo na apreensão do sentir existencial do homem, o que implica o respeito à dignidade e o acolhimento do “outro”. É na convivência social que se visibiliza a influência das concepções teológicas sobre os fiéis das diversas tradições religiosas. O pluralismo religioso está escancarado na sociedade ocidental. Isso exige um esforço na reflexão teológica sobre o mistério da presença de Deus nas religiões e demanda às

⁴³² Franz Rosenzweig (1886–1929) é um dos mais importantes filósofos-teólogos do século XX. Influenciou importantes pensadores como Walter Benjamin e Emmanuel Lévinas, entre outros. Nasceu em Kassel, Alemanha, numa família judia assimilada, recebeu educação universitária em medicina, história e filosofia. Dois acontecimentos mudaram sua vida: a I Guerra Mundial e sua redescoberta do judaísmo. Sua participação direta à guerra lhe confirmou sua reserva no que diz respeito à filosofia da história de Hegel, que justifica a morte dos indivíduos em nome de causas superiores. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Rosenzweig. Acessado em 25 de março de 2012.

⁴³³ TEIXEIRA, op. cit., p. 19.

peessoas, no cotidiano, o enraizamento em sua própria fé e a política da boa vizinhança com quem professa outro credo. A empatia entra em cena como possibilidade de iluminar quem tem como missão refletir as Verdades da Fé e quem vive hodiernamente diante de posturas humanas diferenciadas, por influência de sua religião. A empatia dá vida à hermenêutica teológica que, segundo Claude Geffré, leva simultaneamente a sério, tanto a historicidade da Verdade Revelada, como a historicidade do intérprete humano, enquanto sujeito interpretante.

No seu livro *Crer e Interpretar*, o teólogo Geffré busca responder ao desafio de uma teologia hermenêutica capaz de corresponder à experiência do pluralismo religioso⁴³⁴. No quinto capítulo, o autor incita os teólogos a refletirem sobre a questão de Deus a partir da hermenêutica, pois a convivência das religiões no mesmo espaço social suscita ao fiel uma interpretação das Verdades fundamentais de sua fé, que não devem interferir no relacionamento com o “outro”, no sentido de preterir a crença dele, em detrimento da sua. O teólogo, tomando a linguagem conciliar, afirma que a pluralidade das religiões em suas diferenças é um “enigma irredutível e irrevogável”. Cita o documento Ad Gentes 11 afirmando que a diversidade religiosa constitui uma expressão das riquezas espirituais dispensadas por Deus às nações. Quando parte para elencar critérios para um “ecumenismo Inter-religioso” entra em consonância com o que Stein já apontava em sua Tese Doutoral acerca do respeito ao “outro”, sendo que o diálogo não apaga as diferenças religiosas, mas consiste em descobrir “semelhanças nas diferenças”, que é uma modalidade própria da empatia. Essa por sua vez solicita a presença de interlocutores que se vejam com igualdade, para que o fenômeno do encontro aconteça. No pluralismo religioso os interlocutores dialogam a partir da identidade da crença que possui. O movimento desencadeado pelo diálogo, semelhantemente ao caminho traçado pela doutora em filosofia, desemboca na descoberta de que muitos “eus” compõem e enriquecem a convivência social. Assim, também, cada religião deve contribuir com a promoção de uma vida melhor, para o ser humano e o bem da sociedade. Da mesma forma que o ser humano é impelido a se comunicar com o seu próximo, criando uma relação intersubjetiva, as tradições religiosas são também convocadas a criar um relacionamento gerador de vida. Geffré conclui esse capítulo da mesma forma que Edith Stein conclui a sua obra sobre a Empatia. Os dois teólogos partem do humano para se atingir o divino. Stein fala da empatia com um Espírito Superior e Geffré pontua que o diálogo Inter-religioso deve retratar o ser humano em sua integridade e, ao mesmo tempo, a sua capacidade de se abrir ao mistério da alteridade transcendente de Deus.

⁴³⁴ GEFFRÉ, op. cit., 173 p

Stein e Geffré estão imersos na cultura judaico-cristã e falam da alteridade a partir dessa concepção. O teólogo segue a sua reflexão hermenêutica se posicionando a favor do aprofundamento do mistério da encarnação de Cristo, como perspectiva dialogal, já que o Verbo encarnado tem uma postura relacional aberta ao próximo e aos estrangeiros. Seguindo o exemplo do Mestre, os cristãos católicos devem se relacionar com as demais religiões, de acordo com a narração evangélica e, conforme o ensinamento do Concílio Vaticano II, tornando-se conscientes da irreducibilidade de cada tradição religiosa. A Igreja Romana, imersa na sociedade global, deve continuar a testemunhar os valores do Reino de Deus, personificados em Jesus Cristo, diante das diversas religiões, através de sua atividade missionária. O objetivo da missão não é promover a conversão dos fiéis de outras crenças, mas testemunhar que o seguimento de Cristo leva à convivência pacífica. Ainda mais, cabe ao cristão despertar no “outro” uma apreensão do mistério insondável de Deus, que o leve a viver melhor o relacionamento com o seu próximo, segundo ensina as grandes tradições religiosas. Isso porque a história, infelizmente, narra que em nome de Deus houve muita guerra e morte. O tempo atual recomenda que os fiéis voltem às fontes de suas crenças e façam uma hermenêutica dos ensinamentos fundamentais de sua religião, para evitar o fanatismo e os desentendimentos de toda ordem. A atualização da fé justifica a reta convivência e o respeito entre as pessoas.

No caso de Edith Stein não houve uma conversão direta do judaísmo para o cristianismo. Como se sabe, quando entrou para a faculdade ela era atea. O que Geffré fala acerca da ação missionária da Igreja no diálogo, se deu com a teóloga, ou seja, Stein se deparou com o fenômeno dos caminhos misteriosos de Deus na convivência com cristãos católicos e protestantes. O testemunho deles chamou a atenção da filósofa, o amor deles por Jesus despertou nela a curiosidade por conhecê-lo. A empatia com o Judeu da Galiléia mobilizou a jovem judia e a lançou novamente à religião de seus pais, porém o amor por Jesus a fez cristã. O processo de sua conversão ao cristianismo, ela insistirá, revigorou o seu judaísmo. A leitura da Vida de Santa Teresa fez com que descobrisse “a Igreja, como o lugar onde Deus vem ao encontro das pessoas e ao mesmo tempo como o resultado final da busca da Realidade Última do universo, busca que já está sendo praticada nas outras tradições religiosas”⁴³⁵.

O Concílio Vaticano II, inicialmente, pretendia buscar fundamentos para estabelecer uma relação afetuosa com o judaísmo. Entretanto, a reflexão sobre a existência e a aceitação

⁴³⁵ GEFFRÉ, op. cit., p. 177.

de Israel, como povo fiel à sua Aliança, fez com que a Igreja Romana revisse a sua teologia e, ao mesmo tempo, proporcionou aos teólogos cristãos a possibilidade de partirem para uma discussão legítima acerca do pluralismo religioso. O Documento Conciliar *Nostra Aetate*, com uma linguagem bastante empática, sinaliza a abertura, o acolhimento e o desejo que a Igreja Romana tem de estabelecer uma relação fraterna e dialogal com as demais religiões. *Nostra Aetate* 2 afirma: “a Igreja Católica exorta seus filhos ao diálogo e à colaboração com os seguidores das outras religiões, para que deem o testemunho da fé e da sua vida cristã, reconhecendo, servindo e promovendo os bens espirituais e morais assim como os valores socioculturais presentes nelas”.

A abertura da Igreja Romana vem tendo grande aceitação por parte das grandes tradições religiosas; o judaísmo, por exemplo, desde 1947, em Seelisberg na Suíça, tem proposto o diálogo com os cristãos e estabelecido metas, para que esse se concretize na prática cotidiana. Em 2000 as autoridades judaicas apresentaram o documento *Falai a Verdade – Dab`Ru Êmet* e, em 2009, o Conselho Internacional de Cristãos e Judeus – ICCJ – divulgou a atualização dos *Dez Pontos de Seelisberg*, tendo em consideração a evolução do diálogo Inter-religioso no mundo. O novo documento apresenta *Doze Pontos*, oferecidos como metas, a serem conquistadas por judeus e cristãos, visando preparar o mundo para o Reino de Deus em sua plenitude, através da promoção da solidariedade, compreensão e da prosperidade humana⁴³⁶. As demais tradições religiosas deram sinal de acolhida da proposta dialogal, expressamente, em 1986, quando seus líderes se reuniram em Assis, com o Papa João Paulo II. O encontro teve como finalidade auxiliar os líderes religiosos a assumirem a responsabilidade em ajudar as crenças pessoais e comunitárias a “se traduzirem numa construção efetiva da paz”. Nesse encontro o Papa frisou que o diálogo deve ser baseado na experiência religiosa sem cair no relativismo, nem no sincretismo. João Paulo II conclamou uma segunda reunião em 2002 e, mais uma vez, contou com a adesão dos membros das grandes tradições religiosas. O foco dessa reunião se voltou para a questão do terrorismo fundamentalista, condenando-o; os líderes religiosos se comprometeram a instruir os seus fiéis a “não se deixar instrumentalizar pelos enfrentamentos entre nações, povos e culturas”. Por fim, em 2011, o Papa Bento XVI promoveu um novo encontro em Assis, onde se pode vislumbrar a convivência pacífica da liderança dos judeus, cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, líderes de tradições africanas e de outras tradições espirituais. Uma novidade no

⁴³⁶ Conferir anexo IV.

encontro foi a presença de ateus, convidados pelo Papa a estarem presentes no evento, contribuindo com seus conhecimentos científicos.

Esse encontro Inter-religioso de 2011 está em consonância com o que está sendo trabalhado nesta tese, confirmando a pessoa de Edith Stein como profecia e como testemunha do valor redentor da religião, da sacralidade do ser humano e do diálogo edificante entre os fiéis das várias religiões. Stein, quando ateia, vivia mergulhada no mundo da ciência e da cultura, onde buscava a verdade acerca do mistério da vida. Em seu discurso de abertura do Encontro em Assis, Bento XVI descreve a realidade social do agnosticismo crescente no mundo, falando das pessoas que não creem, mas estão a procura da verdade. Ele repete a afirmação da filósofa, dizendo que quem procura a verdade está à procura de Deus e chama essas pessoas de “peregrinos da verdade, peregrinos da paz”. De fato, a filósofa de Breslau foi uma peregrina: caminhou no judaísmo, pelo ateísmo, em meio a cristãos luteranos e católicos e finalizou a sua andança unida novamente aos judeus, como monja carmelita. No que se refere ao seu pensamento houve um crescimento contínuo, reflexo disso é sua vasta obra que contribui nas áreas da teologia, psicologia, filosofia, pedagogia e sociologia. É notável como ela capta a sensibilidade humana em sua trajetória espiritual e científica.

Em todos os campos a teóloga semeou a empatia e cultivou a paz, com o objetivo de humanizar os indivíduos e indicar os passos da boa convivência. Queria, com isso, ajudar os seus contemporâneos a evitar o caos da Grande Guerra. A pedagoga, com seu profundo humanismo, deixou um legado para a sociedade poder se aperfeiçoar e evoluir. Edith Stein se tornou profecia daquilo que o Papa propôs na abertura do encontro: crentes e ateus devem se sentir juntos na caminhada para a verdade, comprometendo-se com a dignidade do homem e assumindo a causa da paz, contra toda forma de violência que destrói o direito⁴³⁷. A experiência de Edith, junto aos cristãos, fez com que ela se sensibilizasse com o fenômeno da religião, quando se converte e descobre o verdadeiro Deus revelado nas Escrituras, passando, assim, a dar testemunho da experiência redentora que tivera, cativando os corações humanos para Deus. A pedagoga reza com cristãos e judeus, reconhecendo o valor espiritual das duas religiões. De certa forma, antecipa o grande evento iniciado por João Paulo II e continuado por Bento XVI, ciente de que a convivência e a oração com outra espiritualidade enriquecia o seu universo religioso.

Como se sabe, a sacralidade do ser humano foi objeto de pesquisa e a grande causa da vida da teóloga. Neste momento da história, os direitos humanos são conhecidos e respeitados

⁴³⁷ Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=87911>. Acessado em 15 de agosto de 2012.

por uma pequena parcela da sociedade globalizada, mas de forma geral a negligência para tais direitos é gritante. Por isso, um dos objetivos do encontro de Assis foi justamente pontuar que todos os homens por serem criaturas de Deus, são irmãos, e que Deus atua em todo ser humano, que usando da razão pode perceber a existência do mistério de Deus e reconhecer valores universais⁴³⁸. Ao perscrutar a alma humana, a filósofa se deu conta de que o *Totalmente Outro*, em seu mistério insondável, ultrapassa o horizonte do que a pessoa sozinha é capaz de conceber; por isso ela apresenta a empatia como uma ética capaz de levar o homem a uma convivência altruísta e, através dessa, a uma partilha do que foi captado da experiência intersubjetiva e religiosa. A sua reflexão e vivência é presságio do que o cardeal Jean-Louis Tauran, presidente do Conselho Pontifício para o diálogo Inter-religioso, organismo da Santa Sé, indicou como um dos objetivos do encontro de 2011: “identificar, nas diferentes tradições religiosas, o patrimônio dos valores éticos comuns que permite aos crentes contribuir, como tais, para a afirmação da justiça, da paz e da harmonia”⁴³⁹. Segundo o cardeal Tauran o diálogo deve ser “um espaço para o testemunho recíproco entre os fiéis das diferentes crenças, a fim de que conheçam a religião do ‘outro’ e os comportamentos éticos que emanam dela”. O encontro propôs ainda como metas a convivência pacífica e solidária, a promoção de uma cultura do diálogo, e o respeito pelas convicções de crentes e não crentes⁴⁴⁰. Essas metas, como vimos, foram alcançadas em vida por Edith Stein, o que faz dela uma precursora do diálogo Inter-religioso.

O caminho da fé leva-nos mais longe que o do conhecimento filosófico: ao Deus pessoal e próximo, Àquele que é o todo amante, o misericordioso, a uma certeza que nenhum conhecimento natural pode dar.⁴⁴¹

⁴³⁸ Disponível em: <http://fratresinunum.com.encontro-inter-religiosodeassis-elementos.chaves>. Acessado em 15 de agosto de 2012. O secretário de Estado, cardeal Tarcisio Bertone e o cardeal Tauran explicam que o encontro de 2011 está em continuidade com os realizados em 1986 e em 2002,

⁴³⁹ Dessa forma, o encontro abordou, de maneira ainda mais explícita que os encontros anteriores, o artigo segundo da Declaração *Nostra Aetate*: “A Igreja católica não rejeita nada que há de santo e verdadeiro nessas religiões. Considera com sincero respeito os modos de agir e de viver, os preceitos e doutrinas que, por mais que discordem do que ela professa e ensina, não poucas vezes refletem uma centelha daquela Verdade que ilumina todos os homens”.

⁴⁴⁰ Disponível em <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl>. Acessado em 28 de agosto de 2012.

⁴⁴¹ HERBSTTRITH, Waltraud. *Edith Stein: a loucura da cruz*. Paris: Éditions du Signe, 1997, p. 17.

4. CONCLUSÃO

Ao finalizar esta dissertação, fica evidente que em Edith Stein se percebe uma abertura para a vida e para tudo o que lhe diz respeito. As suas obras se destinam a toda a humanidade e, com uma boa hermenêutica, podem servir a muitas gerações. No estudo realizado, pode se verificar que a monja Carmelita está no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, interpelando os cristãos à santidade, através de sua vida polissêmica; que nascer e morrer entre os judeus confirma a sua pertença à Israel. Como pedagoga Stein ensina que o fenômeno da empatia aproxima os homens, para que vivam a fraternidade e o respeito entre si. Como religiosa conduz as pessoas a uma experiência mística, onde poderão vivenciar plenamente a união de todos os povos com Deus.

A abertura dialogal de Edith pode ser vislumbrada no desenrolar de sua história; já em sua juventude demonstra não ter dificuldade em lidar com pessoas e ideias diferentes, estranhas à sua formação. A sua busca, porém, pela verdade dos fatos, através do estudo da fenomenologia, a fez aceitar as diversas manifestações da vida. Em meio a essas manifestações, o fenômeno da religião surge com uma densidade que fez mudar a sua opção fundamental de vida. Passa do ateísmo para um catolicismo fervoroso; deixa de pensar no casamento e decide entrar para a vida monástica; abre mão da docência para se tornar discípula; perde a família que não compreende a sua conversão ao cristianismo e, por fim, entrega a sua vida, morrendo como mártir judia e cristã pela Santificação do Nome.

Este trabalho, certamente, ilumina aqueles que vivem momentos de turbulência seja em relação à falta de sentido pela vida, seja pelo relativismo moderno, seja pela utilização do ser humano como se fosse um mero objeto. Edith Stein lida com essas realidades no mundo universitário, nos relacionamentos truncados, na sociedade e no preconceito em relação à mulher. Por outro lado, experimentou a fraternidade entre pessoas de diversas crenças e,

ainda, de descrentes e ateus. A realidade das duas primeiras décadas do século XX forjou nela o desejo de conceber um sistema que pudesse conciliar as pessoas entre si, e que possibilitasse igualmente a harmonização e o equilíbrio da pessoa. A sua proposta diante de todas essas situações está apresentada em sua obra: *Sobre o Problema da Empatia*.

Como se viu neste estudo, a partir da Empatia, Stein passa a desenvolver o seu pensamento, centrando-se na antropologia fenomenológica. A filósofa articula a sua reflexão em suas diversas obras, que serão divididas posteriormente em escritos filosóficos, pedagógicos e místicos. Na filosofia, Edith aplica o método fenomenológico sobre a realidade humana imersa no seio social, buscando levar as pessoas a viverem de forma empática, para o bem pessoal, da comunidade e do próprio Estado. Nesses escritos se percebe o comprometimento da filósofa com os acontecimentos sociais e políticos de sua época. Ela aposta na empatia a chance das pessoas se reconhecerem em sua dignidade humana, composta de corpo, psique (alma) e espírito. A crença nos valores do ato empático inviabilizaria o caos que já se despontava novamente no horizonte de uma Europa, que acabara de sair da Primeira Guerra Mundial.

A proposta da empatia, no diálogo judaico-cristão, visa favorecer a aproximação e o diálogo entre essas duas tradições religiosas, que têm em Edith Stein um verdadeiro baluarte. Sabe-se que após a destruição do Templo, por volta do ano 70 da era comum, cristãos e judeus seguiram caminhos singulares, firmando a identidade a partir da realidade enfrentada, o que ocasionou a criação e desenvolvimento de todo um sistema religioso, que afastou em muito judeus e cristãos. Contudo, a base para a existência da cultura e religião judaica e cristã são os livros denominados de Bíblia Hebraica ou Antigo Testamento ou, ainda, Primeiro Testamento. Essa base é fundamental para se estabelecer um laço de mútua compreensão, A empatia, vinculada a essa base, quer ser o apoio para o diálogo das atuais comunidades judaicas e cristãs, em suas diferenciações. O judeu, ciente de sua própria experiência religiosa, pode, a partir dela, entender um pouco daquilo que se passa na alma do cristão católico, captando as suas expressões e os valores desencadeados pela sua vivência espiritual. Edith, após a sua adesão ao catolicismo, voltou a frequentar a sinagoga, onde orava com muita liberdade, pois sabia que estava em casa. Ela soube apreender a base que unifica cristãos e judeus; conseguiu, também, entrar nesses dois universos, respeitando a ambos e valorizando-os em suas respectivas tradições.

Na análise da Tese Doutoral da filósofa de Breslau fica evidente que para a empatia existir é necessária a existência de interlocutores. Nesse sentido é que, apesar das atrocidades

do século passado, as vozes, até então silenciadas por várias situações, puderam ser ouvidas. No decorrer da história, a grande luta dos judeus foi por sua sobrevivência. No século XX, com o advento do Estado de Israel, os judeus conquistaram o direito de viver e de existir de forma digna. No final do século passado, a Igreja Romana, reconheceu o Estado de Israel e o Papa João Paulo II formalizou o diálogo com as autoridades religiosas do judaísmo⁴⁴². O Papa Bento XVI tem buscado estreitar ainda mais os laços de fraternidade com o Povo da Primeira Aliança. Esse diálogo possibilita a consciência universal de que, para além de uma única religião, há um mistério maior que une as tradições espirituais numa efetiva e possível comunicação, a qual acontece através da empatia. O fiel tem a possibilidade de sentir o que o membro de outra religião está vivendo em seu mundo religioso particular. Dessa forma, há uma autonomia religiosa e, ao mesmo tempo, existem também estruturas comuns entre os fiéis das diversas religiões. Esse diálogo Inter-religioso se dá graças à estrutura comum das religiões e não acontece através dos conteúdos, que formam o patrimônio e a identidade própria de cada tradição religiosa.

Assim se confirma a hipótese de que a empatia é o caminho natural para o intercâmbio entre as religiões, possibilitando ao crente entender que a experiência espiritual do “outro” é semelhante à sua. A intersubjetividade garante a vivência pacífica das várias religiões numa estrutura comunitária. Diante de tudo o que foi refletido pode se afirmar que Edith Stein manifesta, em sua vida e em sua obra, ser uma pessoa que encarna a empatia, reflexo de sua vivência dialogal entre cristãos e judeus. A reflexão steiniana a coloca como precursora não só do diálogo judaico-cristão, mas também do diálogo Inter-religioso, a partir do *Einfühlung* como pólo unificador de todas as pessoas.

⁴⁴² A Igreja Católica Romana, por sua natureza, deve anunciar Jesus Cristo ao mundo (Dec. "Ad Gentes", n. 2). Todavia, a fim de evitar que o dar testemunho de Jesus Cristo se apresente aos judeus como uma agressão, os católicos hão de ter o cuidado de viver e anunciar a própria fé com o mais rigoroso respeito pela liberdade religiosa de outrem, conforme ela foi ensinada pelo mesmo Concílio Vaticano II (Declaração "Dignitatis Humanae"). Hão de se esforçar igualmente por compreender as dificuldades que experimenta a alma judia, precisamente por ser impregnada de uma noção muito elevada e muito pura de transcendência divina, perante o mistério do Verbo Encarnado. Disponível em www.bispado.org.br. Acessado em 02 de abril de 2012.

5. REFERENCIAS:

Obras e Artigos de Edith Stein

- STEIN, Edith. *Sobre el problema de la empatia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- _____. *A Ciência da Cruz: estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2008, n. 5.
- _____. *Escritos autobiográficos y cartas*. In: (Org) URKIZA, Julien; SANCHO, Francisco Javier. *Obras Completas* vol. I. Vitoria: El Carmen; Madri: Espiritualidad; Burgo: Monte Carmelo, 2002.
- _____. *Escritos filosóficos: etapa fenomenológica*. *Obras Completas*, vol. II, 2005.
- _____. *Escritos filosóficos: etapa del pensamiento cristiano*. *Obras Completas*, vol. III, 2007.
- _____. *Escritos antropológicos y pedagógicos*. *Obras Completas*, vol. IV, 2003.
- _____. *Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascension al sentido del ser*. México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.
- _____. *A oração da igreja*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- _____. *Source cachée: oeuvres spirituelles*. Paris: Cerf, 2004.
- _____. *Obras Selectas*. 2. ed., Burgos: Monte Carmelo, 1998.

Obras e Artigos sobre Edith Stein

- BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2004.
- _____. Conferência: *Edith Stein e o acolher: o outro, o estranho, o diferente*. Disponível em: <[http:// www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/2451](http://www.rumoatolerancia.fflch.usp.br/node/2451)>. Acesso em: 20 setembro de 2010.
- BINGEMER, Maria Clara L. e YUNES, Eliana. (Org.). *Profetas e Profecias: numa visão interdisciplinar e contemporânea*. São Paulo, Loyola, 2002.
- BINGGELI, S. *Edith Stein et la femme: perspectives anthropologiques et spirituelles*. Nouvelle Revue Théologique, França, Les Deux Mois, 2001, v. 123, n. 4.
- CAMPOS, Fernando Arruda. *O tomismo de Edith Stein: um diálogo com a fenomenologia de Husserl*. Convivium, São Paulo, Convívio, 1982, n.6.
- CONRAD-MARTIUS, Hedwig. *Edith Stein*. Archives de Philosophie, Paris, Beauchesne et ses fils, 1959, v. 22, n. 2.
- DOBNER, C. *Il libro dai sette sigilli, Edith Stein: Torah e Vangelo*. Saronno: Monti, 2008.
- DOBHAN, Ulrich. *Teresa de Avila y Edith Stein*. Communio, Espanha: Encuentro, 1999, V. 20, n.2.
- DRIESSCHE, Thibault Van Den. *Le sens Du renoncement...quand Edith Stein commente Jean de la Croix*. Ephemerides Teologicae Lovanienses, França, 2006, v. 82, n.4.
- FERMIN, Francisco J. Sancho. *Edith Stein: modelo y maestra de Espiritualidad*. 3. ed., Burgos: Monte Carmelo, 1998.

- GARCIA, Jacinta Turolo. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2. ed., São Paulo: Loyola. 1987.
- GARCIA, J. T. e SCIADINI, P. *Edith Stein: Holocausto para seu povo*. São Paulo: Loyola. 1987.
- GIBU, Ricardo. *La empatia como problema de constitución en la obra filosófica de Edith Stein*.
- GRANDE SINAL. *Edith Stein: filósofa judia e mestra espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1987, v. 41, n. 2.
- HERBSTTRITH, Waltraud. *Demorar-se com Deus: orar com João da Cruz, Teresa de Ávila, Teresa de Lisieux, Edith Stein*. São Paulo: Loyola, 1987.
- _____. *Edith Stein, a biography*. 2 ed. San Francisco: Ignatius Press. 1992.
- _____. *Edith Stein: a loucura da Cruz*. Paris: Editions du Signe. 1998.
- _____. *Edith Stein: vita e testimonianze*. 5.ed. Roma: Città Nuova. 2000.
- _____. *Edith Stein*. Madrid: Editorial de Espiritualidad. 1987.
- HOEGEN, M. *Edith Stein e il problema dell'empatia*. Roma: Studium. 1986.
- LENA, Marguerite. *Edith Stein et Madeleine Daniélou: le mystère de la personne au coeur de l'éducation*. Lumière e vie, França, Lumière e vie, 2006, v. 55, n. 269.
- MARGARINO, Annalisa. *In Statu Viae: la fenomenologia religiosa in Edith Stein*. Roma: Edizioni OCD, 2002.
- MEDEIROS, Frei Tito Figuerôa de. *Judaísmo e cultura em Edith Stein*. Grande Sinal, Petrópolis, Vozes, 2000, v. 54, n. 3.
- MIRIBEL, Elisabeth. *Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo*. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2001.
- NABUCO, Maria Anna. *Edith Stein: convertida, carmelita, mártir*. Petrópolis: Vozes, 1955.
- PERETTI, Clélia. *L'empatia nel rapporto interpersonale*. Dissertatio ad gradum Magisterii. Institutum Superius Scientiarum Religiosarum "Redemptor Hominis". Pontificium Athenaeum Antonianum, Roma, Itália. 1997.
- Revista Coletânea: Instituto Teológico do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Ano II – Fascículo 4. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora. Julho/dezembro de 2003.
- SCIADINI, Patrício. *Uma excelsa filha de Sião: beata Edith Stein, carmelita descalça*. Grande Sinal, Petrópolis, Vozes, 1989, v. 43, n. 3.
- SLEIMAN, J – BORRIELLO, L. *Edith Stein: testimone di oggi, profeta per domani*. Città Del Vaticano: libreria Editrice Vaticana. 1998.

Obras e artigos sobre o Diálogo Inter-religioso

- BIZON, J. (Org.). *Diálogo católico-judaico no Brasil: Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico*. São Paulo: Loyola, 2005.
- COSTA, Armando C. e MARTINS FILHO, Ives G. (Org). *JOÃO PAULO II: Encíclicas*, n. 3, São Paulo: LTr, 2003.

DALAI-LAMA. *Minha autobiografia espiritual: ensinamentos, objetivos e discursos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e Interpretar*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem*. São Paulo: Arx, 2006.

KNITTER, Paulo F. *Introdução às Teologias das Religiões*. São Paulo; Paulinas.

KÜNG, Hans. *El Judaísmo: pasado, presente y futuro*. 6. ed., Madrid: Editorial Trotta, 2007.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do vino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PONTÍFICIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*, 4. ed., São Paulo: Paulinas, 2005.

SACROSANCTUM OECUMENICUM CONCILIUM VATICANUM SECUNDUM. Const. Dog. *Lumen Gentium*, 21/11/1964.

_____. Const. Past. *Gaudium et Spes*, 7/12/1966.

_____. *Decretus Unitatis Redintegratio*, 21/11/1964.

_____. *Decretus Ad Gentes*, 07/12/1963.

_____. *Declaratione Nostra Aetate*, 28/10/1965.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia das Religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *No limiar do mistério mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2010.

THOMA, Clemens. *Teologia cristiana dell`ebraismo*. Casale Monferrato: Marietti, 1983.

Obras e Artigos Complementares

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AZRIA, Régine. *O Judaísmo*. Bauru: Edusc, 2000.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: Quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e Islamismo*. São Paulo: Schwarcz Ltda. 1994.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica. 2. Ed. São Paulo: Loyola. 1995.

BORGER, Hans. *Uma história do povo judeu: de Canaã à Espanha*. V. 1, 2. ed., São Paulo: Sefer, 2001.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. São Paulo: editora Moraes, 1974, n. 2.

CAMACHO Ildefonso. *DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA: abordagem histórica*. São Paulo: Loyola. 1995.

CAMPOLINA MARTINS, A. H. *Da Monstração Fenomenológica à Demonstração Lógica: a leitura fenomenológica de Tomás de Aquino na síntese de Edith Stein*. In: DREHER, L. H.

- (Org.). *A Essência Manifesta*. Juiz de Fora: editora UFJF, 2003.
- CARMO, Raymundo E. *Fenomenologia Existencial: estudos introdutórios*. Belo Horizonte: O Lutador, 1974.
- CRÔNICA DEL HOLOCAUSTO*. Madrid: Editorial Libsa, 2002.
- DARTIGUES, André. *O que é Fenomenologia*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- DENZINGER, H. – HÜNERMANN, P. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Loyola – São Paulo: Paulinas, 2007.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas: Sexta Investigação – Elementos de uma Elucidação Fenomenológica do Conhecimento*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.
- _____. *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Mandras Editora Ltda, 2001.
- IOANNES PAULI PP. Const. Apost. *Divinus Perfectionis Magister*: sobre a nova Legislação relativa às causas dos santos, 25 de janeiro de 1983.
- JAPIASSÙ, H. e MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 5. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas*, n. 3. Fátima: Carmelo de São José, 1977.
- LECOMTE, Bernard. *João Paulo II*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LIBANIO, João Batista. *Eu Creio, Nós Cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MAIMÔNIDES, M. *Excerto sobre a profecia e as leis dos reis*. Maayanot: São Paulo, 1995.
- _____. *O Guia dos Perplexos: parte 2*. São Paulo: Landy, 2003.
- _____. *O Guia dos Perplexos: parte 1*. São Paulo: Landy, 2004.
- MERTON, Thomas. *Questões Abertas*. Rio de Janeiro: Agir Editora. 1963.
- Revista Magis: Cadernos de Fé e Cultura. *A Igreja e a Sinagoga: nos caminhos do diálogo judeu-cristão*. Rio de Janeiro: Centro Loyola de Fé e Cultura / PUC-Rio, n. 15, 1996.
- _____. *Judeus e Cristãos em Diálogo*. _____, n. 33, 2000.
- RICOUER, Paul. *Na escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SANTA TERESA DE JESUS. *Obras Completas: moradas ou castelo interior*. Porto: Carmelo do Coração Imaculado de Maria. 1970.
- SHELER, Max. *Nature et formes de la sympathie*. Paris: Payot, 2003.
- SUPER INTERESSANTE. *Os maiores erros da humanidade*. Edição especial n. 18, São Paulo: Abril. Nov. 2011.
- TERESA DE JESUS. *Livro da Vida*. São Paulo: Paulinas, 1983.

Filmes

A Sétima Morada. (título original: Siódmy pokóí) Direção: Marta Meszaros. Intérpretes: Maia Morgenstern no papel de Edith e Adriana Asti no papel de Auguste Stein. Produção: Morgan Film. Co-produção de Itália, França, Polônia e Hungria, 1995, 1 DVD.

SAFRA, Gilberto. *A dimensão do espírito no ser humano*: apreensão do sentido originário inerente às coisas e ao outro. Estudo de Edith Stein. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 11 de novembro de 2006. “1 e 2 DVD”.

SAFRA, Gilberto. *Conhecimento, espírito e amor*: os eixos principais da condição humana. Estudo sobre Edith Stein. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 06 de agosto de 2005. “2 DVD”.

SAFRA, Gilberto. *O ser humano*: corpo, psique e espírito. Estudo de Edith Stein, Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost. Aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 12 de agosto e 2 de setembro de 2006. “1 DVD”.

SAFRA, G. *O ser humano*: corpo, psique e espírito. Estudo de Edith Stein. Série: Contribuições dos filósofos para a prática clínica. São Paulo: Edições Sobornost: aulas ministradas no LET – Laboratórios de Estudos da Transicionalidade em 12 de agosto e 2 de setembro de 2006. “2 DVD”.

ANEXO I

Carta ao Sumo Pontífice Papa Pio XI, de Dom Abade Rafael Walzer, recomendando a leitura da solicitação de sua orientanda espiritual: Edith Stein⁴⁴³.

Eminentíssimo Príncipe!

Rogo-vos insistentemente por certa pessoa que faça chegar ao Nosso Santo Padre a carta que ela me entregou selada e que aqui se adjunta. A pessoa que o solicita é de mim conhecida e conhecida de toda a Alemanha católica como mulher preclara pela sua fé, santidade de costumes e ciência católica (com muitas publicações científicas).

Aproveitando esta feliz ocasião, saúdo humildemente a Vossa Eminência reverendíssima e peço-lhe que nos ajude a todos nós nestes tristíssimos dias. Porque, se não me equivoco, e se rapidamente não intervirem homens sábios e prudentes, a nossa pátria, e consequentemente a nossa Igreja Santa da Alemanha, correrá um grandessíssimo perigo. E o perigo atual revela-se-me ainda mais terrível quando vejo que cada vez mais os homens se deixam enganar por fatos e palavras falazes. A minha única esperança na terra encontra-se na Santa Sé Apostólica. Pela nossa parte não deixaremos de rezar e de suplicar e de “esperar no silêncio a salvação de Deus”.

Peço humildemente a sua bênção e beijo a sua sagrada púrpura,
Seu indigno servo de Vossa Eminência

+ Raphael OSB
Abade Mitrado

⁴⁴³ Anexo estava disponível em [http:// www.carmodeaveiro.org](http://www.carmodeaveiro.org), atualmente fora do ar por motivo desconhecido.

ANEXO II

Carta de Edith Stein ao Papa Pio XI sobre a perseguição aos judeus na Alemanha⁴⁴⁴.

Infelizmente esta carta não surtiu o efeito esperado por Irmã Teresa Benedita. A resposta consistiu apenas numa bênção para ela e os de sua família. A iniciativa de Edith, enviando essa carta corajosa e profética, a colocou mais próxima da perseguição e do martírio. A carta lacrada tornou-se pública em 15 de fevereiro de 2003, por ocasião da abertura dos arquivos do Vaticano a estudiosos.

Carta de Tereza Benedita da Cruz

Edith Stein

A Sua Santidade Pio XI sobre a perseguição dos judeus na Alemanha

(12 de abril de 1933)

Santo Padre!

Como filha do povo judeu, e, pela graça de Deus, desde há onze anos, filha da Igreja Católica, atrevo-me a expor ante o Pai da Cristianismo o que oprime milhões de alemães.

Desde há algumas semanas, na Alemanha, sucedem-se acontecimentos que soam o desprezo pela justiça e humanidade, para já não falar do amor ao próximo. Há vários anos os dirigentes do (Führer) nacional-socialista proclamam o ódio aos judeus. Depois que tomaram o poder governamental em suas mãos e de armarem os seus aliados – entre eles alguns criminosos conhecidos -, os resultados da sementeira desse ódio já apareceram. Há pouco tempo, o próprio governo reconheceu a existência de se terem cometidos excessos. Porém, não é possível termos uma ideia da amplitude desses fatos porque a opinião pública está amordaçada. Mas crendo no que fiquei ciente, por informações pessoais, de modo algum os poderemos considerar como casos isolados. Por pressão de algumas vozes do estrangeiro, o regime passou a adotar métodos “mais suaves”. E fez passar a mensagem de que “não se deve tocar em um só cabelo dum judeu que seja”. Contudo, a declaração governamental de boicote conduz muito ao desespero, já que com o boicote rouba aos homens a possibilidade de subsistência econômica, a honra e a pátria aos cidadãos. Através de notícias privadas fiquei, a

⁴⁴⁴ Revista Coletânea, *Judaísmo e cristianismo em Edith Stein*, Hélio Albuquerque, Nº 4 – 2003.

saber, de cinco suicídios na última semana por causa destas perseguições. Estou convencida de que esta é uma pequena amostra dos muitos sacrifícios que hão de vir. Publicamente, faz-se constar a modo de lamento de justificação que esses infelizes não têm força suficiente para suportar o seu destino. Em grande parte, porém, a responsabilidade recai sobre os que levaram tão longe. E cai ainda sobre os que sobre isto guardam silêncio.

Tudo isto que acontece diariamente é fruto dum regime que se diz em si mesmo “cristão”. Desde há algumas semanas, não apenas os judeus, mas milhares de autênticos católicos alemães, e creio que do mundo inteiro, esperam e confiam que a Igreja de Cristo erga a voz para pôr fim a este abuso do nome de Cristo. Esta idolatria da raça e do poder do Estado, com que dia a dia se matraqueiam as multidões pela rádio, não será por acaso uma verdadeira heresia? Não é a guerra de extermínio contra o sangue judeu um insulto à Sacratíssima Humanidade do Nosso Redentor, à Santíssima Virgem e aos Apóstolos? Não está tudo isto em absoluta contradição com o comportamento de Nosso Senhor e Salvador que, desde a Cruz, rezou pelos seus perseguidores? E não é esta uma mancha escura neste Ano Santo que deveria ser um ano de paz e de reconciliação? Todos os que somos fiéis filhos da Igreja e que, de olhos abertos, refletimos a situação da Alemanha, tememos o pior para imagem da Igreja se ela se mantém em silêncio durante mais tempo. Estamos também convencidos que jamais, nos tempos futuros, o atual regime alemão concederá a paz se o silêncio da Igreja se mantiver. Por mais algum tempo a perseguição contra o catolicismo far-se-á em silêncio através de formas menos brutais que contra o judaísmo. Não será, porém, menos sistemática. Não tardará muito em que, na Alemanha, católico algum poderá ascender a um cargo sem primeiro aceitar incondicionalmente o novo rumo.

Aos pés da Sua Santidade peço Bênção Apostólica.

Dra Edith Stein
Professora no Instituto Alemão
de Pedagogia Científica
Münster / Westphalia
Collegium Marianun

ANEXO III

DECLARAÇÃO NOSTRA AETATE SOBRE A RELAÇÃO DA IGREJA COM AS RELIGIÕES NÃO-CRISTÃS.

4. A RELIGIÃO JUDAICA

Sondando o mistério da Igreja, este sagrado Concílio recorda o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão.

Com efeito, a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas. Professa que todos os cristãos, filhos de Abraão, segundo a fé, estão incluídos na vocação deste patriarca e que a salvação da Igreja foi misticamente prefigurada no êxodo do povo escolhido da terra da escravidão. A Igreja não pode, por isso, esquecer que foi por meio desse povo, com o qual Deus se dignou, na sua inefável misericórdia, estabelecer a antiga Aliança, que ela recebeu a revelação do Antigo Testamento e se alimenta da raiz da oliveira mansa, na qual foram enxertados os ramos da oliveira brava, os gentios. Com efeito, a Igreja acredita que Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz os judeus e os gentios, de ambos fazendo um só, em Si mesmo.

Também tem sempre diante dos olhos as palavras do Apóstolo Paulo a respeito dos seus compatriotas: “deles é a adoção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo” (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria. Recorda ainda a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo.

Segundo o testemunho da Sagrada Escritura, Jerusalém não conheceu o tempo em que foi visitada; e os judeus, em grande parte, não receberam o Evangelho; antes, não poucos se opuseram à sua difusão. No entanto, segundo o Apóstolo, os judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento. Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia. só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e «o servirão debaixo dum mesmo jugo» (Sof. 3,9).

Sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os

quais se alcançarão, sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com o diálogo fraterno.

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.

Além disso, a Igreja, que reprova quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum patrimônio com os judeus, e levada não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de antissemitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus.

De resto, como a Igreja sempre ensinou e ensina, Cristo sofreu, voluntariamente e com imenso amor, a Sua paixão e morte, pelos pecados de todos os homens, para que todos alcancem a salvação. O dever da Igreja, ao pregar, é, portanto, anunciar a cruz de Cristo como sinal do amor universal de Deus e como fonte de todas as graças.

ANEXO IV

"OS DOZE PONTOS DE BERLIM"⁴⁴⁵

O documento divide-se em duas partes, sendo que a primeira traz orientações práticas para cristãos, para judeus e para as duas comunidades em conjunto, envolvidas e comprometidas com o diálogo entre Judaísmo e Cristianismo. A segunda parte do documento trata da história das relações entre o Judaísmo e o Cristianismo, uma relação única no mundo das religiões.

Os objetivos do documento são:

1. Combater o antissemitismo de cunho religioso, racial ou de qualquer outra natureza.

Em relação à Bíblia destaca-se:

- Reconhecer a identidade profunda de Jesus e de Paulo como judeus de seu tempo e interpretar seus ensinamentos no contexto do Judaísmo do primeiro século.
- Enfatizar que as pesquisas acadêmicas recentes sobre os aspectos em comum e a separação gradual entre o Cristianismo e o Judaísmo são essenciais para a compreensão da relação entre judeus e cristãos.
- Apresentar os dois testamentos na Bíblia cristã como complementares ao invés de antagônicos ou inferiores/superiores. Encorajar as igrejas que utilizam lecionários a escolherem textos bíblicos que apresentem este tipo de teologia afirmativa.

Em relação à liturgia:

- Enfatizar a ligação entre a liturgia judaica e a cristã.
- Buscar as riquezas espirituais da interpretação judaica das Escrituras.
- Eliminar das liturgias cristãs todas as alusões antijudaicas, principalmente na pregação, nas orações e nos hinos.

Em relação à catequese:

- Na formação dos cristãos de qualquer idade, apresentar de maneira positiva as relações entre judeus e cristãos, valorizando os fundamentos judaicos da fé cristã e descrevendo corretamente como os próprios judeus compreendem suas tradições e práticas; isto inclui os

⁴⁴⁵ Disponível em: <http://teologiaon-line.blogspot.com.br/2011/05/os-doze-pontos-de-berlim.html>. Acessado em 16 de junho de 2012.

currículos das escolas cristãs, seminários e programas de educação para adultos.

- Conscientizar os cristãos sobre as tradições persistentes de antijudaísmo cristão e propor modelos para a renovação da relação singular existente entre Judaísmo e Cristianismo.
- Ressaltar a imensa riqueza encontrada na tradição, especialmente através do estudo de seus textos sagrados.

2. Promover o diálogo Inter-religioso com os judeus:

- Compreender que o diálogo requer confiança e igualdade entre todos os participantes e rejeitar qualquer tentativa de convencer os outros a aceitarem as nossas próprias crenças.
- Reconhecer que o diálogo estimula os participantes a fazerem um exame crítico da percepção que cada um tem da sua própria tradição e também da tradição de seus parceiros, à luz de um relacionamento sincero com o outro.

3. Desenvolver a compreensão teológica do Judaísmo afirmando a sua integridade específica.

- Eliminar qualquer ensinamento que sustente que os cristãos substituíram os judeus como povo da Aliança com Deus.
- Enfatizar a missão comum de judeus e cristãos na preparação do mundo para o Reino de Deus ou o tempo Messiânico.
- Estabelecer relações de igualdade e reciprocidade no trabalho com organizações judaicas, tanto religiosas como leigas.
- Assegurar-se que movimentos teológicos emergentes originários da Ásia, África ou América Latina, bem como movimentos feministas, de libertação ou qualquer outro, incluam em suas formulações teológicas a compreensão correta do Judaísmo e das relações entre cristãos e judeus.
- Opor-se a todo esforço organizado para converter os judeus.

4. Orar pela paz em Jerusalém:

- Promover a convicção de que há um parentesco espiritual real entre judeus e cristãos.
- Compreender plenamente o apego profundo do Judaísmo à Terra de Israel como um dado fundamental, e a ligação de muitos judeus com o Estado de Israel como questão de sobrevivência tanto física como cultural.
- Empenhar-se para melhorar as relações entre judeus, cristãos e muçulmanos no Oriente Médio e no resto do mundo. Etc.

5. Reconhecer os esforços realizados por numerosas comunidades cristãs no final do século XX para mudar a sua atitude em relação aos judeus.

- Tomar conhecimento destas mudanças através de um diálogo mais intenso com os cristãos.
- Levantar em conta as implicações das mudanças realizadas nas igrejas cristãs em relação aos judeus e à compreensão do Judaísmo.
- Informar os judeus de todas as idades sobre estas mudanças, no contexto da história das relações entre judeus e cristãos, e de acordo com o nível educacional de cada grupo.
- Incluir informações básicas e corretas sobre o Cristianismo nos currículos das escolas judaicas, seminários rabínicos e programas de educação para adultos.
- Estudar o Novo Testamento como um texto sagrado para o Cristianismo e também como um texto literário escrito em grande parte por judeus num contexto histórico-cultural análogo ao da primeira literatura rabínica, de modo a proporcionar um olhar privilegiado sobre o desenvolvimento do Judaísmo nos primeiros séculos da Era Comum.

6. Reexaminar os textos e as liturgias judaicas à luz destas reformas cristãs:

- Entre outras coisas, colocar os textos problemáticos em seu contexto histórico, principalmente os que foram escritos quando os judeus eram uma minoria sem poder, perseguida e humilhada.
- Propor reinterpretações possíveis, mudanças ou omissões de partes da liturgia judaica, caracterizadas por um tratamento problemático dos outros.

7. Diferenciar entre a crítica imparcial a Israel e o antissemitismo:

- Apoiar-se em exemplos bíblicos de críticas justas como expressão de lealdade e amor.
- Ajudar os cristãos a compreender que, além da fé e das práticas religiosas, a identidade comunitária e a consciência de formar um povo fazem parte da autocompreensão judaica, fazendo com que a sobrevivência e a segurança do Estado de Israel tenham uma importância muito grande para a maior parte dos judeus.

8. Expressar apoio ao Estado de Israel em seus esforços para alcançar os ideais firmados na sua fundação, que Israel compartilha com muitas nações do mundo.

- Continuar a assegurar a igualdade de direitos para todas as minorias religiosas e étnicas, incluindo os cristãos que vivem no Estado de Israel.

- Chegar a uma resolução justa e pacífica do conflito entre Israel e palestinos.

9. Melhorar a educação Inter-religiosa e intercultural:

- Combater toda imagem negativa dos “outros” e ensinar a verdade primordial de que cada ser humano é criado à imagem de Deus.
- Encorajar o estudo mútuo de textos religiosos, para que judeus, cristãos, muçulmanos e membros de qualquer grupo religioso possam aprender dos “outros” e com os “outros”.

10. Promover a amizade e cooperação entre as religiões bem como a justiça social na sociedade globalizada:

- Alegregar-se com a singularidade de cada pessoa e promover o bem estar político, econômico e social de todos.
- Empenhar-se para garantir igualdades de direitos a todos, independente da religião, gênero ou opção sexual, entre outros pontos.

11. Intensificar o diálogo com entidades políticas e econômicas:

- Colaborar, sempre que possível, com entidades políticas e econômicas para promover a compreensão Inter-religiosa.
- Iniciar discussões com entidades políticas e econômicas acerca da necessidade urgente de justiça na sociedade globalizada.

12. Criar uma rede de contatos com todos que trabalham em prol da preservação do meio ambiente.

- Desenvolver a certeza de que todo ser humano é responsável pela preservação do planeta.
- Reconhecer o dever bíblico compartilhado por judeus e cristãos em relação à criação, e a responsabilidade de ressaltá-lo nos discursos e nas ações públicas.